Mariana Serra Brandão

Projeto Final de Arquitetura

Grupo de Trabalho:
David Martins, Inês Amaro, Maria Pommrenke, Mariana Serra Brandão, Nuno Roque

Orientador:
Paulo Tormenta Pinto - Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Co-Orientador:
Sandra Marques Pereira - Professora Auxiliar Convidada do ISCTE-IUL

Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

Lisboa, Outubro 2013

Mundo Novo

Reinventar a Cidade

Agradecimentos

Aos professores Paulo Tormenta Pinto, José Luís Saldanha e Sandra Marques Pereira pela imprescindível disponibilidade e dedicação demonstrada ao longo do trabalho realizado neste último ano do curso.

A todos os meus professores do ISCTE-IUL que contribuíram para o meu crescimento enquanto estudante e souberam incumbir em mim o gosto pela Arquitetura.

Aos meus amigos e colegas mais próximos que incansavelmente me acompanharam e ajudaram desde o início deste percurso, em especial ao Jorge que caminhou sempre ao meu lado e contribuiu para o sucesso de cada passo dado por mim.

Ao meu avô pelo constante incentivo em tornar-me na sua neta Arquiteta.

Por fim, à minha irmã e aos meus pais que sempre me fazem acreditar que sou melhor do que realmente sou, pelo orgulho e confiança que sempre depositaram em mim.

Apresentação

O presente trabalhou pretendeu caracterizar o espaço urbano como lugar que procura explorar as relações entre a sociedade e o espaço da Cidade. Inspirado no título do livro Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley (1932), este último ano do curso de Arquitetura estimulou um debate na turma centrado em leituras prospetivas em relação à arquitetura e acima de tudo da sociedade de 2033. Foram assim realizados três trabalhos em grupo e dois trabalhos individuais como vertente prática e a dissertação como vertente teórica.

O exercício de arranque, Marca Texto e Espaço, tinha como objetivo enquadrar os discentes nos pressupostos da unidade curricular, com a elaboração de uma marca através de um objeto do quotidiano e a seleção de um texto que desse origem à concretização/criação de um espaço, representado através de maqueta e desenho.

O workshop de Bafatá, na Guiné Bissau, estimulou o grupo a desenvolver um trabalho noutro país, logo outras contingências, baseado no livro de Amílcar Cabral. O trabalho consistia na realização de um Centro Interpretativo efémero, com centro de estudos e zona de exposições para partilha da sua obra literária e da sua vida.

O último trabalho de grupo, onde se materializou o pensamento do mundo novo, incidiu sobre Lisboa, entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, local que se assumiu a partir da década de 1980, como protagonista de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business District). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo outros investimentos que ampliaram os programas de comércio e serviços, à habitação e à hotelaria. Passados cerca de 3 décadas desde a construção do Complexo das Amoreiras é hoje possível lançar sobre aquela envolvente um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que atualmente se verifica.

A prospeção acima referida realizou-se num contexto de grupos de trabalho, dentro do qual foi definido um perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo (2 décadas) e que posteriormente fosse mentor na concretização arquitetónica por nós desejada. Para tal algumas perguntas foram colocadas nesse sentido:

- Como a organização económica e politica poderá influenciar os modos de vida e a relação do individuo com a sua comunidade?;

- Em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social?;

- De que modo os recursos naturais poderão influenciar as ações sobre o território e organização do espaço doméstico?.

O trabalho foi divido numa etapa preliminar pelo reconhecimento do território, para esse efeito recolheu-se a informação necessária para avaliar as potencialidades dos sítios e os conflitos aí existentes onde foi possível uma caracterização biofísica da área de intervenção e consequente evolução histórica. Na posse dos dados anteriormente recolhidos procedeu-se à designação de um conceito síntese prospetor e caracterizador de leitura interpretativa da área de estudo.

Depois de reconhecido o território iniciou-se um projeto de carácter individual. Estando cada membro do grupo afeto a uma parcela do terreno, deu-se seguimento ao âmbito do exercício anterior e projetámos quatro habitações destinadas à sociedade idealizada em grupo. Foi ainda desenvolvido individualmente um pequeno trabalho prático que evidencie o percurso de cada discente ao longo do ano letivo.

Retomámos a realização de trabalho em grupo, onde foi realizado um projeto que obrigou ponderar sobre uma possível centralidade ou possíveis centralidades que pudessem emergir no tecido urbano. Esta discussão resultou na concretização de uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde a ação de projeto pudesse ser mais relevante.

Em paralelo a este trabalho prático, cada elemento organizou a sua vertente teórica dentro dos seus respetivos laboratórios. O tema do *Mundo Novo* leva a ser questionada a relação entre as relações socias e o espaço construído, neste sentido foi realizada uma reflexão sobre a configuração espacial da Companhia União Fabril no Barreiro, relacionado com a dimensão social. O principal objetivo desta investigação é compreender como se organiza no território a construção de habitações e equipamentos de apoio para os operários da empresa. Este estudo aborda igualmente o tema da adaptação e apropriação de um espaço construído num contexto social e histórico diferente, de modo a responder às exigências de uma nova sociedade.

VERTENTE PRÁTICA

Mundo Novo

#1 Marca Texto Espaço

Marca 20
Texto 24
Espaço 26
Referências 48

#2 Bafatá

Partir da realidade da nossa terra... 54
Centro Interpretativo Amílcar Cabral 66
Construção 120
Referências 108

#3 Amoreiras
Caracterização do lugar 114
Análise do Lugar 137
Sociedade 148
Manifesto da Informação 152
Modelo Risomático 156
Reconversão Urbana 164
#4 Habitações
Conceito 224
O lugar 226
O projeto 246
#5 Cenários Ocultos
Cenários Ocultos 274

vERTENTE TEÓRICA

293 Barreiro, ascensão e queda:
Biografia de um território centrado na fábrica

#1 Industrialização e Urbanização

311 A industrialização e a problemática da habitação operária

318 Os grandes Complexos Industriais e a Política Paternalista

325 O Barreiro Industrializado

#2 A Companhia União Fabrial e a Política de Habitação

345 O complexo industrial da CUF no Barreiro

364 O Bairro Operário de Santa Bárbara

420 O Plano de Urbanização do Bairro Novo da CUF

#3

A Ausência da Fábrica como Eixo Estruturador do Espaço

Da decadência à apropriação do espaço 433

As expetativas futuras 448

WORKSHOP TOULOUSE

Anexos

“O espaço não vem de uma experiência, antes é uma condição inevitável de todas as experiências. O espaço não é objecto, mas sim a condição da existência do objecto. (...)O espaço não é um conceito obtido por dedução. Não podemos entendê-lo como concreto, uma vez que não é um objecto; o espaço é intuição pura, o mesmo é dizer que o espaço não é uma coisa mas a condição de uma coisa, pois temo-lo em nós próprios (...)

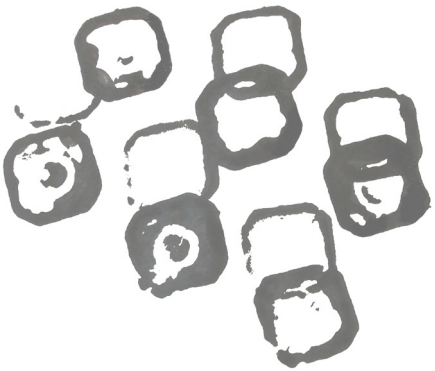
A intuição do espaço é a condição inevitável dos nossos juízos sintéticos a priori, é o que dá às coisas realidade objectiva.”

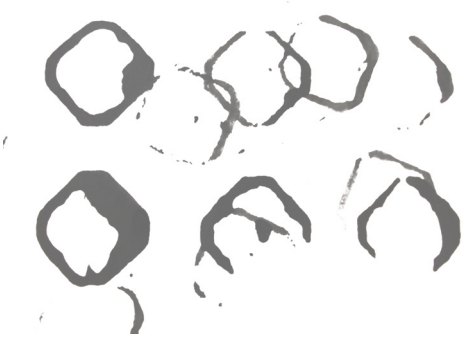
Kant in “curso de filosofia em seis horas e um quarto”, Witold Gombrowicz

#1

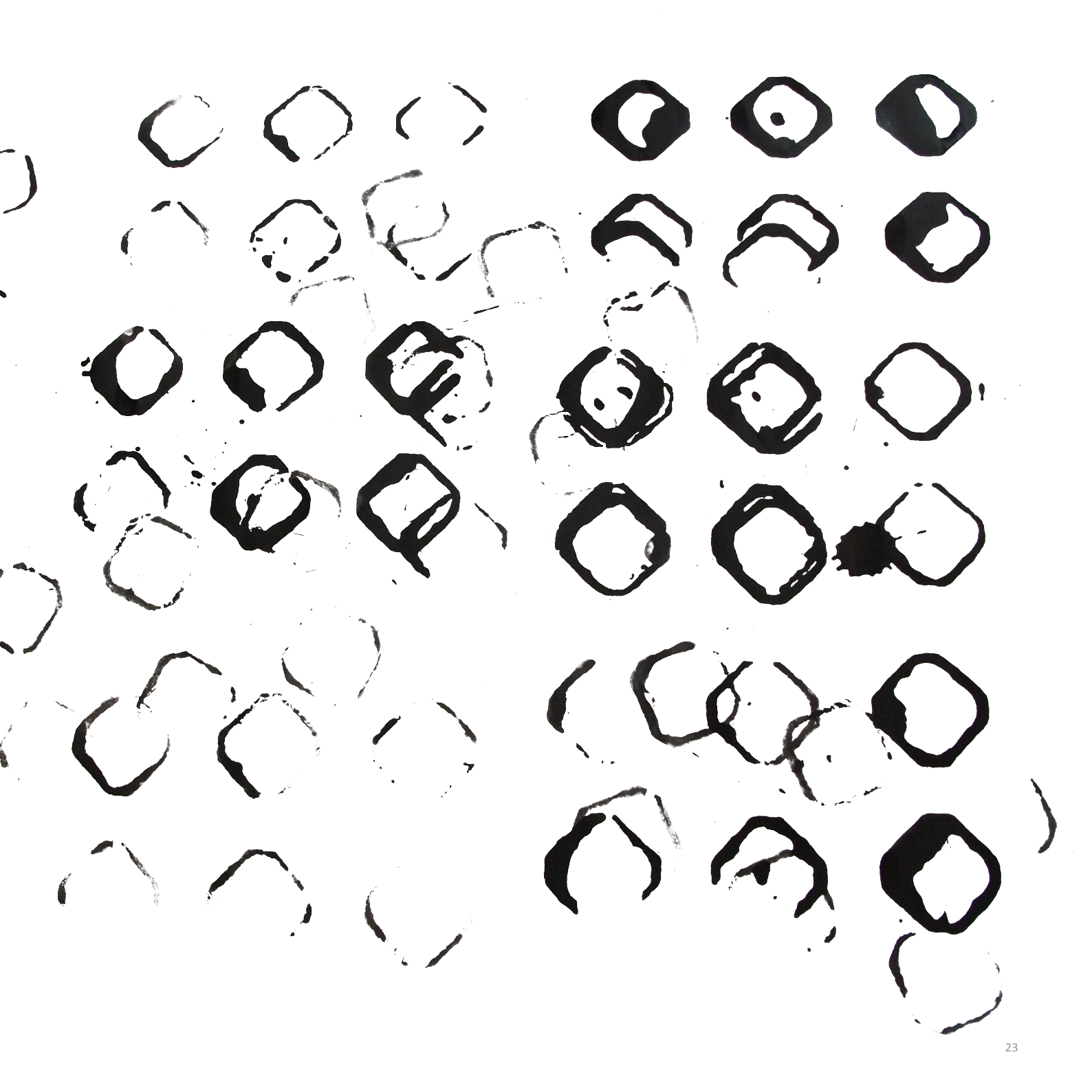
Marca Texto Espaço

Marca





CENTOSA



Texto

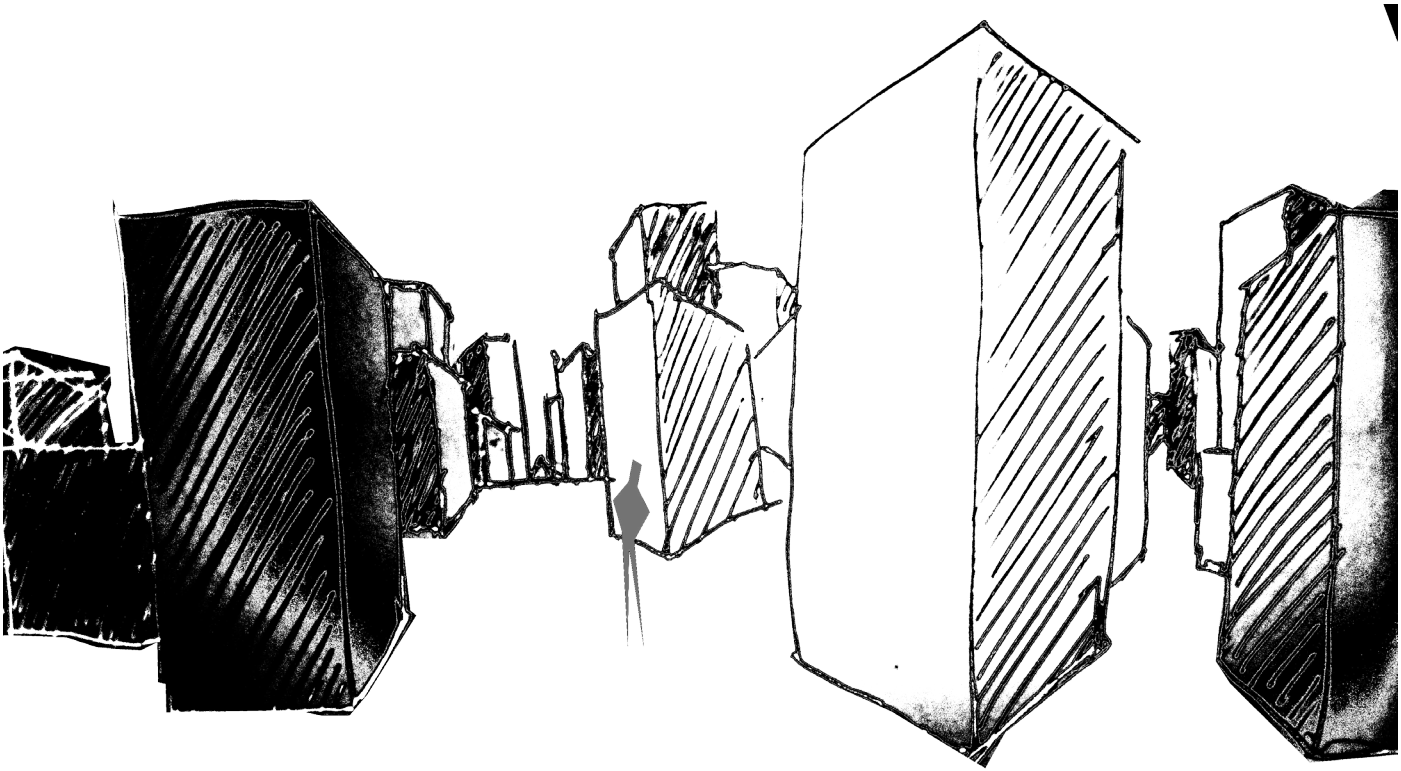
"(…) Havia adormecido em cima do jumento e de repente despertou. Estava no meio de uma paisagem diferente, com algumas árvores raquíticas dispersas e tão seca como a terra de nod, porém seca de areia, não de cardos. Outro presente, disse. Pareceu-lhe que este devia ser mais antigo que o anterior, aquele em que havia salvo a vida ao rapazito chamado isaac, e isto mostrava que tanto poderia avançar como voltar atrás no tempo, e não por vontade própria, pois, para falar francamente, sentia-se como alguém que mais ou menos, só mais ou menos, sabe onde está, mas não aonde se dirige. Este lugar, apenas para dar um exemplo das dificuldades de orientação que caim vem enfrentando, tinha todo o aspecto de ser um presente há muito passado, como se o mundo ainda se encontrasse nas últimas fases de construção e tudo tivesse um aspecto provisório. Lá longe, vinda mesmo a propósito, na beirinha do horizonte, distinguia-se uma torre altíssima com a forma de um cone truncado, isto é, uma forma cónica a que tivessem cortado a parte superior ou que ainda lá não tivesse sido colocada. A distância era grande, mas a caim, que tinha excelente vista, pareceu-lhe que havia gente movendo-se ao redor do edifício. A curiosidade fê-lo tocar as ilhargas do animal para que acelerasse o passo, mas logo a prudência o obrigou a diminuir o andamento. Não tinha a certeza de que se tratasse de gente pacífica, e, mesmo que o fosse, sabe-se lá o que poderia acontecer a um burro carregado com dois alforges de alimentos da melhor qualidade diante de uma multidão de pessoas por necessidade e tradição dispostas a devorar tudo quanto lhes aparecesse pela frente. Não as conhecia, não sabia quem eram, mas não seria nada difícil imaginar. O que também não podia era deixar ali o jumento, atado a uma destas árvores como algo sem préstimo, pois se arriscaria a não encontrar à volta nem burro nem comida. A cautela mandava que tomasse outro caminho, que se deixasse de aventuras, enfim, para tudo dizer numa palavra, que não desafiasse o cego destino. A curiosidade, porém, teve mais poder que a cautela. (…)"

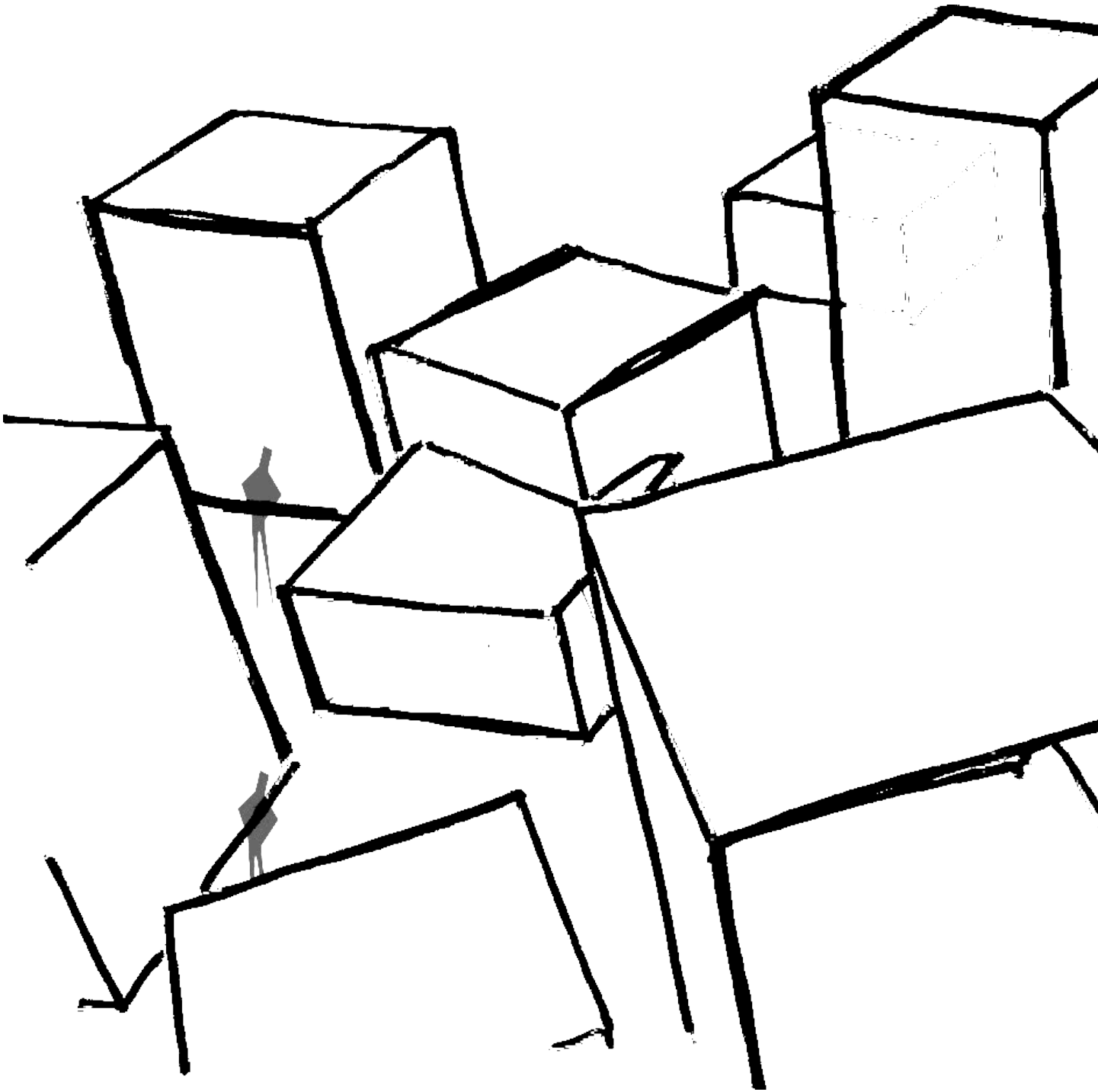
SARAMAGO, José, *Caim*, Caminho Editora, 6ª Edição, 2009, p. 86-88.

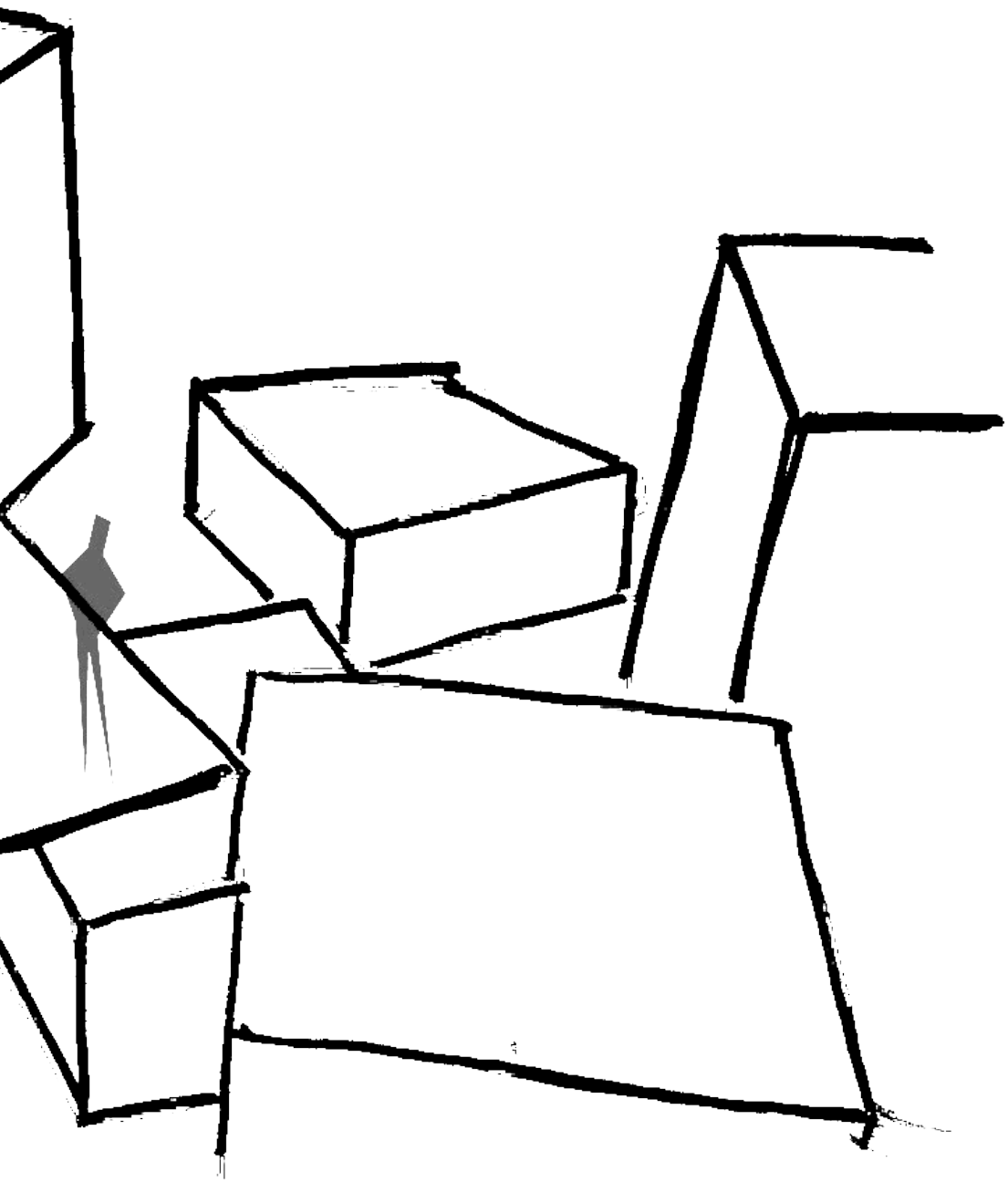
JOSÉ SARAMAGO

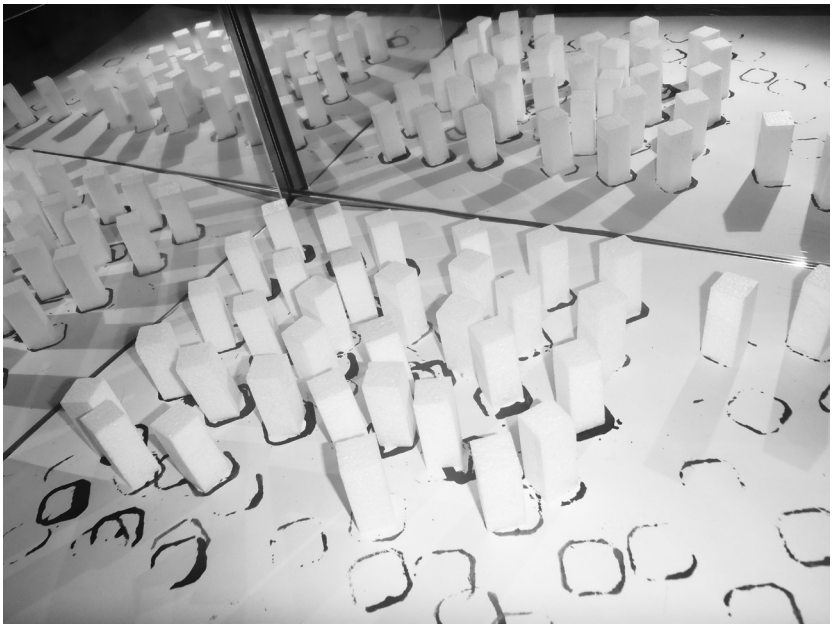
CAIM

CAMINHO

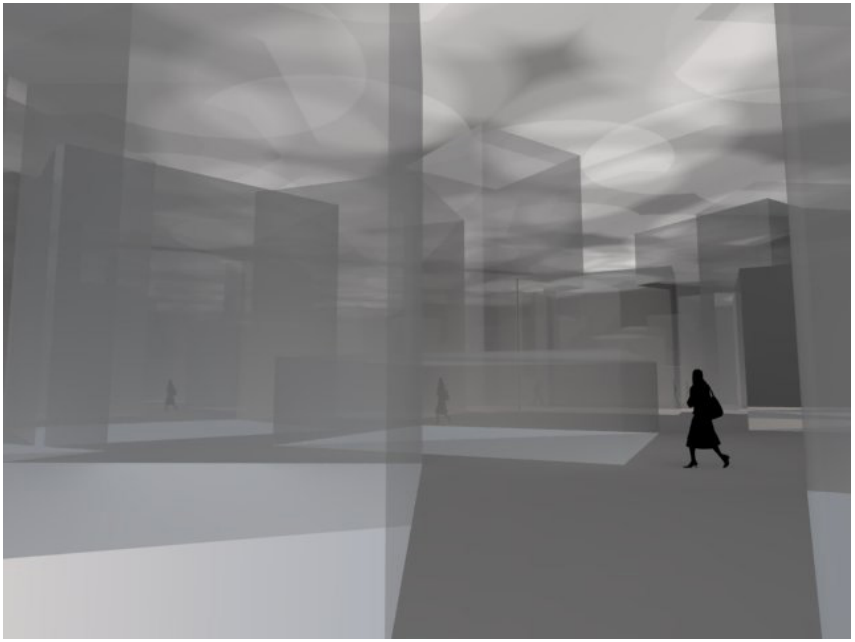


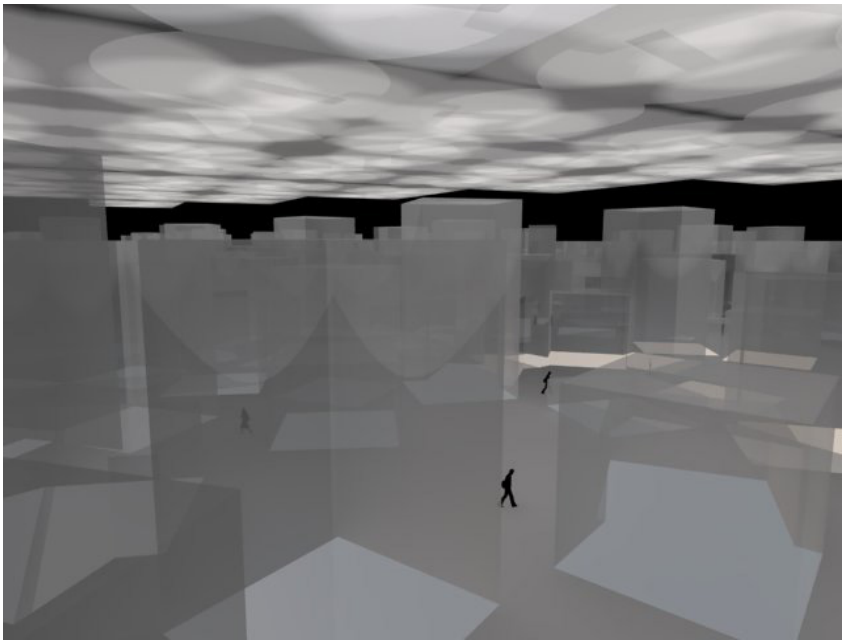




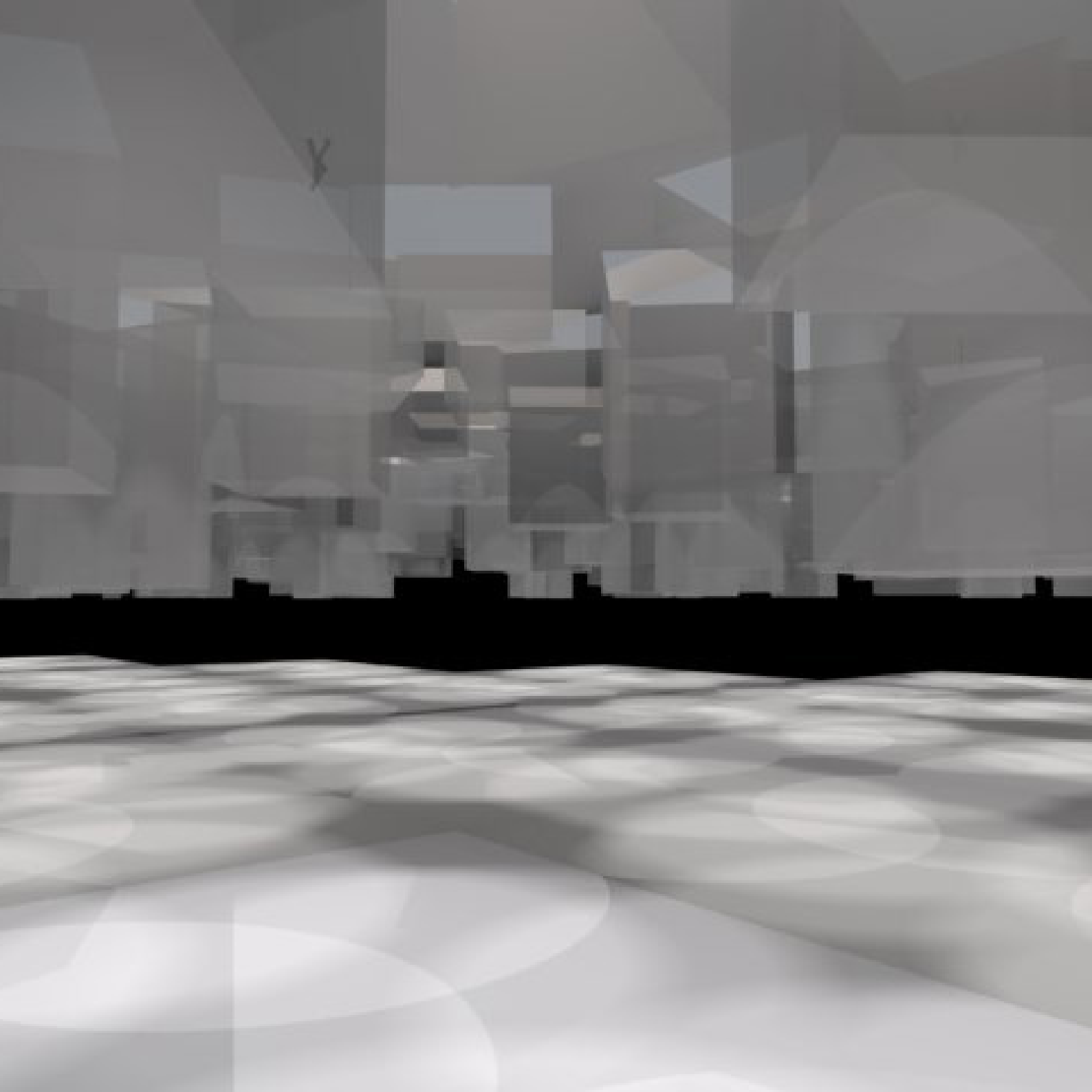


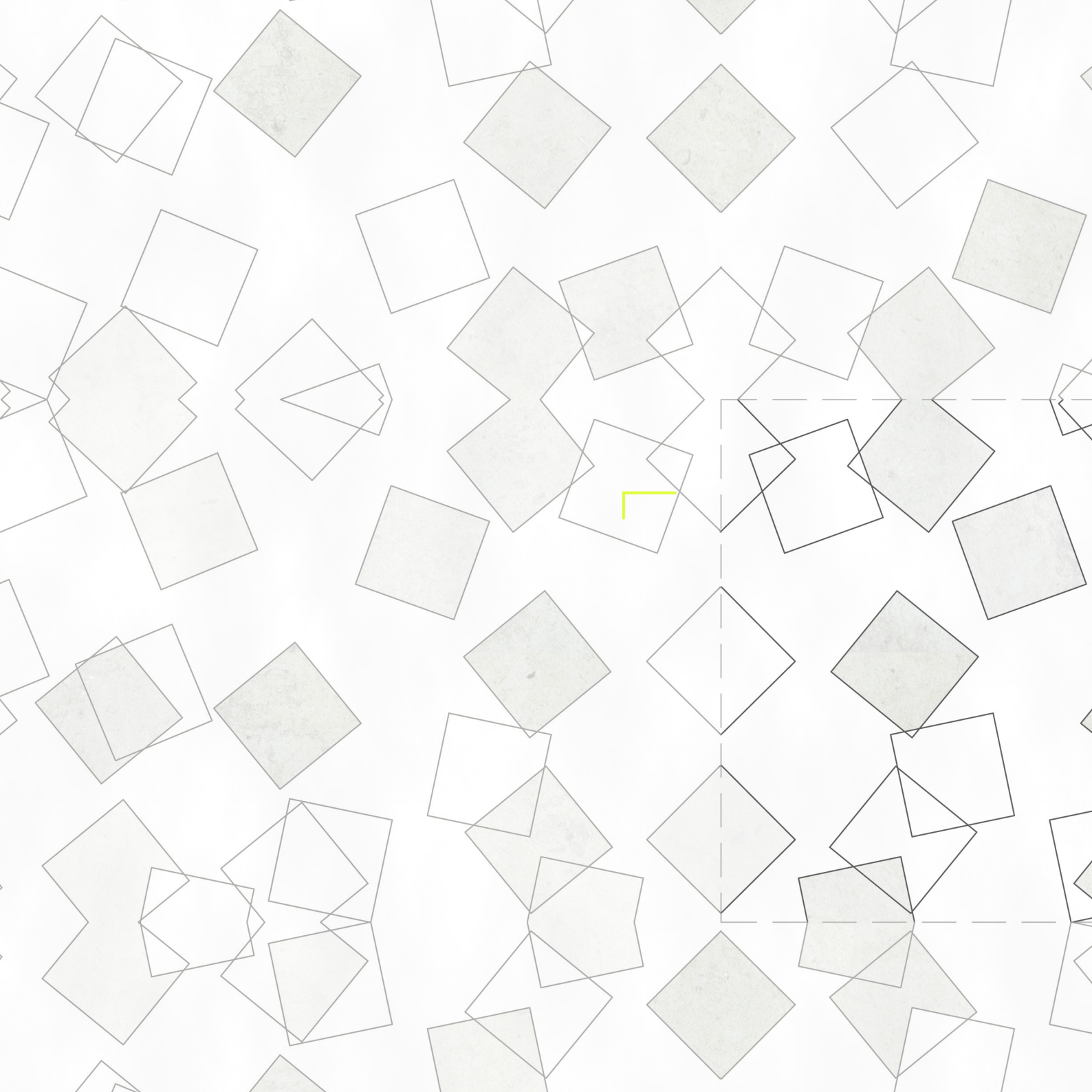
Estudo do espaço





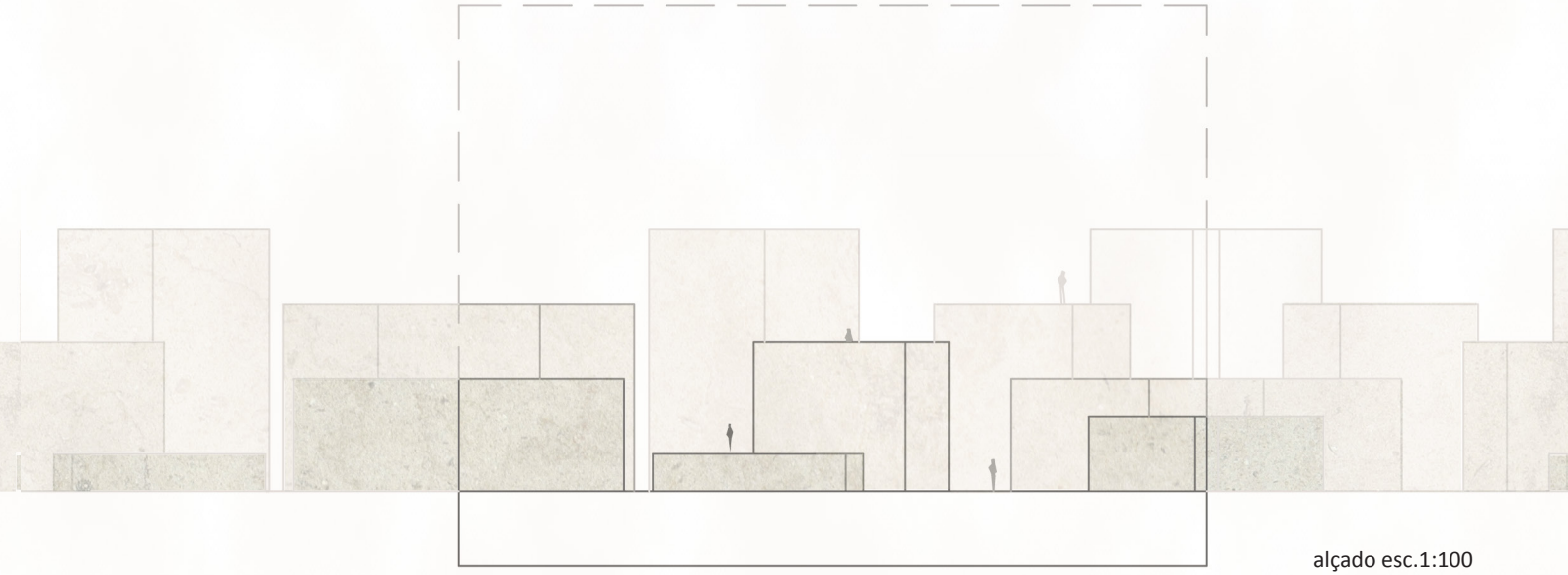
Maquete virtual de estudo



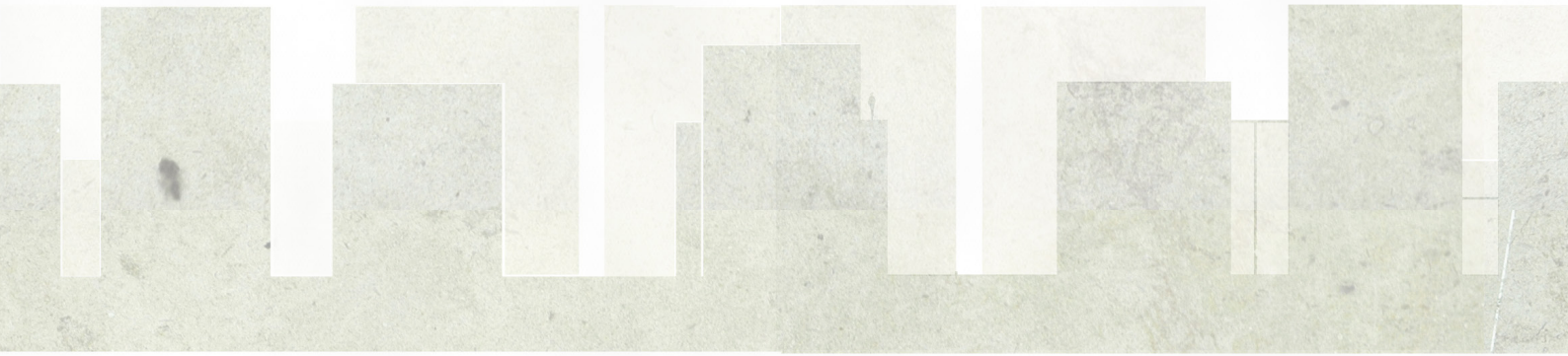


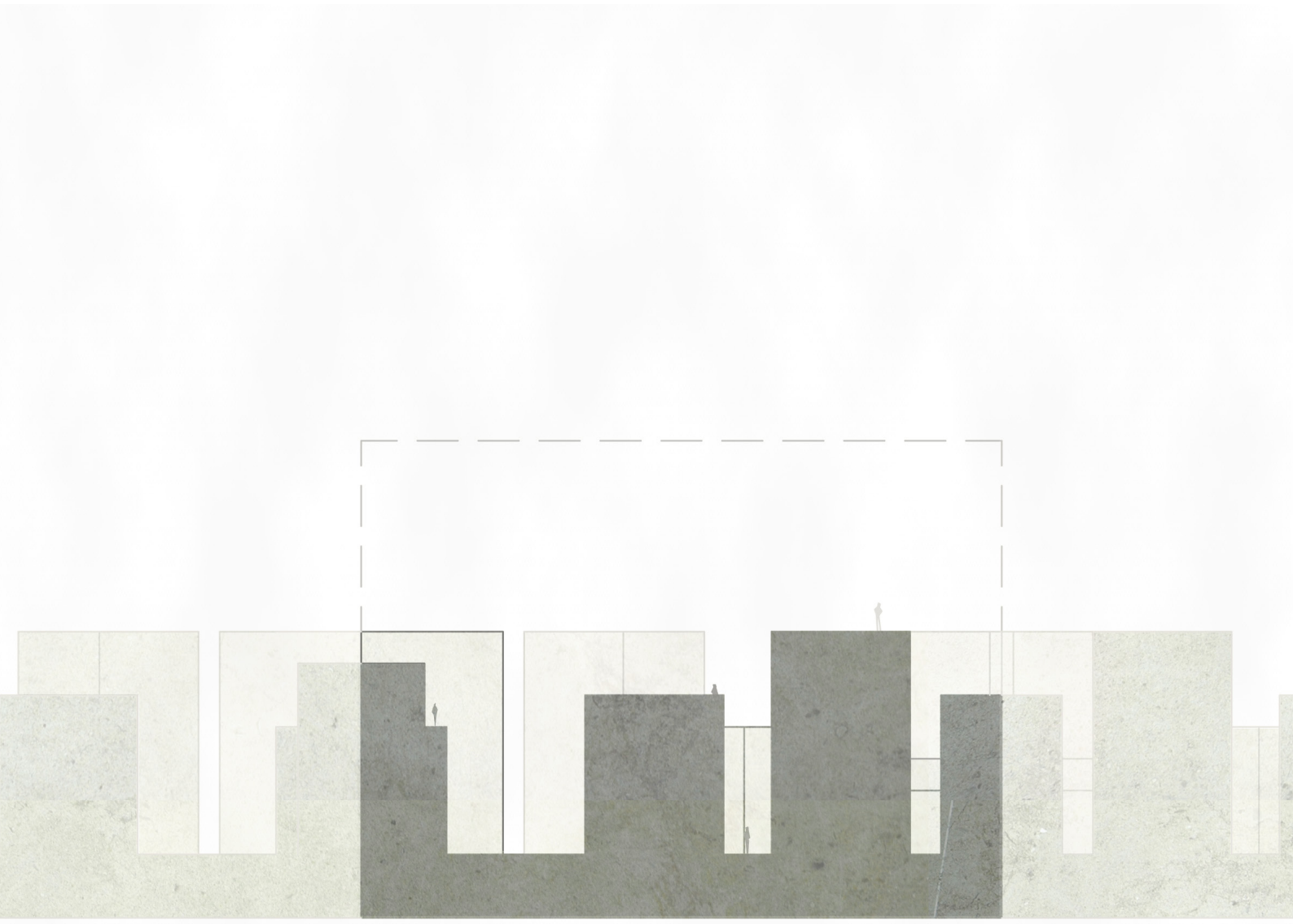
planta esc.1:100

alçado esc.1:100



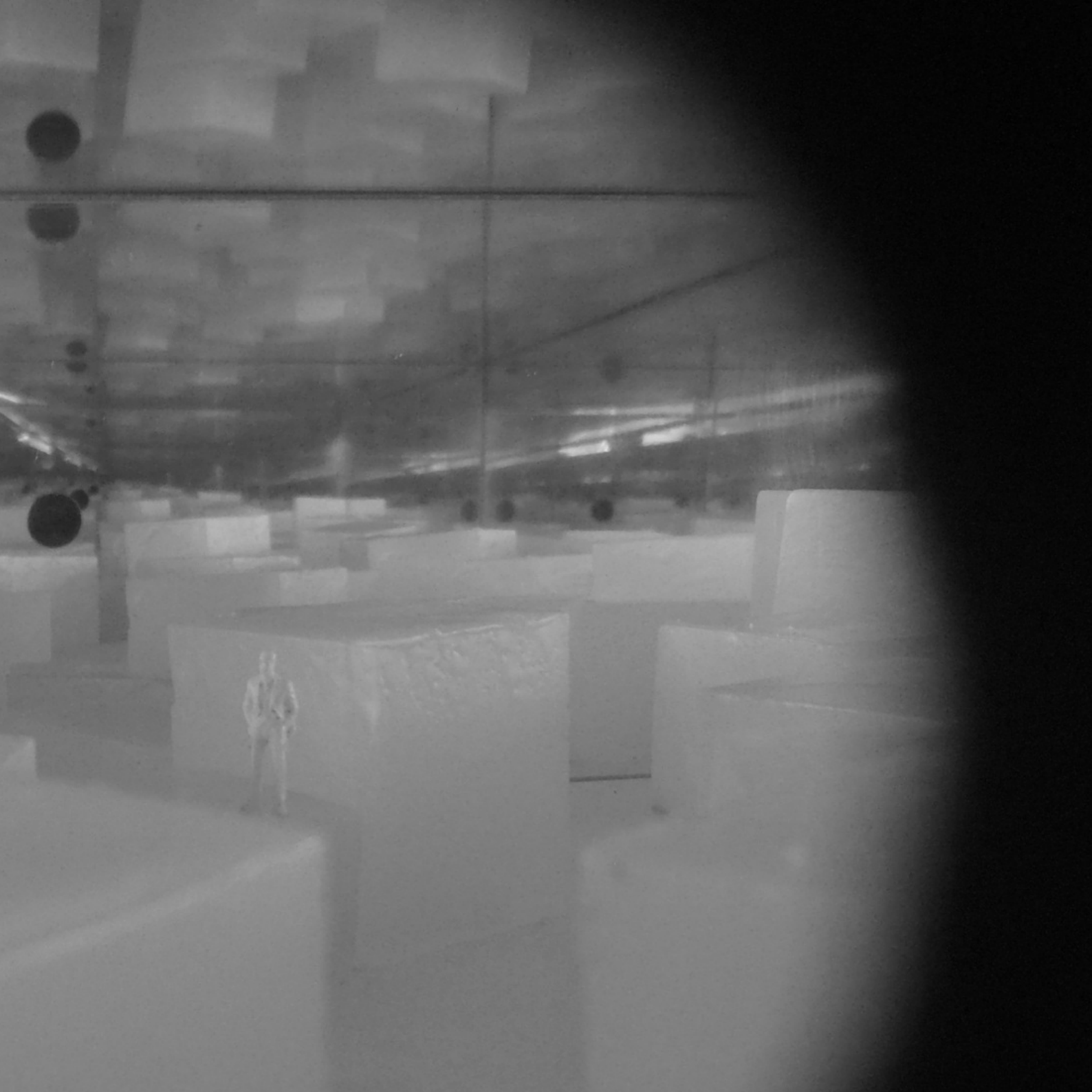
alçado esc.1:100

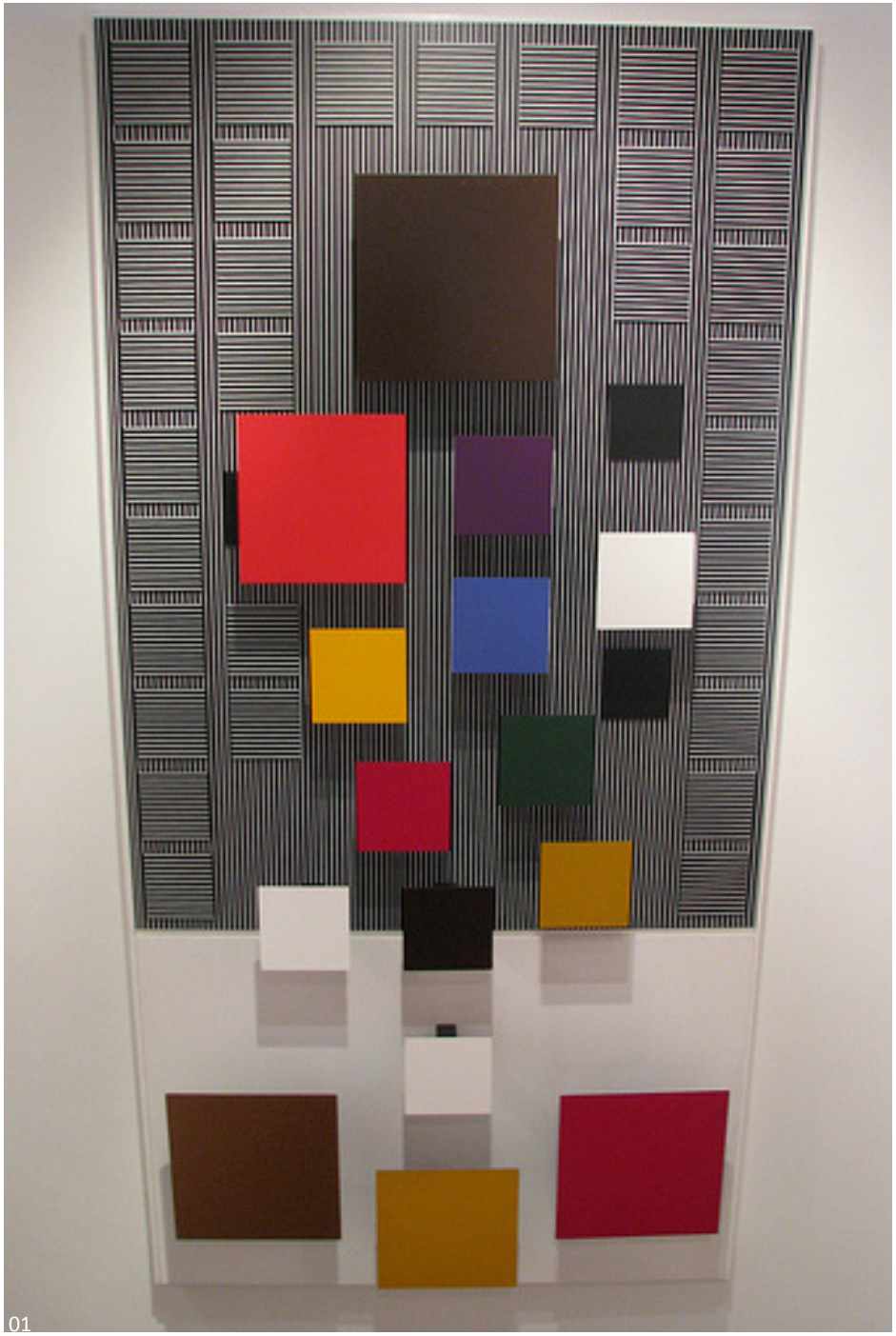




corte esc.1:100

maqueta final





01

02

03

04

Referências

Imagem 1:“Cuadrados s/ blanco y rayado” Jesus Soto
Fonte: http://www.flickr.com/photos/artexplorer/2451771586/

Imagem 2: Subúrbios de Luanda
Fonte: http://samuel-cantigueiro.blogspot.pt/2010/07/luanda-cara-carissima-luanda.html

Imagem 3: “A nova babilonia” 1929

Imagem 4: “New Babylon” Constant
Fonte: http://dismantlingarchitecture.wordpress.com/2010/07/22/new-ba

#2

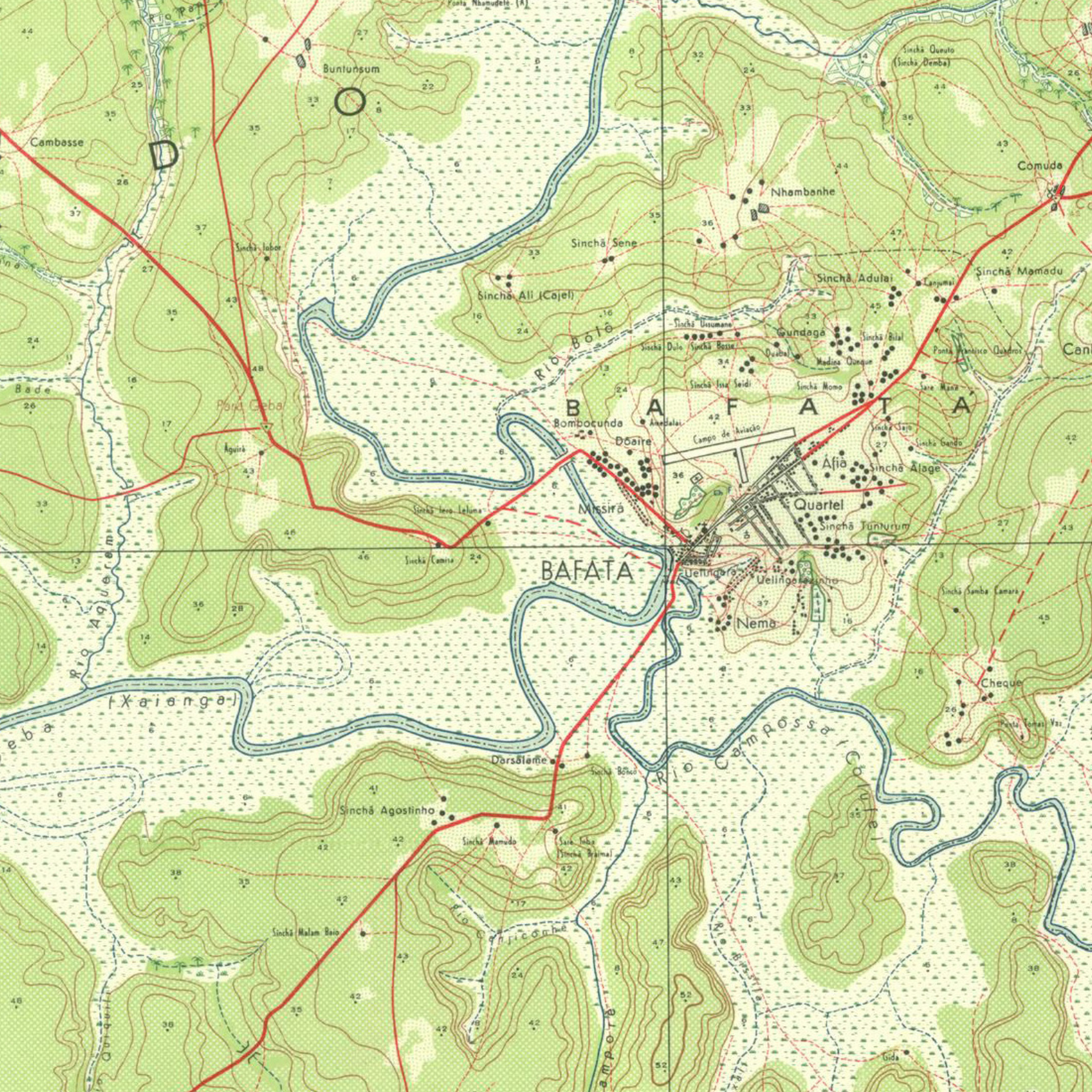
BAFATÁ

Partir da realidade da nossa terra...

"Se a nossa terra fosse toda fechada, com as andanças todas em que estamos nesta luta, o tuga já estava desesperado porque os quartéis não tinham comida."

Amílcar Cabral

"Guiné Portuguesa - Bafatá", 1955
Fonte: http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/.

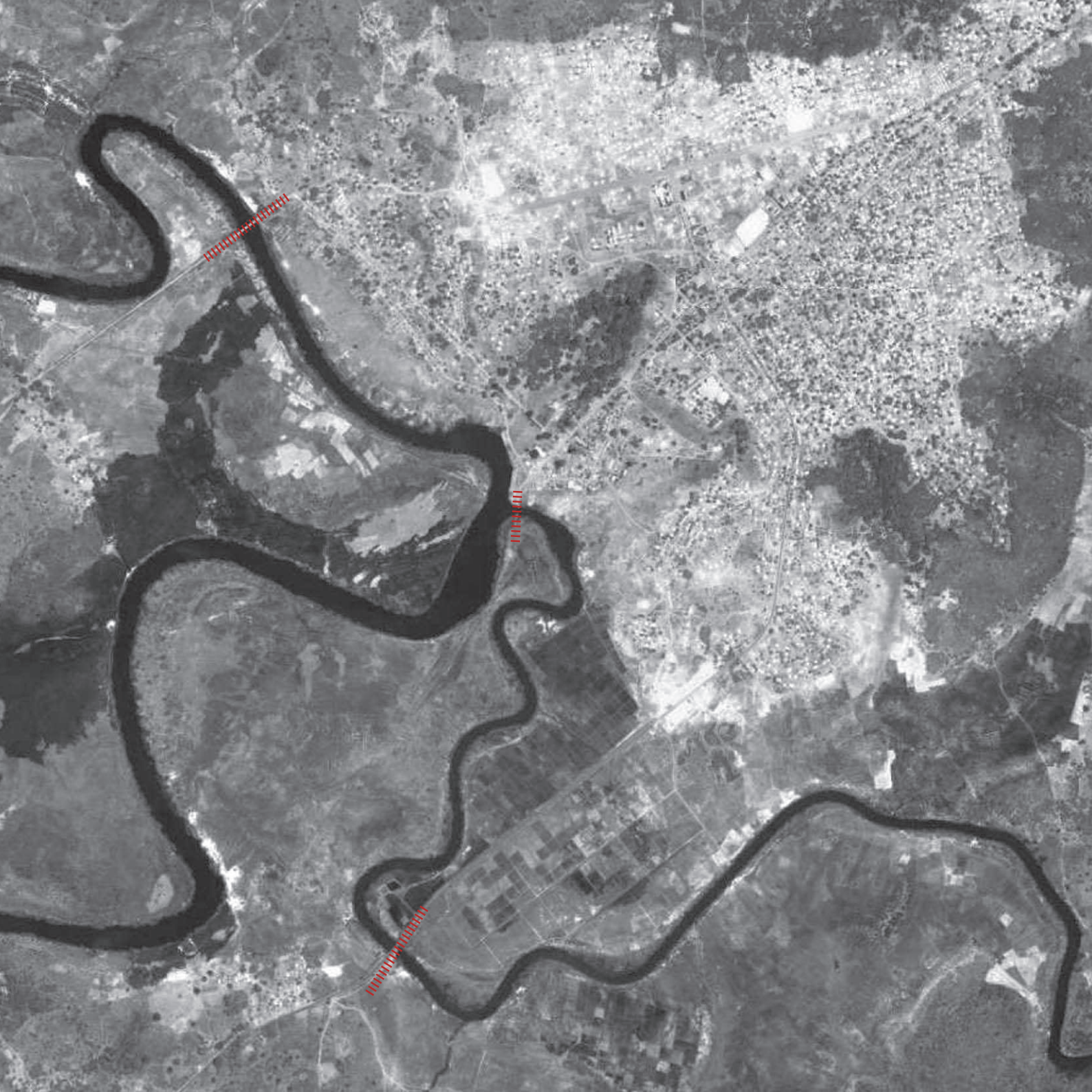

Buntunsum
Cambasse
Sinchã Iabor
Sinchã Sene
Sinchã Ali (Cajel)
Nhambanhe
Comuda
Sinchã Adulai
Sinchã Mamadu
Rio Bolo
Gundaga
Sinchã Bilal
Sinchã Momo
B A F A T A
Bombocunda
Dôaire
Campo de Aviação
Afia
Sinchã Alage
Quartel
Sinchã Tunturum
Missirã
BAFATÁ
Uelingara
Uelingarazinho
Nema
Cheque
Rio Aquem
Txaianga
Dorsaleme
Sinchã Agostinho
Sinchã Mamado
Sinchã Malam Baio
Rio Campossa Colhido
Rio Canjicorane
Rio Campora
Sinchã Queuto (Sinchã Demba)
Sinchã Samba Camará
Sinchã Camara
Sinchã Leno Leluma
Aguirá
Ponta Nhamudele (A)

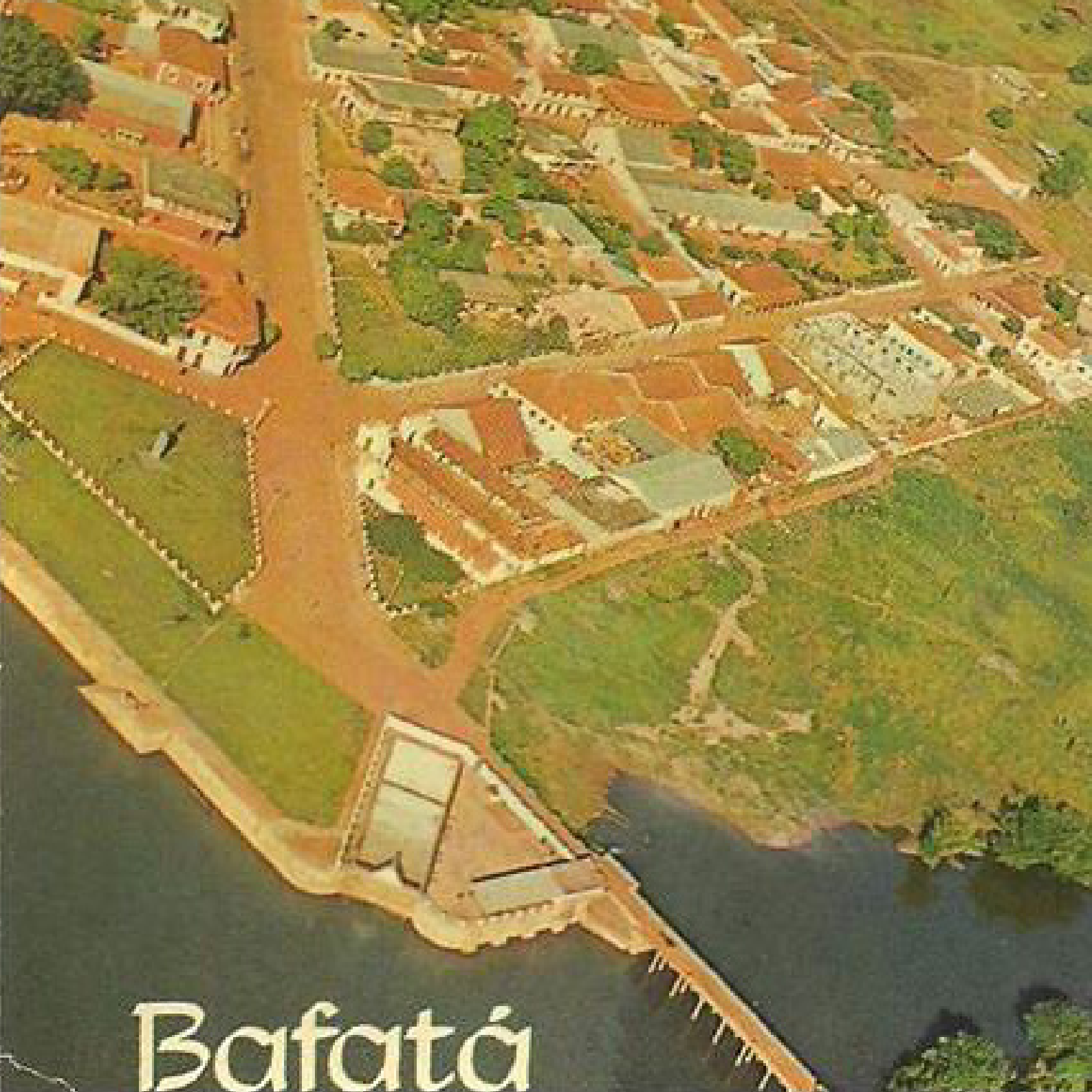
> “Considerado o "pai" da nacionalidade cabo-verdiana, Amílcar Cabral foi um dos mais carismáticos líderes africanos cuja acção não se limitou ao plano político mas desempenhou um importante papel cultural tanto em Cabo Verde como na Guiné-Bissau.”
>
> in O LEGADO DE AMÍLCAR CABRAL FACE AOS DESAFIOS DA ÉTICA CONTEMPORANEA, Carlos Lopes

Amílcar Cabral, defensor da união de duas antigas colónias portuguesas, dedica sua vida à luta pela independencia de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Este defendia que a própria natureza os une de um modo completar através da água: Cabo Verde sendo uma ilha rodeada pelo oceano e Guiné-Bissau banhada por uma extensa bacia hidrográfica.. O seu sonho era a conquista da liberdade e a construção do seu processo para a felicidade de uma África ultramarina independente, morrendo sem ver seu sonho concretizado.

Bafatá é uma cidade formada em pleno regime colonial, no centro da Guiné-bissau, banhada pelo rio Geba. A cidade formal é desenhada e pensada pelo regime, mas quando a Guiné ganha sua independência, este centro urbano perde os seus habitantes, pois os nativos decidem usar a periferia ao seu gosto ao invés de usar os antigos edifícios portugueses.

Apesar de não viverem no centro, usufruem no seu quotidiano de três infra-estruturas, o rio, as estradas e o lazer. O rio usam-no para lavar a roupa e pescar. As estradas para o transporte de mercadorias, a partir de uma entrada a norte, e uma outra a sul que veio substituir uma antiga ligação entre o centro e a margem sul do rio Geba. Finalmente o lazer, onde existia um pequeno clube de vídeo que trazia os nativos até ao centro uma vez por semana.




Bafatá

http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt

http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt

“Na cidade, somente as pedras, árvores e o rio resistiram à erosão do tempo.”

Real Ficção

Centro Interpretativo Amílcar Cabral

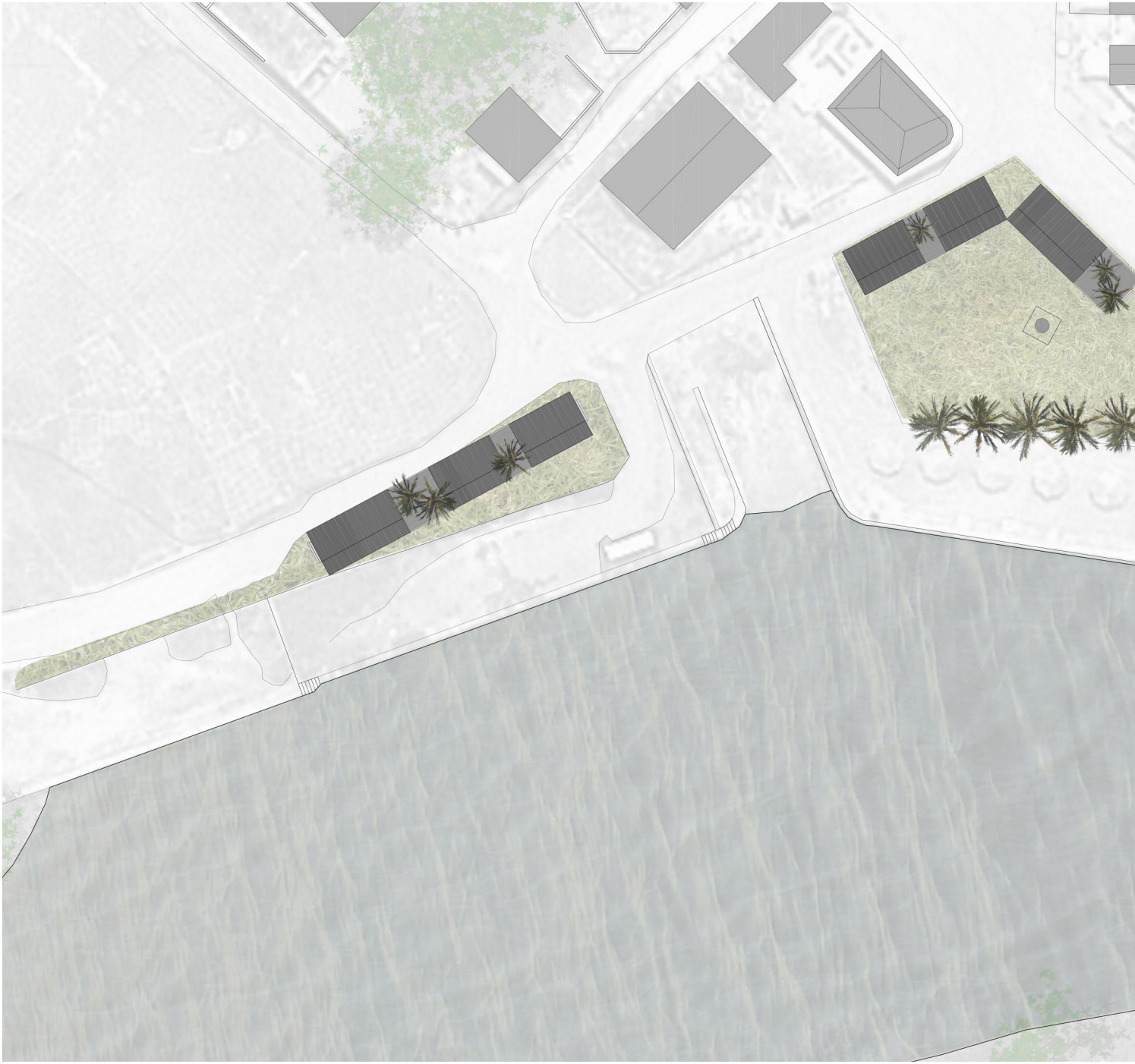
Após tantas mudanças sociais e políticas a que este povo teve que se sujeitar e conquistar, o contacto com o rio foi o único ritual doméstico que não foi eliminado do seu quotidiano. Desta forma, propomos revitalizar a frente ribeirinha de forma a atrair os nativos que vivem maioritariamente na periferia ao centro, inserindo novos programas de interesse comunitário, tal como um clube de vídeo e zona expositiva.

O uso de estruturas efémeras de baixo custo, com elementos de fácil montagem e desmontagem (módulos), permitem um zonamento dos diferentes elementos efémeros e programáticos ao longo da frente ribeirinha de forma a revitalizá-la. Mais importante que implantar um programa efémero, importa-nos melhorar os espaços exteriores, deixando marcas que valorizem o existente, assim como redesenhar o sistema de vias, permitindo uma maior afluência a este centro, através da reconstrução da ponte pelos nativos (mutirão e autogestão).

Este projecto tem como intensão um zonamento na frente ribeirinha a ponto de a revitalizar, ao contrário de um projecto com uma implantação única. Impõe assim um desenho urbano em qualquer localização que este adquira, de forma a «agrafar» as suas características sociais, urbanas e arquitectónicas.

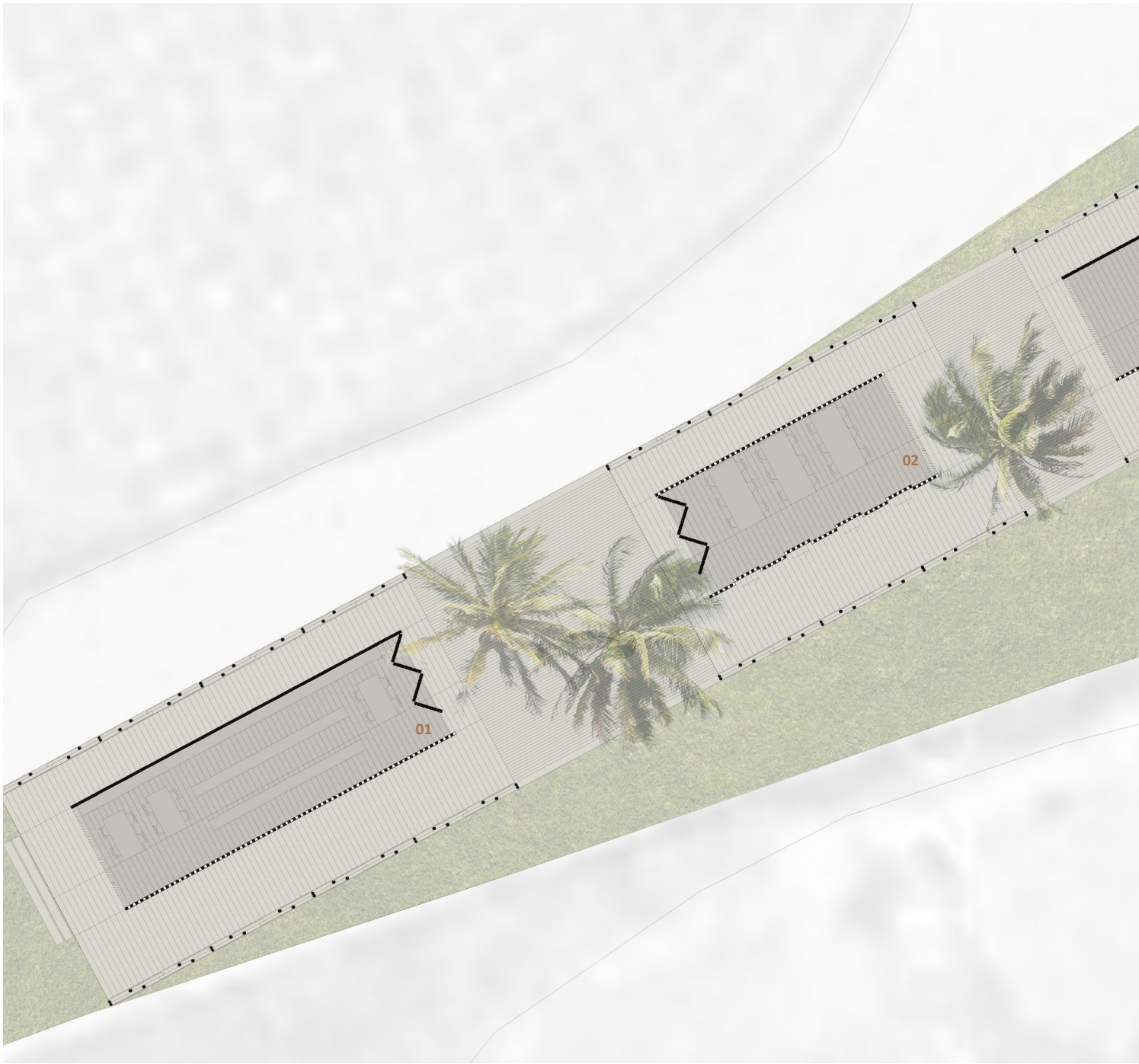
A reflexão acerca da temática ribeirinha, suporta ao mesmo tempo o pensamento acerca da ventilação nas estruturas. Esta realiza-se com o apoio da proximidade do rio, uma vez que os ventos frescos de sudoeste trespassam pelos espaços programáticos a partir de grelhas por baixo da estrutura, enquanto o quente sai por cima e é ventilado pela cobertura.

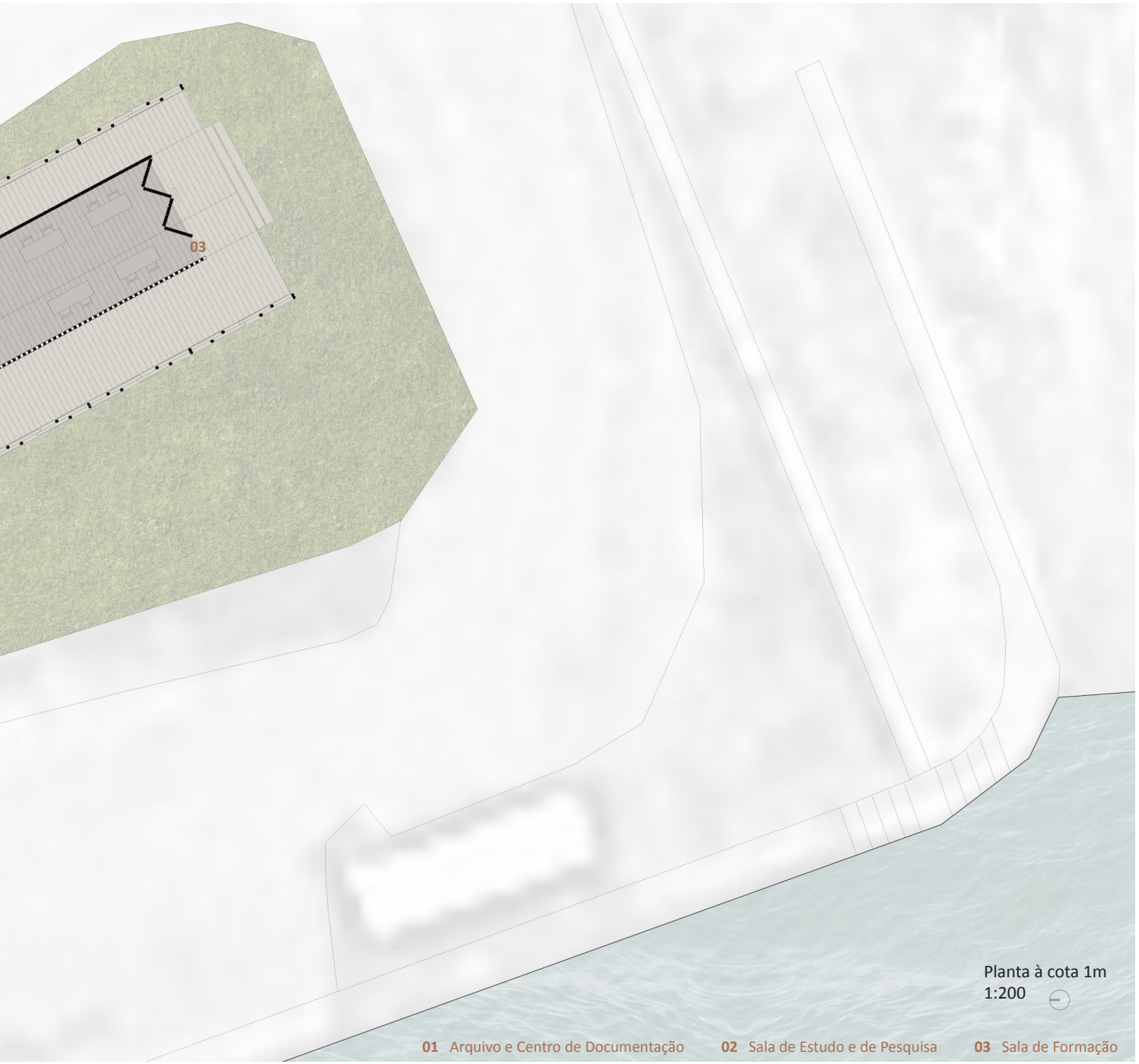
Flexibilidade na implantação dos módulos
1:4000



Planta de implantação
1:1000

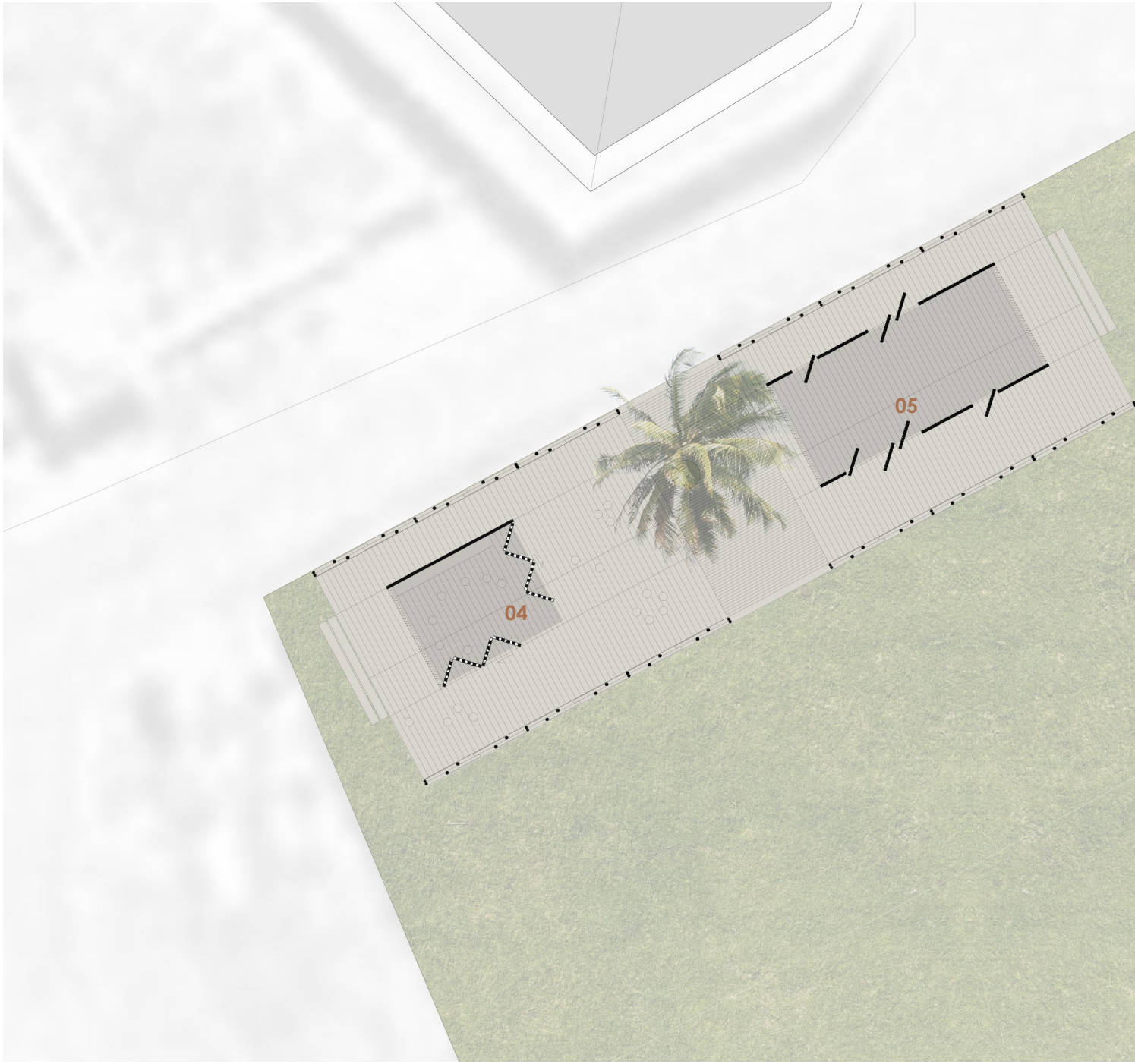
Alçado
1:1000


01
02



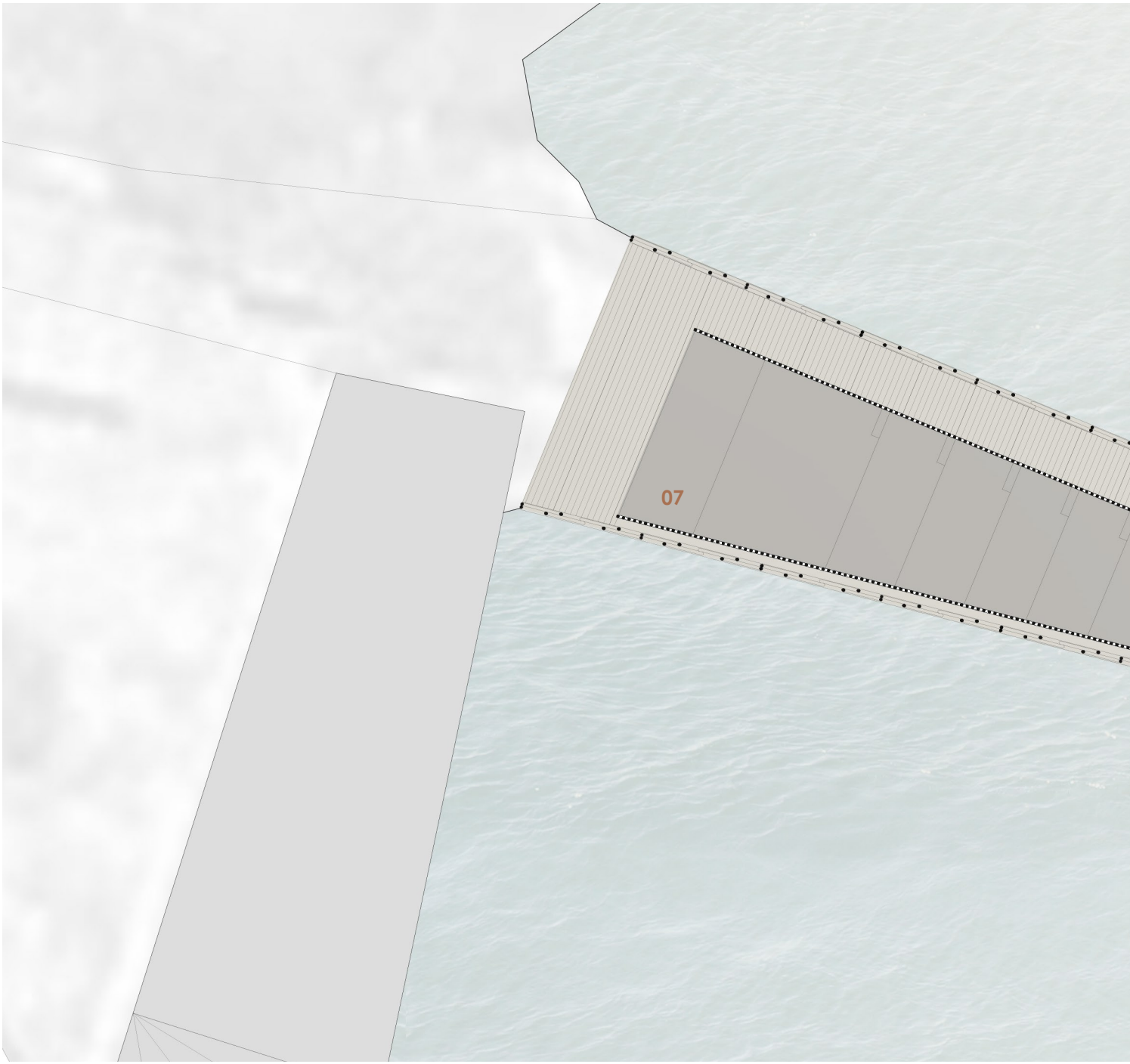
Planta à cota 1m
1:200

01 Arquivo e Centro de Documentação **02** Sala de Estudo e de Pesquisa **03** Sala de Formação


04
05

Planta à cota 1m
1:200

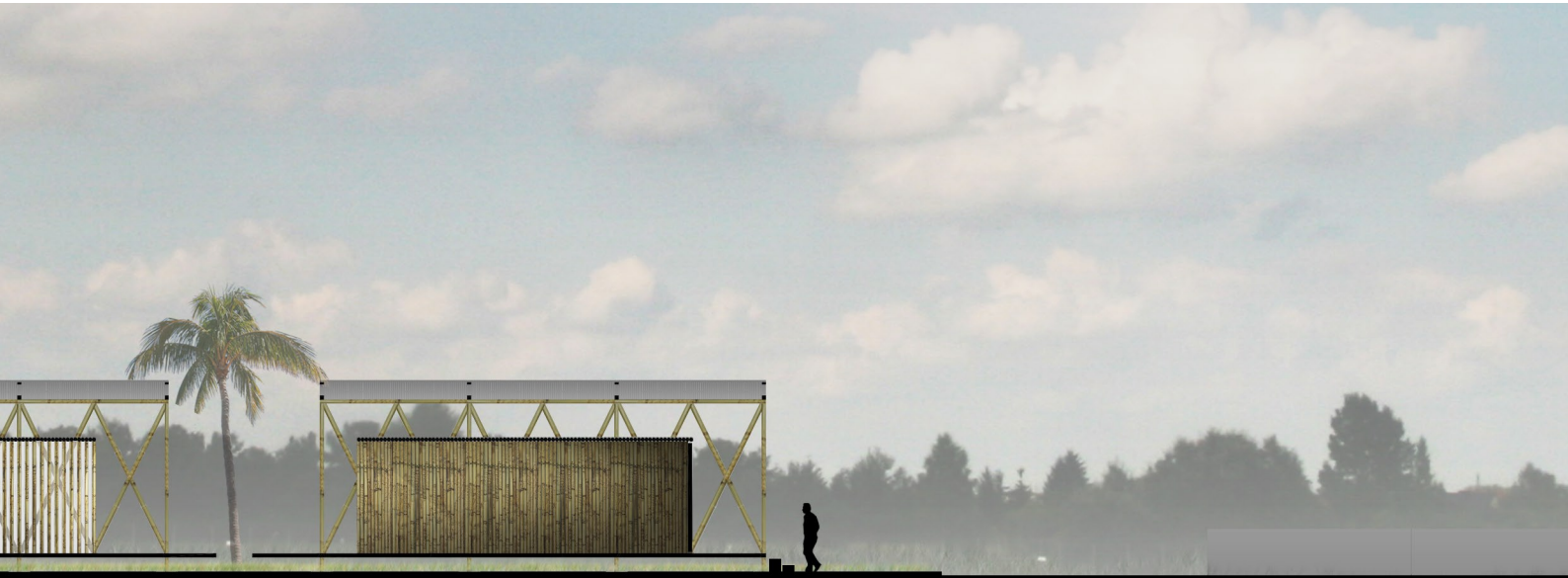
04 Sala de Formação para as crianças 05 Sala de Exposições 06 Loja


07

Planta da ponte
1:200

Corte transversal
1:200

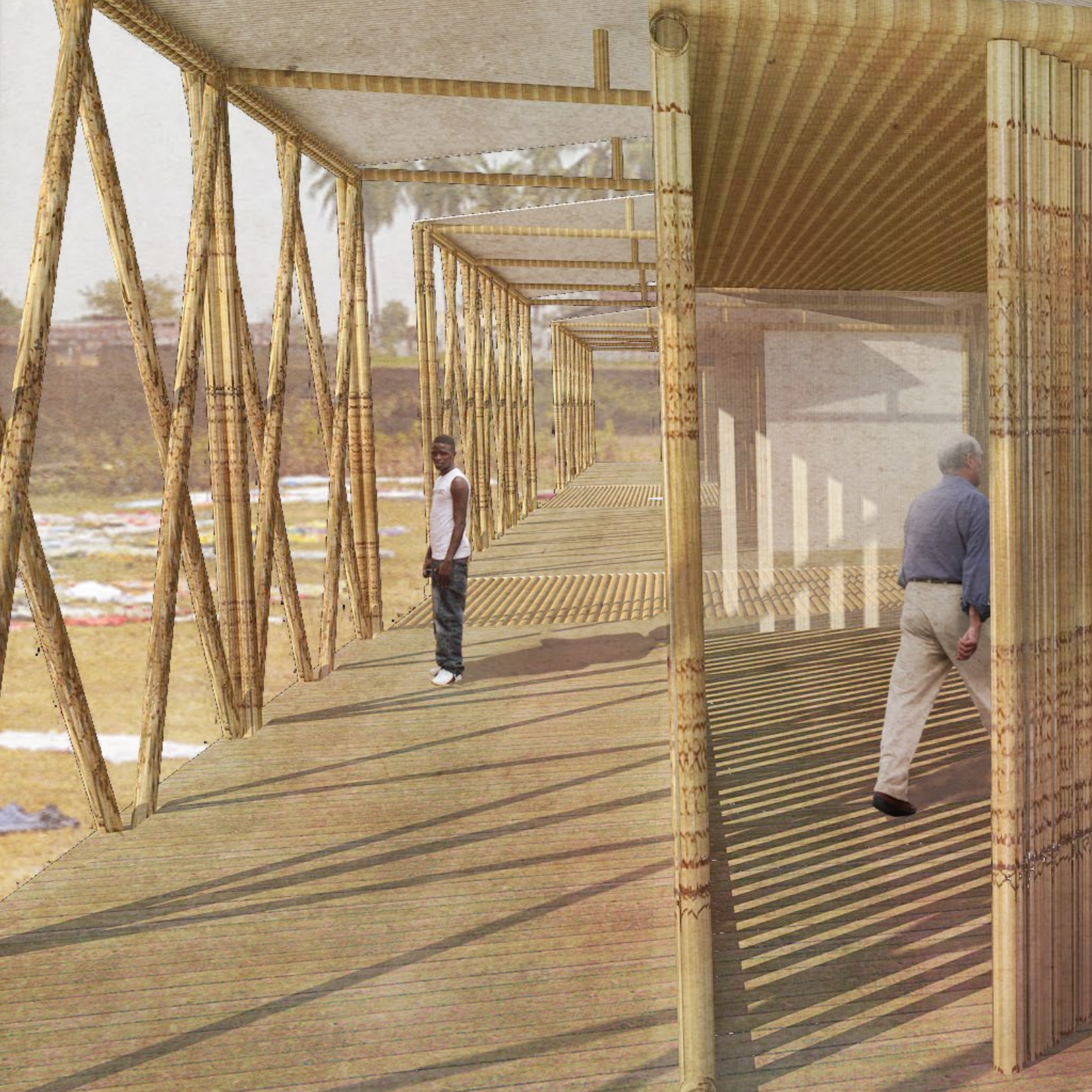
corte longitudinal
1:200

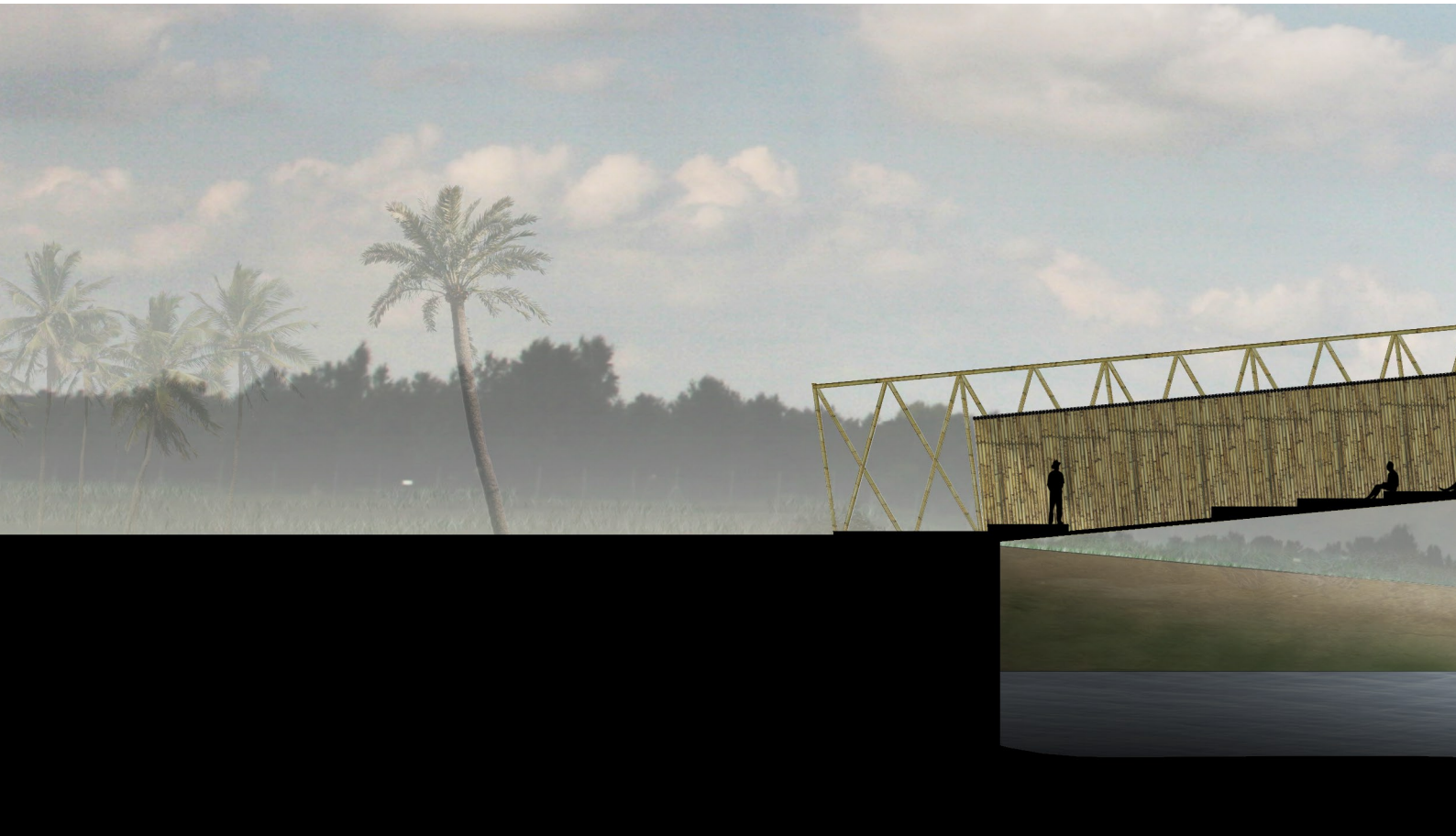


corte longitudinal
1:200

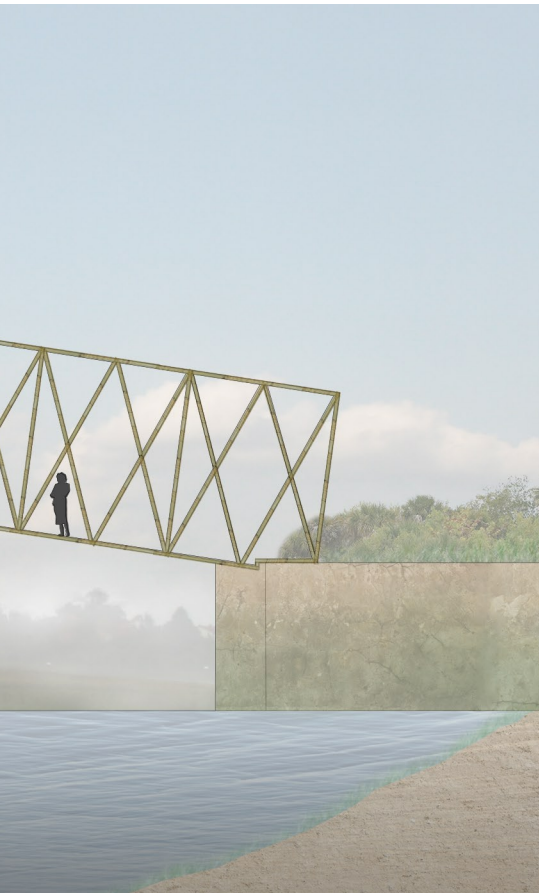
Alçado principal
1:200

Alçado principal
1:200

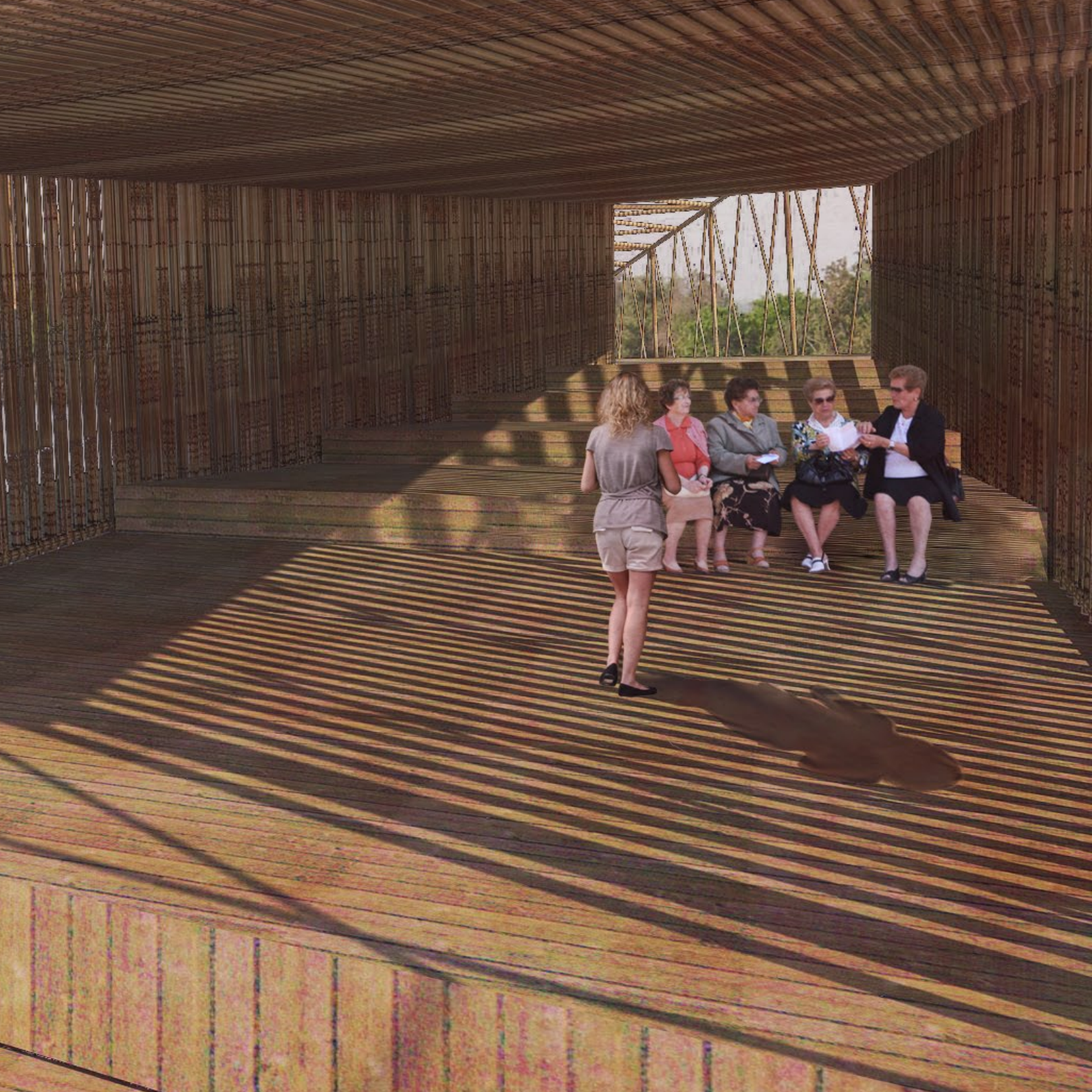




Corte da ponte
1:200



Alçado da ponte
esc. 1:200



Construção

A construção de bambu deste projecto insere-se, não só numa opção estrutural e arquitectónica, como também num estímulo à económica local, tirando partido das suas vantagens climatéricas. Apesar do bambu não ser uma planta produzida na Guiné-Bissau, o seu território e o seu clima tropical caracteristicamente quente e húmido concebem condições para a sua produção. Esta é uma planta tropical que se produz sem necessidade de replantio, cuja taxa de crescimento pode atingir até 1m por dia e as suas características estéticas, alta estabilidade comportamental e de exploração ecológica são cada vez mais valorizadas mundialmente.

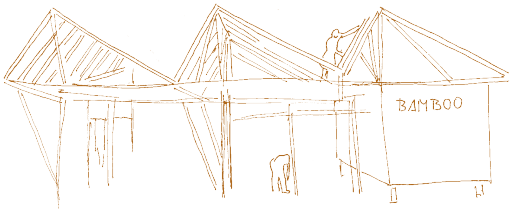
A instalação de uma fábrica para este efeito na Guiné-Bissau permitiria não só a criação de emprego aos locais, assim como um processo de exploração, manufactura e montagem totalmente nacional, ainda com vantagens no que se refere à possível revitalização de um mercado exportador e competitivo em relação à tradicional construção de alvenaria.

Achamos fulcral que a nossa proposta, por se tratar de uma intervenção temporal, seja capaz de introduzir uma nova técnica construtiva que seja sustentável, delineando de certo modo a valorização de construções onde o território e a população guineense exercem a maior relevância da arquitectura.

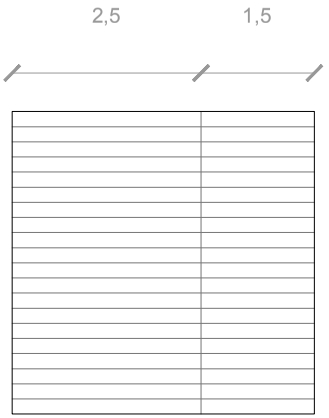
1.PLANTAR BAMBÚ

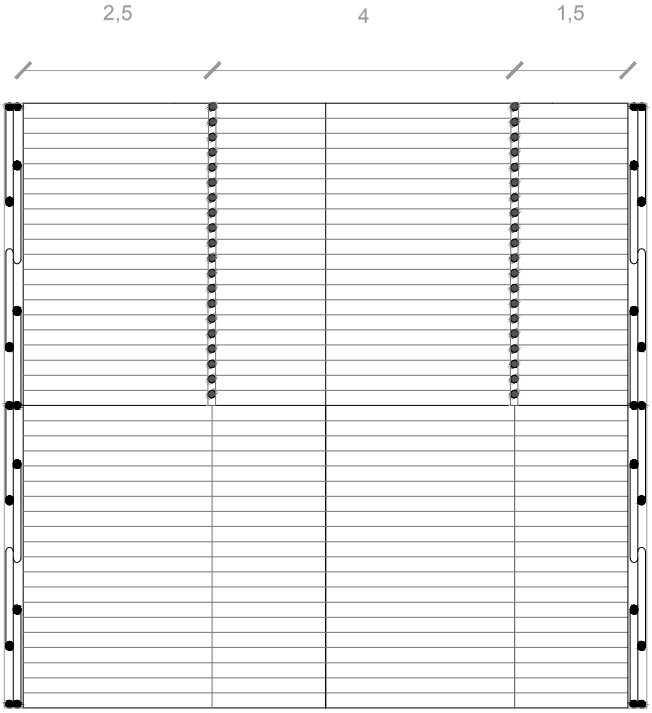
2.PRODUZIR BAMBÚ

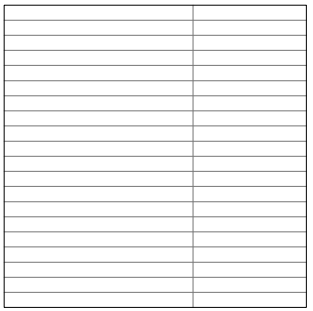
3. CRIAR TRABALHO

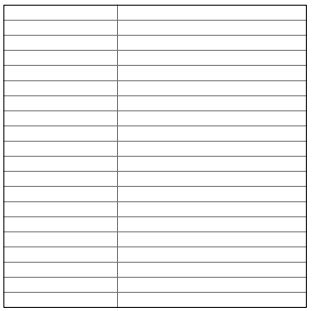


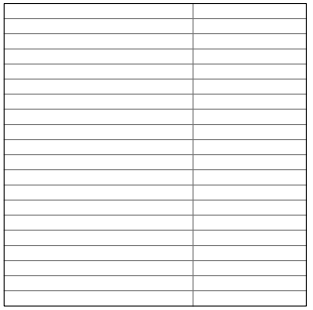
4. CONSTRUIR EM BAMBÚ

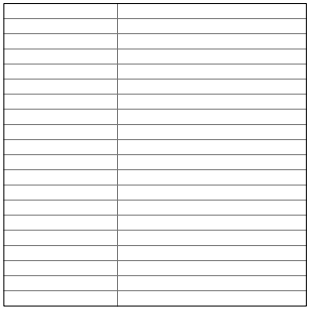

2,5
1,5

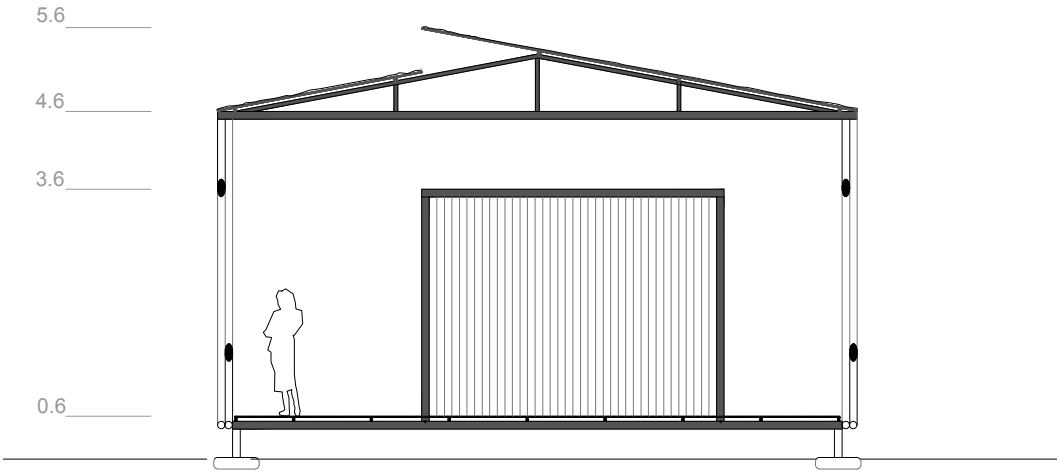

2,5
4
1,5

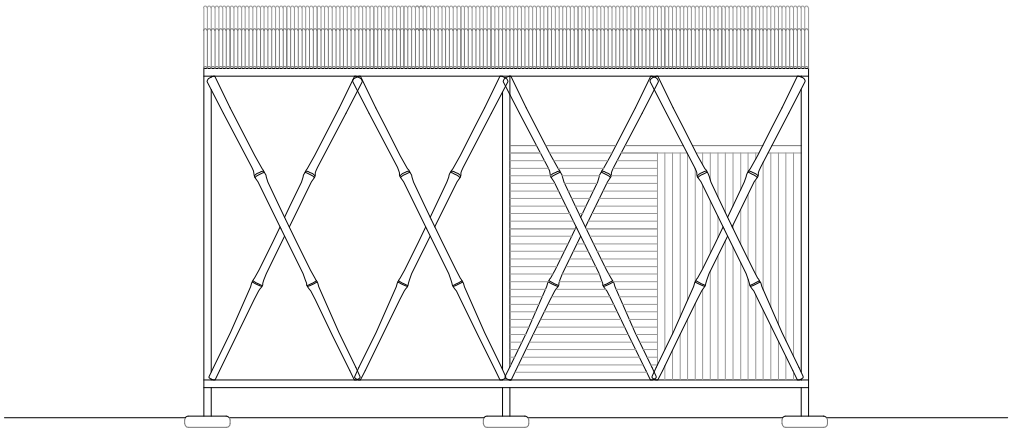








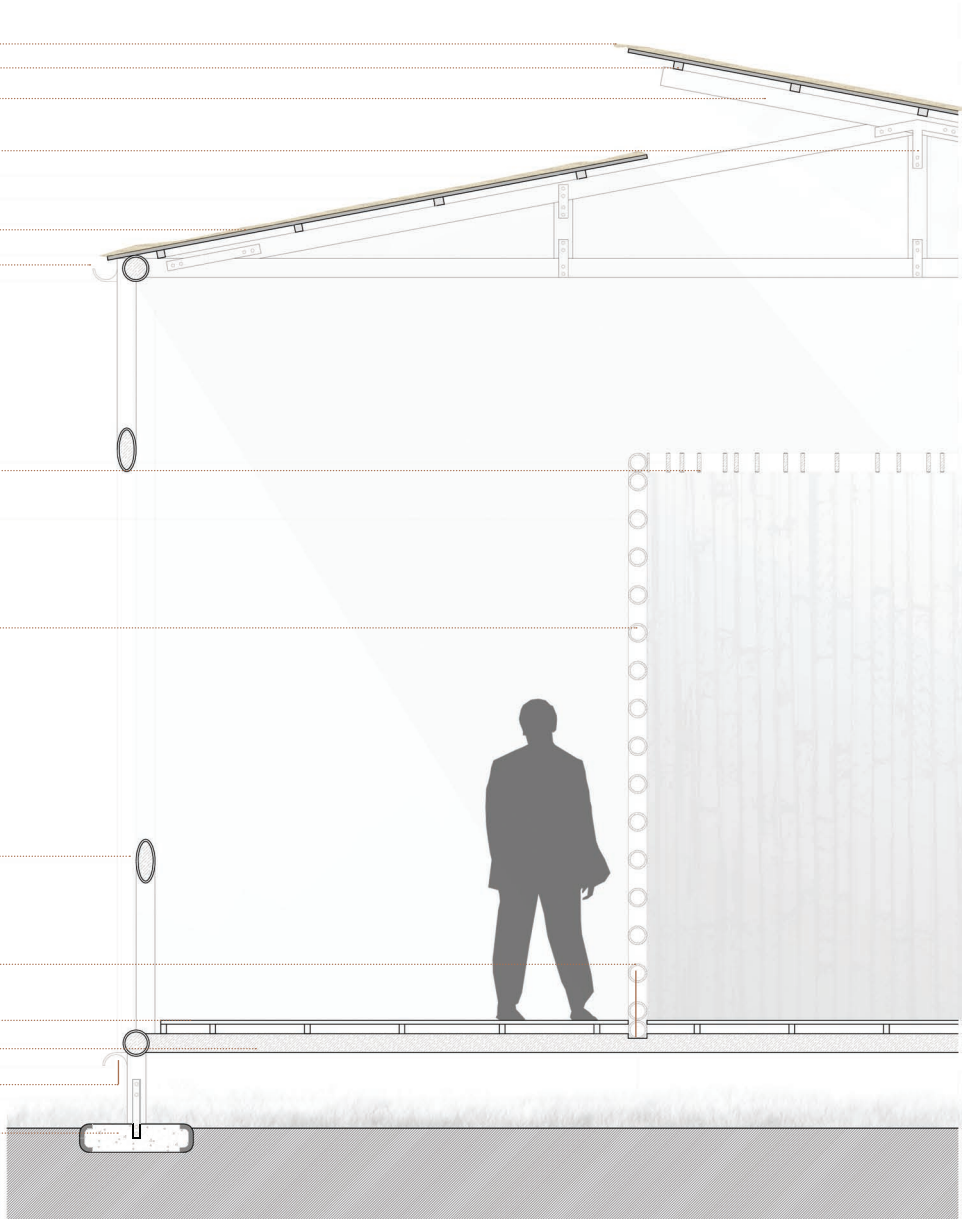




Módulo

1.100

Pormenor construtivo
1:40



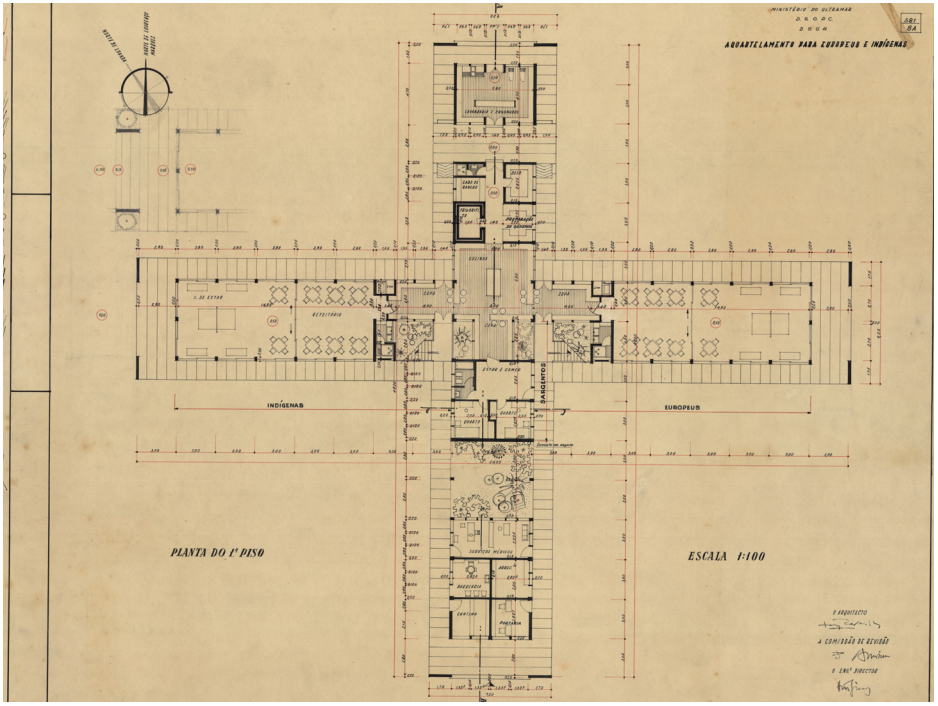
Referências

Com o intuito de adaptar o ensino da Arquitectura à especificidade dos trópicos, o Ministério das Colónias patrocina a formação em Arquitectura Tropical leccionada em Londres, na Architectural Association (AA). Luís Gonzaga Pimentel Pedroso Possolo, vinculado a uma geração mais receptiva aos ideais modernos, é o primeiro a ingressar no curso, em 1954. O curso em Arquitectura Tropical na AA, surge então da necessidade de preparação de arquitectos com objectivo de desenvolver o seu trabalho em territórios tropicais, com especial atenção para as questões solares e climáticas, e resultante implantação e desenho dos edifícios, tentando com as técnicas e materiais locais cumprir os cânones da cultura moderna.

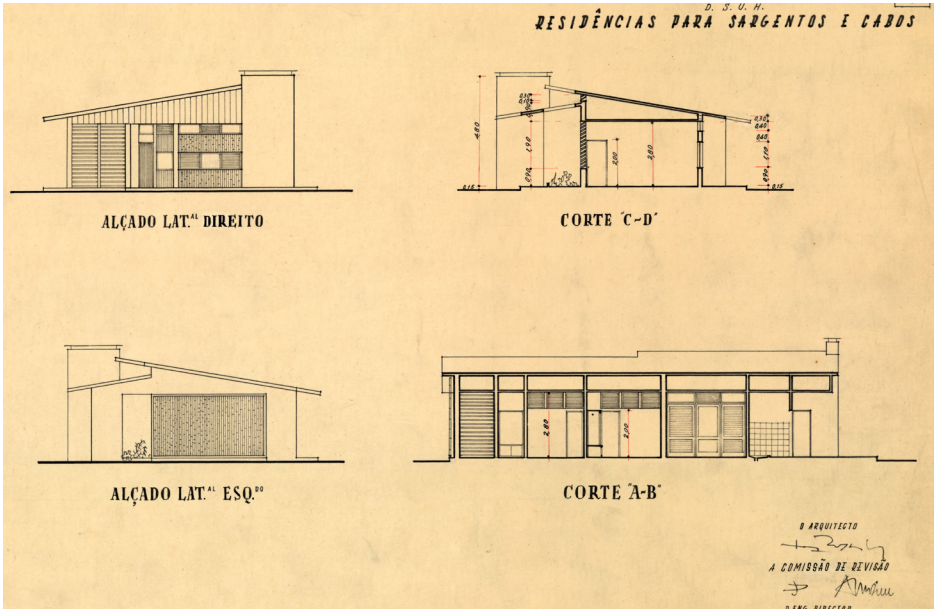
Segundo o relatório escrito por Luís Possolo sobre a sua frequência do curso de arquitectura tropical, o curso consiste na "execução de projectos elaborados em função dos dois tipos de climas dominantes nessas mesmas regiões, a saber: - o "quente seco" e o "quente húmido", (...) obter o máximo de ventilação para a região quente e húmida e o maior isolamento para a região quente e seca". As construções são moduladas e levemente sobrelevadas com embasamento em betão por causa das precipitações"[1]. Inseridos numa região simultaneamente "quente e húmida" e "quente e seca", obdecem a princípios que permitem a ventilação transversal e a protecção ao sol e às águas pluviais. A ventilação é assegurada através de um sistema de entradas de ar fresco junto ao pavimento e respectivas saídas de ar quente junto ao tecto, e reforçada, segundo um sistema de janela/porta persiana. A cobertura de duas águas, em fibrocimento, é desenhada de modo que as mesmas sejam "desencontradas de forma a favorecer uma ventilação mais eficiente e uma perfeita saida de ar quente existente no interior da construção". A estratégia de ensombreamento assenta, fundamentalmente, no balanço da cobertura, formando galerias periféricas exteriores, apoiada por arborização, a nascente e a poente[2].

[1] MILHEIRO, Ana Vaz e DIAS, Eduardo Costa. Arquitectura em Bissau e os Gabinetes de Urbanização colonial (1944-1974). Revista electrónica «arq.Urb». usjt - arq.urb - número 2/ segundo semestre de 2009.

[2] POSSOLO, Luís, Memória Descritiva e Justificativa, Estacão Rádio Naval de Luanda, Processo 581, Caixa 82, Ministério do Ultramar, Direcção Geral de Obras e Comunicação, Direcção dos Serviços de Urbanismo e Habitação, Lisboa, 1959.



Luis Possolo, Central Eléctrica para a estação Rádio Naval, Arquivo Histórico Ultramarino



Luis Possolo, Central Eléctrica para a estação Rádio Naval, Arquivo Histórico Ultramarino

#3

Amoreiras

Caracterização do Lugar

Campolide medieval era, tal como outros lugares "fora de portas", com todo o seu terreno constituído por quintas de cultivo com olivais, pomares e vinhedo. Pelas suas características rústicas e o seu aglomerado disperso, este era um local considerado sadio e aprazível, pelo que o clero e a nobreza aqui possuíam quintas. A sua ocupação humana aumentou no séc. XVII, resultado da vinda de mão de obra para a construção do Aqueduto das Águas Livres (1732-1748).

A promoção dos transportes ferroviários e sob carris no fim do séc. XVIII originou uma variação na direção de crescimento na cidade de Lisboa, que até então era realizada ao longo da margem do rio. A instalação de indústrias era realizada sobretudo nas imediações do centro da cidade ou na periferia da mesma, porém de acesso facilitado, como o caso das Amoreiras, que usufruía da proximidade do Largo do Rato, da distribuição de água do Aqueduto e pelo suporte do elétrico 24 (inaugurado em 1907 e que realizava o transporte de passageiros entre o Largo do Carmo e Campolide).

Colina das Amoreiras entre 1856 e 1858 (Filipe Folque).
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.

Campo
de
Parada

Colina das Amoreiras em 1911 (Silva Pinto).
Fonte: http:// http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.

Foto aérea de um troço da Ruas das Amoreiras na década de 40.
Fonte: Gabinete de Estudos Olipissiponenses.

Este foi o primeiro momento de crescimento e desenvolvimento da zona, onde se seguiram mudanças sociais e económicas, com a fixação de uma nova classe, a classe operária. Porém o afluxo de pessoas que vinha dos meios rurais à procura de melhores condições de vida deparou-se com a incapacidade do Estado lhes arranjar habitações condignas e baratas, e viram-se obrigadas a ocupar espaços desocupados, como traseiras de edifícios, conventos de ordens religiosas extintas ou palácios abandonados, para providenciar alojamentos precários.

Atentos às carências dos seus trabalhadores, institucionalizou-se uma nova forma de alojamento e um novo processo de exploração: senhorios fazem construir nas traseiras dos seus prédios, casas abarracadas para arrendar aos seus operários. Foi neste quadro que se edificaram centenas de pátios e posteriormente vilas que ainda hoje existem na zona das Amoreiras, constituindo uma parte considerável do seu tecido edificado.

Esta era a paisagem até ao século XX, estávamos perante a escala baixa das quintas, das fábricas e posteriormente dos pátios e vilas (microescala). Contudo, estávamos prestes a assistir a profundas alterações urbanas, que conduziriam ao aumento da fragmentação do tecido social.

CARMO

Rua das Amoreiras em 1944 (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Rua das Amoreiras em 1947 (Fernando Martinez Pozal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Rua das Amoreiras em 1898. Fonte:
Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Fábrica das Sedas na Praça das Amoreiras em 1964 (Arnaldo Madureira). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Pátio do Biaggi (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Pátio do Biaggi (Eduardo Portugal). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

O ano de viragem foi 1944, quando terminaram as obras da construção da Avenida Engenheiro Duarte Pacheco. Este rompeu ruas e prédios pré-existentes, alterando a hierarquia de espaços e dando o mote para a cidade pós-industrial (macroescala).

Agregados à "nova porta de Lisboa" começaram a surgir edifícios como o do Centro Comercial das Amoreiras (1985) que modificou violentamente a imagem da cidade, introduzindo um crescente número de edifícios de cérceas altas, rompendo com a escala humana a que Lisboa estava habituada em harmonia com as suas colinas. Consequentemente apareceu uma nova paisagem, com centros comerciais, hipermercados, escritórios, sedes de bancos, hotéis e centros de congressos, todos marcantes pela dimensão e como objetos arquitetónicos, que se viraram para as ruas principais de maior fluência, descurando-se das ruas da primeira malha, tornando-as secundárias ou até mesmo traseiras.

Rua das Amoreiras em 1968 (Artur Inácio Bastos). Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

Anúncio promocional da nova sede da Philips na Rua das Amoreiras. Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2013/09/philips-portuguesa.html.

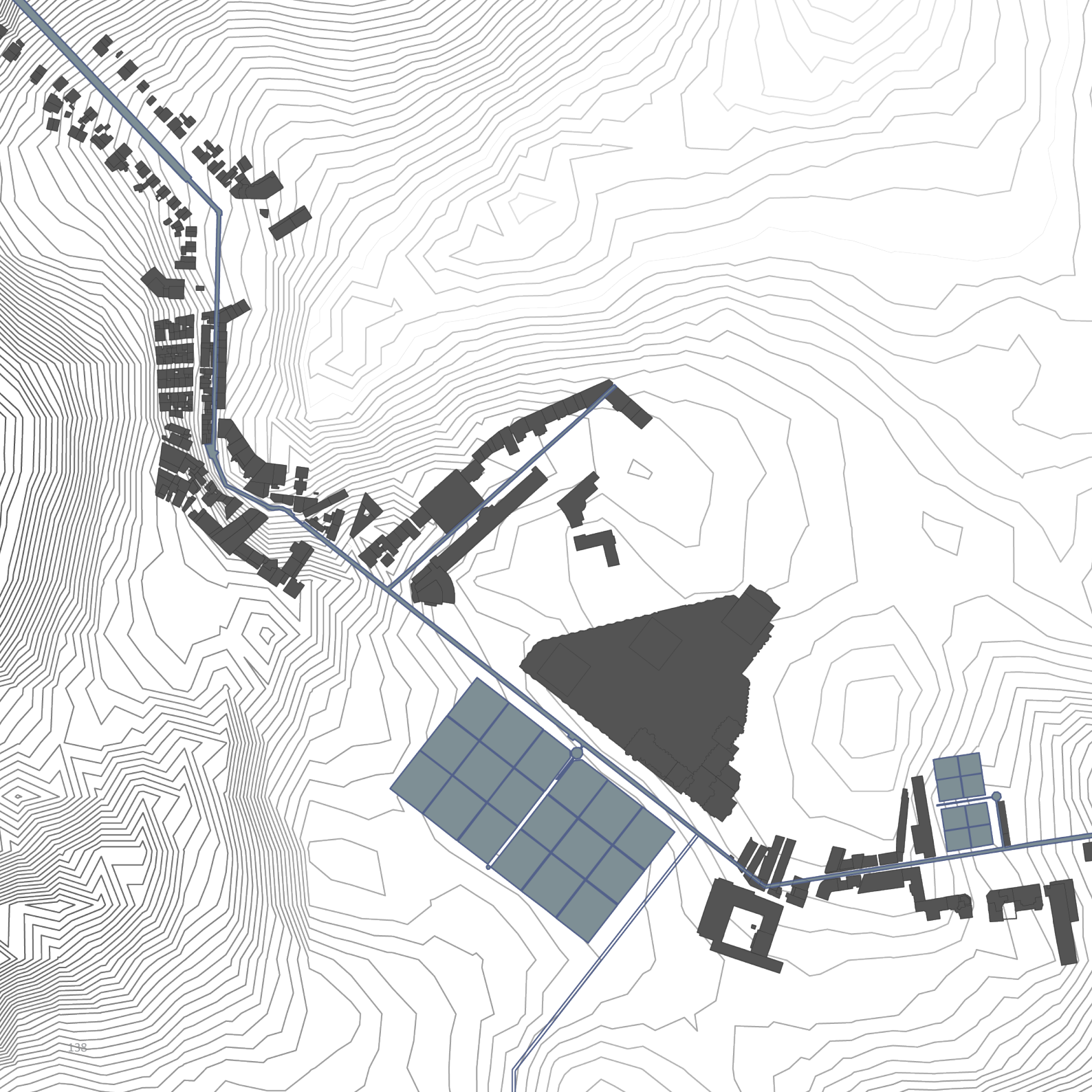
Construção do edifício sede da Philips no cruzamento entre a Rua das Amoreiras e a Avenida Duarte Pacheco em 1968. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML.

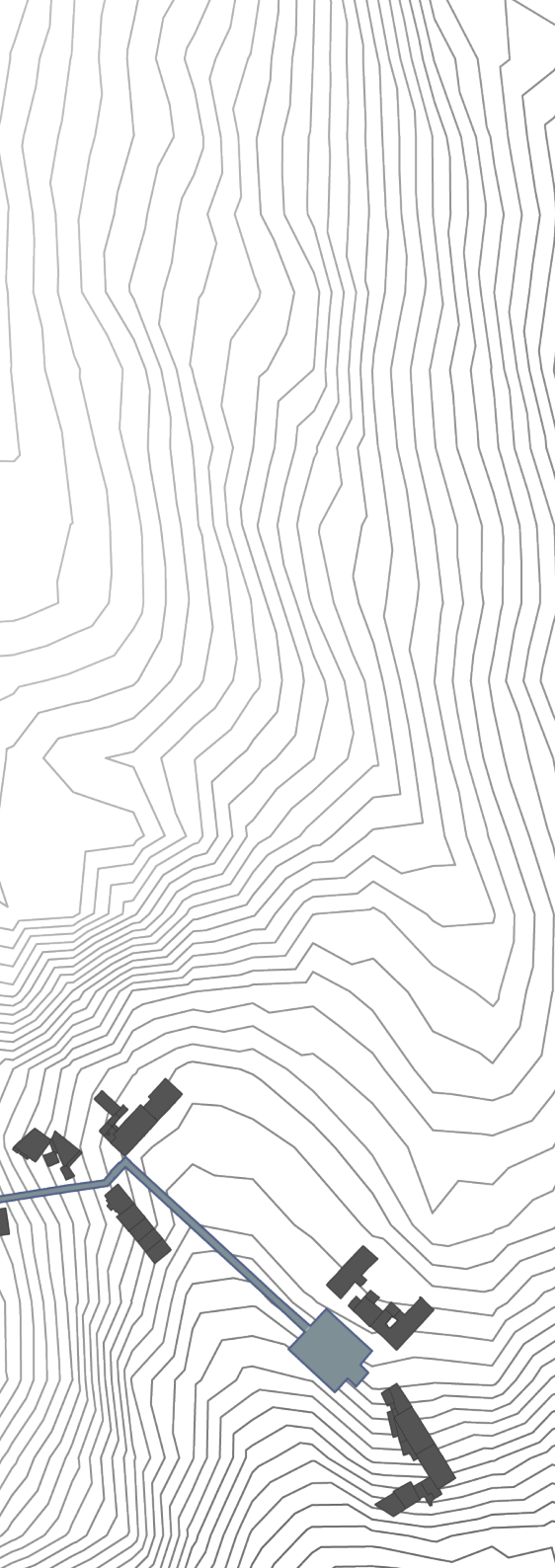
Construção da Torres da Amoreiras em 1986. Fonte: http://www.alvesribeiro.pt/portfolio/amoreiras-apartamentos/16.

Construção da Torres da Amoreiras em 1986. Fonte: http://
www.alvesribeiro.pt/portfolio/torres-das-amoreiras/11.

- Malha até ao início do séc. XX
- Malha atual das ruas principais

Planta da evolução das malhas.
Esc. 1:5000



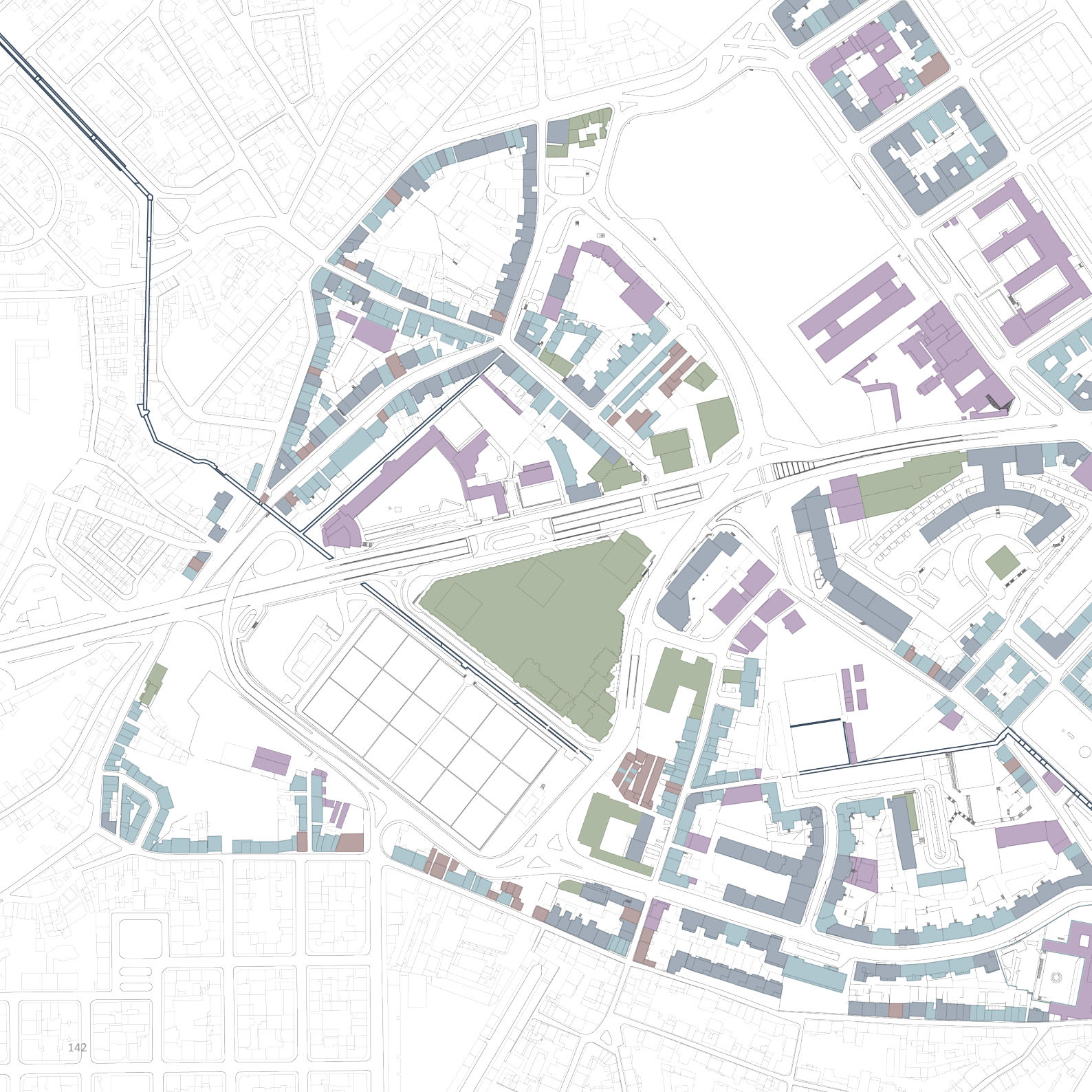


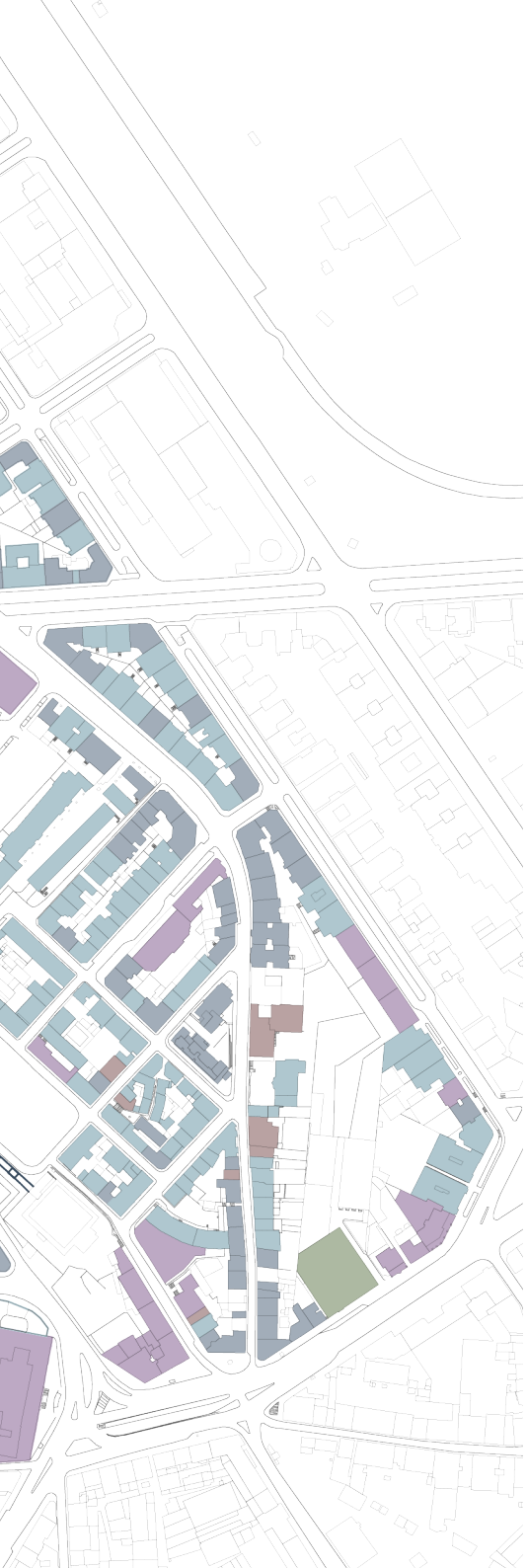
Planta da localização do percurso do
Aqueduto das Águas Lives e principais pontes
de confluência.
Esc. 1:5000

07
08
02
140

1- Pátio Alto de São Francisco
2- Pátio Bagatela
3- (sem nome)
4- Vila Reis
5- Vila Sérgio
6- Vila Raúl
7- Vila Romão da Silva
8- Pátio Fernandes
9- (sem nome)
10- Pátio Sedas
11- Pátio Fogueteiro
12- Vila Lino
13- (sem nome)
14- Pátio Mendonça

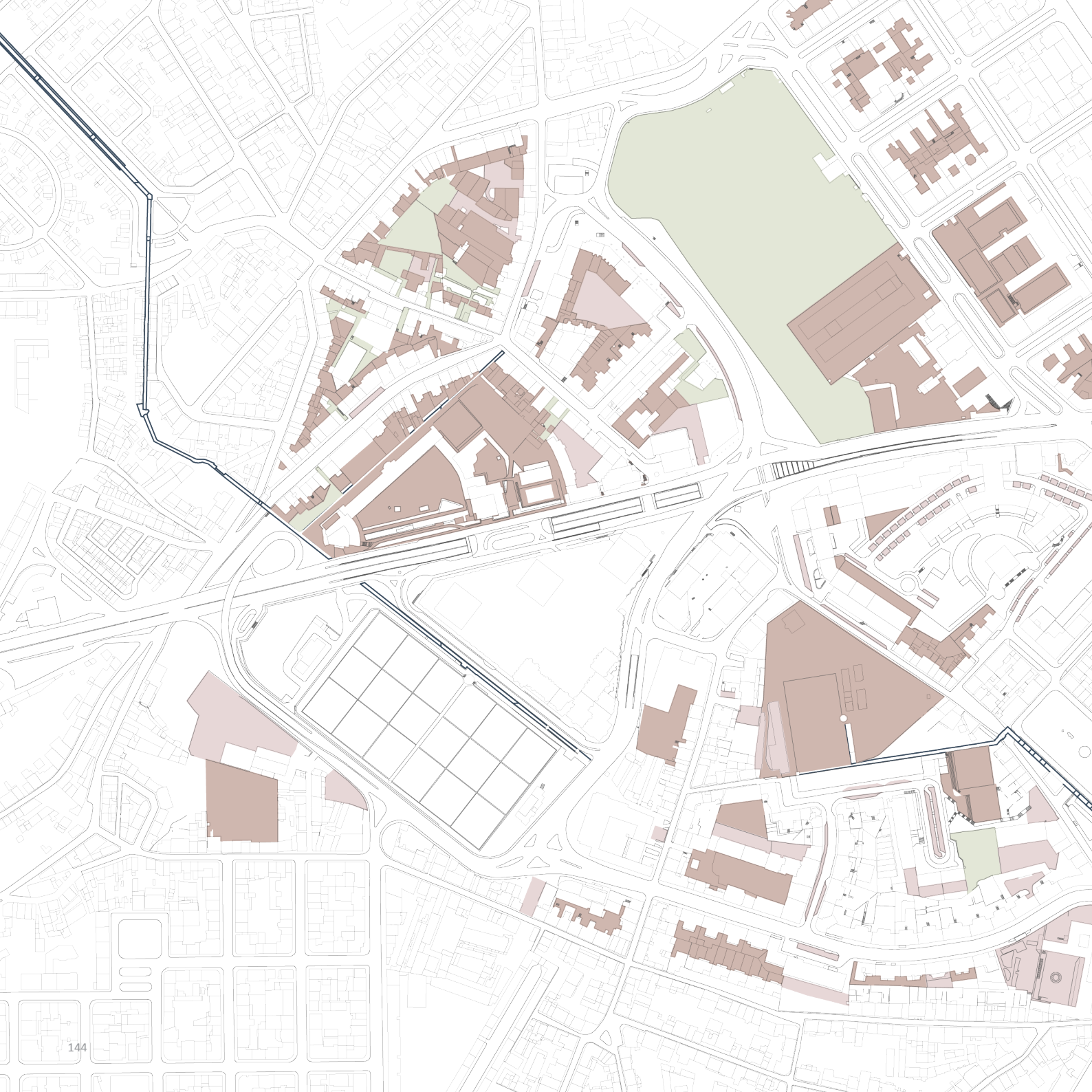
Planta de localização das vilas
e pátios operários.
Esc. 1:5000

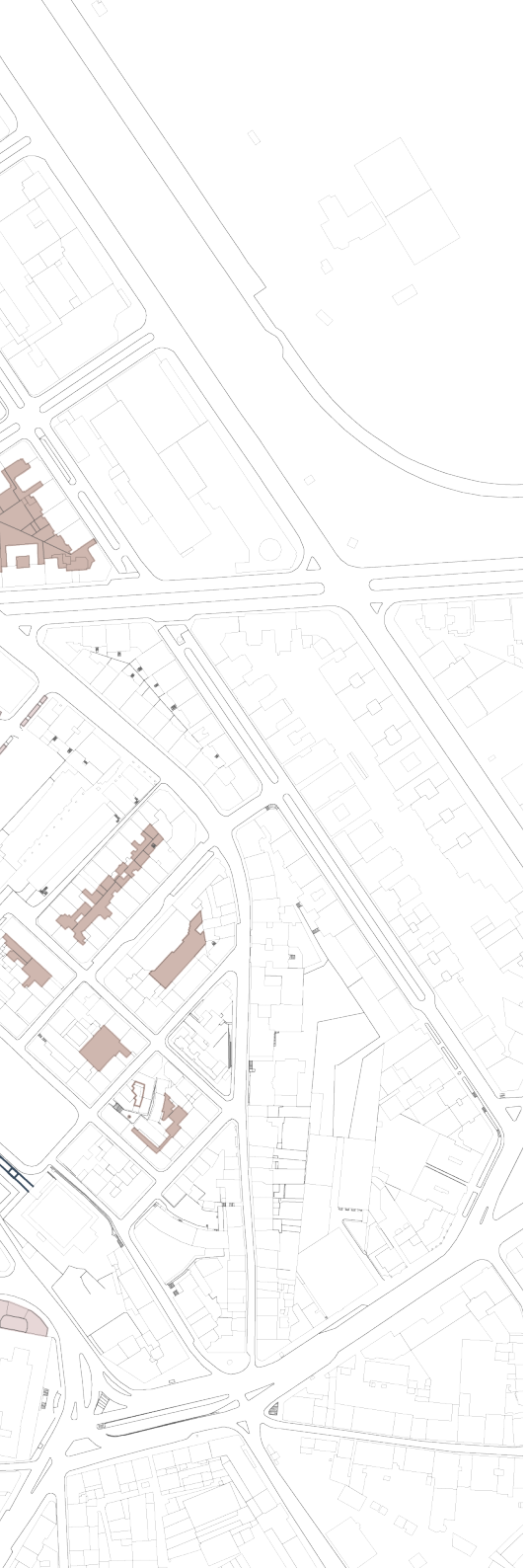




- Comércio
- Serviços
- Habitação
- Habitação e comércio
- Devoutos

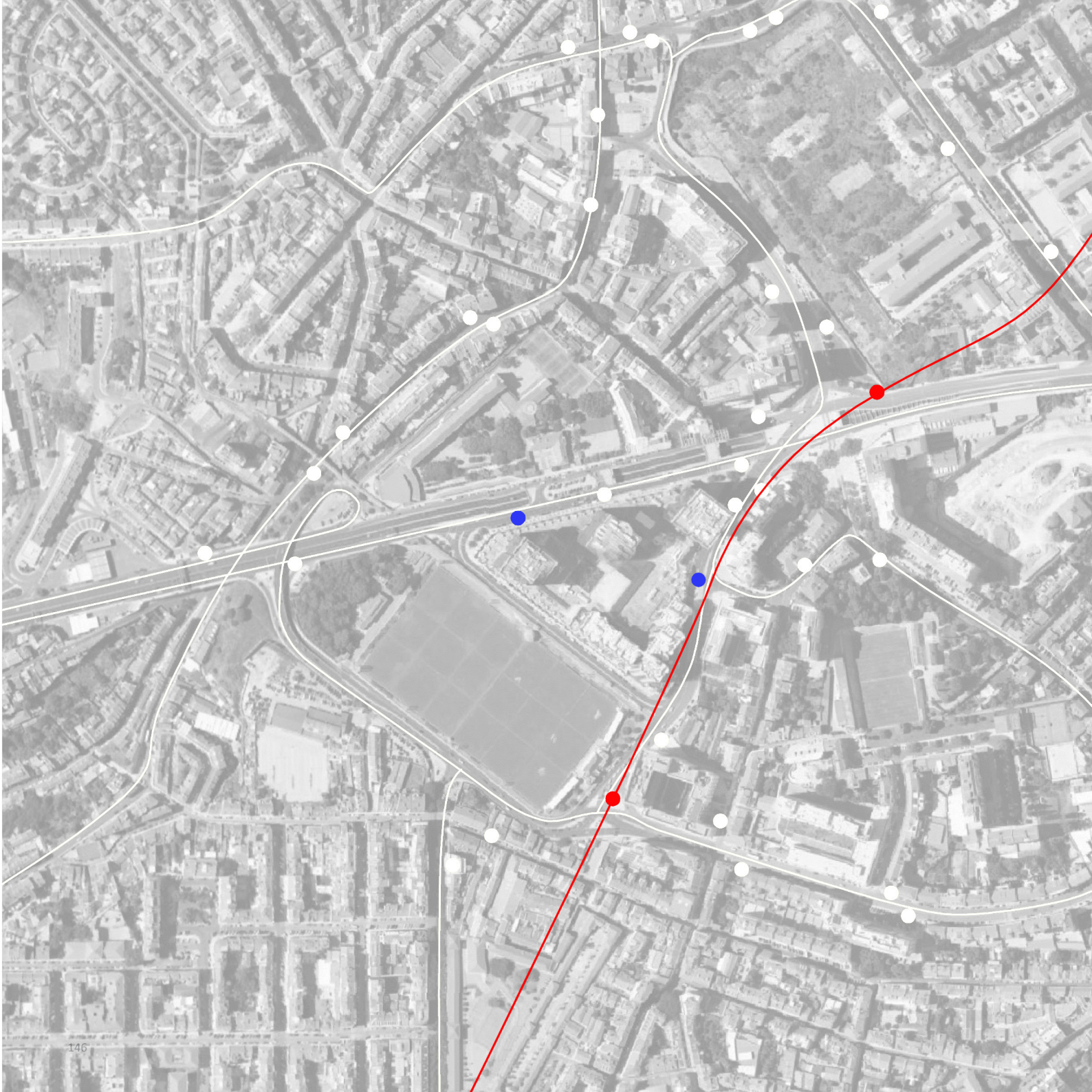
Planta do uso dos edifícios.
Esc. 1:5000





Espaços expectantes
Estacionamento
Espaço privado

Planta de classificação dos espaços interiores dos quarteirões.
Esc. 1:5000



- Linha de metro em estudo
- Carris
- Taxis

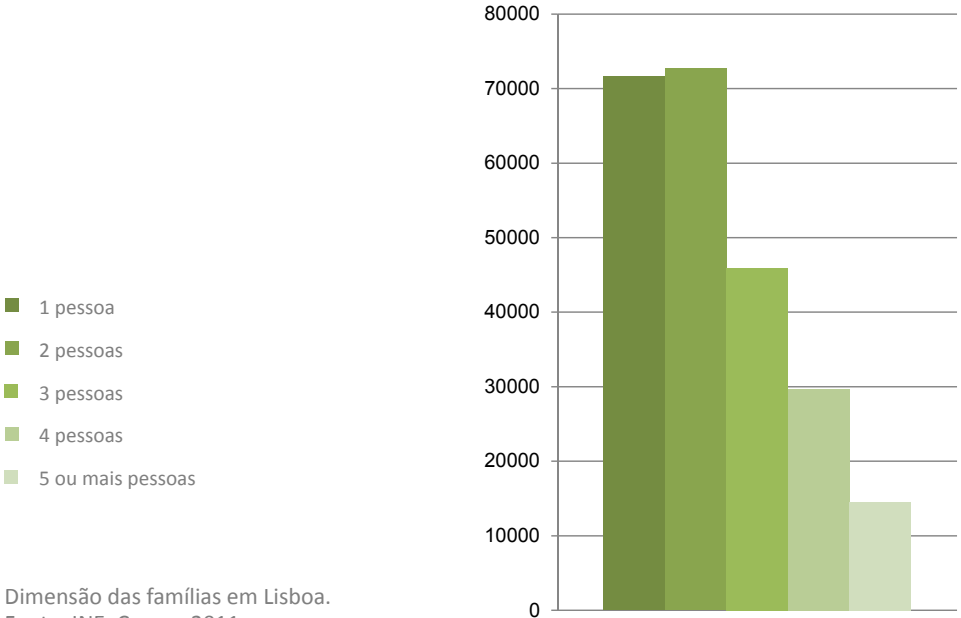
Planta de transportes públicos.
Esc. 1:5000

Sociedade

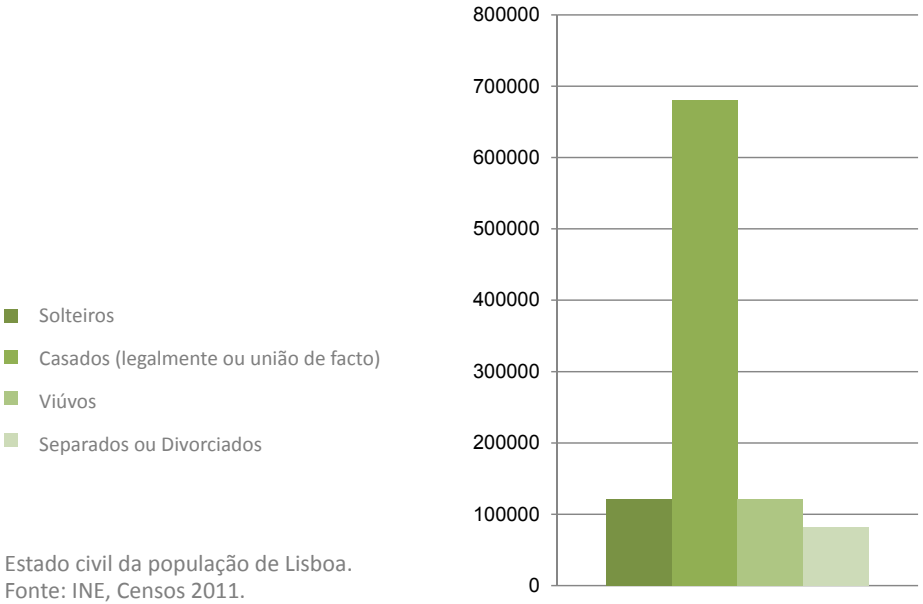
As projeções estatísticas apresentam uma baixa renovação populacional, conduzindo-nos a uma sociedade cada vez mais envelhecida e monoresidencial. Segundo os dados, desde o ano 2001 até ao ano 2011 verificou-se uma diminuição da população jovem e consequentemente o aumento das faixas etárias superiores a 65 anos, comportamento transversal a todo o território nacional. No que diz respeito à composição populacional lisboeta, esta tem hoje o número mais baixo de residentes desde 1950: 23% da população tem idade inferior ou igual a 24 anos, 53% da população tem entre 25 e 64 anos, e finalmente 24%, ou seja um peso percentual ligeiramente superior ao peso da população jovem, é composto por pessoas com idade igual ou superior a 65 anos (INE, Censos 2011).

No que diz respeito à estrutura familiar, os dados apontam para a presença de 2,2 pessoas por família em 2011, quando em 2001 a mesmo estudo apontava para a presença de 2,6 pessoas como dimensão média familiar (INE). São os casais sem filhos e acima de tudo as pessoas sós que predominam na capital, compondo deste modo uma estrutura mais individualizada: "(…) mais de um terço dos residentes (35%) vivem sós – a grande maioria são idosos com mais de 70 anos" (Expresso, 2013: 26).

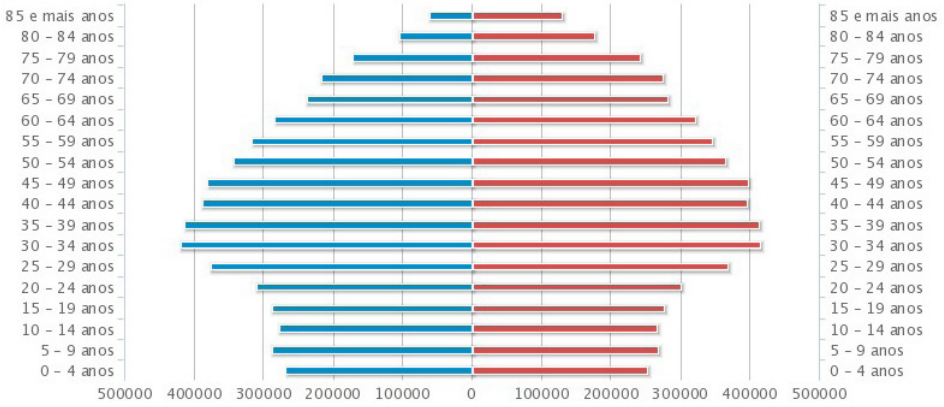
Prevê-se que a realidade social daqui a 20 anos seja uma continuação da realidade atual, com uma forte presença de pessoas monoresidenciais com idade entre os 50 e os 59 anos. É precisamente por via desta projeção que os nossos projetos de grupo e individuais se fundamentam. Tendo como pressuposto esta previsão estatística, concebemos projetos que desejem/reinterpretem um modo de habitar complementar à tendência social.



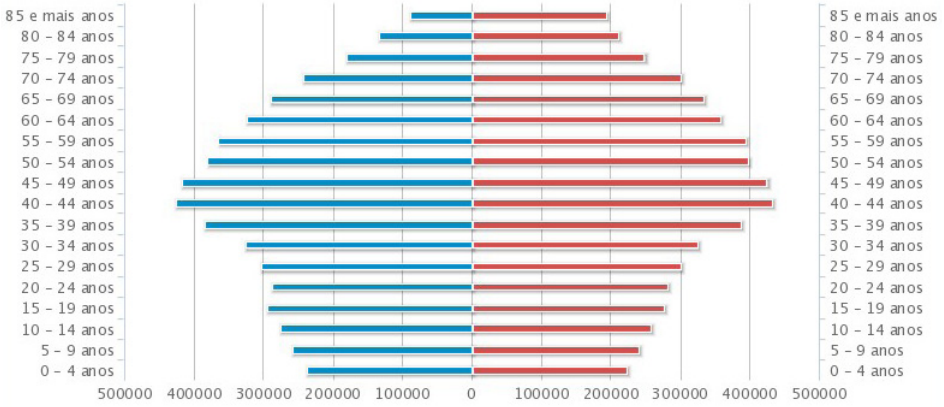
Dimensão das famílias em Lisboa.
Fonte: INE, Censos 2011.



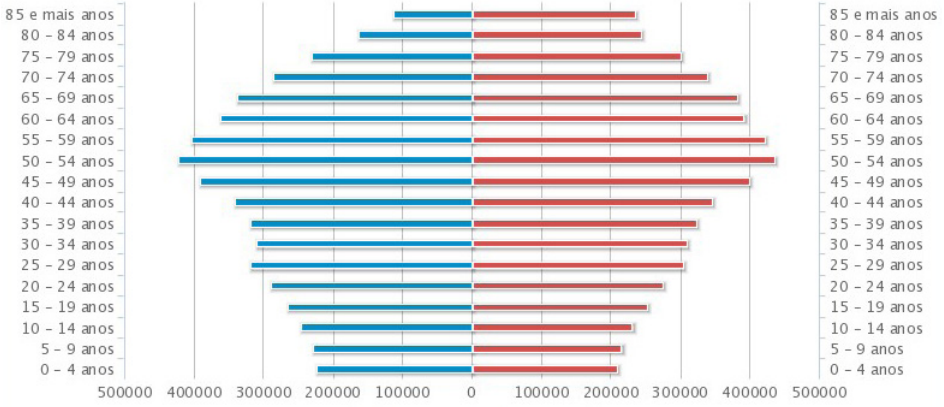
Estado civil da população de Lisboa.
Fonte: INE, Censos 2011.



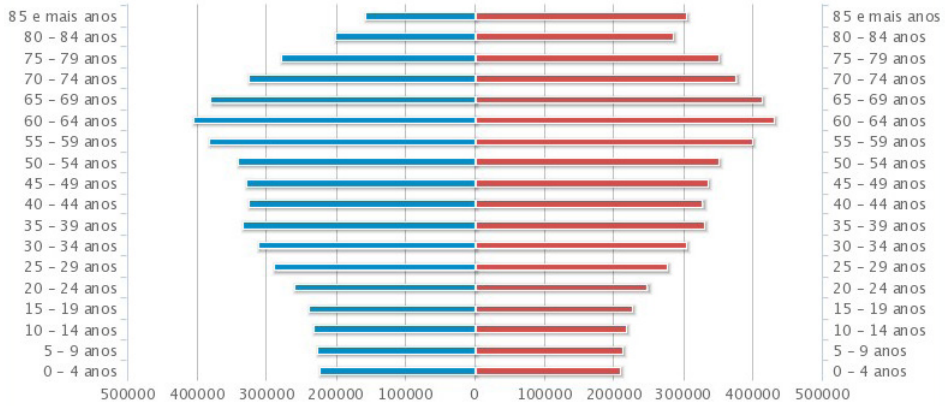
População de Portugal em 2010 (INE).



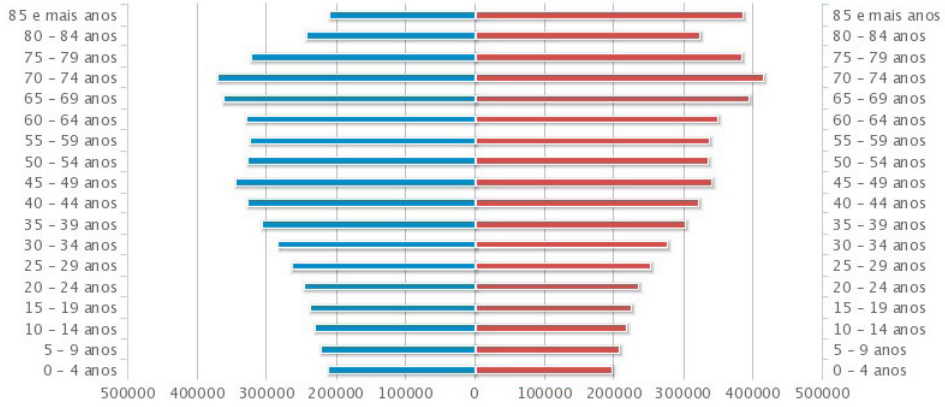
População de Portugal em 2020 (INE).



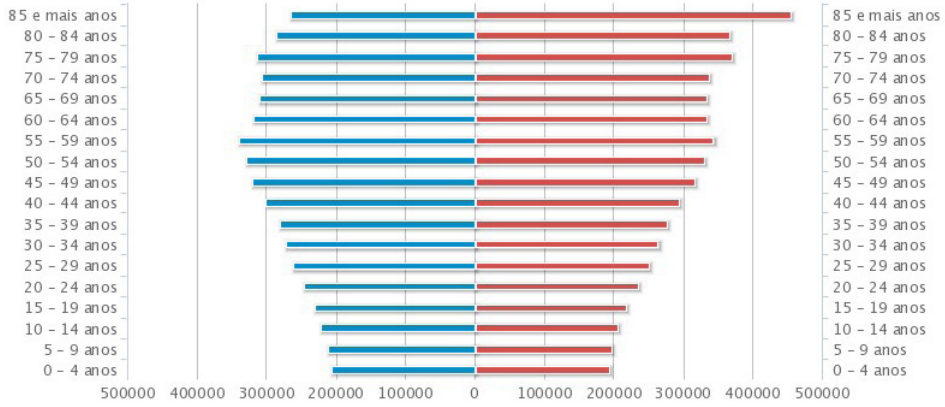
População de Portugal em 2030 (INE).



População de Portugal em 2040 (INE).



População de Portugal em 2050 (INE).



População de Portugal em 2060 (INE).

Manifesto da informação

> "Porque foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que vendo não vêem."
>
> in José Saramago, "Ensaio sobre a Cegueira", p.310

Ao longo da história o homem tem criado meios e ferramentas para comunicar, se por um lado as suas criações lhe concedem um melhor modo de vida, são precisamente estas que o fazem esquecer das relações sociais e pessoais que o levou à presente sociedade informatizada. Assim, é comum nos dias de hoje falar-se da Era Digital ou da Sociedade da Informação, termos que predominam num mundo desejado como globalizado e interligado em redes, onde o desenvolvimento tecnológico é quase autónomo do homem, o seu criador, e que este se tornou incapaz de o acompanhar e controlar. Este novo modelo de organização da sociedade contemporânea assenta num modo de desenvolvimento social e económico onde a informação, como meio de criação de conhecimento, desempenha um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida dos cidadãos. Porém na nossa ânsia para alcançar o progresso tecnológico, não levámos em conta as suas implicações de desigualdade social e individual.

Estes foram alguns dos aspetos que nos levou a perceber a necessidade de refletirmos sobre o uso de tecnologias sem uma adequação à realidade particular de cada um, a visão de que o desenvolvimento tecnológico nos levou diretamente ao desenvolvimento social e progressivamente vinculado ao desenvolvimento humano, impediu-nos de considerar quaisquer desvios que ocorram. Como defendeu Saramago, cegámo-nos às diversas implicações negativas desse processo de desenvolvimento passando a perceber apenas o que de positivo prometem hoje em prol do nosso comodismo.

Jacques Tati, "Playtime", 1967.

A nossa posição não se trata de ver a tecnologia como negativa e de prescindir da mesma, mas discutir a validade de a tomarmos como absoluta. Entendemos que o foco do problema não está na insensibilidade do progresso tecnológico, mas sim na incapacidade do homem se consciencializar que está a deixar-se influenciar por um conhecimento virtual e portanto exterior a si. Parece que os espaços virtuais são vistos como inevitáveis e confunde-se a sua utilidade como o único meio de comunicação.

Tomamos o partido da compreensão da informação, do senso comum criticado, das conexões e os espaços físico ao invés do excessivo acesso a meios de comunicação que em algumas circunstâncias se torna desnecessário, capaz de promover a perda de sentido de comunidade e partilha. Num ponto de vista sustentável, partilhar um local de trabalho e meios de transporte é de alguma forma uma economia de energia e um meio de criar uma coletividade e promover a entreajuda.

Propomos consciencializar as pessoas a verem além do óbvio e do que parece absoluto, para se questionarem sobre o que vêm. Queremos virar a metrópole do avesso, mostrar as suas costuras, promover a construção de espacialidades que sejam palco para as pessoas se encontrarem, reabilitar os espaços testemunhos da nossa evolução cultural e que muitas vezes são ignorados e considerados obsoletos aos olhos dos investidores, cozeremos esses espaços como espaço urbano comunitário, onde a coletividade urbana como operação cirúrgica na morfologia da urbe é potenciada, valorizando o passeio pela cultura, a vivência da história e a reflexão pelo espaço.

Diagrama do conceito

acessibilidade e facilidade de circulação

comunitário

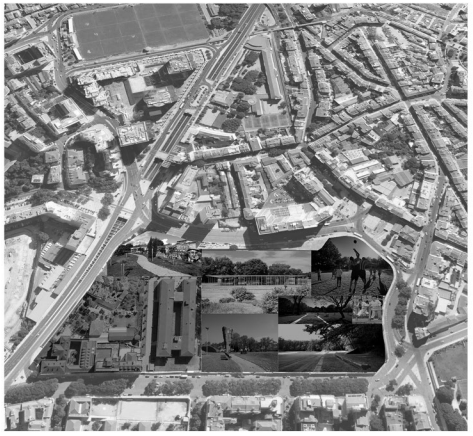
apoio e habitação comunitária

COLECTIVIDADE URBANA

conexão

colaboração

comunicação



mobilidade e partilha de transportes

espaços exteriores colectivos e multifuncionais

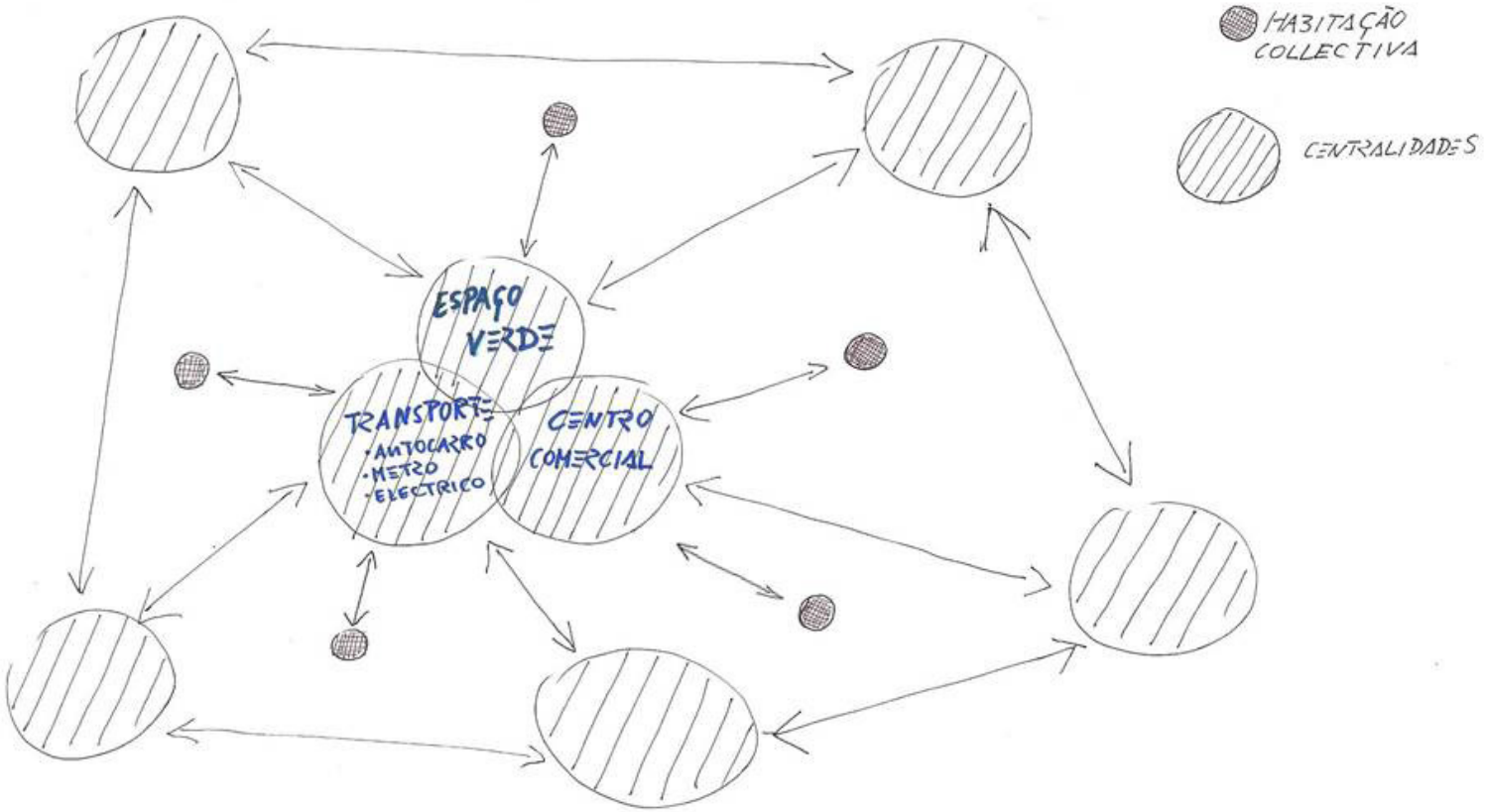
Modelo Risomático

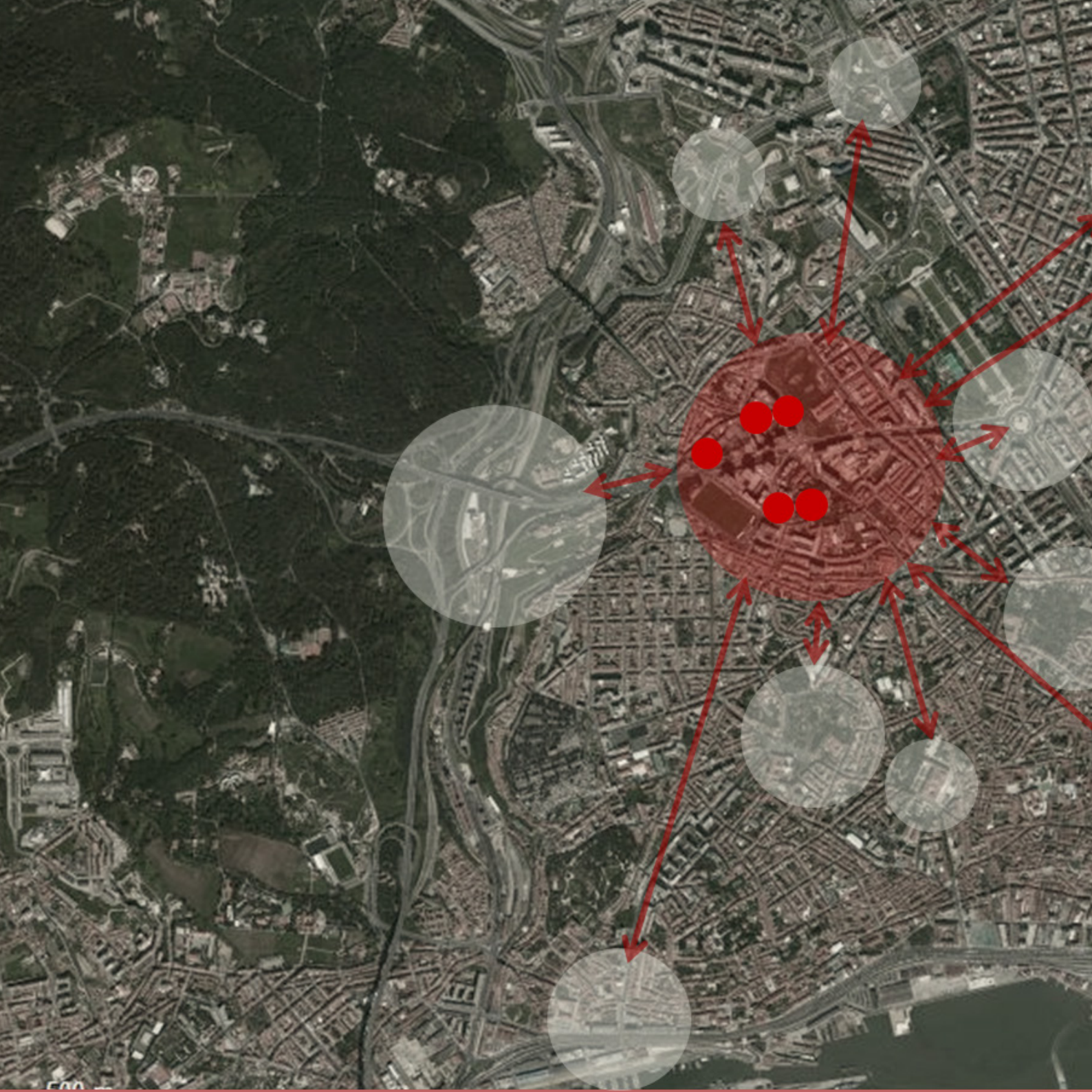
Como explicámos no subcapítulo da análise do lugar, a construção do sistema urbano da colina das Amoreiras até ao início do século XX desenvolveu-se agregada às plataformas de transporte público e aos movimentos pedonais. Foi em 1944, ano da construção da Avenida Duarte Pacheco, que esta zona começou a preponderar uma nova dinâmica de desenvolvimento urbano cada vez mais global e autónomo.

Assumido como um local transitório para quem pretende ir para o centro da cidade, a colina das Amoreiras assume-se atualmente como uma das principais "portas da cidade" e centro empresarial, característica que é desenvolvida neste trabalho como local estratégico na resolução do problema de mobilidade em Lisboa. Usufruindo da sua centralidade, a nossa intervenção urbana pretende redefinir e melhorar os acessos automóveis e pedonais existentes, incentivar e introduzir hábitos de mobilidade alternativos, entre eles a partilha de carros e bicicletas elétricas, devidamente suportados por ciclovias, e ainda a construção de uma estação de metro na zona.

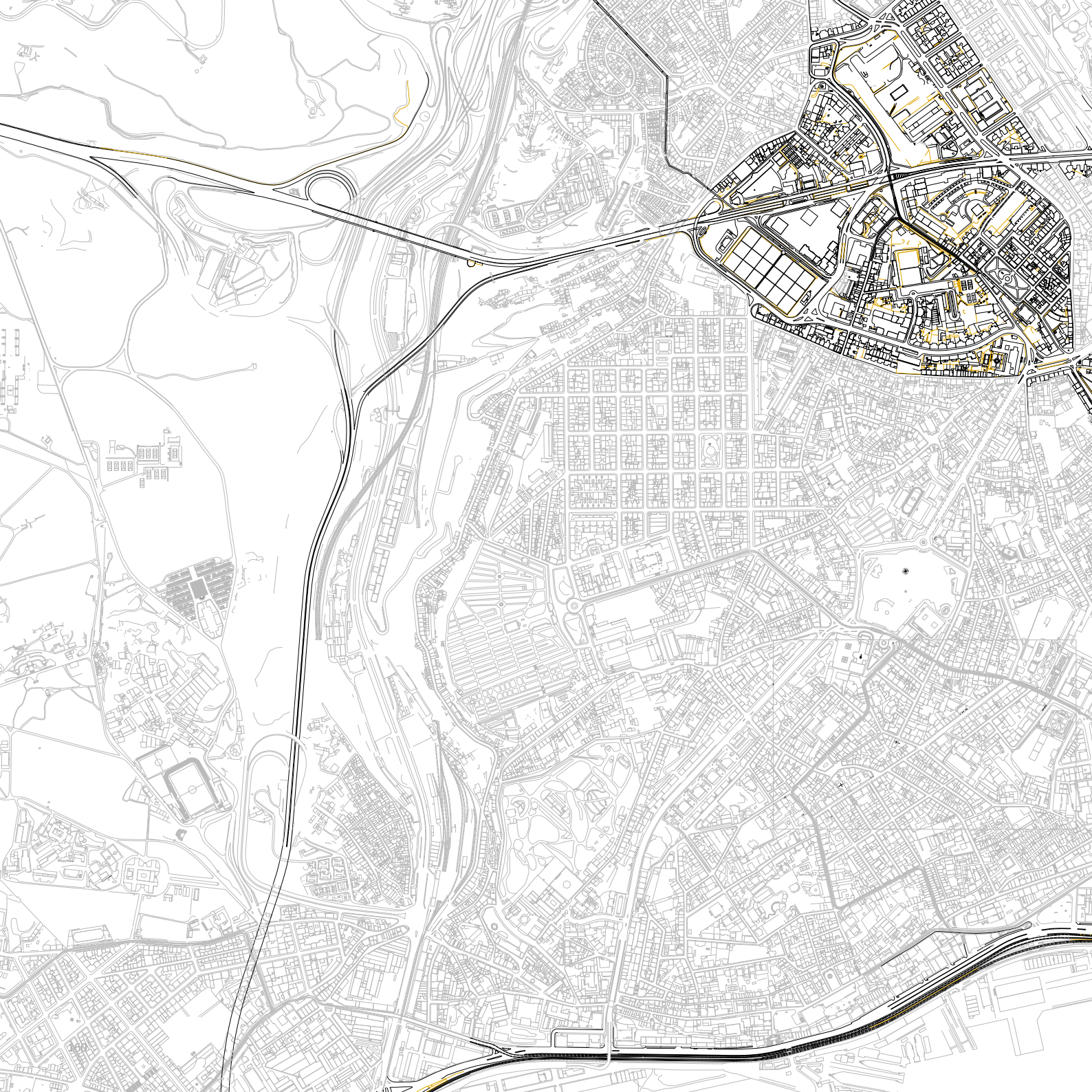
A nossa intervenção pretende privilegiar a mobilidade partilhada e reduzir a importância do transporte automóvel privado. A ideia é que as pessoas deixem o carro particular nesta zona e a partir deste ponto, encontrem condições para se movimentarem num meio de transporte alternativo pelo resto da cidade. Modelo urbano cuja adaptação pode ser extensiva a outros pontos centralizadores e capazes de ramificar por áreas com acessos mais reduzidos (conceito urbano rizomático).

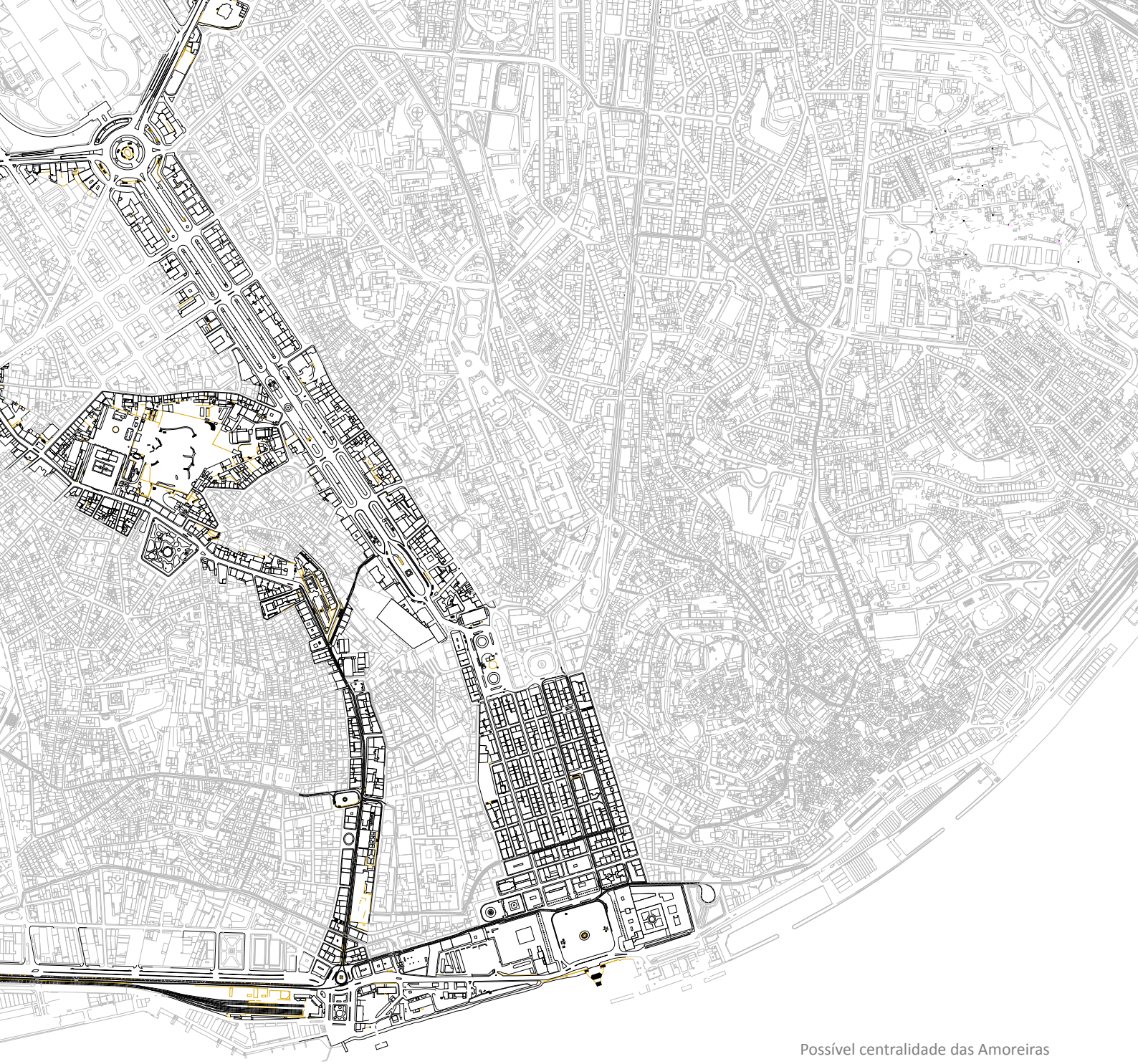
Fluxograma do modelo urbano


HABITAÇÃO COLLECTIVA
CENTRALIDADES
ESPAÇO VERDE
TRANSPORTES
· AUTOCARRO
· METRO
· ELECTRICO
CENTRO COMERCIAL

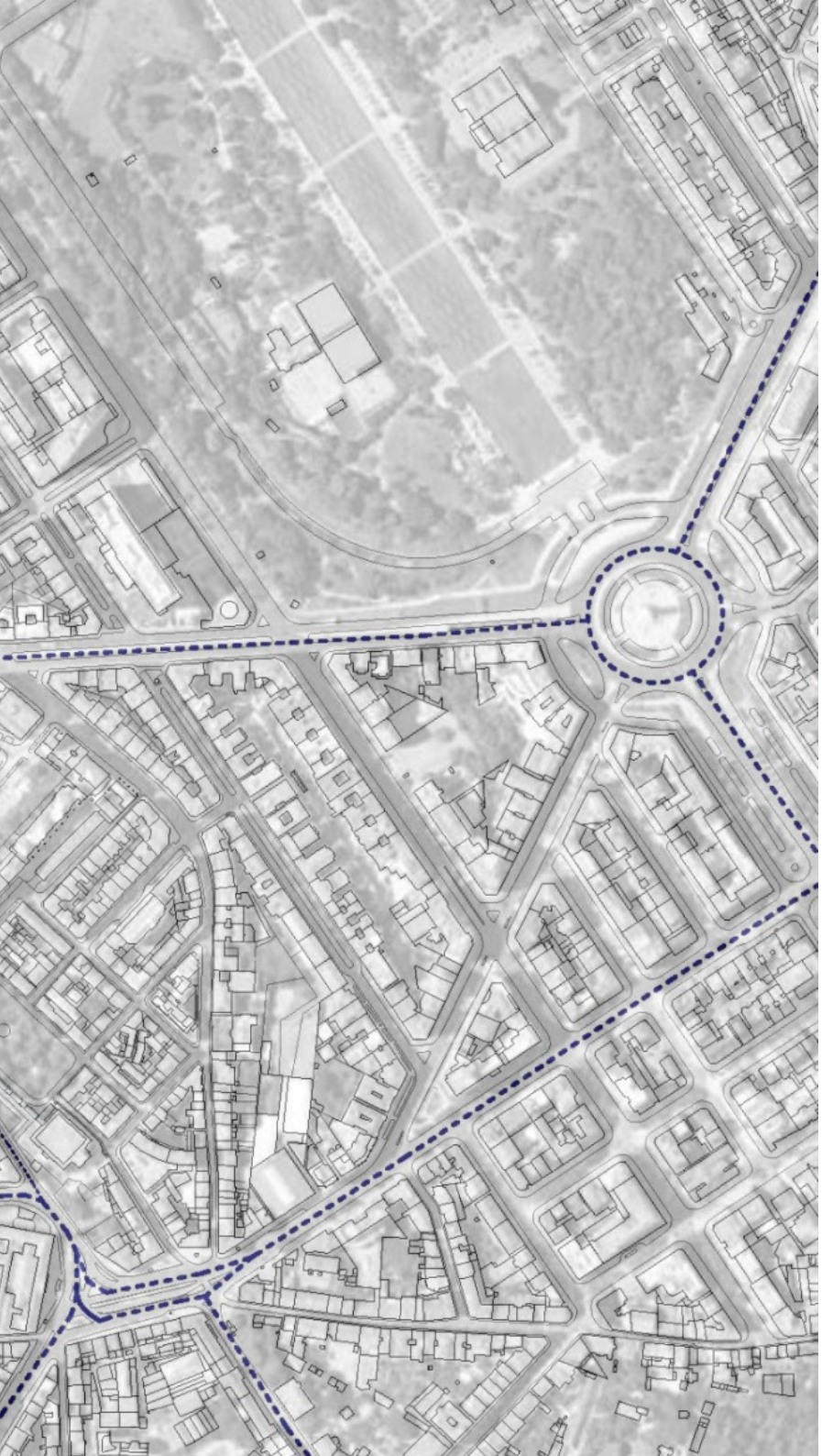


Fluxograma do modelo urbano sobre a ortofoto de Lisboa





Possível centralidade das Amoreiras



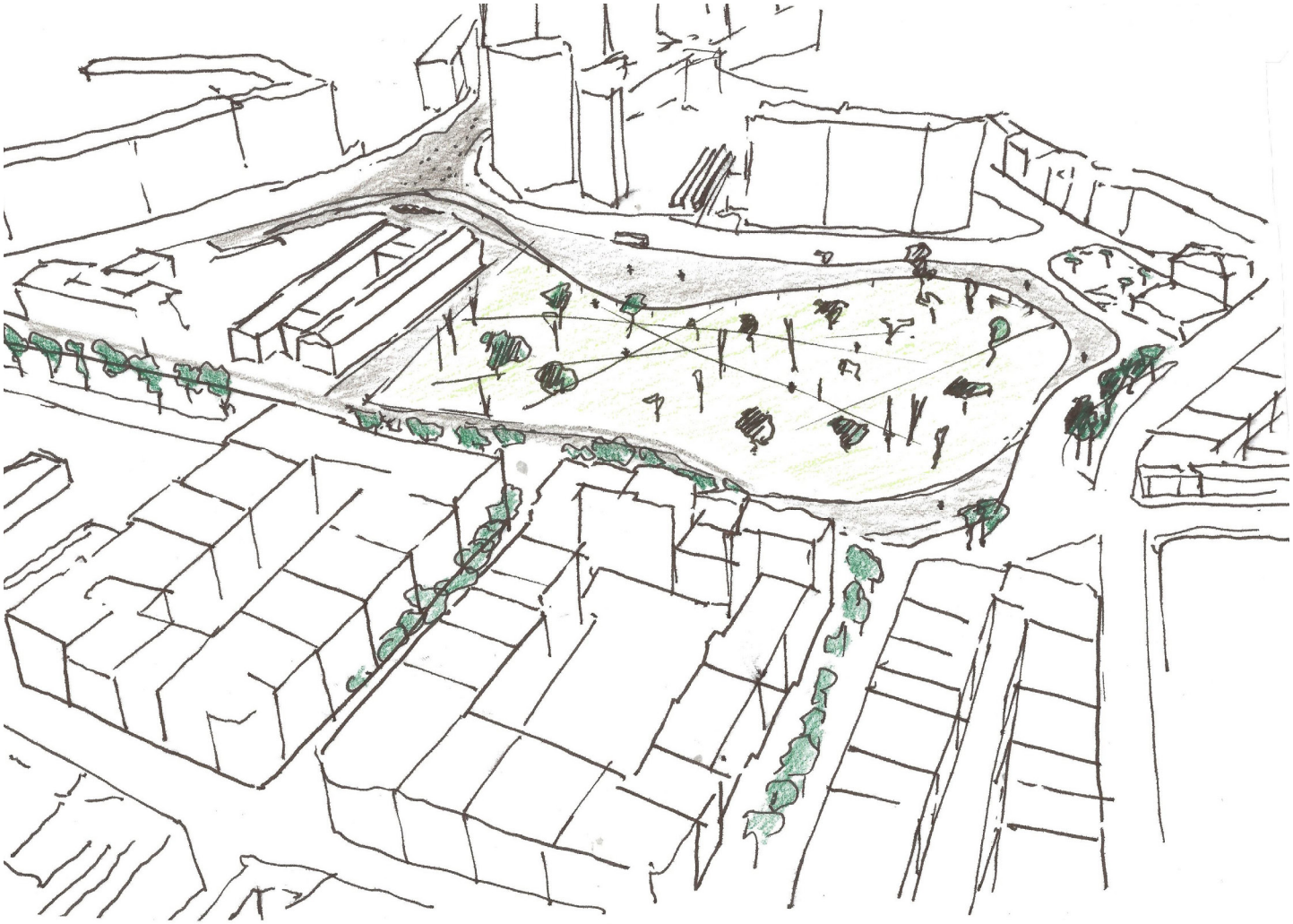
Modelo: ligação da micro-escala
com a macro-escala, nas Amoreiras

Reconversão Urbana

Localizado junto à Avenida Duarte Pacheco, um dos principais acessos da cidade e implantando numa antiga zona de quintas e habitação operária, as Torres das Amoreiras assumiram-se nos anos 80 como um marco fortíssimo no perfil de Lisboa. Encerrado sob si mesmo, o Complexo constituiu uma nova vida cívica que proliferou por outras zonas da cidade. Antagónico a este, o antigo quartel da Artilharia Um encontra-se circunscrito ao público por via de um muro, praticamente vazio de funções e carente de uma requalificação urbana capaz de oferecer novas atividades ao local e à sociedade contemporânea.

A nossa proposta pretende coser estas duas realidades: o cheio do quarteirão das Torres das Amoreiras e o vazio do quarteirão da Artilharia Um, uma intervenção sem quaisquer pretensões económicas. Começámos por trabalhar o quarteirão vazio onde estendemos uma enorme pala que acompanha a curva da Rua Conselheiro Fernando de Sousa, uma infraestrutura que num primeiro olhar pode ser entendida como um simples percurso elevado, mas que tem a intenção de salientar as potencialidades do local e é capaz de solucionar dois grandes problemas urbanos da zona: a oferta de espaços públicos verdes e a resolução do problema de mobilidade em Lisboa.

Esquisso da proposta urbana de reconversão da colina das Amoreiras



Entrada do antigo Quartel da
Artilharia Um, 1910
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa
- CML

Construção da Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, 196-
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML

Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, 196-
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML

Cruzamento da Avenida Conselheiro
Ferando de Sousa com a Avenida Duarte
Pacheco, 196-
Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa - CML

Levantamento fotográfico do tereno existente no quarteirão da Artilharia Um

Levantamento fotográfico do tereno existente no quarteirão da Artilharia Um

87-83-QT

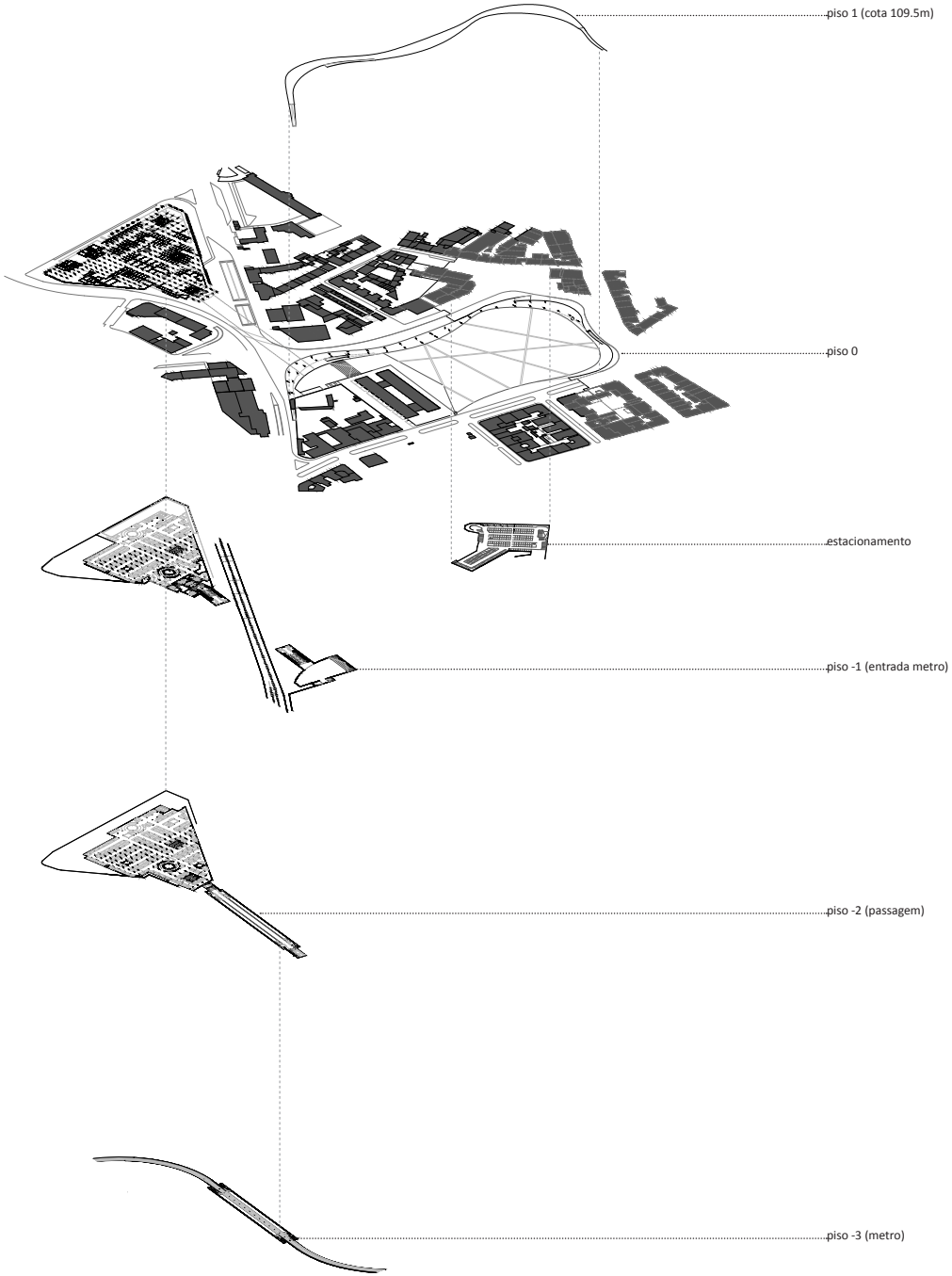
Levantamento fotográfico da Avenida Conselheiro Fernando de Sousa

OINC
17.01.82
MIGUEL
ANGELO
15.01.03

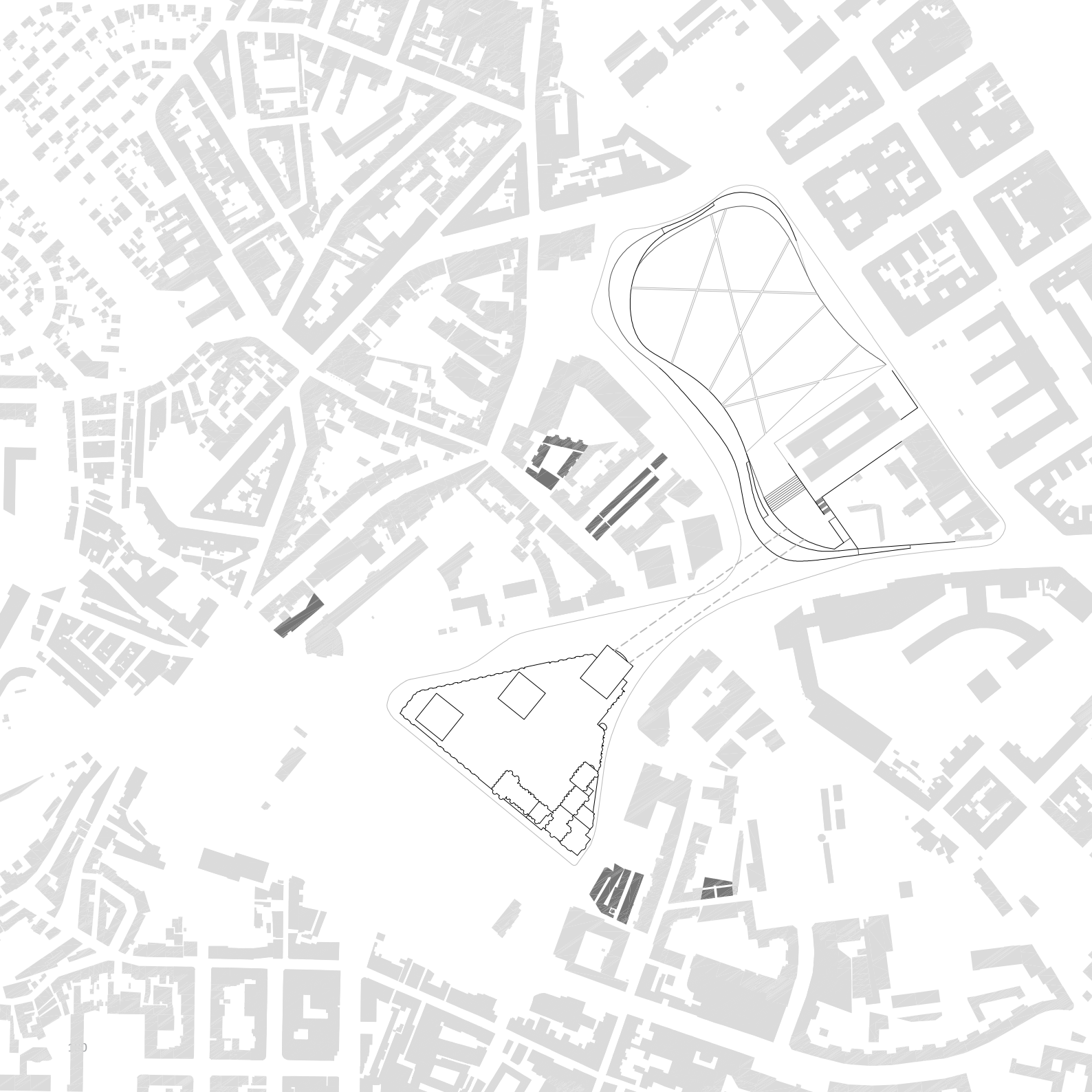
Levantamento fotográfico do muro existente que encerra o quarteirão da Artilharia Um

Uma pala sempre com a mesma cota eleva-se do terreno quando este assim o permite, esta torna-se um prolongamento do passeio existente, abrindo naturalmente um percurso alternativo, assim como espaços com diferentes configurações: uma vez acede-se a um parque de estacionamento existente onde é possível alugar uma bicicleta por um dia ou partilhar um carro, num outro momento qualifica-se um espaço para quem espera por um elétrico ou um autocarro, num outro espaço desenha-se um muro capaz de albergar diferentes expressões artísticas, o terreno desce e abre um anfiteatro que faz frente com a entrada do metro que também é passagem pública até ao Centro Comercial das Amoreiras. Espaços desenhados onde antes era um muro e por isso mesmo limite do que era público e privado. Dentro do quarteirão fizeram-se intervenções mínimas, após uma limpeza do terreno lançámos caminhos em terra compacta sugeridos pelo atravessamento espontâneo e manteve-se a massa arbórea. Na sua envolvente sugere-se uma reorganização do tráfego, abrindo uma praça entre a nossa proposta e o projecto de Tomás Taveira, dando-lhe deste modo uma frente desprendida da desenfreada passagem automóvel e pensada para o peão.

Pretende-se que este quarteirão seja entendido como uma nova centralidade e um prolongamento complementar ao programa das Torres das Amoreiras, mas desta vez caracterizador de um espaço aberto e flexível a cada um de nós, cuja ocupação não segue regras nem obrigações e onde o jogo da sombra e da luz, da topografia natural e o passadiço elevado são suficientemente definidores de programas e funções. A cidade carece disso mesmo, que os espaços expectantes ou esquecidos no tempo sejam de novo devolvidos à cidade e que se tornem nossos, capazes de albergar todas e quaisquer actividades colectivas e individuais.

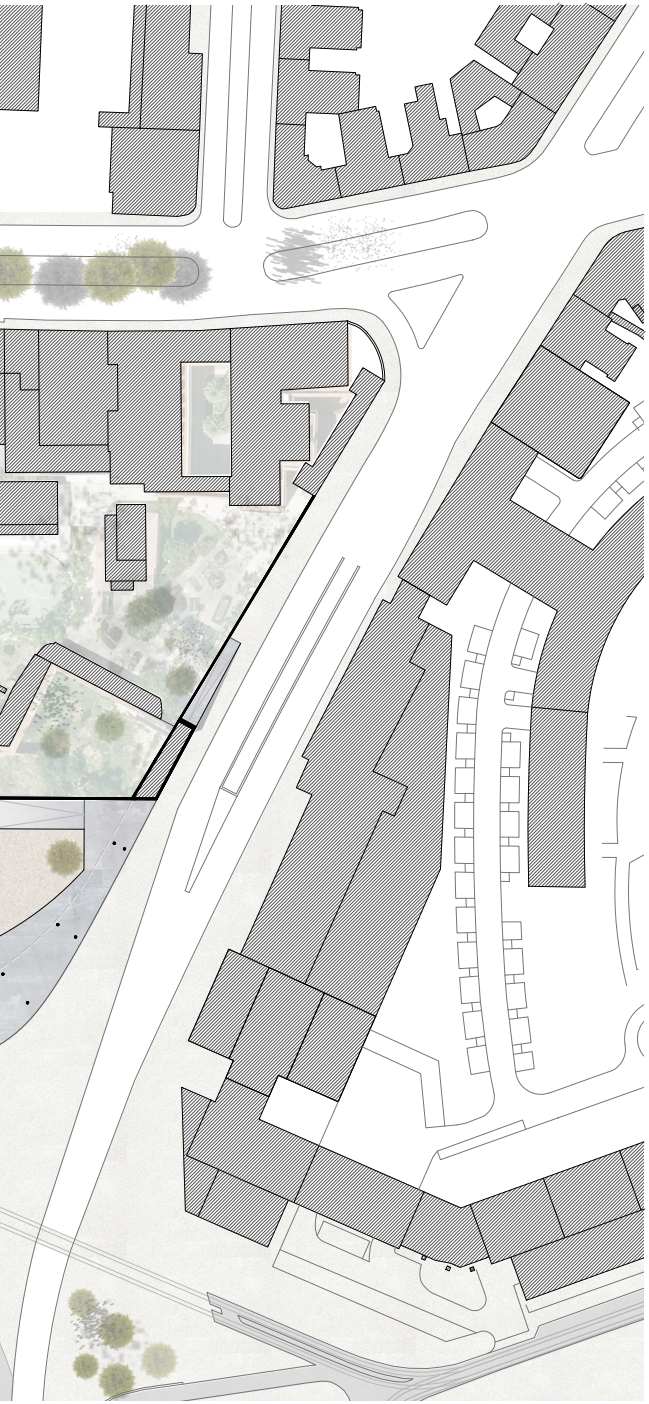

piso 1 (cota 109.5m)
piso 0
estacionamento
piso -1 (entrada metro)
piso -2 (passagem)
piso -3 (metro)

Axometria

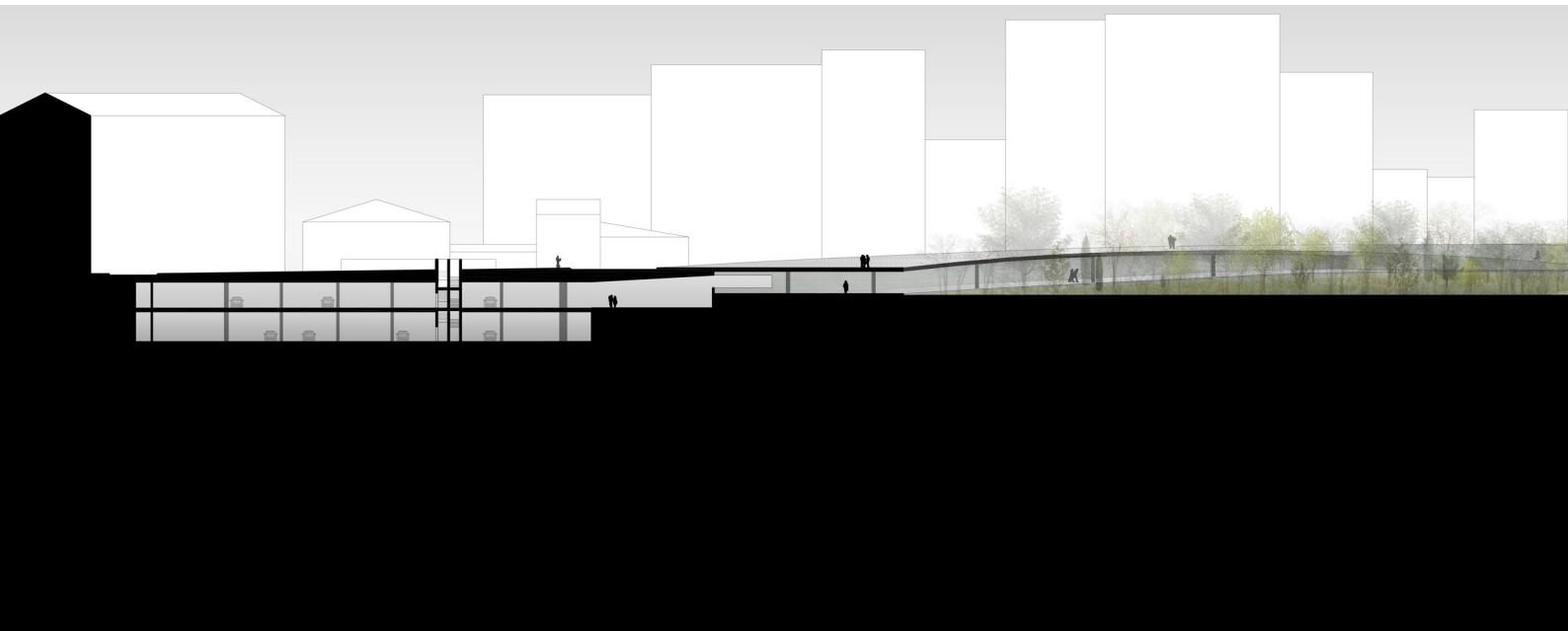


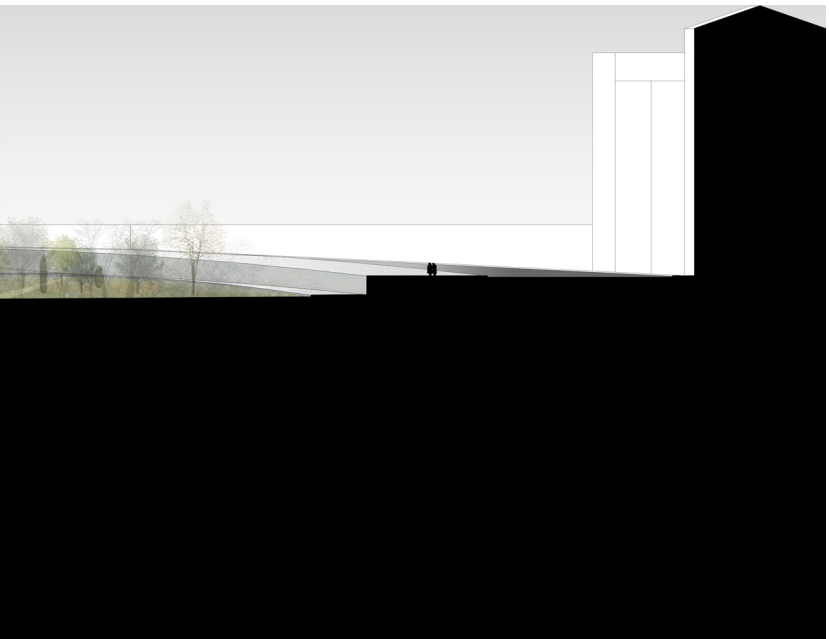
Planta de Implantação da Proposta Urbana para a Colina das Amoreiras
Escala 1.4000

Planta de Cobertura
Escala 1.2000

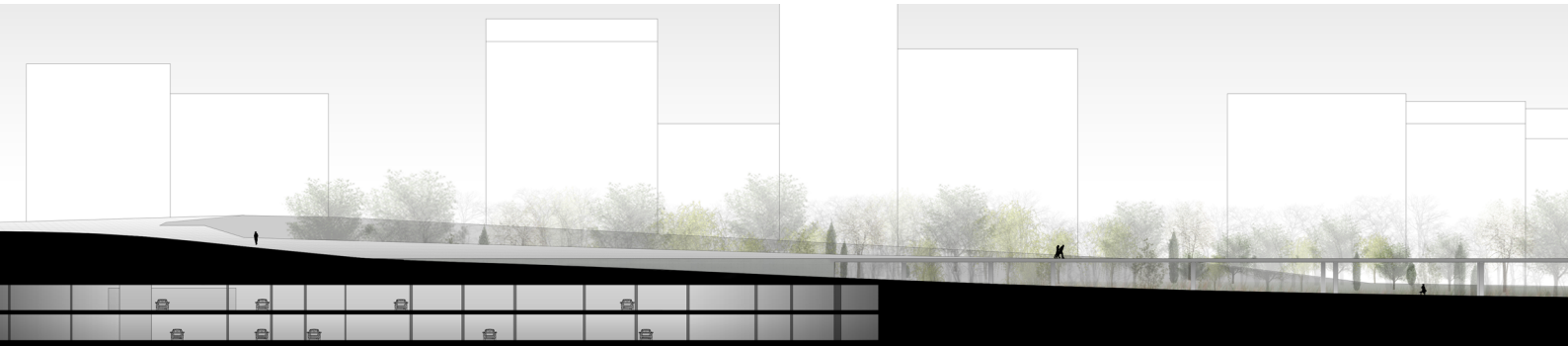


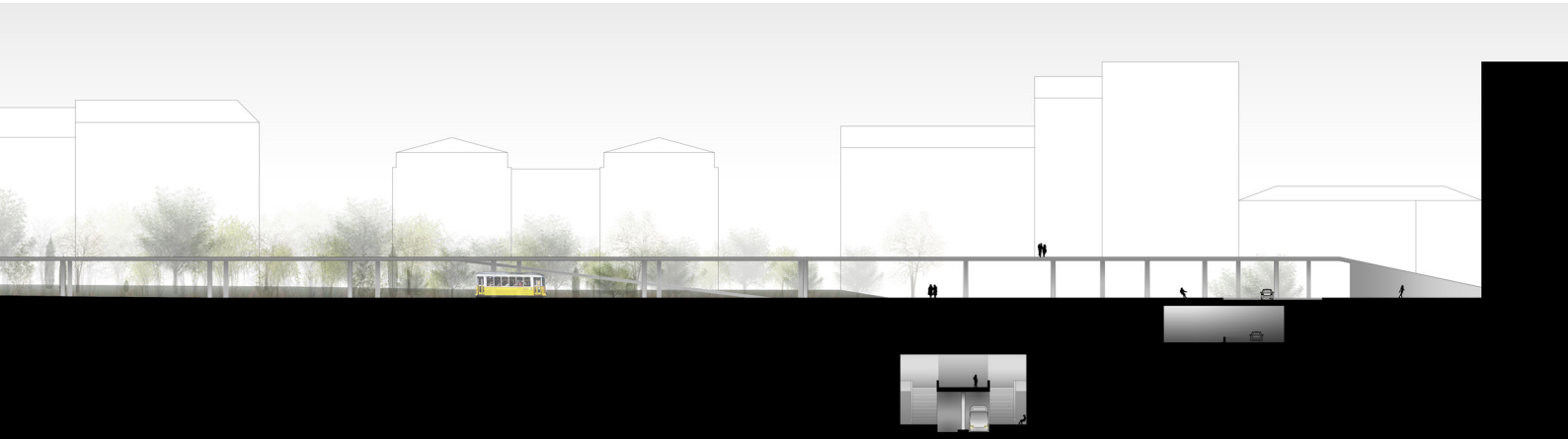
Planta Piso 0
Escala 1.2000



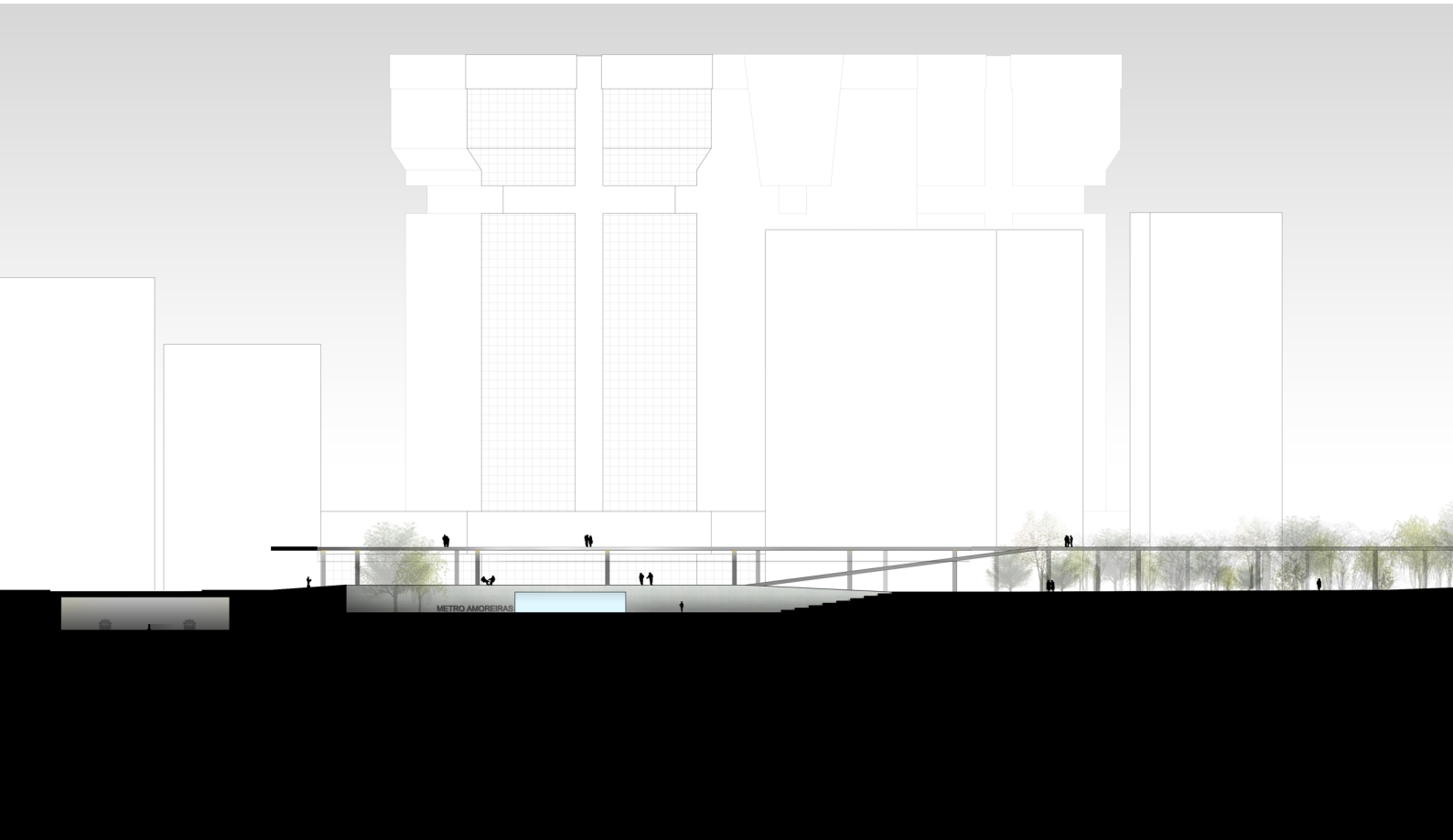


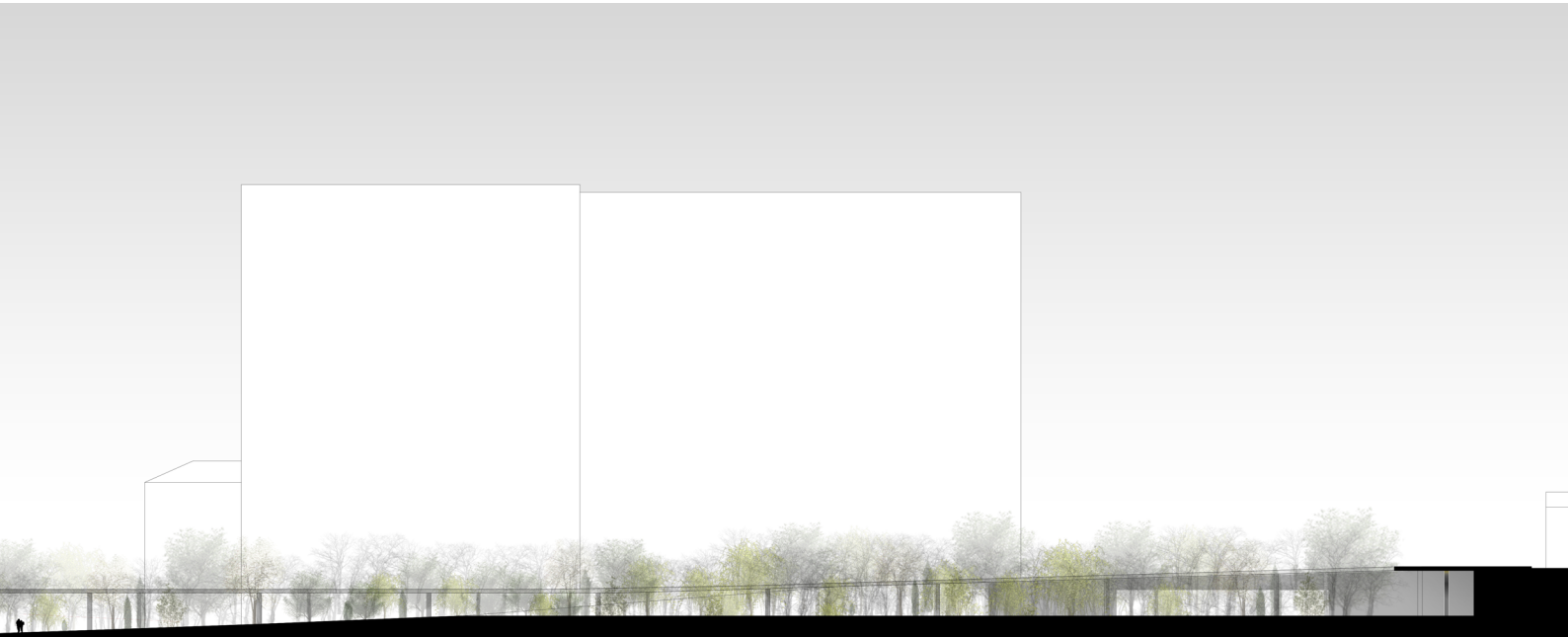
Corte Transversal
Escala 1.2000



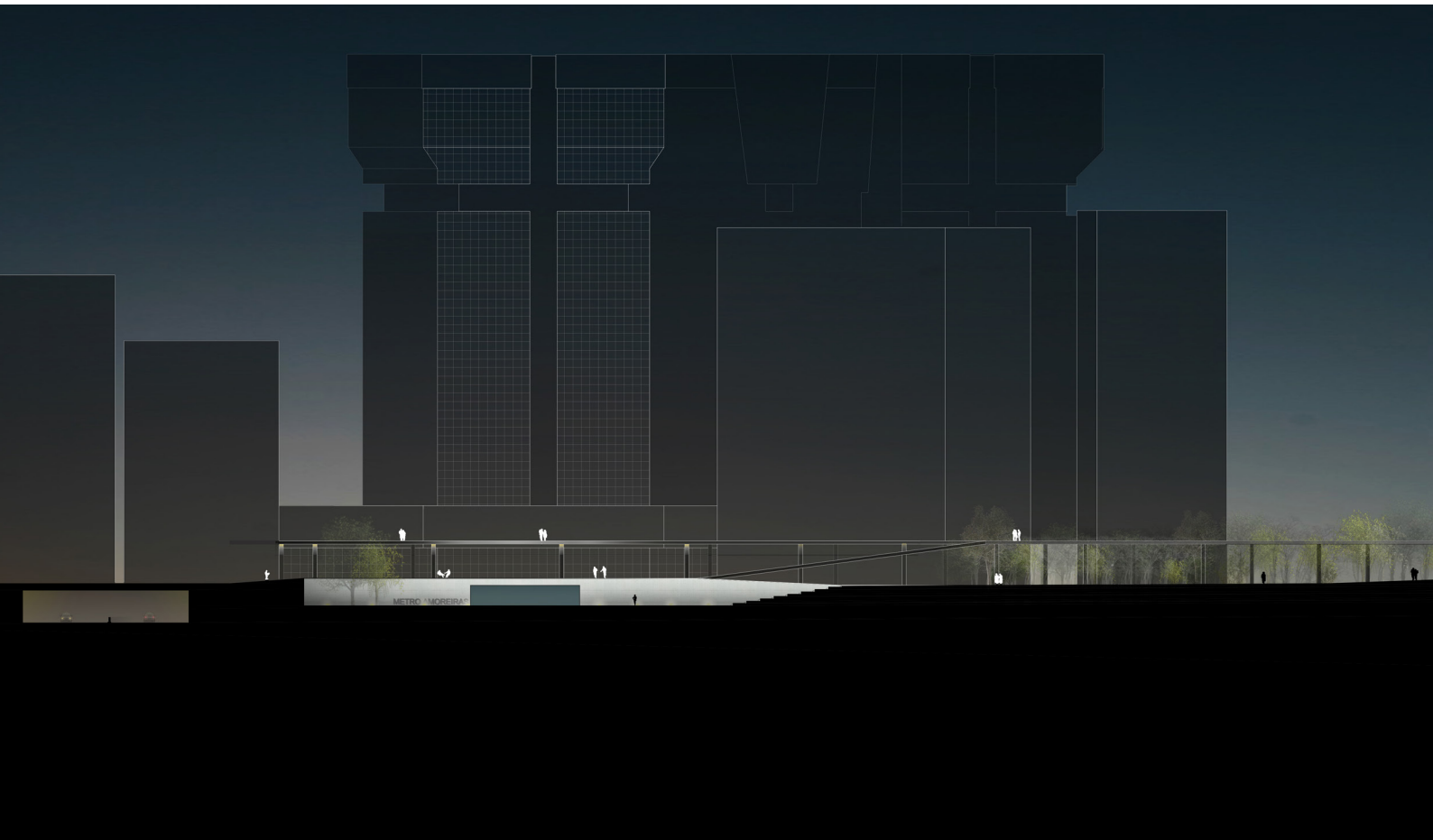


Alçado Sudoeste
Escala 1.2000

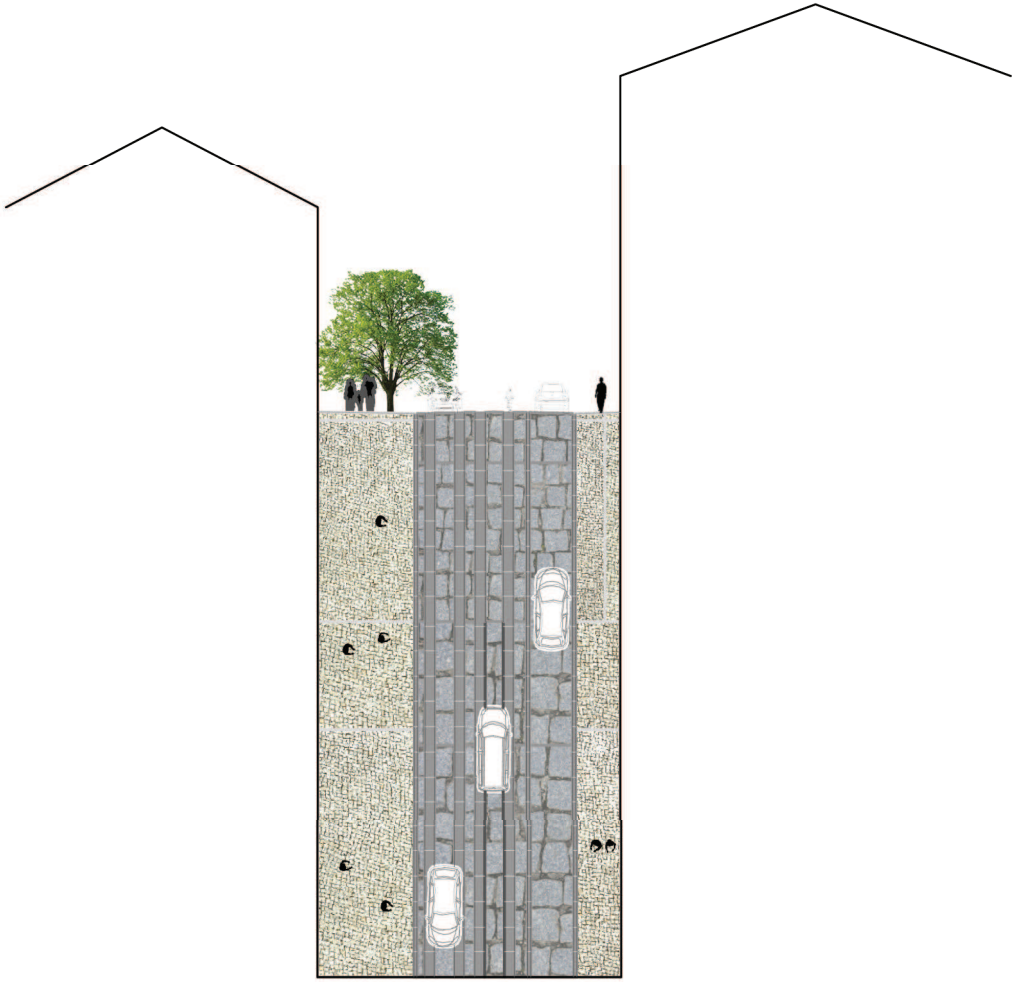

METRO AMOREIRAS



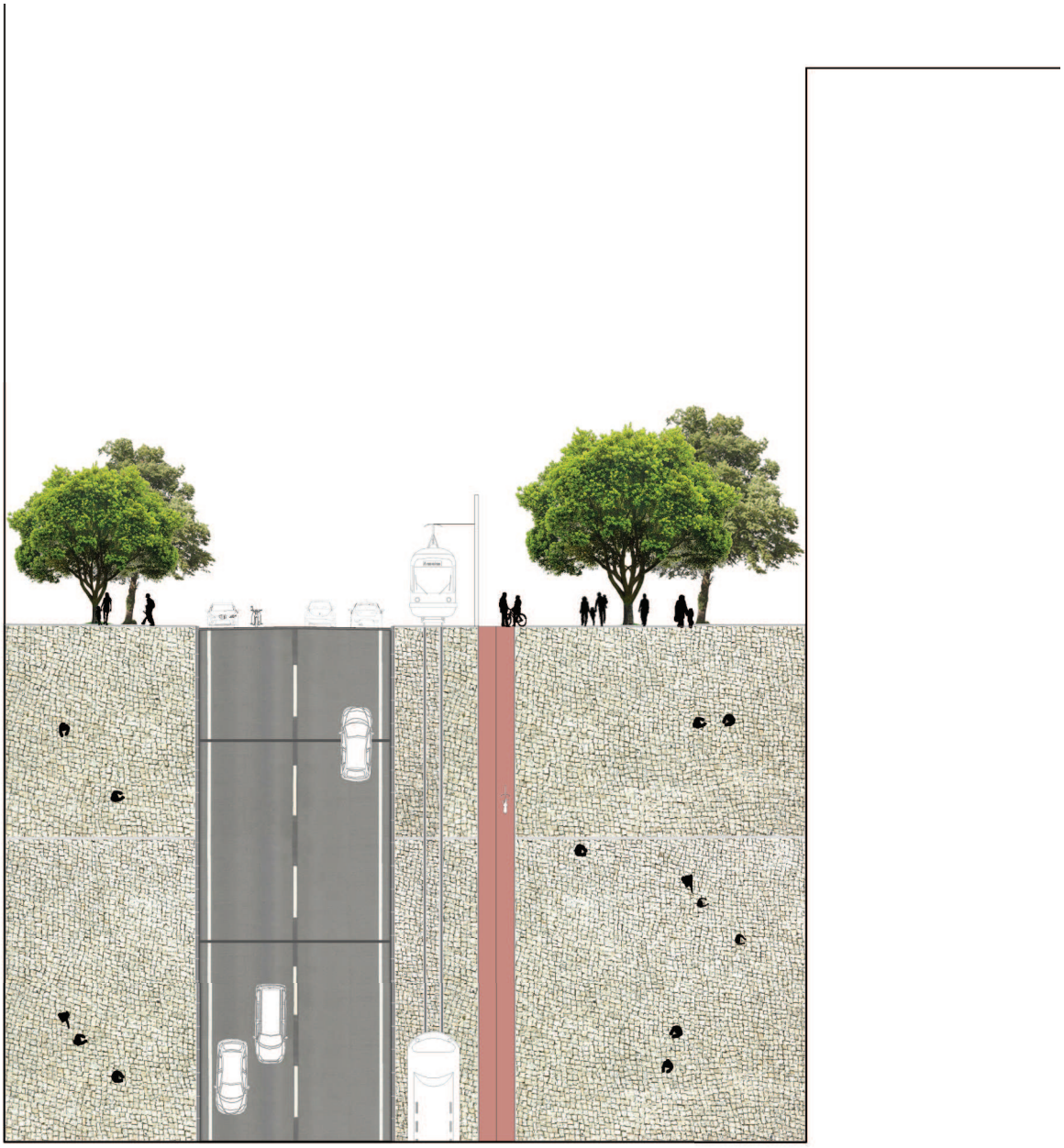
Alçado Nordeste de dia
Escala 1.2000


METRO MOREIRA

Alçado Nordeste de noite
Escala 1.2000

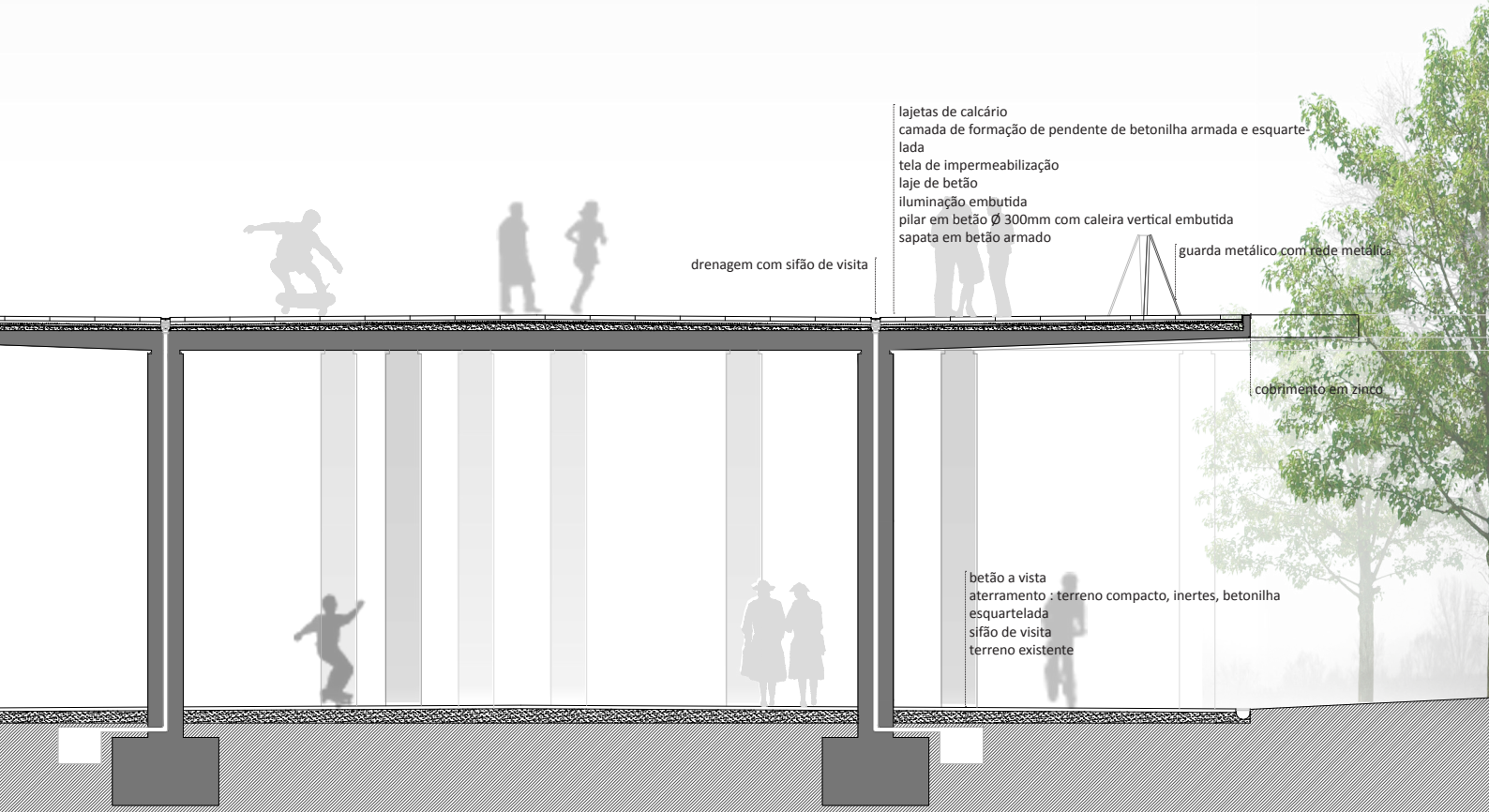


Alteração dos pavimentos das ruas da malha 1.
Escala 1.200



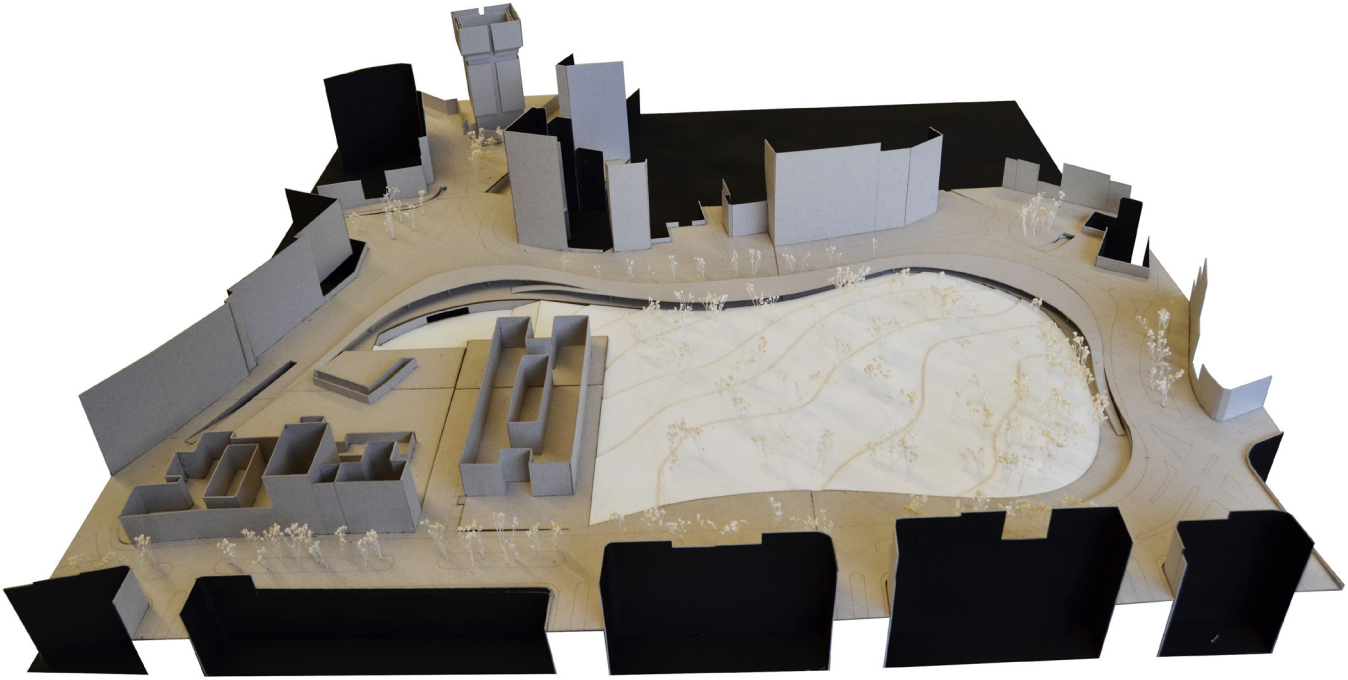
Alteração dos pavimentos das ruas da malha 2.
Escala 1.200

CARREIRA Nº 28
542

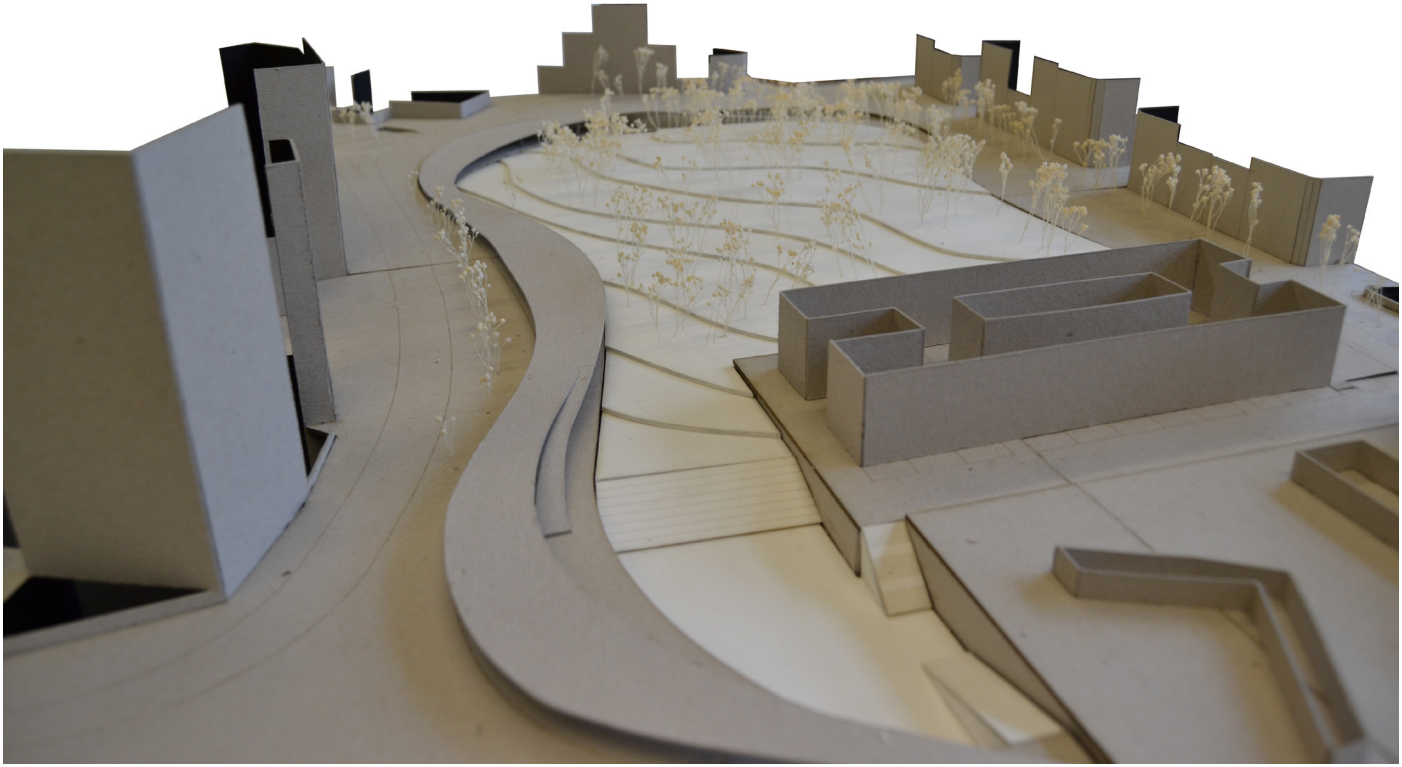

lajetas de calcário
camada de formação de pendente de betonilha armada e esquartelada
tela de impermeabilização
laje de betão
iluminação embutida
pilar em betão Ø 300mm com caleira vertical embutida
sapata em betão armado
drenagem com sifão de visita
guarda metálico com rede metálica
cobrimento em zinco
betão a vista
aterramento : terreno compacto, inertes, betonilha esquartelada
sifão de visita
terreno existente

Corte Construtivo
Escala 1.100

Referência à Marquise de Oscar Niemeyer no Parque Ibirapuera em São Paulo, Brasil

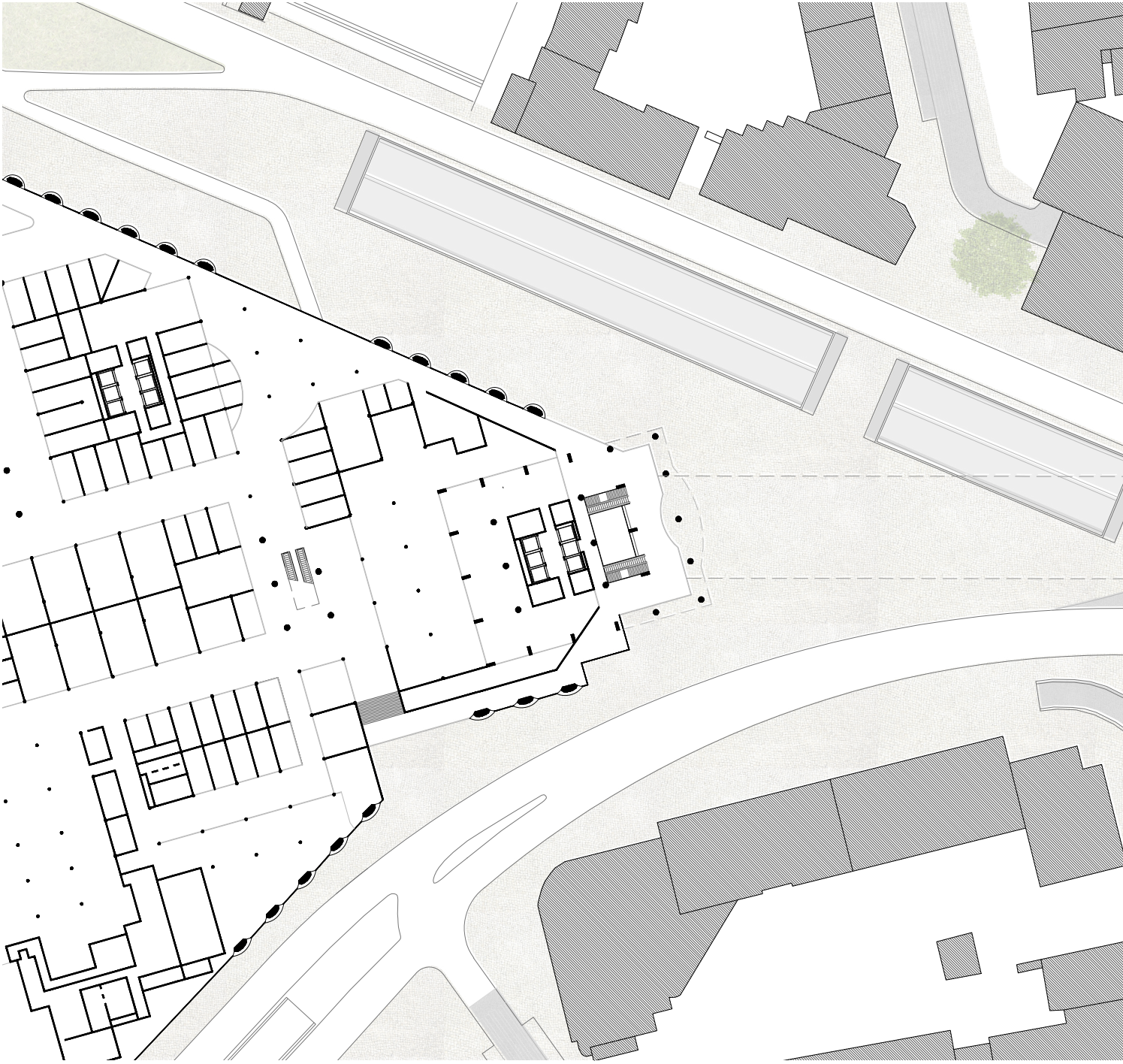


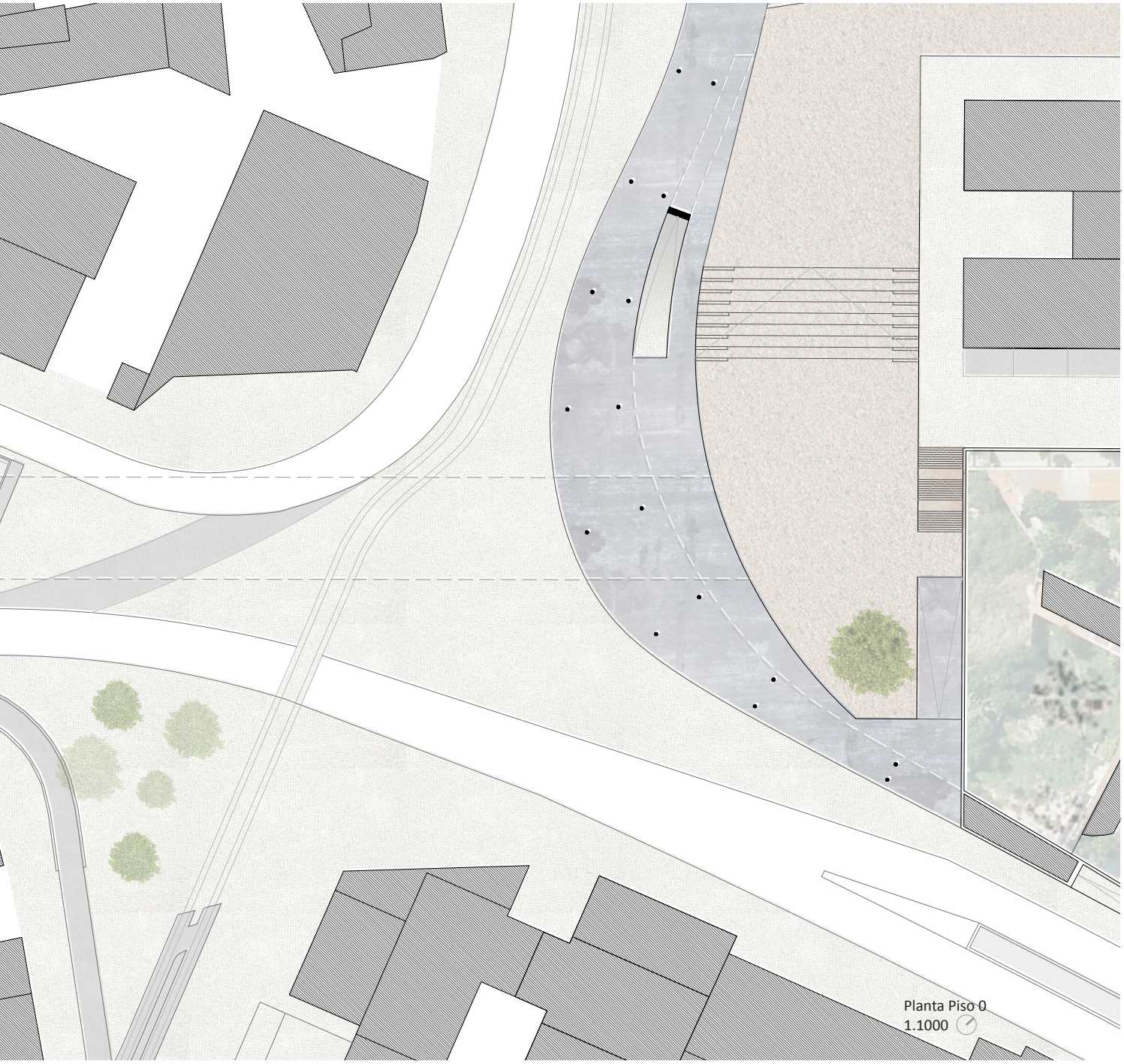
Maquete Final

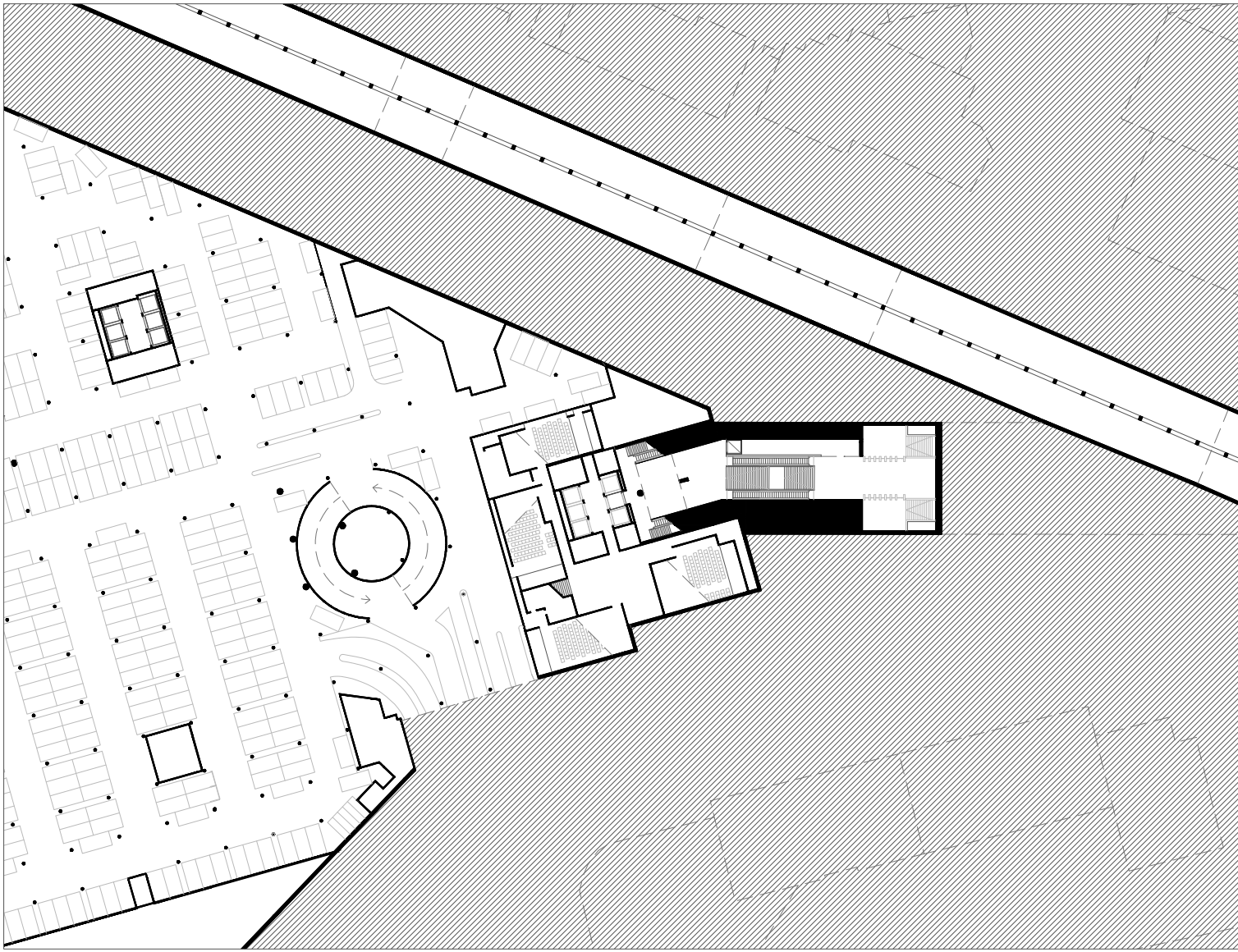


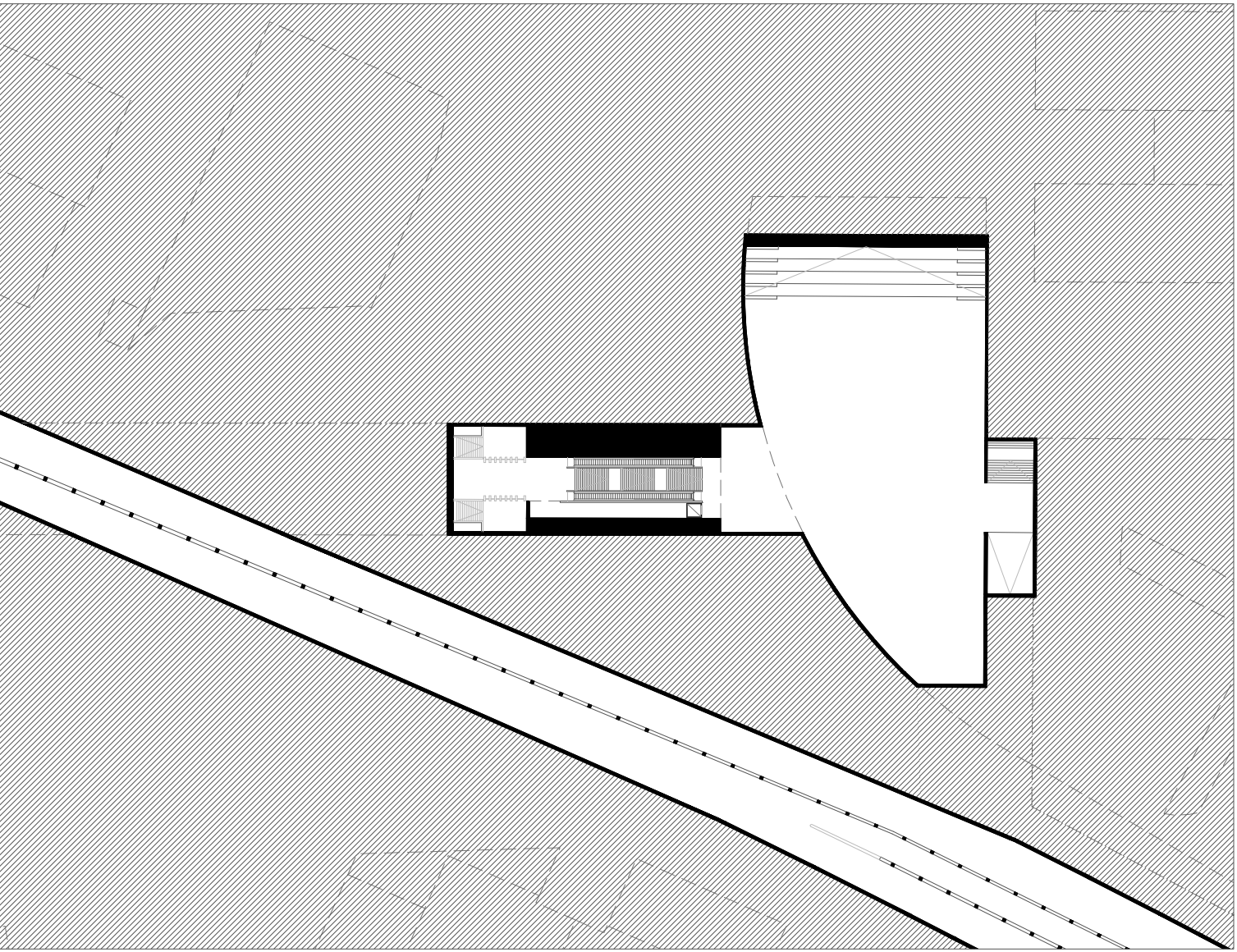
Levantamento Fotográfico do cruzamento da Avenidade Duarte Pacheco

Levantamento Fotográfico do cruzamento da Avenidade Duarte Pacheco

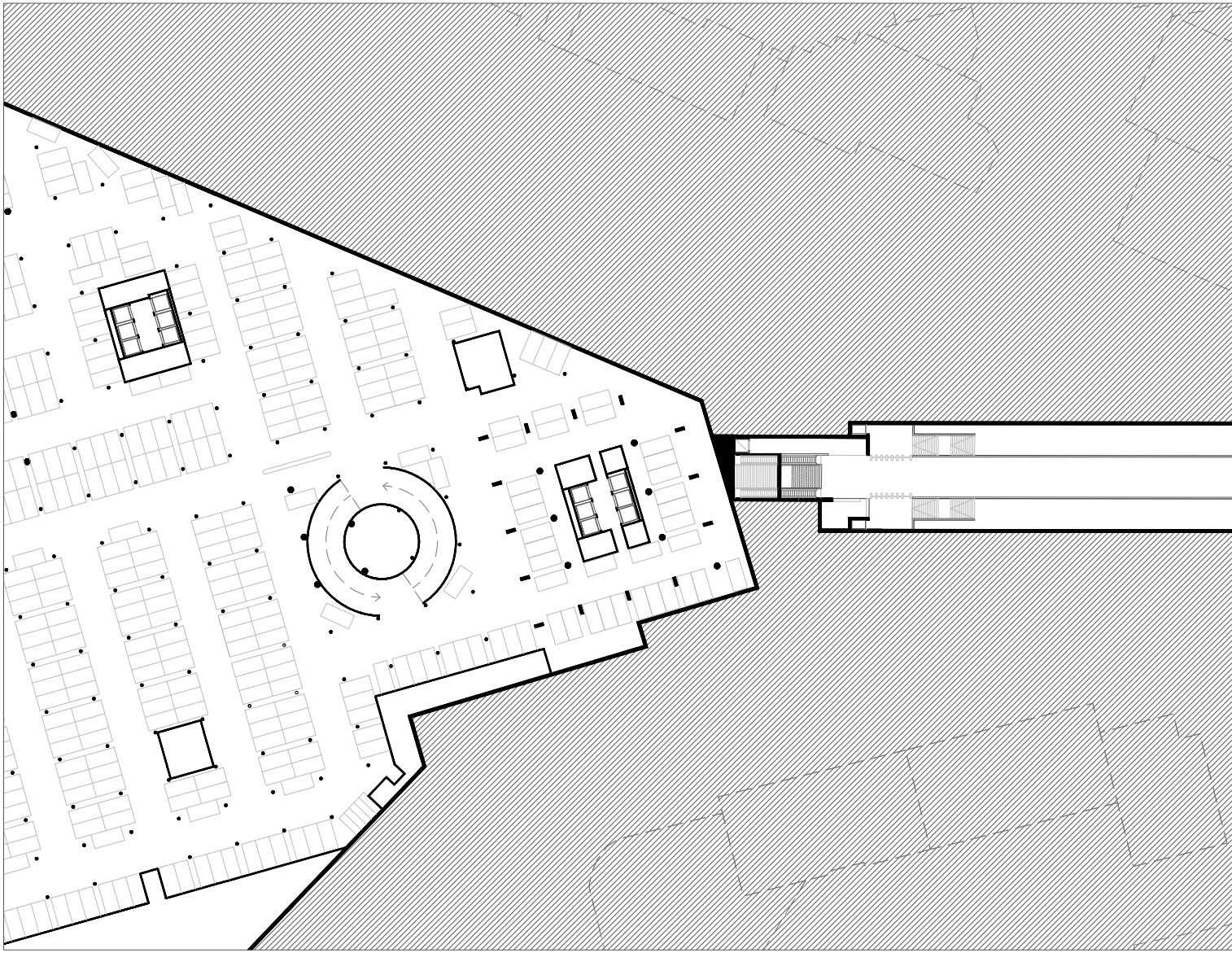


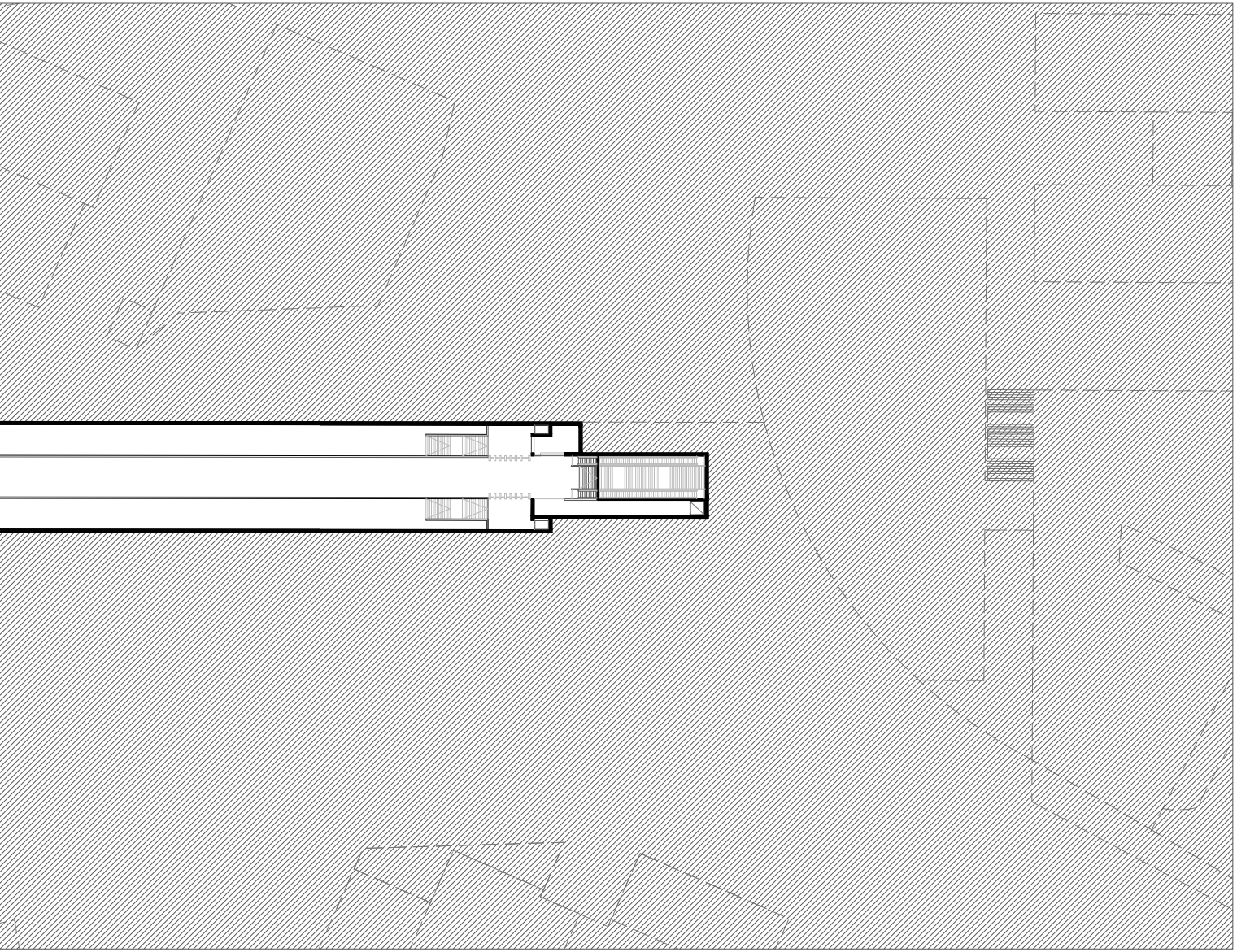

Planta Piso 0
1.1000



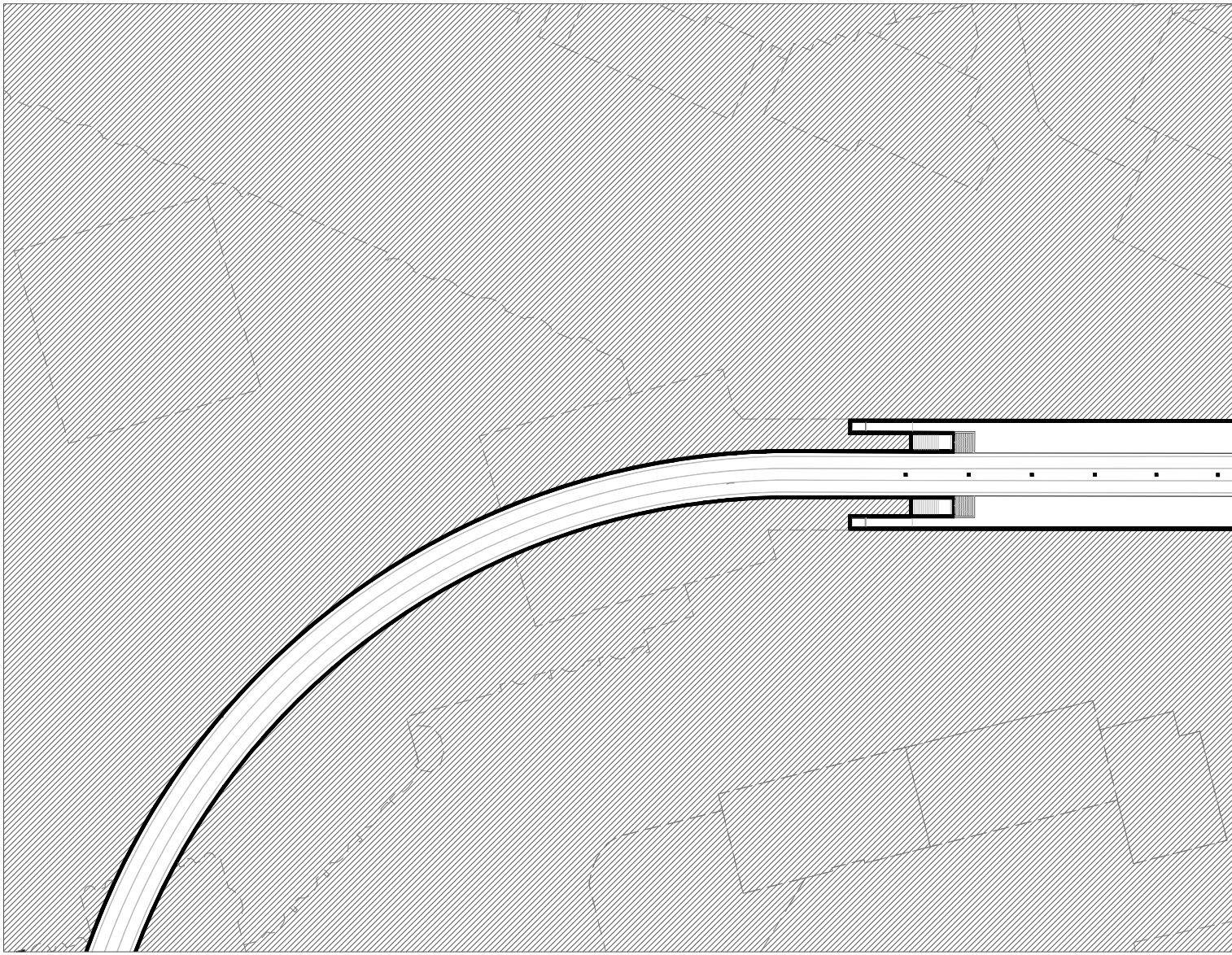


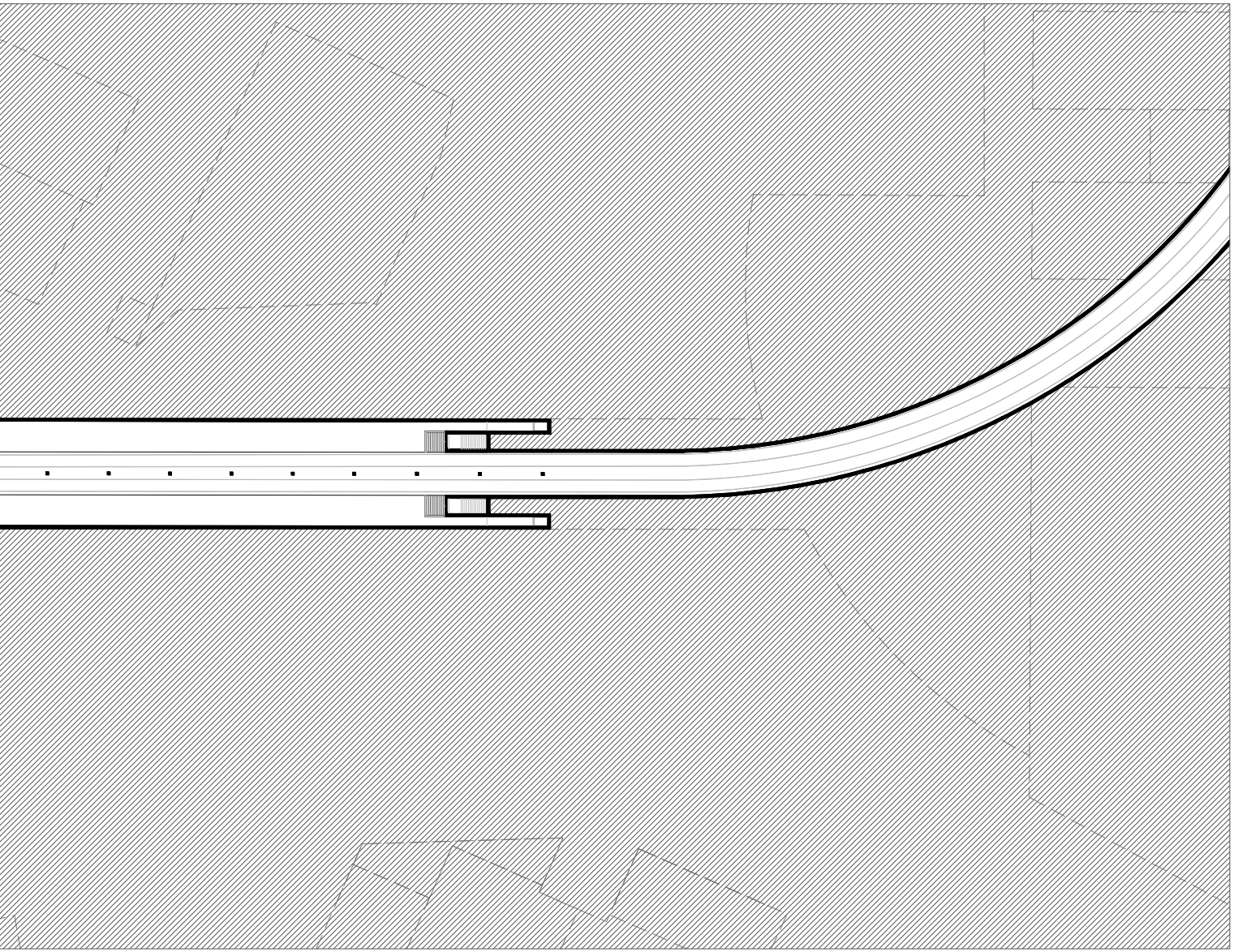
Planta Piso -1 Metro
1.1000



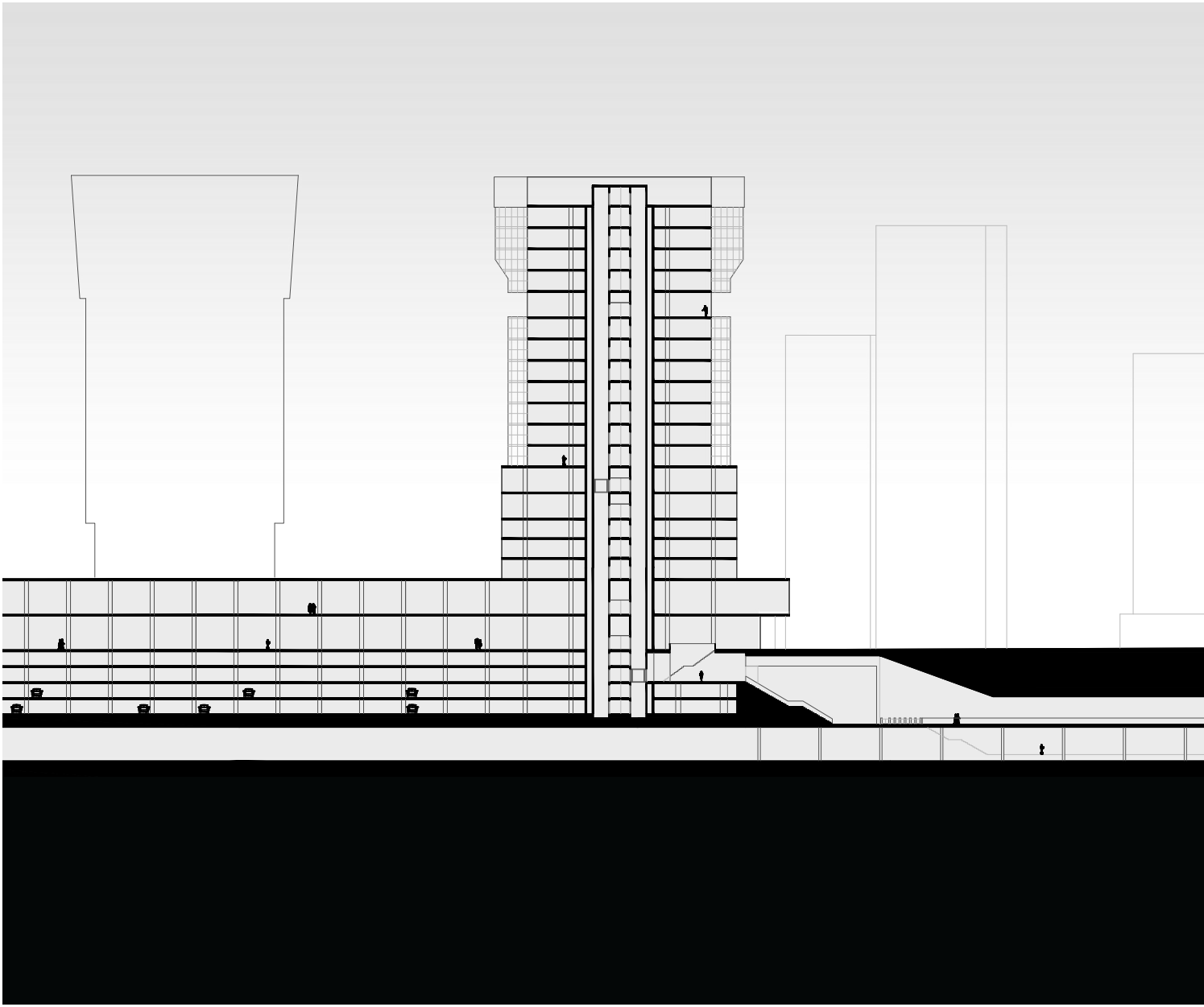


Planta Piso -2 Metro
1.1000





Planta Piso -3 Metro
1.1000



Corte Longitudinal Metro
1.1000

METRO AMOREIRAS

#4

Habitações

Conceito

Para o projeto de quatro habitações nas Amoreiras, destinadas à sociedade idealizada pelo grupo de trabalho, apoiamos e valorização do historicismo e da cultura, da habitação de escala reduzida, o espaço comunitário, o micro espaço urbano e a aldeia na cidade. Propomos a reutilização desses espaços esquecidos na cidade, onde os anéis de fachada que as vias principais criam, surgem interiores de quarteirão abandonados sem qualquer relação com o exterior ou importância social, servindo meramente como apoio ao espaço viário. Queremos virar a grande metrópole do avesso, mostrar as suas costuras, deixando os grandes espaços comerciais e optando por espaço expectantes de grande reflexão e sociabilidade. Cozeremos o interior dos quarteirões como espaço urbano comunitário, onde a importância entre duas crianças, a amabilidade dos idosos e a reflexão dos adultos torna-se cenário principal desta aldeia de escala reduzida.

A nosso sociedade está a ficar sempre mais velha e por isso, encontramos muitas discussões sobre, como viver a partir dos 50, 60 ou 70 anos. Os novos modelos de habitar para a segunda metade da vida ganham mais importância. O nosso principal conceito é um habitar em comunidade, em que o espaço coletivo é um espaço central de encontro, de partilha e de convivência. Dentro deste panorama funcionam melhor projetos em que cada pessoa tem o seu espaço privado (quarto, sala, instalação sanitária e eventualmente uma kitchenette) e além disso tem o espaço coletivo para comer, estar, trabalhar, etc.

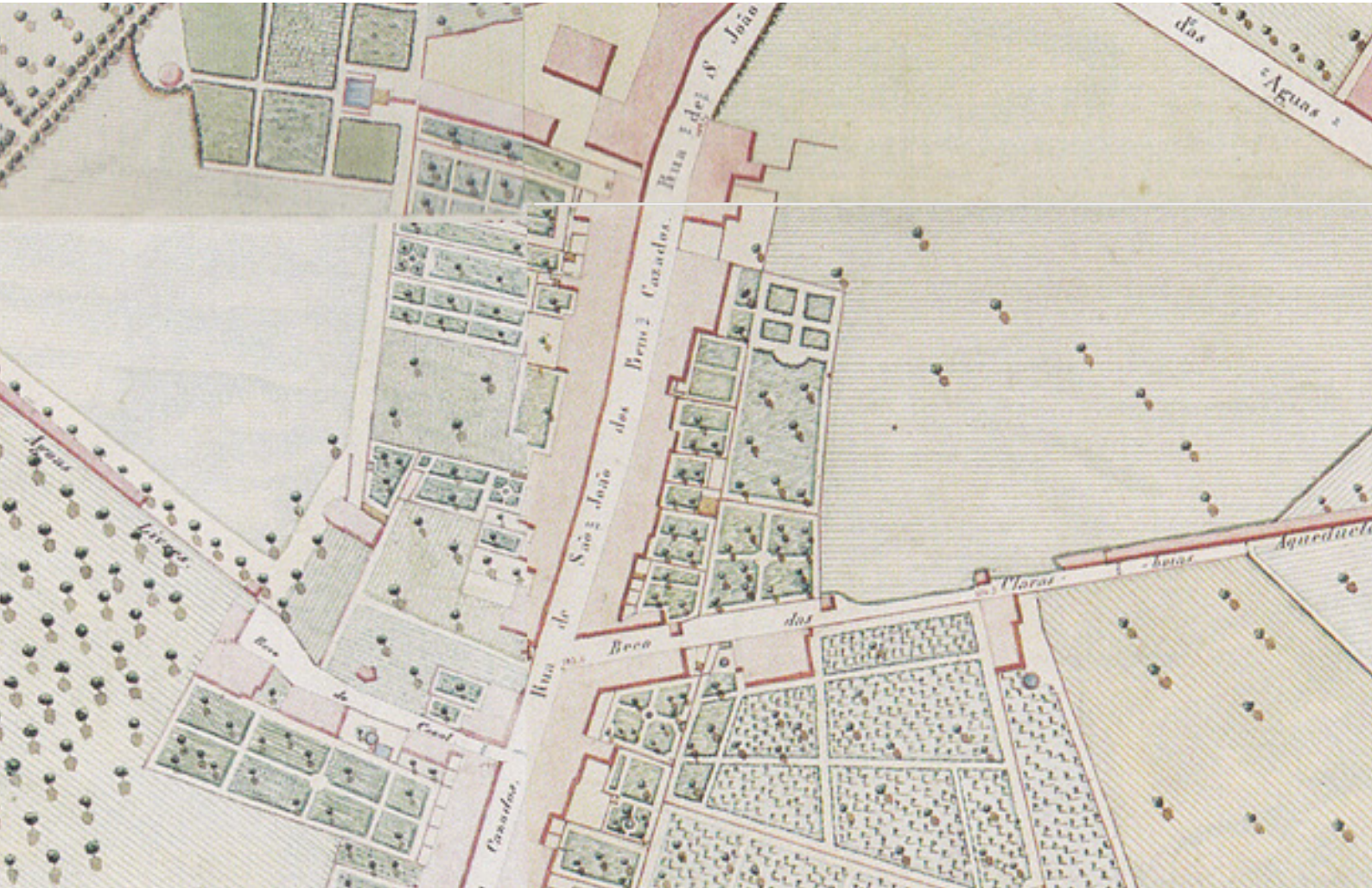
O Lugar

Um interior de quarteirão localizado entre a Rua Silva Carvalho e a Travessa do Barbosa foi o local de intervenção escolhido para quatro habitações associadas ao universo social e modelo urbano definido no seio do grupo. Com acesso pela Travessa do barbosa, onde em tempos passava o aqueduto, podemos observar a existência de um antigo pátio operário nas traseiras de dois edifícios com frente para a via pública, que se encontra hoje totalmente degrado e descaracterizado.

Através das plantas do projeto original de 1888, é possível compreender que ambos os edifícios da frente e as edificações do pátio foram idealizados e construídos ao mesmo tempo. Na continuidade do quarteirão, uma enorme mancha verde oculta ao olhar do público, revela-se como vista dos habitantes dos edifícios que envolvem esse espaço. A morfologia e as características únicas do espaço foram essenciais na opção de intervenção e reconversão deste lugar.

130 m

Planta de 1856-858 (Filipe Folque).
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.



Planta de 1911 (Silva Pinto).
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.

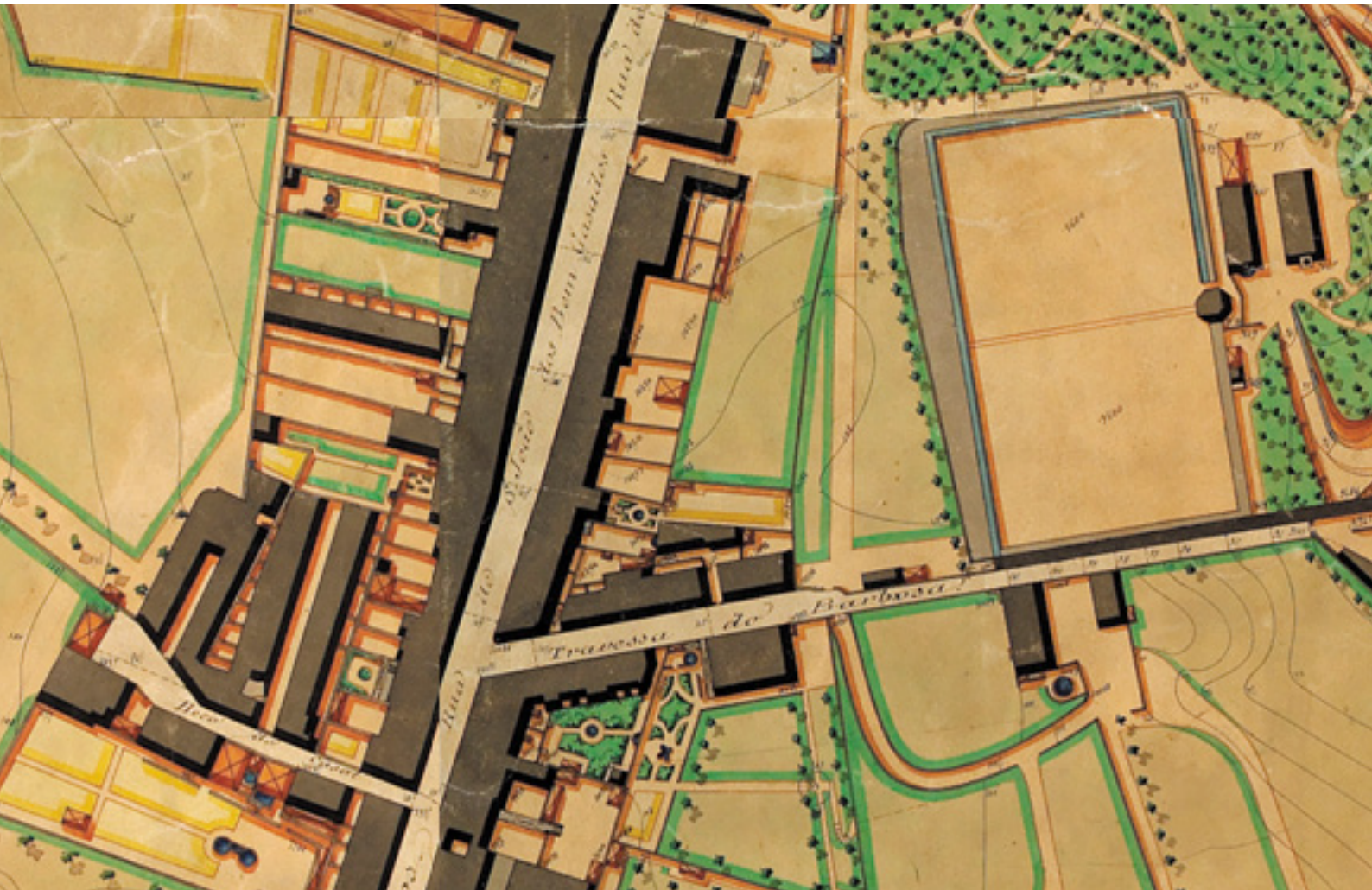


Foto aérea da década de 40.
Fonte: Gabinete de Estudos Olipissiponenses.

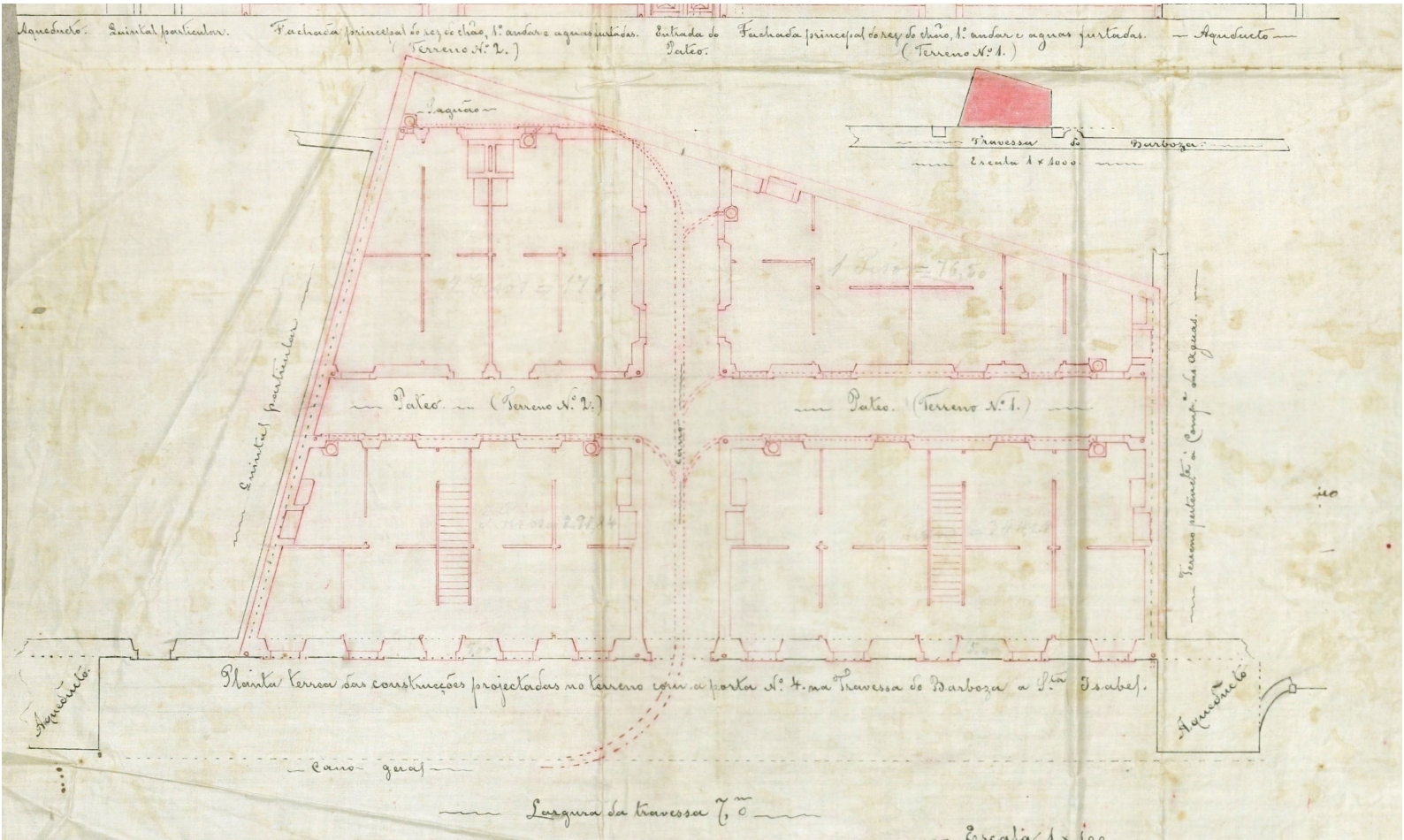
Planta de 1950.
Fonte: http://lxi.cm-lisboa.pt/lxi/.

Foto: Rita Rodrigues

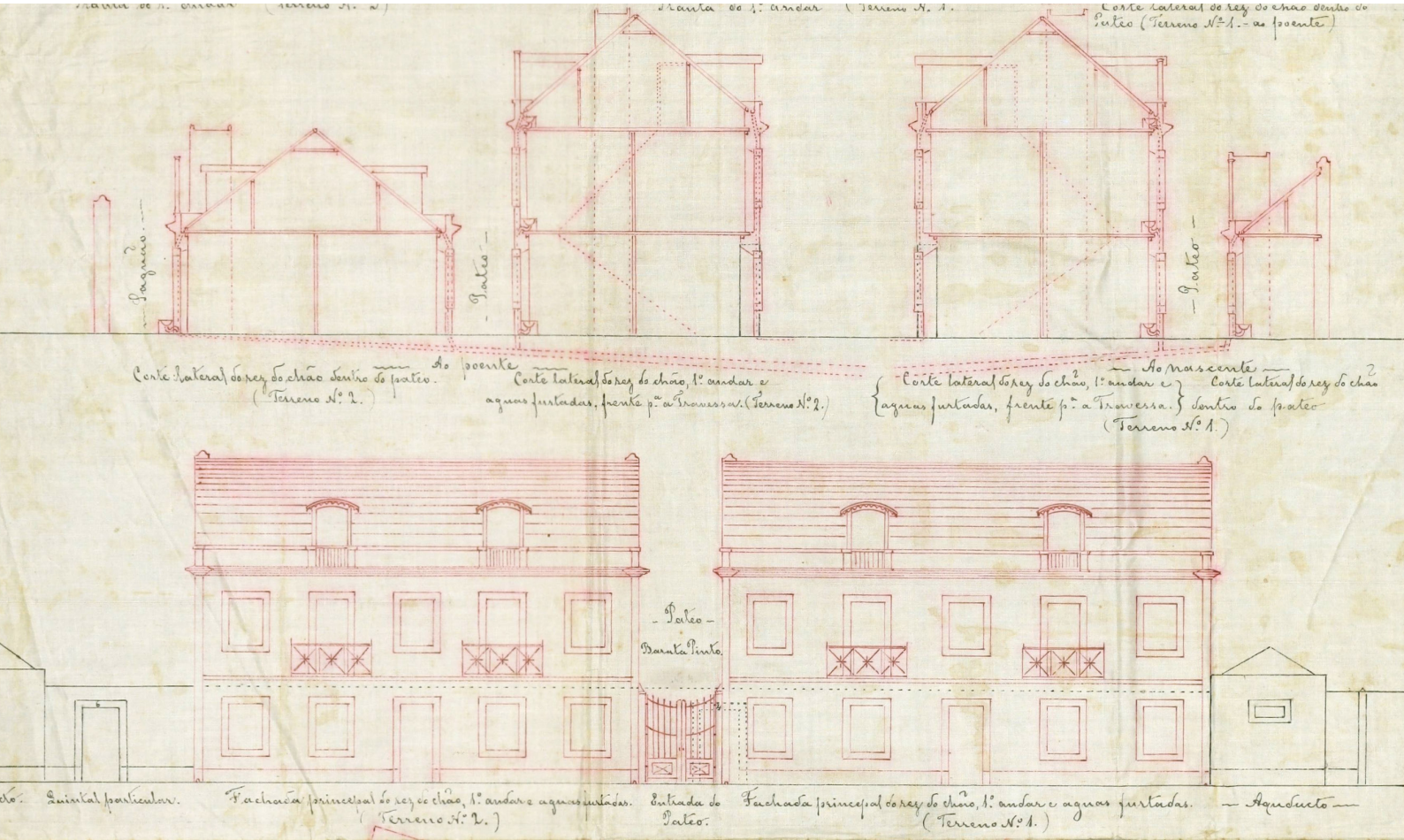
Foto: Rita Rodrigues

CORREIO
XMAS

DYRUP
DYRUPLAST


Aqueducto
Quintal particular.
Fachada principal do rez do chão, 1.º andar e aguas furtadas.
(Terreno N.º 2.)
Entrada do Patéo.
Fachada principal do rez do chão, 1.º andar e aguas furtadas.
(Terreno N.º 1.)
Aqueducto
Aqueducto
Travessa do Barboza
Escala 1 x 1000
Quintal particular
Patéo. (Terreno N.º 2.)
Patéo. (Terreno N.º 1.)
Terreno pertencente á Companhia das Aguas.
Planta Terreo das construcções projectadas no terreno com a porta N.º 4. na Travessa do Barboza a S.ta Isabel.
Cano geral
Largura da travessa 7,m0
Escala 1 x 100

Plantas, cortes e alçados do projeto original.
Fonte: Arquivo Intermédio de Lisboa - CML

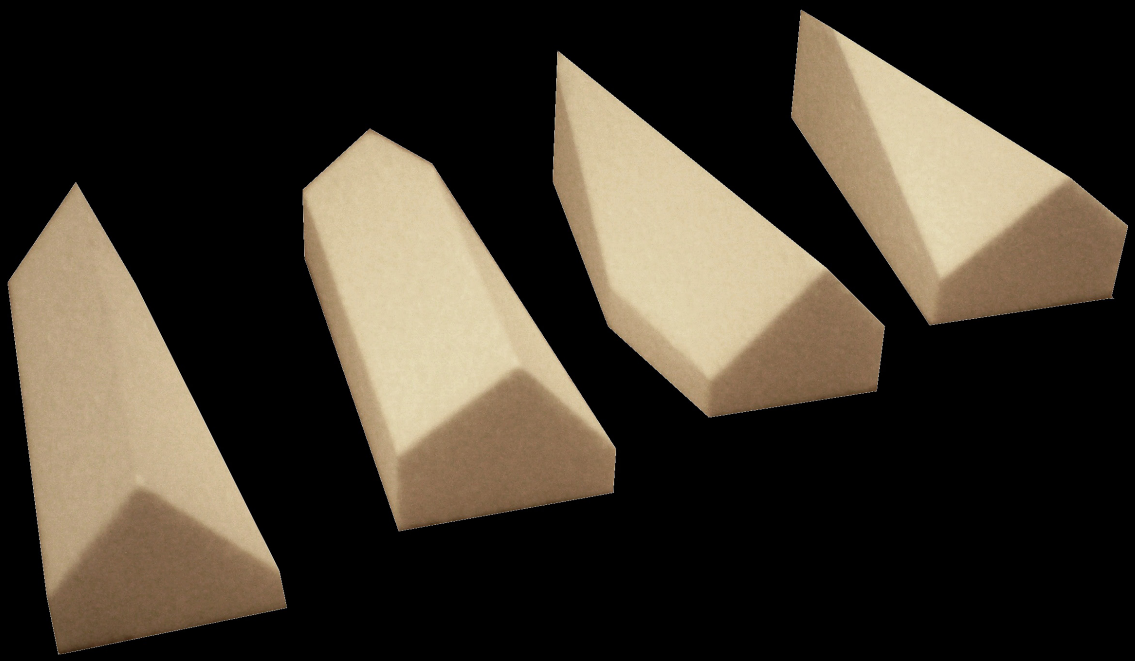


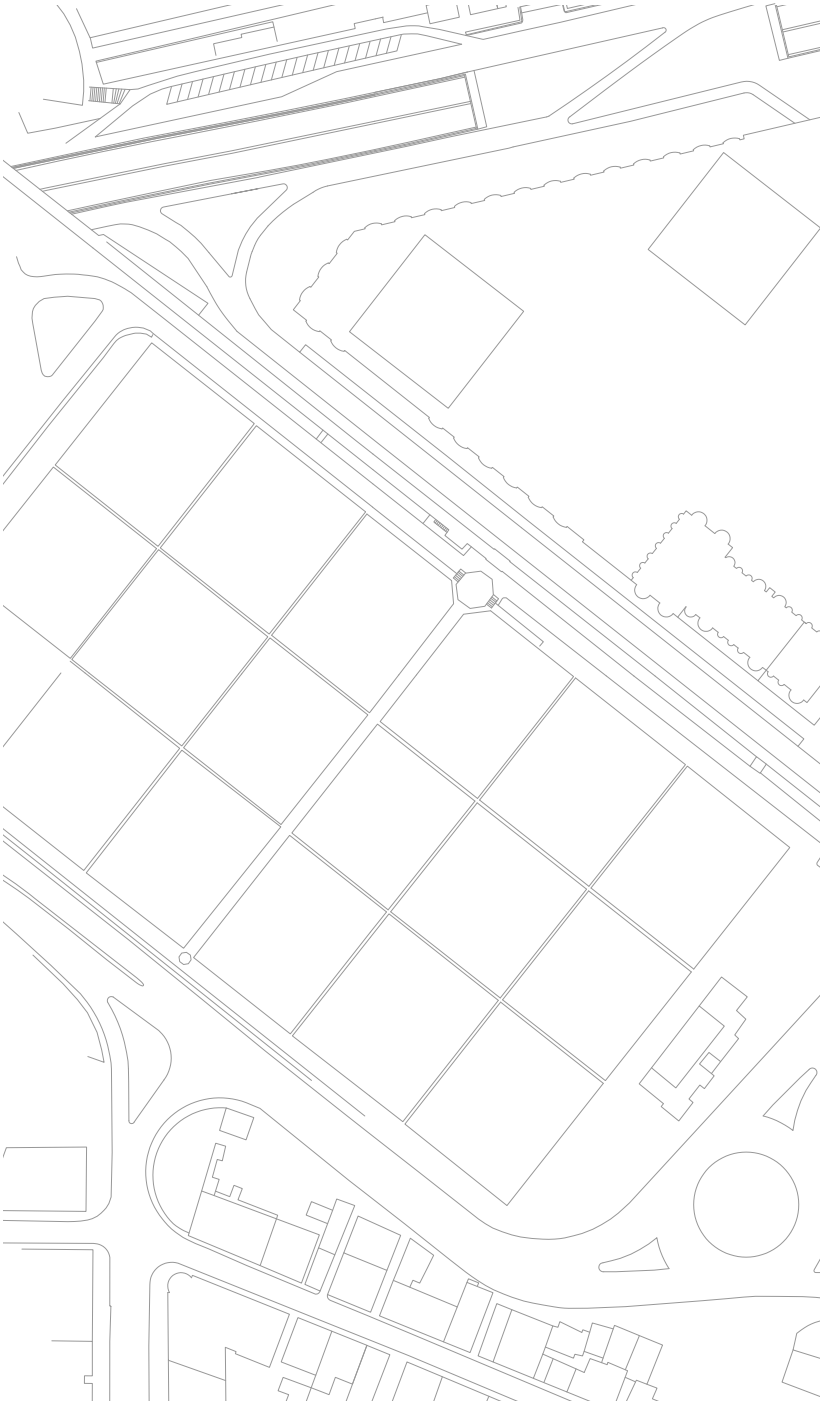
O Projeto

As tipologias e formas do projeto original são adaptadas às novas exigências sempre com a preocupação de valorizar a história e morfologia do lugar. Os edifícios da frente de construção pombalina são reabilitados e apropriados ao nível do rés-do-chão de modo a receber novas funções de carater mais público e comunitário.

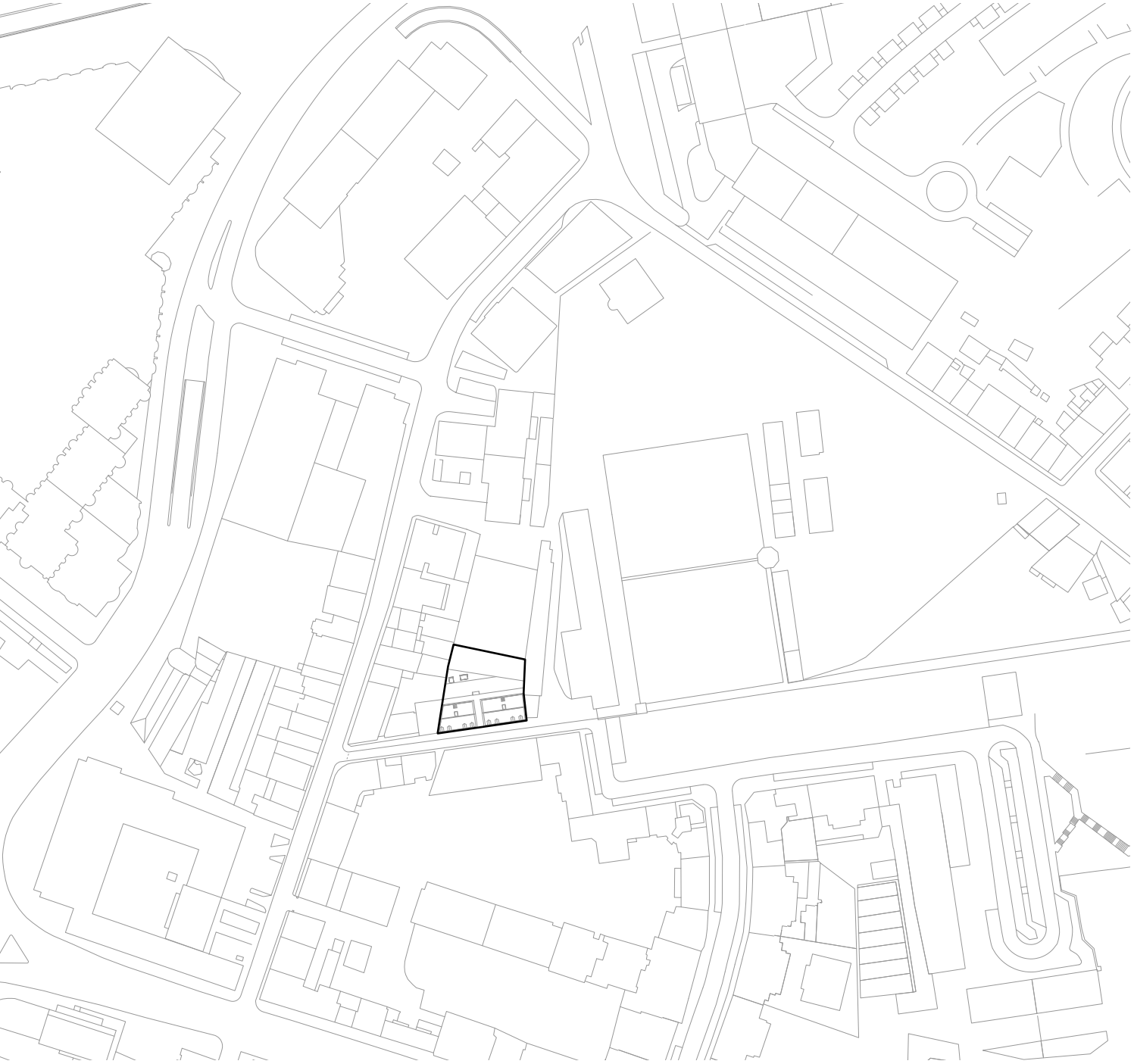
Nas suas traseiras duas construções, com duas habitações cada, com implantação referente ao projeto original, surgem ligados entre elas por uma cobertura única, desenhando um volume único revestido por uma pele com materialidade de cor preta, no sentido de se revelar num espaço que passa despercebido aos olhares de pessoas externas. O pequeno arruamento que proporciona o acesso às novas habitações nas traseiras prolonga-se e atravessa o novo volume até ao jardim localizado mais atras, que juntamento com o enorme volume verde existente no restante espaço do interior do quarteirão, faz de cenário às quatro habitações.

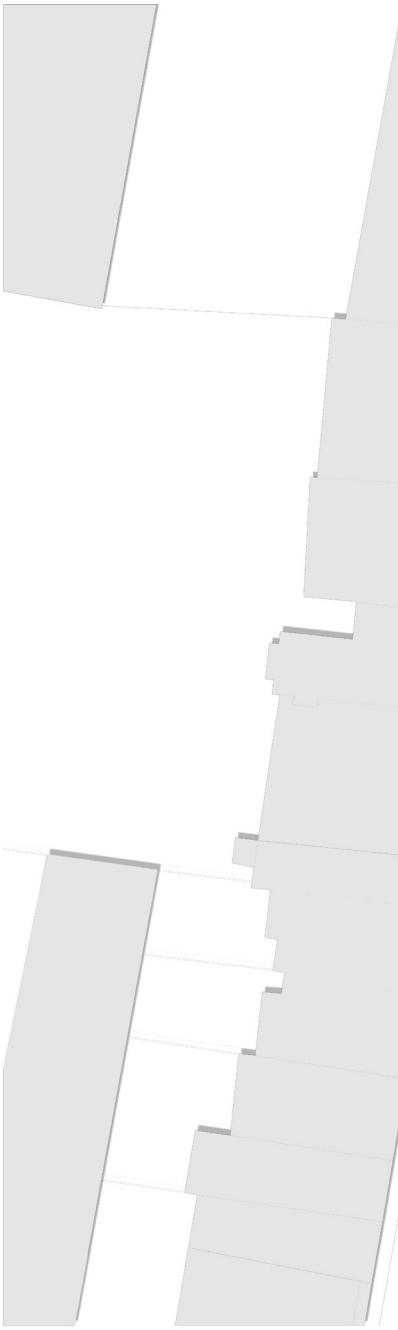
O arruamento interior perpendicular ao anterior, faz a relação entre as duas diferentes realidades: dois edifícios de frente para a rua pública de construção antiga, de 3 pisos, com habitações com tipologias multifamiliares e configuração espacial tradicional, em oposição a um edifício localizado nas suas traseiras, de construção leve, com habitações projetadas para uma única pessoa de tipologia contemporânea onde é predominante os espaços abertos e ausência de compartimentos.





Planta de localização
Escala 1.2000





Planta de Implantação
Escala 1.500

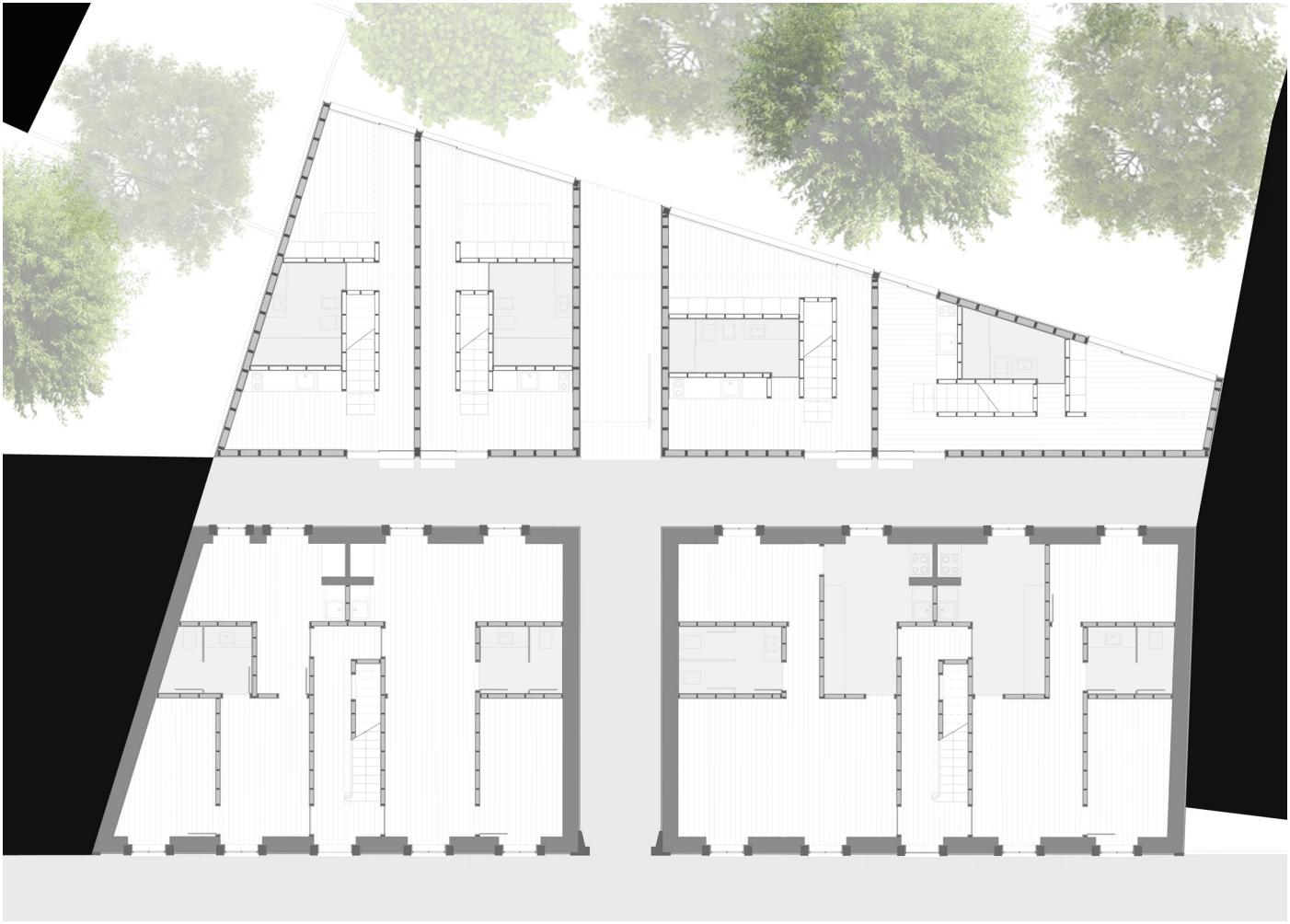
Área do terreno: 720 m^2

Área da nova implantação: 180 m^2

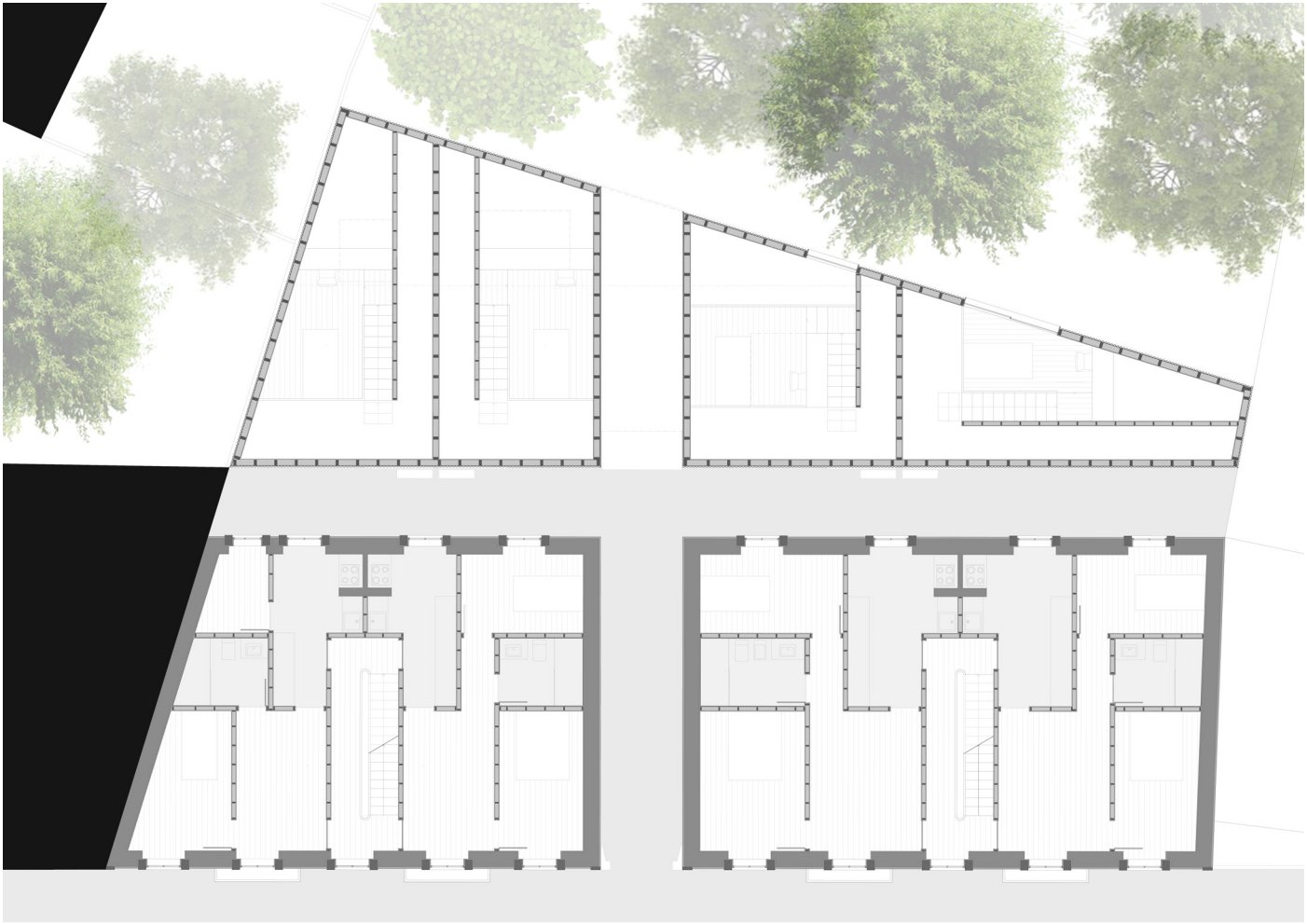
Área implantação total: 443 m^2

Área média das novas habitações: 46 m^2

Planta Piso 0
Escala 1.200

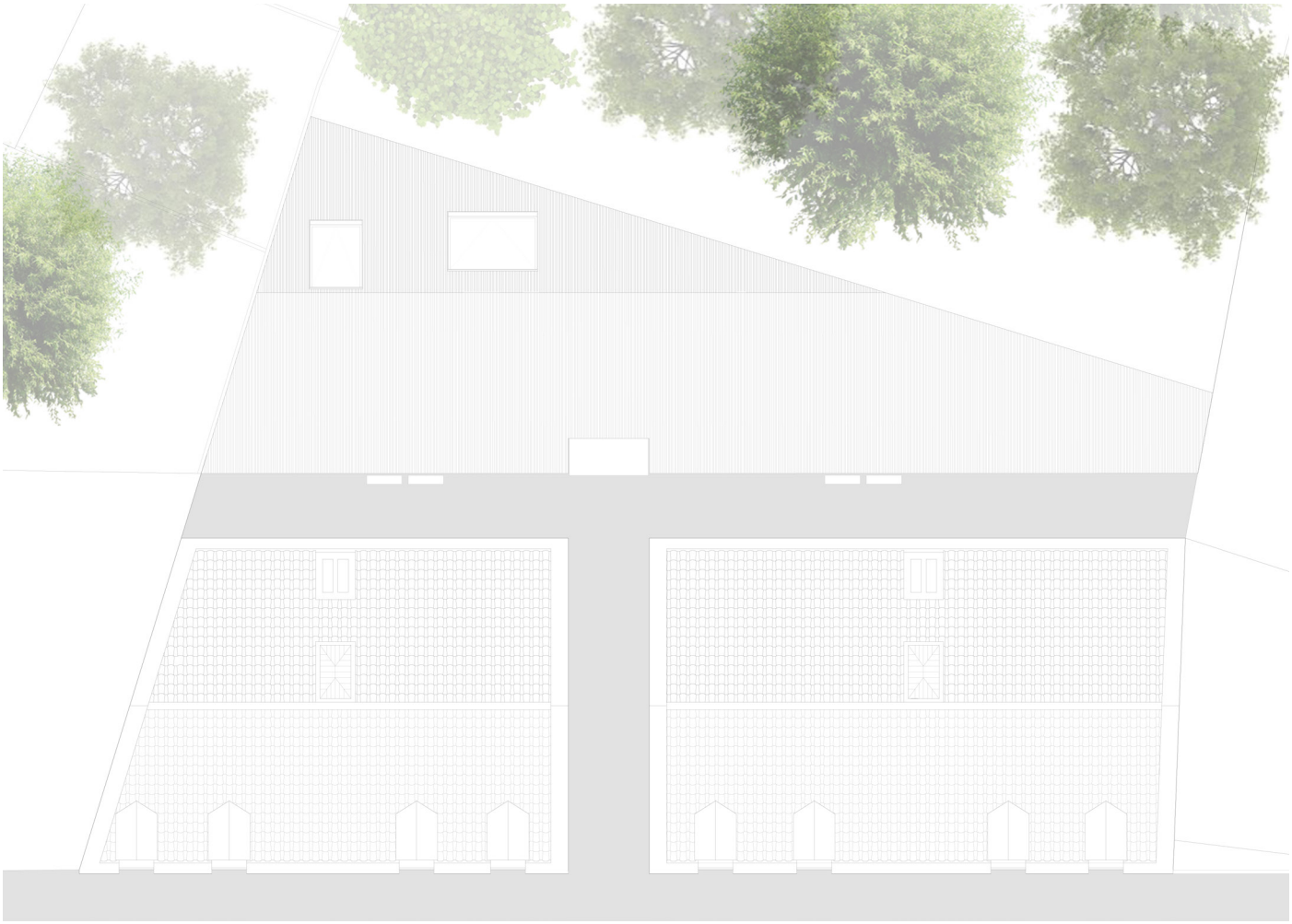


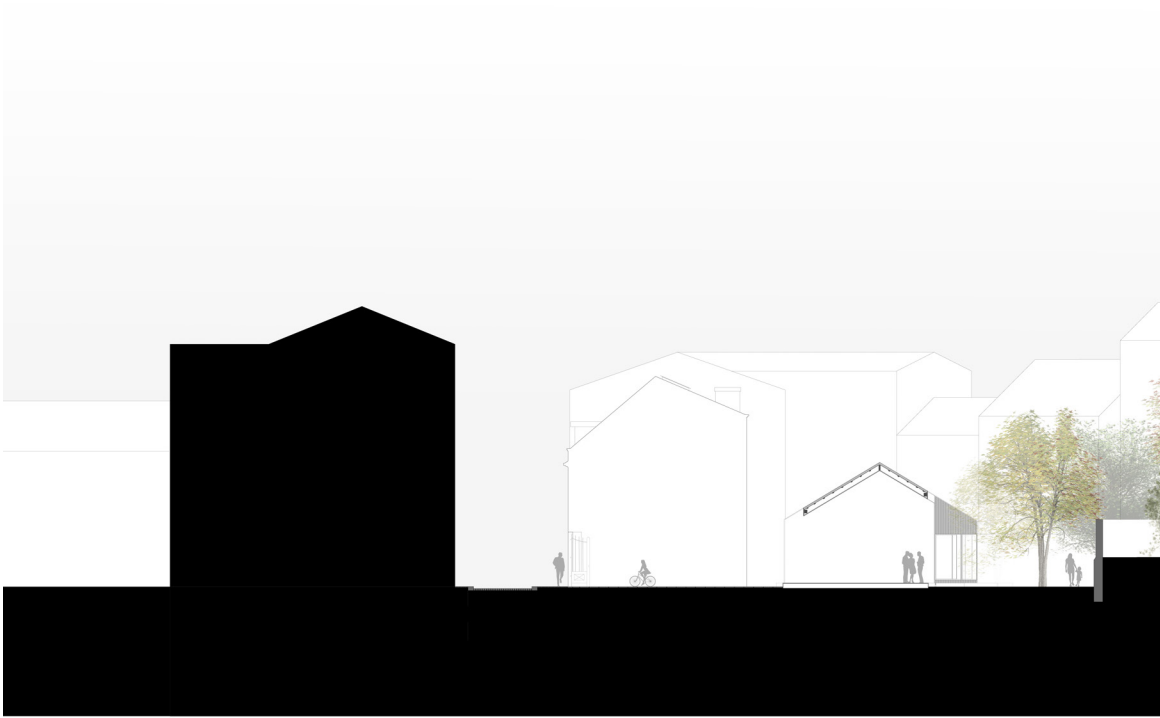
Plan
Escala 1.200



Planta Piso 2 | Cobertura
Escala 1.200

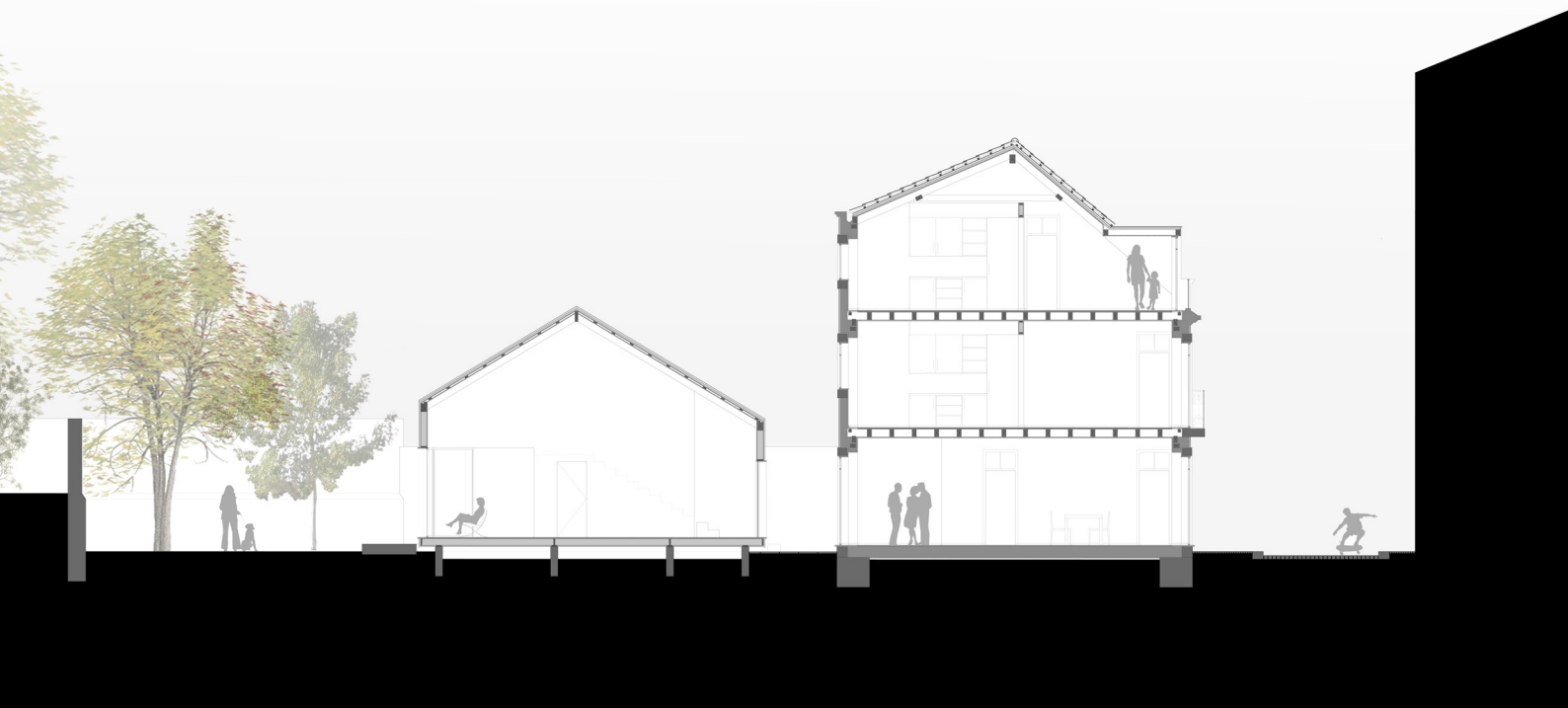
Planta Cobertura
Escala 1.200

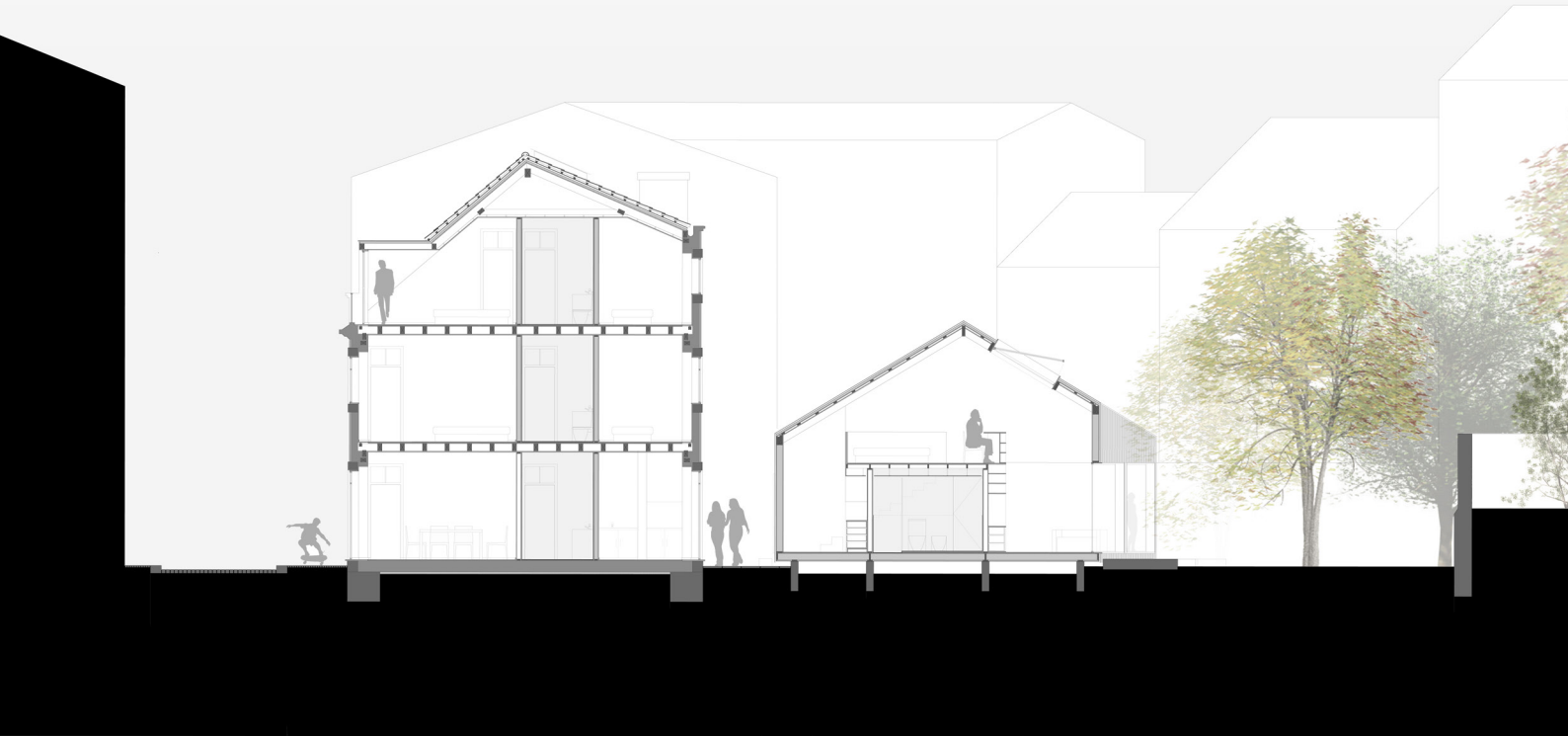




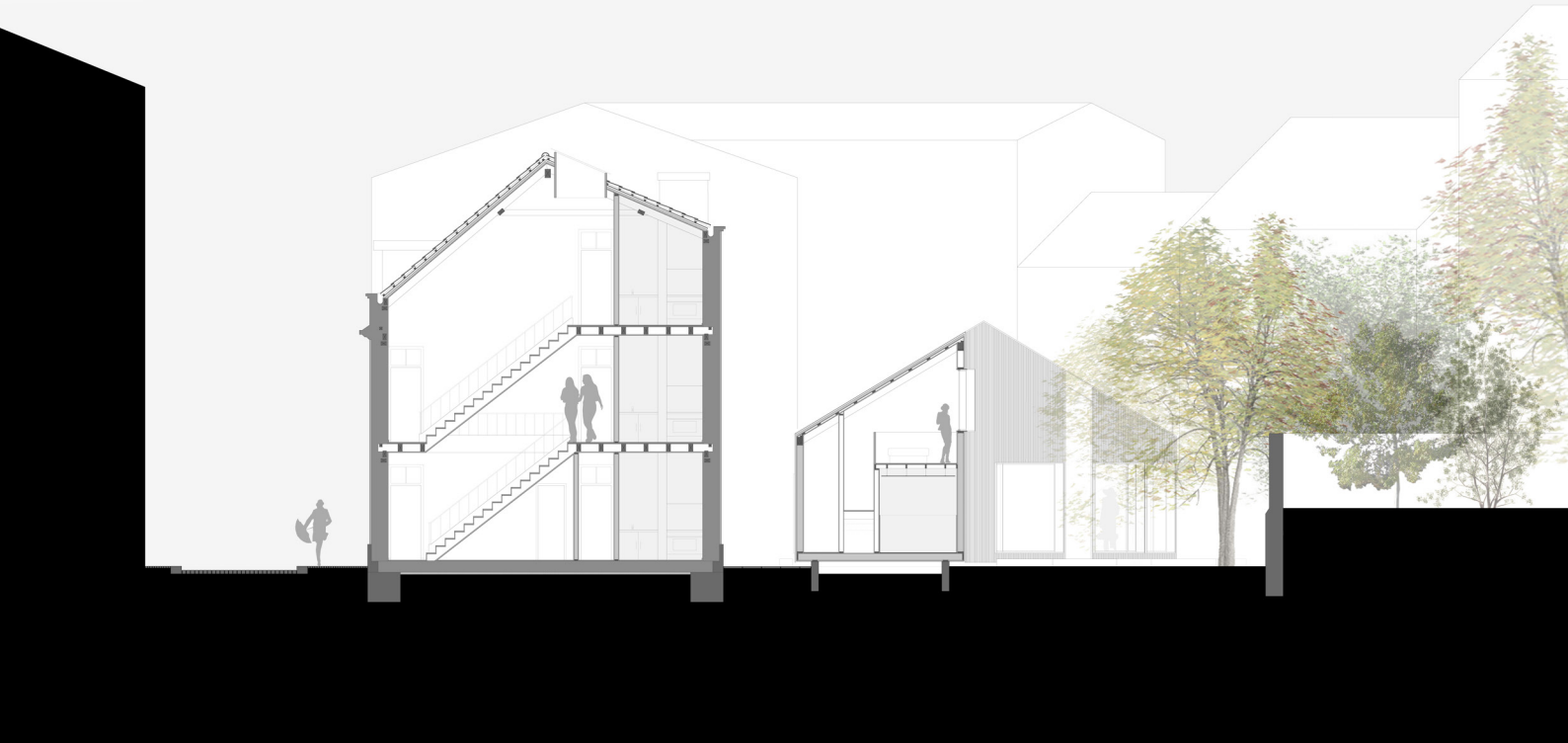
Corte Transversal
Escala 1.400

Corte Transversal
Escala 1.200



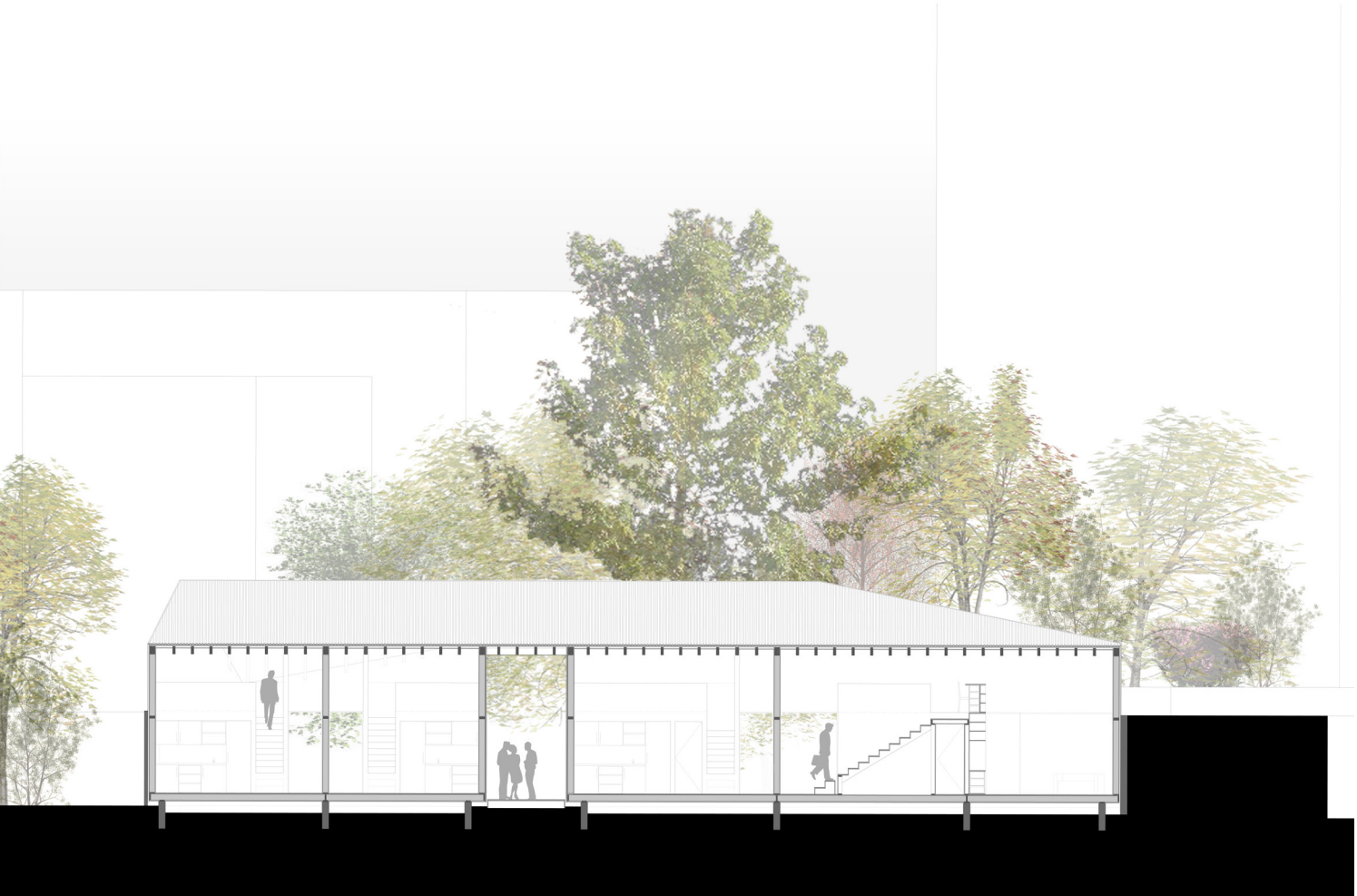


Corte Transversal
Escala 1.200

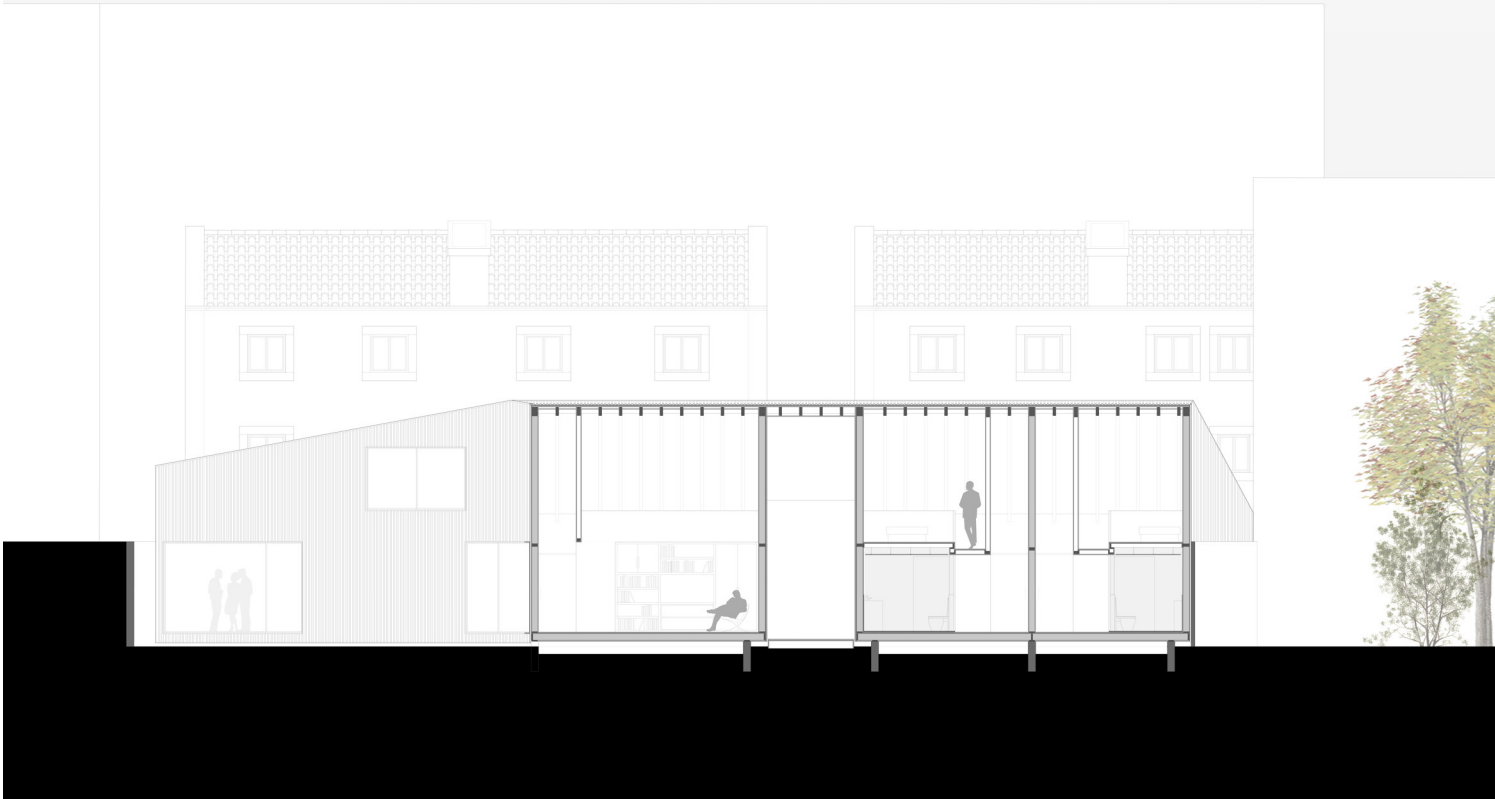


Corte Transversal
Escala 1.200

Corte Longitudinal
Escala 1.200



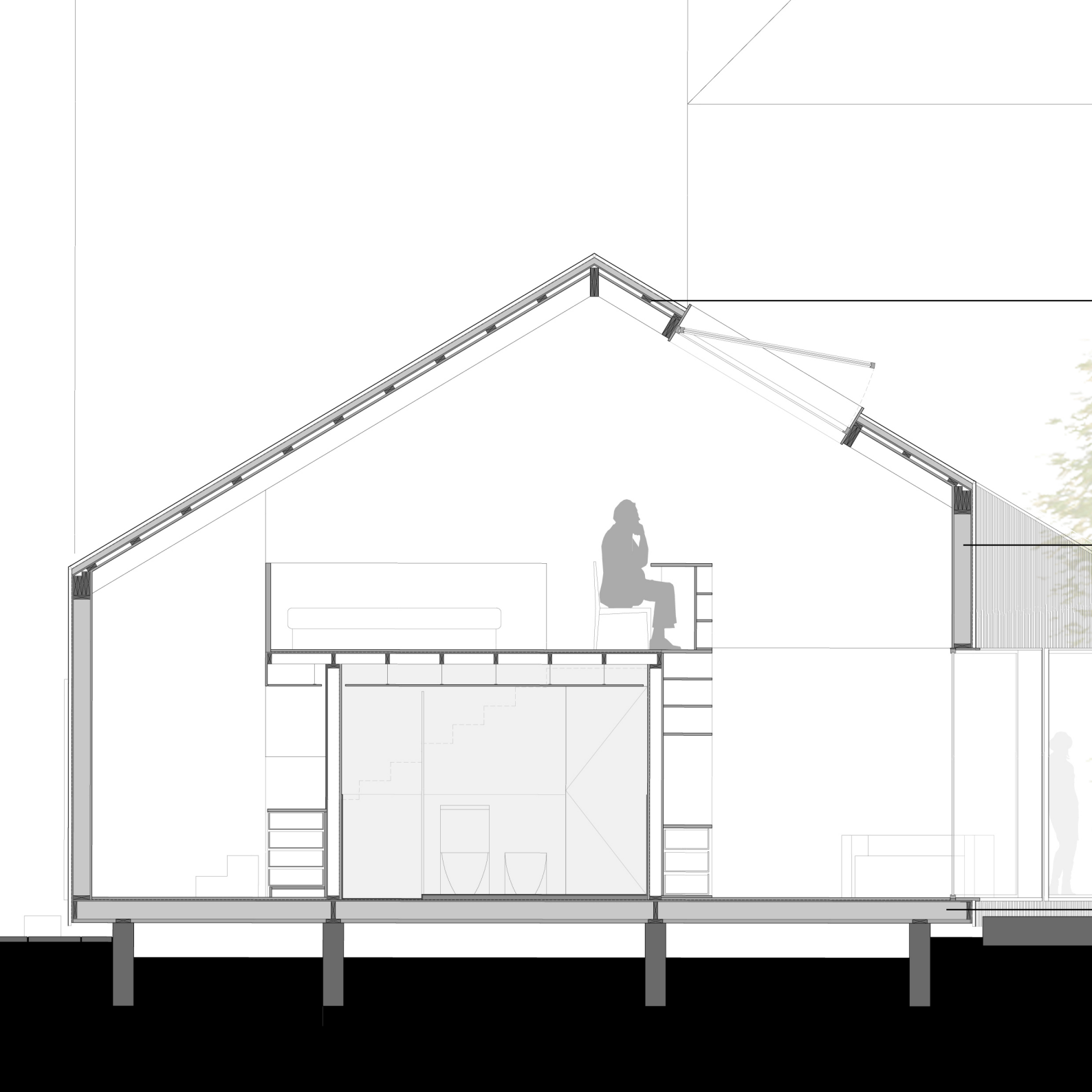
Corte Longitudinal
Escala 1.200

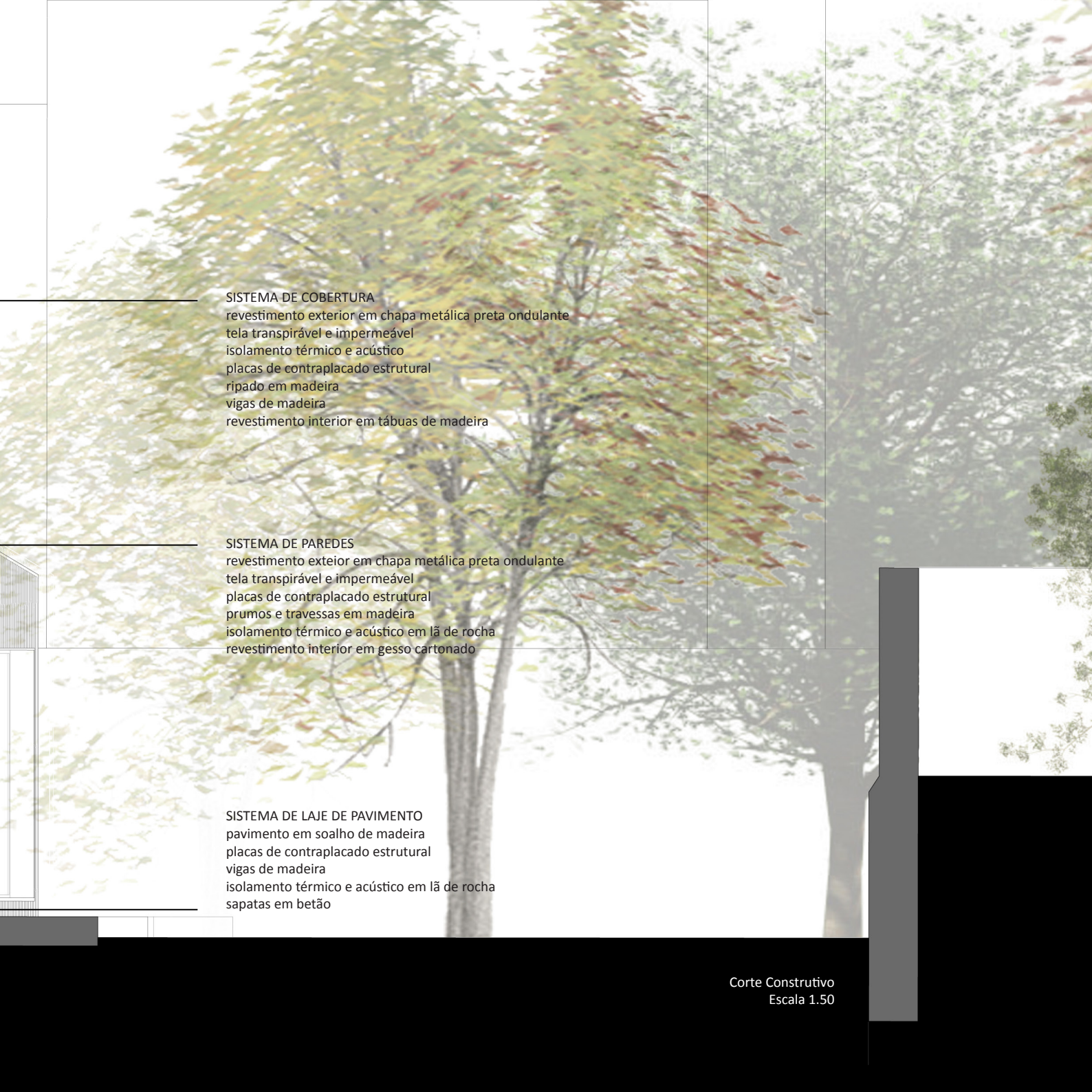


Alçado Sul
Escala 1.200

Alçado Sul
Escala 1.200

Alçado Norte
Escala 1.200





SISTEMA DE COBERTURA
revestimento exterior em chapa metálica preta ondulante
tela transpirável e impermeável
isolamento térmico e acústico
placas de contraplacado estrutural
ripado em madeira
vigas de madeira
revestimento interior em tábuas de madeira

SISTEMA DE PAREDES
revestimento exteior em chapa metálica preta ondulante
tela transpirável e impermeável
placas de contraplacado estrutural
prumos e travessas em madeira
isolamento térmico e acústico em lã de rocha
revestimento interior em gesso cartonado

SISTEMA DE LAJE DE PAVIMENTO
pavimento em soalho de madeira
placas de contraplacado estrutural
vigas de madeira
isolamento térmico e acústico em lã de rocha
sapatas em betão

Corte Construtivo
Escala 1.50

#5

Cenários Ocultos

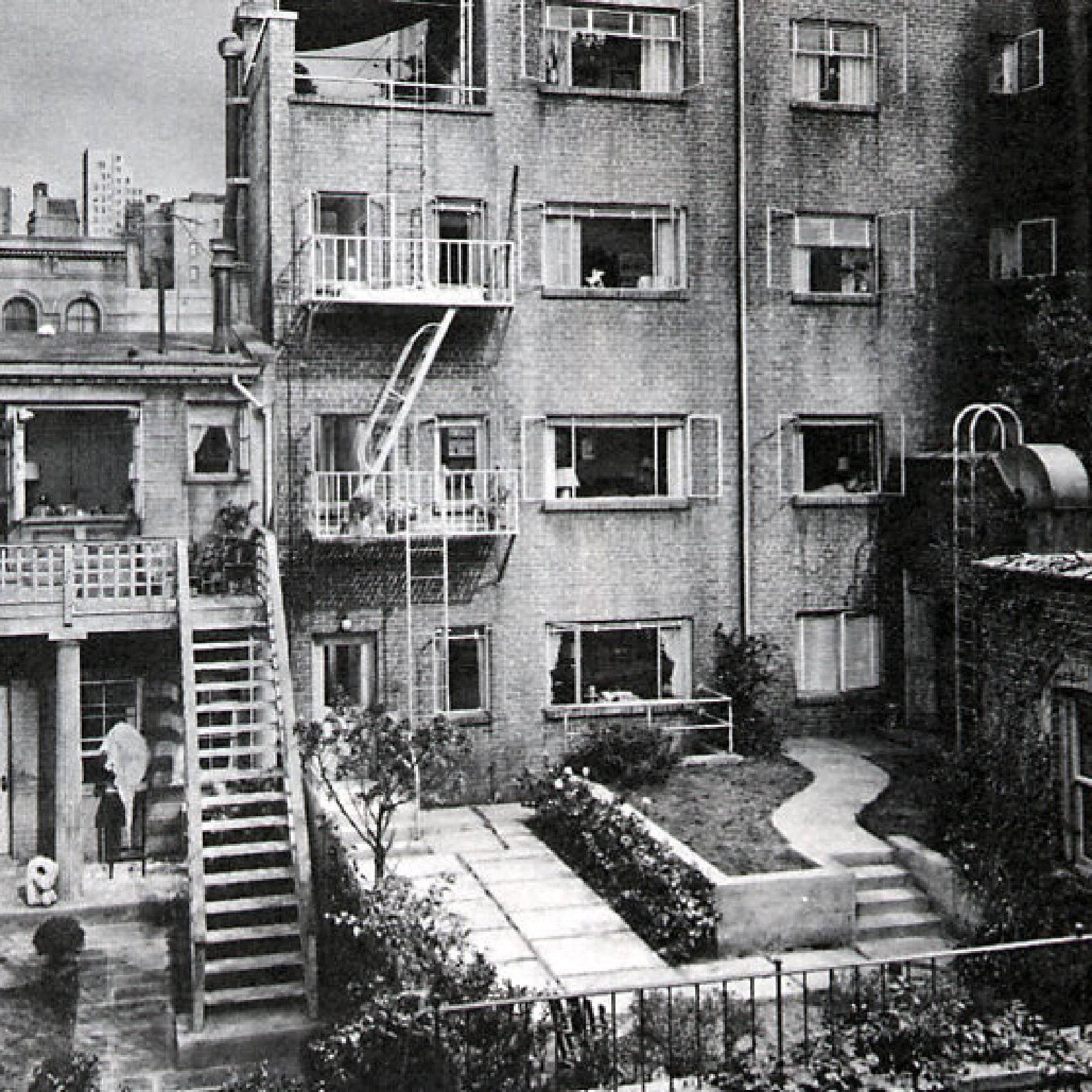
Cenários Ocultos

A vista de uma janela virada para as traseiras, pode trazer várias inquietações. O fotógrafo profissional Jeffries (James Stewart), preso ao seu apartamento em Nova Iorque por ter partido a sua perna, observa através da janela a vida suspeita dos seus vizinhos. Esta é a inquietação do protagonista do filme "Janela Indiscreta" de Alfred Hitchcock de 1954, mas aos olhos de um arquiteto surgem diferentes preocupações ao observar o interior de um quarteirão. A utilização destes espaços tem vindo a gerar uma discussão em torno da importância da revitalização urbana da cidade.

Este exercício, correspondente ao Tema IV, é uma reflexão sobre os espaços vazios da cidade de Lisboa, numa tentativa de incentivar o debate arquitetónico sobre a ocupação dos interiores dos quarteirões e de sensibilizar para a questão da necessidade de fazer renascer estes espaços ocultos que passam despercebidos aos olhos das pessoas, e ficaram esquecidos no tempo. Este exercício revela-se uma síntese do pensamento que esteve na base da realização dos projetos individuais para as habitações, e em grupo na intervenção urbana da colina das Amoreiras. Desta forma, este trabalho pretende contribuir para uma maior compreensão das potencialidades dos interiores de quarteirão enquanto espaços importantes na reconversão da cidade que os envolve.

> "Talvez o mais importante neste projeto seja o desejo de se referir à cidade que existe dentro da cidade. Os lugares interiores da cidade, cuja matriz ancorada na rua, na praça e no quarteirão originou. Há muitos destes lugares em Lisboa. Mais ou menos antigos, mais profundos ou mais abertos ao céu, mas sempre fortemente impenetráveis.
> Esta outra cidade, tantas vezes abandonada e insalubre, pode ser resgatada, dando lugar a uma outra rede de lugares, espécie de sobreposição de malhas capaz de constituir uma regeneração no tecido da cidade."
>
> Ricardo Bak Gordon, acerca de 2 Casas em Santa Isabel

"Janela Indiscreta", Alfred Hitchcock, 1954

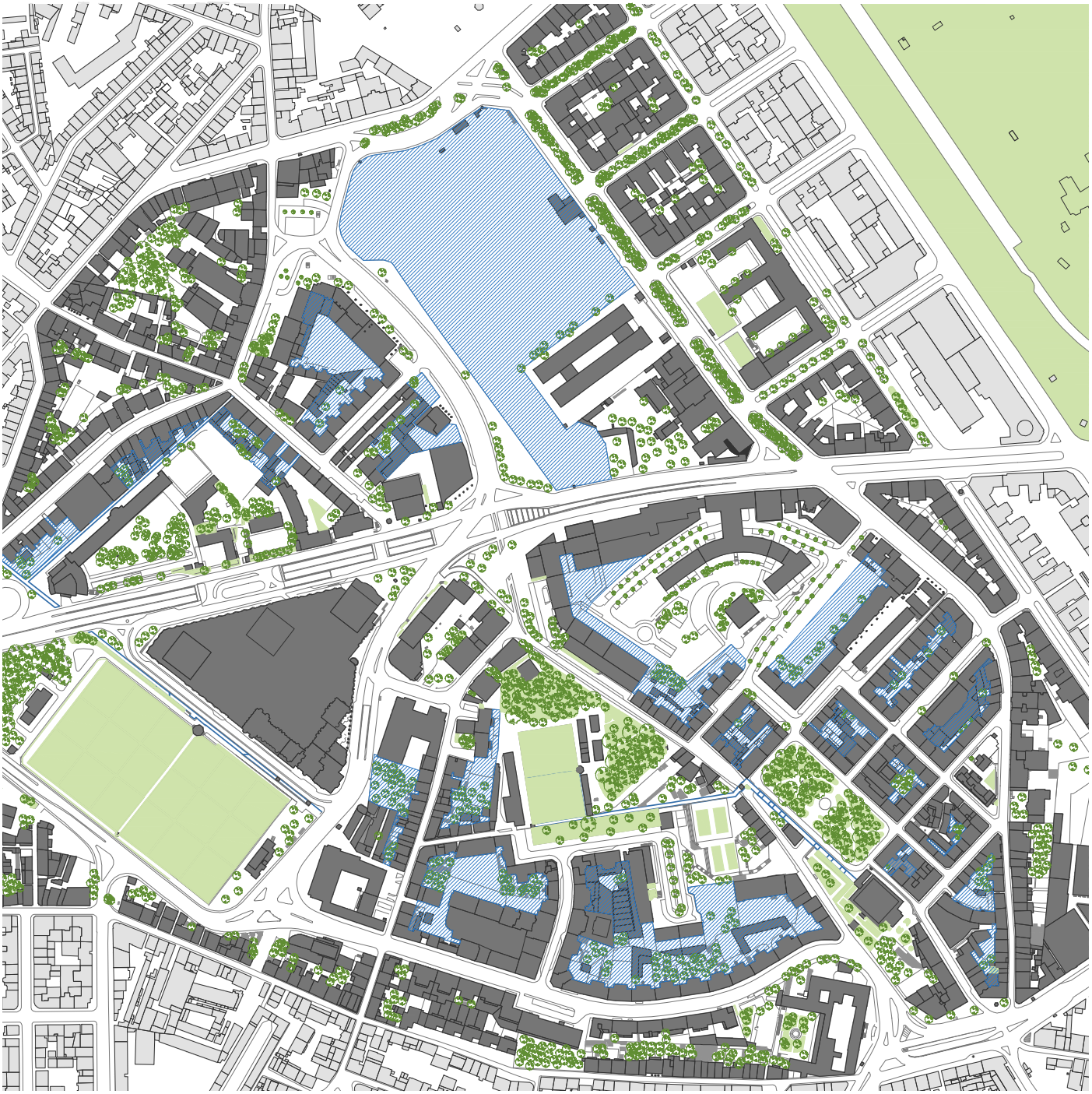


Lisboa é uma cidade onde existem muitos destes espaços, mas uma grande parte encontram indevidamente ocupados por anexos de barracões ou parque de estacionamentos, ou até simplesmente não ocupados, dando lugar a terrenos vazios abandonados, sem qualquer funcionalidade e por isso degradados e insalubres. Ao longo deste ano de trabalho, foi efetuada uma análise da zona de intervenção, do largo do Rato à Colina das Amoreiras, no qual foi feito o levantamento desses mesmos lugares, que faz parte do conteúdo desde exercício.

O interesse pelo interior dos quarteirões surge da constatação que veio a surgir desde cedo ao longo do meu percurso académico do enorme potencial urbano destes espaços que se encontram incompreensivelmente esquecidos e deixados ao abandono. Esta situação leva a ser questionado até que ponto estes lugares podem representar uma oportunidade de reconversão da cidade, tendo em conta as potencialidades que podem oferecer quando estes são abertos ao exterior e usufruídos como qualquer outro espaço da cidade.

É certo que existem certos obstáculos, como problemas de legislação e propriedade privada, e por isso existe uma ideia predominante de que é difícil construir nestes espaços, mas devem-se unir esforços de maneira a não ficarmos presos a estes problemas. Barreiras têm de ser ultrapassadas, e um equilíbrio entre o público e o privado deve ser encontrado.

Estes pequenos pedaços da cidade, revelam-se a meu ver, espaços com vivências e características únicas que devem ser aproveitadas. As pessoas estão habituadas a viver na rua, e não se apercebem do quanto poderiam tirar partido das qualidades dos interiores do quarteirões que a rua não possui. Potenciais espaços verdes, luminosos, recatados da confusão sem serem disputados pelo automóvel, são lugares que podem trazer uma nova qualidade de vida à cidade. Uma pequena aldeia dentro da cidade, um cenário oculto dentro de outro cenário.



Quarteirão Rua D.João V

Quarteirão Rua D.João V

Quarteirão Rua D.João V

Quarteirão Av. Conselheiro Fernando de Sousa

Quarteirão Av. Conselheiro Fernando de Sousa

Quarteirão Av. Conselheiro Fernando de Sousa

Quarteirão Rua Professora Sousa da Câmara

Quarteirão Travessa Águas Livres

Quarteirão Travessa Águas Livres

Quarteirão Travessa Águas Livres

Quarteirão Rua Arco do Carvalhão

Quarteirão Rua Arco do Carvalhão

Barreiro, ascensão e queda

Biografia de um território centrado na fábrica

Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Arquitetura

Laboratório de Sociologia

Orientadora: Doutora Sandra Marques Pereira

Resumo

O objetivo desde trabalho consiste em compreender as lógicas de intervenção das empresas privadas, nas cidades industriais do final do século XIX até meados do século XX, de modo a atrair e fixar os seus trabalhadores junto ao local de trabalho e simultaneamente a motivá-los e discipliná-los para o ritmo de trabalho industrial. Desta forma, pretende-se relacionar a atividade industrial com a dimensão social e perceber como se organiza no território a construção de habitações e equipamentos de apoio para os operários.

O caso de estudo escolhido é a política de habitação promovida pela Companhia União Fabril, no Barreiro, enquadrada no sistema de gestão de mão-de-obra operária do tipo paternalista. Do início do século XX a meados da década de 70, a Companhia União Fabril transformou paisagens e caracterizou o seu espaço de produção de forma significativa. As fábricas localizam-se dentro do complexo industrial, estruturando-se em seu redor as funções que permitiam a reprodução da força de trabalho, construindo habitações junto às fábricas através de um espaço hierarquizado e sectorizado, como uma estratégia funcional da empresa para poder ter a disponibilidade dos trabalhadores, mas também a subjugação das suas vidas privadas ao objetivo da maximização da produtividade.

Destaca-se neste estudo o Bairro Operário de Santa Bárbara da CUF pela sua implantação estratégica dentro do complexo, onde é possível observar uma ordem de estruturação e organização do espaço cujo eixo central é a fábrica, potencializando a relação entre os ritmos de vida do bairro e os ritmos da laboração fabril.

A nacionalização das fábricas da Companhia União Fabril nos anos 70 ao provocar o declínio da sua atividade industrial, levou ao afastamento da antiga política patronal. Este corte na relação entre os operários e a fábrica obriga a uma nova adaptação face à ausência do eixo estruturador do espaço. Este estudo tenta compreender a viabilidade das habitações e dos edifícios fabris para as populações contemporâneas e futuras, e quais as estratégias adotadas de forma a responder às exigências da sociedade que foram alterando ao longo do tempo.

Palavras-chave: Fábrica; Cidades Industriais; Organização espacial; Modos de vida; Habitação Operária; Barreiro

Abstract

The objective of this thesis consists in further understanding the underlying logic of private company's intervention on industrial cities of the end of XIX century until mid XX century, using them as a way of attracting and retaining their employees at the workplace and, at the same time, as way to motivate them and discipline them for the pace of industrial work. So, it's intended to relate the industrial activity with the social dimension and understand how the construction of housing and support equipments for industrial workers shapes the territory.

The study case that was chosen was the housing policy promoted by the União Fabril Company, in Barreiro, framed in the management system of manpower of the patronizing type. From the beginning of the XX century up to the mid 70's, União Fabril Company has transformed landscapes and has characterized their production space significantly. The factories are located inside the industrial complex, structuring around them the functions that allow for a reproduction of the work force, building houses near the factories using a structured and hierarchic way, as a company strategy to retain the availability of the workers, and to subjugate their private lives with the objective of maximizing productivity.

The Bairro Operário da Santa Bárbara of CUF stands out in this thesis, for its strategic implementation within the complex, making it possible to observe an ordered structure and space organization with the factory as the central axis, this enhances the relationship between the rhythms of life in the neighborhood and the rhythms of factory work.

The nationalization of the factories of the União Fabril Company in the 70's brought about the decline of the industrial activity, and ended the old patronal policy. This break in the relationship between the workers and the factory forces a new adaptation in the absence of the space structuring axis. This thesis attempts to understand the viability of housing and factory buildings for the contemporary and future generations, and what where the strategies used in order to answer the demands of the ever changing society.

Keywords: Factory; Company Towns; Spatial organization; Lifestyles; Industrial workers housing; Barreiro

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 302

I. INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO

1. A INDUSTRIALIZAÇÃO E A PROBLEMÁTICA DA HABITAÇÃO OPERÁRIA

1.1. A Revolução Industrial e os primeiros alojamentos operários 311

1.2. Portugal Industrializado e a promoção privada da habitação 315

2. OS GRANDES COMPLEXOS INDUSTRIAIS E A POLÍTICA PATERNALISTA 318

3. O BARREIRO INDUSTRIALIZADO

3.1. Os primórdios da Indústria 325

3.2.Da modernização dos anos 30 ao Plano de Urbanização de 1957 330

3.3. A cidade dormitório e a recessão dos anos 70 à atualidade 336

II. A COMPANHIA UNIÃO FABRIL E A POLÍTICA DE HABITAÇÃO

1. O COMPLEXO INDUSTRIAL DA CUF NO BARREIRO

1.1.Da estratégia de expansão à estruturação do espaço centrado na fábrica 345

1.2. A seletividade e a política de fixação de mão-de-obra 360

2. O BAIRRO OPERÁRIO DE SANTA BÁRBARA

2.1. Localização e traços gerais 364

2.2 Hierarquização das habitações 367

2.3. A disponibilização de serviços sociais 400

2.4. Das relações socias à construção de uma identidade 413

3. O PLANO DE URBANIZAÇÃO DO BAIRRO NOVO DA CUF

3.1. A cidade jardim da CUF 420

3.2.Os Blocos do Lavradio 426

III. A AUSÊNCIA DA FÁBRICA COMO EIXO ESTRUTURADOR DO ESPAÇO

1. DA DECADÊNCIA À APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

1.1. Recessão da produção industrial 433

1.2. As novas funcionalidades dos edifícios coletivos 436

1.3. Apropriação e viabilidade do espaço habitacional 440

2. AS EXPECTATIVAS FUTURA

2.1. Memória industrial 448

2.2. A estratégia de reconversão 450

CONCLUSÃO 453

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 457

ÍNDICE DE FIGURAS 461

ANEXOS 469

Introdução

A presente dissertação procura centrar-se na problemática da política de habitação promovida por empresas privadas, nas cidades industriais do final do século XIX e início do século XX, enquanto instrumento patronal vocacionado para a fidelização de mão-de-obra operária. Pretende-se, então, caracterizar as lógicas de intervenção das empresas de modo a atrair e fixar os seus trabalhadores junto das fábricas e simultaneamente motivar e disciplinar as populações para o ritmo do trabalho industrial, integrando-os num complexo sistema social que resulta na construção de diversos conjuntos habitacionais, equipamentos coletivos e serviços sociais.

O estudo de caso escolhido é a política de habitação da Companhia União Fabril (CUF) no Barreiro, que se afirma como sendo o maior e o mais importante complexo industrial de Portugal. Localiza-se na área metropolitana de Lisboa, por isso é um território menos explorado do que as grandes cidades em relação à habitação operária. O principal critério de seleção foi a representatividade do núcleo na criação e características dos alojamentos e equipamentos coletivos e socias oferecidos pela Companhia e a preservação dos edifícios nos dias de hoje. Destaca-se neste estudo o Bairro Operário de Santa Bárbara pela sua implantação estratégica dentro do complexo onde é possível observar uma ordem de estruturação e organização do espaço cujo eixo central é a fábrica, potencializando a relação entre os ritmos de vida do bairro e os ritmos da laboração fabril.

A habitação em complexos industriais em Portugal, é um aspeto pouco conhecido, pelo escasso número de estudos dirigidos a este tema. A quantidade de alojamentos criados por estas empresas, bem como as suas características ainda não receberam atenção, impossibilitando uma avaliação da sua importância na história da habitação, nomeadamente em Portugal. Um estudo sobre o alojamento disponibilizado por uma companhia industrial mostra-se, assim, importante para a história da arquitetura envolvida com a questão da habitação operária.

Ainda assim, foram já realizados alguns estudos no âmbito nacional sobre a compreensão das experiências socias associadas a um território centrado na fábrica. Uma das primeiras abordagens teórica sobre este objeto de estudo em Portugal, foi apresentada em 1993 e corresponde ao estudo sociológico realizado por Ana Nunes de Almeida, "**A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro**", sobre a família operária barreirense e a sua relação com a vida laboral na fábrica. Em "**Vidas na Mina – Memórias, Percursos e Identidades**" (2005), Paula Rodrigues conta as memórias da vida de uma comunidade moldada por uma empresa de exploração mineira em Lousal, no Alentejo, resultado de uma investigação que explora a relação entre o espaço construído e as relações socias. Num âmbito mais generalizado, em 2009, Deolinda Folgado na sua Tese de Doutoramento com o

nome "**A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968**", propõe perceber de que forma a indústria se fixa e organiza na cidade de Lisboa e território envolvente através da observação da planificação urbana que contribuiu para uma maior compreensão da estruturação de um território em virtude da produção industrial. Em 2003, uma abordagem mais centrada no caso de estudo foi realizada na investigação **"Paternalismo Patronal e habitação operária: o caso da Companhia União Fabril, no Barreiro**", dissertação de mestrado de Alexandre Martins, onde pretende apresentar um caso exemplar da problemática da habitação operária construída no sistema de gestão do tipo paternalista na indústria.

Nesta investigação pretende-se primeiramente caracterizar o contexto em que surgiu esta política de habitação e identificar a necessidade que existia de uma resposta à falta de alojamento operário salubre nas cidades industriais da época, enquadrado pelo processo de urbanização e industrialização. Importa perceber e analisar a relação entre o crescimento urbano e industrial, dois conceitos cúmplices, contextualizando o modo como emergiu a indústria e de que forma se fixou e organizou nas cidades. Esta investigação pretende conhecer a emergência da Industrialização no Barreiro e como se materializou no território, integrando soluções socias e urbanas associados à atividade fabril protagonizadas pela Companhia União fabril para os seus trabalhadores. Desta forma pretende-se relacionar a atividade industrial com a componente social e perceber como se organizou no território a construção de habitações e equipamentos de apoio para os operários da Companhia.

Este núcleo fabril moldou um território, ocupando e desenhando o espaço ao redor das unidades fabris. As fábricas localizam-se dentro do complexo industrial, estruturando-se em seu redor as funções que permitiam a reprodução da força de trabalho de acordo com um conjunto de políticas de atração de migrantes para o trabalho, construindo habitações junto às fábricas através de um espaço hierarquizado e sectorizado, como uma estratégia funcional da empresa para poder ter a disponibilidade dos trabalhadores, mas também a subjugação das suas vidas privadas ao objetivo da maximização da produtividade. Esta dissertação analisa as características e transformações do espaço organizado pela Companhia para os seus trabalhadores e as respetivas consequências que resultam na construção identitária de uma nova população.

Este território fabril nesta investigação é caracterizado espacial e sociologicamente, a partir da análise dos modos de vida dos moradores do Bairro Operário, que fizeram parte de uma comunidade com identidade própria, moldada por uma empresa. Esta dissertação apresenta-se como um registo do passado, face às constantes transformações que este território tem sofrido.

A referência ao Plano de Urbanização do Bairro Novo da CUF revelou-se fundamental porque, apesar de parte dele não ter sido de facto concretizado, revela uma mudança do pensamento na estratégia da empresa que se revelou num pensamento de rutura com o programa social realizado no primeiro bairro. Surge uma nova consciência de que a indústria

pode integrar um espaço planificado, podendo o edificado fabril vocacionado ao programa habitacional construir uma cidade autónoma organizada em zonas com diferentes funções, numa clara referência aos conceitos da Carta de Atenas.

A nacionalização das fábricas da Companhia União Fabril provocou o declínio da sua atividade industrial. O afastamento da antiga política patronal levou a um corte na relação entre os operários e a fábrica, que leva a ser questionado nesta investigação, quais as experiências sociais geradas pela ausência do espaço estrutural – a fábrica -, como se adaptam os modos de vida da população num quadro de modificação estrutural, e qual a viabilidade deste espaço para as populações contemporâneas e futuras. É assim pertinente questionarmo-nos como um espaço organizado e estruturado num contexto diferente do atual se adapta à evolução da sociedade, identificando as estratégias de intervenção adotadas de maneira a apropriar o espaço, pelos antigos e novos residentes do bairro, e ainda pelo proprietário deste território e pelas autarquias.

Este trabalho centra-se em três períodos diferentes representados na estruturação do trabalho: o tempo dos processos de urbanização e industrialização, o tempo de desenvolvimento da política de habitação da Companhia União Fabril e das vivências socias impostas por essa política e finalmente o tempo do desencadeamento da crise que revelou a decadência da Companhia e consequentes estratégias de apropriação do espaço nos dias de hoje. Em concordância com o fator tempo, a escala representa também um dos elementos que estruturam o trabalho, orientando o discurso do geral para o particular. Neste sentido o trabalho desenvolve-se em três partes distintas:

I. A primeira parte introduz o tema geral da dissertação e enquadra o caso de estudo, com uma inicial abordagem introdutória em torno do conceito de Industrialização e a sua relevância no desenvolvimento urbano das cidades, contextualizando o modo como surgiu a política de habitação das empresas paternalistas e a organização do seu espaço. Numa segunda fase é feita uma análise da evolução social e urbana do concelho do Barreiro através dos conceitos de Industrialização e Industrialização;

II. A segunda parte do trabalho centra-se nas origens e evolução da Companhia União Fabril no Barreiro e nas suas políticas de promoção de alojamento operário como estratégia da empresa em atrair e fixar mão-de-obra, assim como socializar a população para as atividades laborais. São identificadas as características principais desta política revelada na sectorização e hierarquização das casas e as consequências nos modos de vida das populações;

III. A terceira e última parte correspondem ao processo de decadência da Companhia União Fabril e as suas consequências, revelando quais os métodos de intervenção e apropriação de espaço que perdeu o seu eixo estruturador – a fábrica –, de modo a tornar-se viável para as populações contemporâneas e futuras.

A investigação deste tema consiste num trabalho exploratório baseado em pesquisa de fontes documentais e estatísticas, observação do objeto de estudo e a realização e análise de entrevistas.

A pesquisa documental consistiu, maioritariamente, na investigação de elementos gráficos. Foi relevante a pesquisa de fotografias antigas e de plantas históricas e de urbanização do Barreiro e da Companhia União Fabril, que permitem perceber a evolução urbana e as características de ambos os territórios. Igualmente relevante foi a recolha de desenhos técnicos, nomeadamente plantas e alçados, das habitações do Bairro Operário de Santa Bárbara, tanto da configuração original como do estado atual alvo de intervenções para corresponder às exigências de habitabilidade atuais, demonstrando de que forma se foram adaptando à evolução da sociedade. A Câmara Municipal do Barreiro, os Arquivos da CUF, os Gabinetes Técnicos da Baía do Tejo, o Museu Industrial da *Quimiparque*, o Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas e ainda o Instituto Geográfico Português revelaram-se como as principais fontes de acesso a esta informação documental gráfica. Foi também elemento de pesquisa o material correspondente a todo o processo do Plano Geral de Urbanização do Bairro Novo da CUF do Espólio de Cristino da Silva arquivado na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian que inclui esboços, plantas, correspondência entre o Arquiteto e a Companhia e ainda as Memórias Descritivas do Plano. Esta informação foi significante para o processo de compreensão das características do plano e das suas várias fases de concretização.

A observação no local e respetivo levantamento e análise foi o método estruturador de investigação que permitiu Identificar as vivências sociais e formas de apropriação e ocupação dos espaços pelos atuais moradores do bairro, com o auxílio de um levantamento fotográfico. O processo de observação passa por um esforço interpretativo que procura compreender as experiências de vida dos moradores.

A recolha dos dados dos censos realizados anteriormente e em 2011 no Instituto Nacional de Estatística tornou-se indispensável na análise a evolução do Barreiro e na observação da situação demográfico atual do território correspondente ao Bairro de Santa Bárbara. Todos os valores estatísticos referentes ao território do concelho do Barreiro, anteriores a 1991 foram retirados da investigação de Ana Nunes de Almeida (1993), que dedica um capítulo ao desenvolvimento industrial e urbano deste local, expondo uma análise do ritmo de crescimento da população residente e respetiva densidade populacional. Os restantes resultados posteriores a 1991 foram retirados dos resultados dos Censos de 1991, 2001 e 2011.A comparação dos dados dos Censos de forma desagregada ao nível da subsecção do modo a analisar a evolução demográfico do território do Bairro, encontra-se dificultada pelo facto das respetivas bases territoriais de referenciação terem variado ao longo nos anos.

Esta pesquisa foi realizada numa perspetiva não só arquitetónica e urbana mas também

sociológica. Este território foi caracterizado socialmente a partir das histórias contadas pelos moradores do Bairro que são protagonistas das antigas e atuais vivências neste lugar, fazendo parte de uma população com uma particular identidade moldada pela empresa, logo portadores de informação indispensável à presente investigação. Grande parte dos entrevistados era população idosa e encontravam-se na condição de reformados e muitos em mau estado de saúde. A certa altura surgiram algumas situações em que foi possível realizar entrevistas de grupo, dando oportunidade de acontecer um diálogo entre os entrevistados, sendo assim possível observar as diferentes opiniões dos moradores.

As entrevistas foram compostas com um conjunto questões específicas de forma a ajudar a responder aos pontos de interesse desta dissertação. O local mais apropriado para a realização das entrevistas revelou-se ser a rua, espaço quotidianamente vivido, onde os entrevistados passam a maior parte do seu tempo, sentados numa cadeira à porta de sua casa, socializando com os seus vizinhos e com as pessoas que passam. Todas as entrevistas foram objeto de gravação, com a concordância dos narradores, no sentido de procurar fidelidade e segurança na posterior análise e interpretação dos discursos. O tempo de duração médio de cada entrevista foi de cerca de 45 minutos.

As conclusões serão devidamente elaboradas com base nos resultados da análise e avaliação de toda a informação recolhida.

#1

Industrialização e Urbanização

1. A Industrialização e a Problemática da habitação Operária

1.1. A Revolução Industrial e os primeiros alojamentos operários

A industrialização caracteriza-se pela transformação dos processos de trabalho e utilização de máquinas cada vez mais potentes que levou a um aumento das forças produtivas. Uma grande concentração de mão-de-obra operária surgiu em redor dos estabelecimentos fabris e, consequentemente, levou à formação de centros urbano-industriais, em virtude das intensas vagas de migrantes vindas de meios rurais (Faria, 2010: 80).

A industrialização iniciou-se em Inglaterra, em meados do século XVIII, e disseminou-se por toda a Europa. Antes da Revolução Industrial, a atividade produtiva era manual, normalmente realizada por artesões em oficinas. Posteriormente, a maquinofatura alterou o sistema de produção, surgiu a máquina e construíram-se fábricas. Desenvolveram-se os transportes, como o caminho-de-ferro e marítimo, fazendo com que o ritmo de trabalho, protagonizado pelos operários[1], fosse mais rápido sendo possível a produção em maior escala.

Nasce a relação patrão/operário, onde o primeiro controla a produção e o trabalho é distribuído por vários operários:

> "Enquanto com o artesanato cada um dispõe de instrumentos próprios, de máquina própria e controla tanto o seu tempo e ritmo de trabalho como a quantidade e a qualidade produzida, as coisas mudam, (…) com o estabelecimento fabril. Aqui, embora as máquinas permaneçam individuais, estão doravante agrupadas num mesmo espaço e o trabalho efetua-se sob o controlo visual de um patrão que decide os horários, os ritmos, as quantidades e qualidades (…)".
>
> (Rémy e Voyé, 1994, citado por Ramos, 2010: 4)

A Industrialização vem modificar as grandes cidades, a nível sociodemográfico e económico. As fábricas, ao serviço dos industriais[2] capitalistas, situavam-se em aglomerados urbanos, onde existia mão-de-obra, e empregavam inúmeros operários. Surge uma enorme emigração do campo para as cidades que provoca um aglomerado de população, que se depara com centros urbanos sem preparação para os acolher, proporcionando o crescimento das grandes cidades e criando uma nova paisagem urbana.

[1] Ana Nunes de Almeida no texto "A fábrica e a família – tópicos para uma reflexão" descreve o operário como um "trabalhador industrial assalariado, ou seja, aquele que usa as mãos como instrumento de trabalho, integrado numa cadeia de produção, dentro de um espaço próprio, a fábrica, recebendo em troca um salário individual" (1986: 279)

[2] M. Filomena Mónica em "Capitalistas e Industriais (1870-1914) " afirma: "A definição do que era um «industrial» ou um «empresário» no século XIX não é simples. Em 1877, o Dicionário de Morais definia o «empresário» da seguinte maneira: «Aquele que empreende alguma negociação ou estabelecimento de comércio, de utilidade e uso público, fazendo os edifícios e adiantando os custos necessários, (…) ". O significado moderno já estava presente, mas subordinado. Algo de semelhante se passava com as palavras «indústria» e «industrial». A primeira referia-se a qualquer obra «útil ao consumo dos homens», (…). O termo usual era o de «fabricante», que se aplicava simultaneamente ao artesão, ao mestre, ao dono da oficina e ao indivíduo que dava trabalho a fazer no domicílio." (1987: 820)

> "Legiões de pequenos agricultores e artífices despojados das suas terras em benefício de grandes latifundiários, e esmagado pouco a pouco o artesanato pela concorrência das fábricas, não tiveram outro remédio senão vir engrossar a massa de operários dessas mesmas fábricas cujos donos os haviam arrancado aos seus tradicionais modos de vida."
>
> (Amaral, 1945, citado por Ramos, 2010: 7)

Em Inglaterra, a população, na segunda metade do século XVIII, aumentou 40%. Em Londres a população cresceu de 958.000 habitantes, em 1800, para 4.536.063, em 1901.Em 1800, a população de Paris que era de 548.000 habitantes, passou para 2.714.068, em 1901. Do ano 1800 até 1930 a população europeia quase quadruplicou, passando de 150 milhões para cerca de 550, sendo três quartos constituída por operários (Ramos, 2010: 7).

Leonardo Benévolo (1994) descreve as condições de alojamento das famílias operárias nesta época. Os primeiros alojamentos operários surgiram em Inglaterra. As famílias rurais que afluem às cidades industriais alojam-se nos espaços livres disponíveis nos bairros antigos, os *slums* (cf. figura 1), ou, mais tarde, nas novas construções da periferia, os *cottages* (cf. figura 2), em geral perto dos locais de trabalho. Alguns especuladores privados adaptam casas existentes ou constroem novas casas com o único objetivo de lucrar: redução dos custos através da redução da qualidade, que leva muitas vezes a precárias condições habitacionais em situações de adensamento e extensão das novas construções. As habitações eram geralmente insalubres, sem condições de higiene, sem iluminação ou ventilação, onde não existiam espaços ventilados e pátios. As doenças propagaram-se e começaram a provocar mortes. Benévolo (1994) relembra a descrição feita por Friedrich Engels sobre os bairros operários:

> " [Num] bairro claramente operário, nem sequer as vendas e as tabernas procuram aparentar um pouco de limpeza. Mas isto não é nada comparado com as travessas e pátios que se abrem atrás e aos quais apenas se chega através de estreitas passagens cobertas que não podem ser atravessadas por duas pessoas ao mesmo tempo. É impossível fazer-se uma ideia da desordenada confusão de casas, que constitui uma burla contra toda a urbanística racional, e da estreiteza do espaço (…) a confusão foi levada ao seu extremo pois onde existia algum espaço livre entre as construções da época precedente continuou a edificar-se e a construir anexos. (...) A cidade nova (…) estende-se para além da cidade antiga, sobre uma colina argilosa (…) Aqui termina toda a semelhança com a cidade; filas de casas ou grupos de ruas encontram-se dispersas, aqui e além como pequenas aldeias sobre o terreno argiloso desnudado no qual não cresce sequer uma erva; as casas, ou melhor dito as cottages, estão em péssimo estado, mal conservadas, sujas, húmidas, com sótãos que se usam como habitações; as ruas não estão pavimentadas nem têm esgotos (…) O barro em todos os caminhos é tal que só é possível atravessá-los quando o tempo está muito seco…[O]

método de fechar os operários em pátios fechados por todos os lados é (…) prejudicial. O ar não pode sair, e as chaminés das casas quando o fogo está aceso, são as únicas vias de escape para o ar viciado dos pátios (…).”

(Engels, 1845, citado por Benévolo, 1994: 37-41)

Alguns trabalhadores desiludidos com as condições de vida nas cidades e conscientes de que estas poderiam ser melhores e que esse facto apenas dependia da vontade dos empresários e dos governos, começaram a revoltar-se. Assistiu-se, a partir daqui, a uma mudança de mentalidades que determinou as novas teorias sociais da segunda metade do século XIX. Começou a existir uma consciência por parte de alguns empresários de que o operariado com melhores condições de vida se tornaria mais competente, disciplinado e motivado. Era então necessário promover o acesso das populações a habitações com condições mais dignas.

Figura 1 - *Slums* em Liverpool do início do século XX. O acesso é feito através de um estreito corredor, a partir da rua principal. Fonte: http://www.gentgoddard.co.uk/index.php/james-gent

Figura 2 - Exterior de *St. Martin's Cottages*. Consistiam em 88 alojamentos, divididos por 4 blocos, com 4 pisos cada. Os sanitários, as cozinhas e despensas eram comuns. Fonte: http://www.20thcenturyimages.co.uk/trolleyed/3/19/189/index.htm

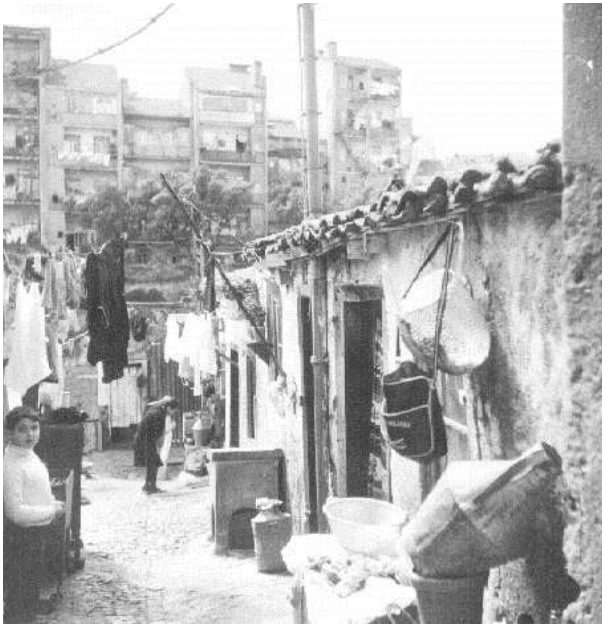


Figura 3 – Primeiros alojamentos operários em Portugal. Pátio típico da cidade de Lisboa. Fonte: Arquivo Fotográfico da CML

1.2. Portugal Industrializado e a promoção privada da habitação

Nas décadas finais do século XIX, inicia-se a Industrialização em Portugal. O desenvolvimento da indústria portuguesa foi um processo lento e tardio. A falta de matérias-primas essências (como o carvão ou o ferro), a pequena dimensão do mercado interno, a cultura da população, o atraso do sector agrícola, o degradante estado das vias de comunicação interna, a periférica situação geográfico do país em relação à Europa e consequentemente a falta de capital e de um espírito capitalista, foram alguns dos obstáculos para o desenvolvimento de Portugal (Almeida, 1993: 17).

O processo da industrialização portuguesa no século XIX caracteriza-se pela aplicação de novas tecnologias na atividade industrial, pela introdução de maquinaria na sua produção, socorrendo-se cada vez mais da força mecânica, em detrimento do uso da força humana. (Cabral 1981, citado por Ramos, 2010: 16). Estas transformações nunca poderiam ser comparadas com as que tiveram lugar nos principais países capitalistas europeus. Aconteceram com, pelo menos, um século de atraso em relação aos principais centros industriais europeus. No entanto registou-se uma rápida evolução. Augusto Malheiro Dias, membro da equipa que realizou o Inquérito Industrial de 1881, citado por Maria Filomena Mónica (1987: 823), escreveu:

> "Levam-nos um grande avanço as nações industriais, tocaram quase a meta, quando nós principiámos ainda a caminhar. Esforços e energias de que valem, se os passos que nós damos para diante são sempre fartamente compensados por outros mais largos e mais rápidos que elas dão no mesmo sentido?"

É através dos Inquéritos Industriais realizados no séc. XIX que se nota o crescente aparecimento de novas fabricas e o aumento da população trabalhadora na indústria. No Inquérito de 1881 contabilizou-se cerca de 1.245 estabelecimentos industriais e um total de 46.000 trabalhadores operários. Quando este foi comparado com o Inquérito anterior de 1852 foi possível tirar importantes conclusões quanto à evolução industrial em Portugal, que registou apenas 362 fábricas e oficinas e 12.500 operários.

A indústria nunca teve uma função tão determinante nas cidades portuguesas, tanto na sua formação, como na sua expansão, como aconteceu nos outros países europeus. No entanto, foi um fator importante no desenvolvimento urbano, contribuindo para o progresso de algumas cidades.

As oficinas da época pré-industrial encontravam-se dispersas pela cidade. Já as fábricas do século XIX e XX localizaram-se preferencialmente fora das cidades, na periferia, ao longo das vias de transporte, sendo mais tarde absorvidas pelo crescimento urbano emergente, geralmente constituindo uma coroa perfeitamente identificável na estrutura urbana – a "coroa industrial". A industri-

alização urbana nas cidades portuguesas, segundo Teresa Barata Salgueiro (1992), foi caracterizada por três tipos de implantações: as indústrias que cresceram nas zonas já densas nas imediações do centro; as indústrias que se dispersavam na periferia da zona de construção contínua, vindo a ser progressivamente submergidas pelos edifícios residenciais posteriores; e finalmente, os aglomerados industriais formados perto de infraestruturas de transporte, como canais, portos ou estações ferroviárias, deixando pouco ou nenhum espaço para habitação (Salgueiro, 1992: 261-266).

O processo de Industrialização em Portugal aumenta significativamente os postos de trabalho criados pelas recentes indústrias e traz às grandes cidades portuguesas um afluxo populacional rural à procura de melhores condições de vida. Consequentemente existe excesso de pessoas em relação ao número de habitações. Uma maior mancha de área edificada faz-se notar onde se desenvolvem as novas indústrias, alterando o desenho urbano das cidades (cf. figura 4). O Inquérito Industrial de 1881 revelou que o alojamento para a classe mais numerosa e empobrecida é escasso e com reduzidas condições de habitabilidade, nomeadamente nos principais centros industriais do país (Pereira, 1994: 509).

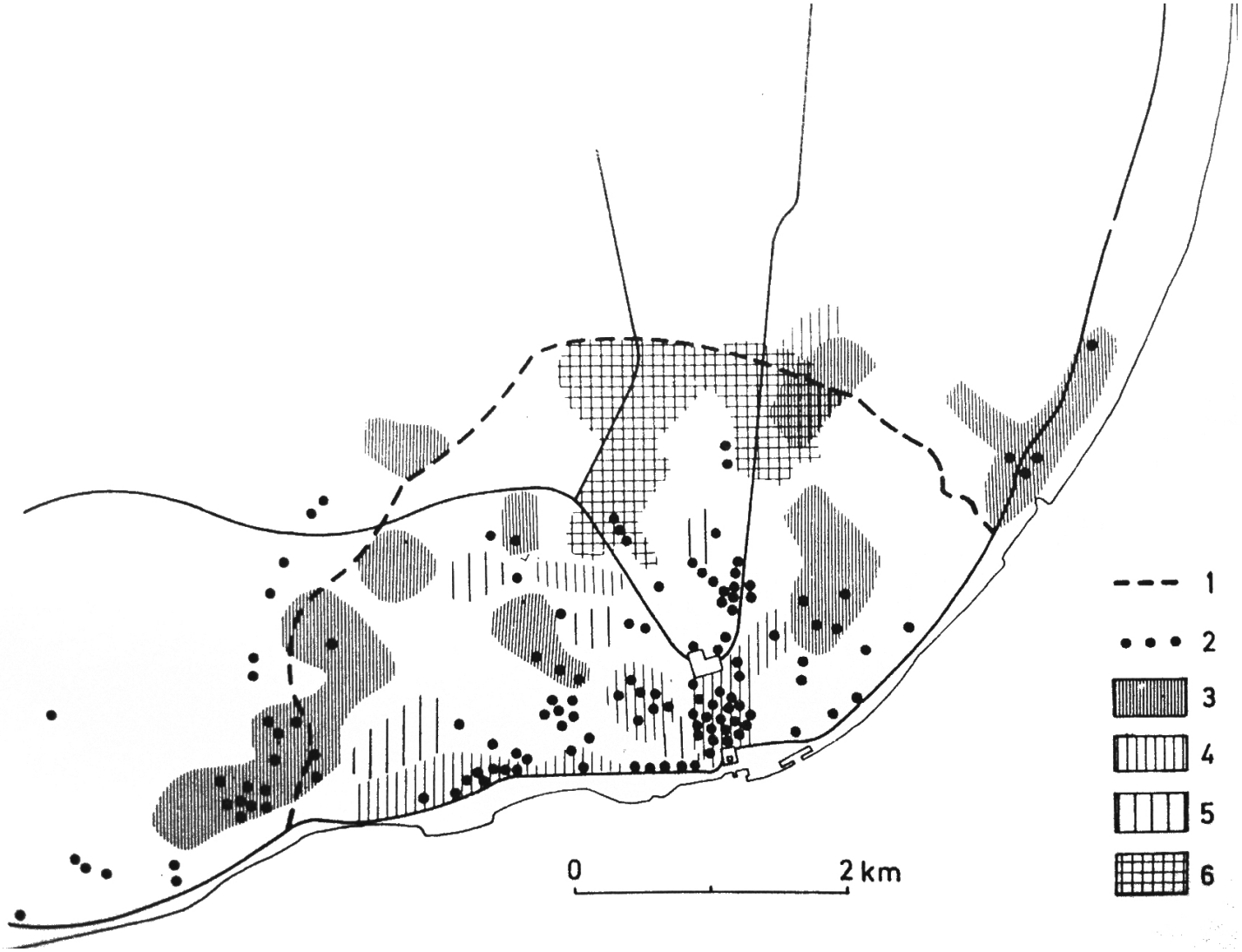
As famílias operárias não tinham capacidade económica para habitar os novos bairros da cidade e vêem-se então obrigadas a procurar alojamento em espaços desocupados, sofrendo condições de alojamento deploráveis, sem condições de conforto e salubridade. Os primeiros alojamentos operários em Portugal eram construídos nas traseiras dos prédios de andar, onde eram improvisadas habitações abarracadas para alugar aos operários (cf. figura 3). Perante a insuficiente e inqualificável habitação para os trabalhadores fabris como um obstáculo ao desenvolvimento industrial, algumas iniciativas a nível particular fizeram esforços a favor de uma melhoria de condições destes alojamentos e tomaram a iniciativa de construir habitações para os seus trabalhadores. Tratava-se de empresas que necessitavam de mão-de-obra abundante e barata, e por isso o fornecimento de alojamento constituía um poderoso fator de atração. Noutros casos, a construção de habitações para os trabalhadores inscreve-se numa atitude de tipo paternalista por parte dos empresários, funcionando como instrumento de controlo sobre os assalariados (Pereira, 1994: 518-520).

Até o início do século XX, os conjuntos habitacionais desenvolvidos para servir a indústria tornaram-se um assunto de considerável interesse. No entanto, apenas uma pequena parte destes conjuntos foi construída por empresas para os seus trabalhadores[3]. Dada a alternativa, as empresas preferiam não construir casas e deixaram a responsabilidade para os proprietários de terras privadas. Para muitos, a construção de habitação representava uma grande responsabilidade. No entanto, em locais isolados, as empresas não tinham outra alternativa senão a construção de habitação, para evitar a construção de barracas precárias por parte dos trabalhadores junto às fábricas. Em muitos casos, os trabalhadores migrantes não podiam alugar uma casa não subsidiada. Por isso as empresas utilizavam as habitações como um incentivo para atrair os trabalhadores que podiam optar por ir para outro lugar (Garner, 1993: 9).

[3] Existe uma distinção entre os núcleos fabris e as "vilas operárias" desenvolvidas separadamente das instalações industriais. O termo "vilas operárias" não confere o devido relevo à presença do industrial, que constrói um lugar segundo normas de funcionamento e distribuição espacial evidentes, isolado de grandes centros, diferente de vilas surgidas ao redor de fábricas. (Crawford, 1995; Garner, 1992)

Figura 4 – Principais áreas de construção de empresas industriais e alojamentos operários em Lisboa, em 1988. (Salgueiro, 1991: 197)

1. Circunvação de 1852;
2. Empresas industriais (1881);
3. Habitações operárias;
4. Habitação de classes trabalhadoras;
5. Habitação burguesas;
6. Urbanizações posteriores a 1872;


1
2
3
4
5
6
0
2 km

2. Os Grandes Complexos Industriais e a Política Paternalista

Iniciada no final do século XIX, nos países industrializados que abraçaram o Capitalismo como Inglaterra e Estados Unidos, a prática de disponibilização de habitação pelas empresas industriais não surgiu, originalmente, da procura de reformar as condições de vida da classe trabalhadora. Surgiu, principalmente, como uma estratégia para atrair e fixar trabalhadores à fábrica, já que eram geralmente implantadas em localidades afastadas e pouco adensadas, tornando-se assim num potencial destino para os conjuntos de migrantes à procura de emprego (Garner, 1993: 8).

Estes núcleos funcionam como aglomerados isolados inteiramente construídos e geridos por uma única empresa que exerce domínio absoluto sobre uma grande extensão de território e organiza o seu espaço ditando regras de funcionamento típicas de uma política de habitação paternalista. Tais regras estabeleciam a rotina no local e têm como característica principal proporcionar uma particular relação entre a fábrica e a vida quotidiana dos operários e de suas famílias. O recrutamento de trabalhadores nestes núcleos industriais tem, assim, como referência a unidade familiar, pois constroem-se junto às fábricas, principalmente, casas unifamiliares para o operariado. Além do trabalho e da habitação, as empresas organizam o quotidiano do lugar, no qual se inclui as formas de consumo, lazer, educação e saúde dos seus ocupantes. Criam um lugar único em que o homem realiza todas as suas necessidades.

A implantação da fábrica é o elemento central num complexo industrial, que requer uma extensa área para instalação dos edifícios de produção e ao redor são distribuídos os restantes edifícios que podem compor o núcleo. São geralmente implantados em áreas de fácil escoamento de produção e, por isso, é dada prioridade a áreas junto a rios e conectadas ao transporte ferroviário. Alguns núcleos tiveram tamanho crescimento que se transformaram em cidades. Outros proporcionaram o desenvolvimento de povoamentos adjacentes e o surgimento de núcleos urbanos, constituindo-se, portanto, num estímulo significativo para a ocupação do território.

Em busca de autonomia, estes núcleos fabris incluem na sua unidade um conjunto de serviços e infraestruturas sociais – escola, comércio, cinema, equipamentos públicos e desporto – que lhes proporcionaram um carácter autónomo. Geralmente, as construções de uso comunitário e equipamentos coletivos estão próximos uns dos outros, por vezes, formando praças de uso coletivo.

De uma forma geral, o programa existente, ou seja, a presença de habitações e edifícios de uso comunitário, está relacionado, sobretudo, com a distância do núcleo fabril aos núcleos urbanos. Os núcleos fabris fundados isoladamente de núcleos urbanos têm maior tendência de se

consolidarem como núcleos autónomos, construindo habitações e equipamentos coletivos e sociais para os seus trabalhadores junto à fábrica. Enquanto os núcleos fabris próximos ou com fácil acesso aos núcleos urbanos estabelecem, muitas vezes, uma maior relação de complementaridade com os núcleos urbanos adjacentes, construindo habitações junto à fábrica mas usufruindo dos benefícios que o núcleo urbano pode oferecer, como comércio, educação, saúde e lazer (Campagnol, 2008: 86-88).

Estas realizações reúnem no próprio complexo fabril diferentes tipologias de habitações, conforme a categoria socioprofissional dos moradores. De uma forma geral, nas zonas residenciais a hierarquização está bem definida pela diferenciação construtiva e de localização das moradias, revelando a posição social e profissional do trabalhador na empresa. Em alguns núcleos fabris, nomeadamente nos Estados Unidos, além da divisão por classes sociais, observou-se também a divisão por raça e origem.

Em termos de tipologias de habitação, para trabalhadores melhor remunerados são edificadas, normalmente, casas com melhor padrão construtivo e maior espaço interno em comparação com as casas dos operários. A maioria das habitações destinadas aos operários constituem-se em casas térreas e unifamiliares, geralmente com pouca ou nenhuma ornamentação, com o predomínio de casas geminadas. Geralmente estão organizadas em agrupamentos, paralelos e alinhados ao longo de arruamentos e costumam estar próximas da fábrica (Campagnol, 2008: 83, 84).

Genericamente não há informações de profissionais especialmente contratados para o desenho dos planos dos núcleos fabris. O traçado é quase sempre da responsabilidade de trabalhadores da empresa e é subordinado ao local de implantação da zona industrial. A composição espacial é resultado, na maioria das vezes, de um crescimento espontâneo, onde as necessidades e requisitos vão proporcionando novas construções ao redor da fábrica (Campagnol, 2008: 81). No entanto, também houve exemplos de cidades planeadas. Dois exemplos são as cidades de *Nuevo Baztán* em Espanha e *Arc-et-Senans* em França. *Nuevo Baztán* foi planeada pelo arquiteto e urbanista José Benito Churriguera entre 1709 e 1713, disposta numa malha com uma praça central e uma igreja barroca. A cidade foi implantada a sudeste de Madrid e era dominada por uma fábrica de vidros. Em *Arc-et-Senans*, onde a principal actividade era a extracção de sal de depósitos das florestas de Chaux , o urbanista do plano da cidade foi Claude Nicolas Ledoux que se baseou num circulo (cf. figura 5), onde no seu diâmetro localizavam-se as habitações dos quadros superiores e no perímetro estavam implantados os alojamentos dos operários, mas apenas metade do plano foi concretizado entre 1775 e 1783 (cf. figura 6) (Garner, 1993: 10).

Porém, a figura do arquitecto e urbanista na elaboração de planos urbanos para núcleos fabris, só vai surgir de forma significativa a partir da década de trinta do século XX quando assistiríamos a uma inovação na forma de organização desses lugares. Tais planos revelam uma nítida inspiração no modelo cidade-jardim e evidenciam uma forte influência do urbanismo dos

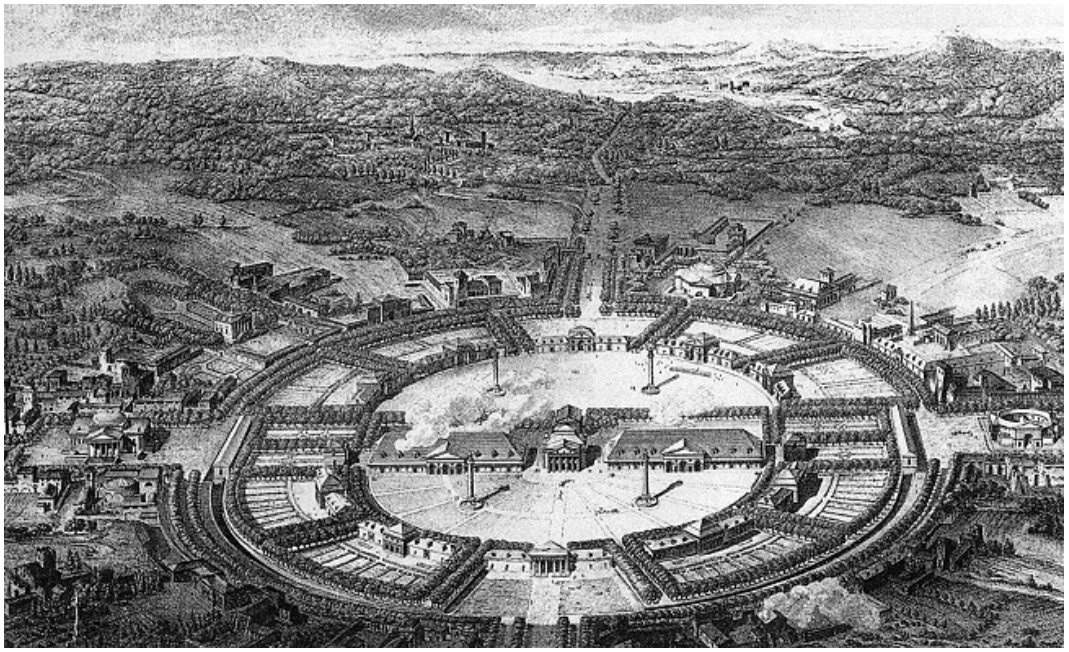


Figura 5 – Plano da cidade de *Arc-et-Senans* em Chaux, projectada pelo arquitecto Claude Nicolas Ledoux. Fonte: http://www.all-art.org/Architecture/21-9.htm

Figura 6 – Parte do plano da cidade de *Arc-et-Senans* concretizado. Fonte: http://www.nuit-bleue.com/nuit-bleue-2003/saline.htm

primeiros CIAM (Congressos Internacionais para a Arquitetura Moderna). Foi o caso da primeira proposta elaborada por Cristino da Silva para o Novo Bairro Operário da Companhia União Fabril no Barreiro (Folgado, 2009).

É comum nos planos dos núcleos fabris, o zonamento do espaço, organizado pelo agrupamento dos edifícios fabris, pelas habitações e pelo conjunto dos edifícios administrativos e coletivos. A divisão funcional do espaço é coerente com a lógica de sectorização da produção industrial. Este procedimento foi difundido pelo urbanismo do CIAM, especialmente através da Carta de Atenas[4] , que enfatiza a organização por áreas destinadas ao habitar, lazer, trabalho e transporte, configurando um zonamento funcional rígido com áreas reservadas às diferentes funções (Campagnol, 2008: 80).

De entre os mais conhecidos empreendimentos construídos em Inglaterra em função de uma indústria, alguns deles considerados protótipos da cidade jardim, destacam-se, entre outros, os núcleos fabris de *Bournville* (1894) da fábrica de chocolates *Cadbury* (cf. figura 7 e 8) , *New Earswick* (1902) da fábrica de chocolates *Rowntree*, *Port Sunlight* (1888) da fábrica de produtos de limpeza Lever, *Bromborough Pool* (1853) da fábrica de velas P*rice's Patent Candle Company* e *Saltaire* (1851-1876) da fábrica de fiação (cf. figura 9).

Além da relação provida entre a casa e o trabalho e a hierarquização presente nas habitações dos trabalhadores das fábricas, outro traço típico da organização paternalista é o processo de formação das populações residentes. Os trabalhadores que habitam nestes núcleos fabris, conformados com as circunstâncias que lhes são impostas, criam uma identidade social própria, derivada da rotina de trabalho, do isolamento e das regras estabelecidas pela empresa (Garner, 1993: 4).

Aparentemente, assistencialistas e caridosas, tais ações camuflaram interesses maiores: garantir produtividade através de oferta de benefícios aos trabalhadores criando um ambiente disciplinado e salubre. A construção de habitações significou, assim, para as fabricas, a garantia da mão-de-obra, próxima e, de certa forma, disciplinada (Campagnol, 2008: 479). É o resultado de um processo dinâmico de transformação da organização industrial, das lutas da classe trabalhadora e dos esforços de controlar e direcionar estas forças. (Crawford, 1995).

Também em Portugal, do início do século XX a meados da década de 70, a Companhia União Fabril no Barreiro transformou paisagens e caracterizou o seu espaço de produção de forma significativa, ao reunir, um grande número de trabalhadores e disponibilizar-lhes um conjunto de alojamentos e equipamentos coletivos. Este núcleo fabril, o maior e mais importante de Portugal, moldou um território, ocupando e desenhando o espaço ao redor das suas fábricas, em virtude da produção industrial (cf. figura 10).

[4] Le Corbusier, um dos mais famosos representantes desta vertente, e seus seguidores compilaram este conceito na Carta de Atenas (CIAM, 1950), documento que se tornou referência para toda a produção urbanista progressista e influente até meados da década de 70. Nela, o homem-tipo foi definido a partir de quatro necessidades ou funções humanas universais: habitar, trabalhar, recrear e circular.

Figura 7 – "Bournville 1926 - Work and Play", capa de um livreto publicitário da vila industrial de Bourniville em Birminghan, Inglaterra, onde está evidenciado o modelo paternalista da empresa que oferece um conjunto de serviços aos seus trabalhadores. Fonte: http://www.flickr.com/photos/36844288@N00/3349207113/in/set-72157613529672933/

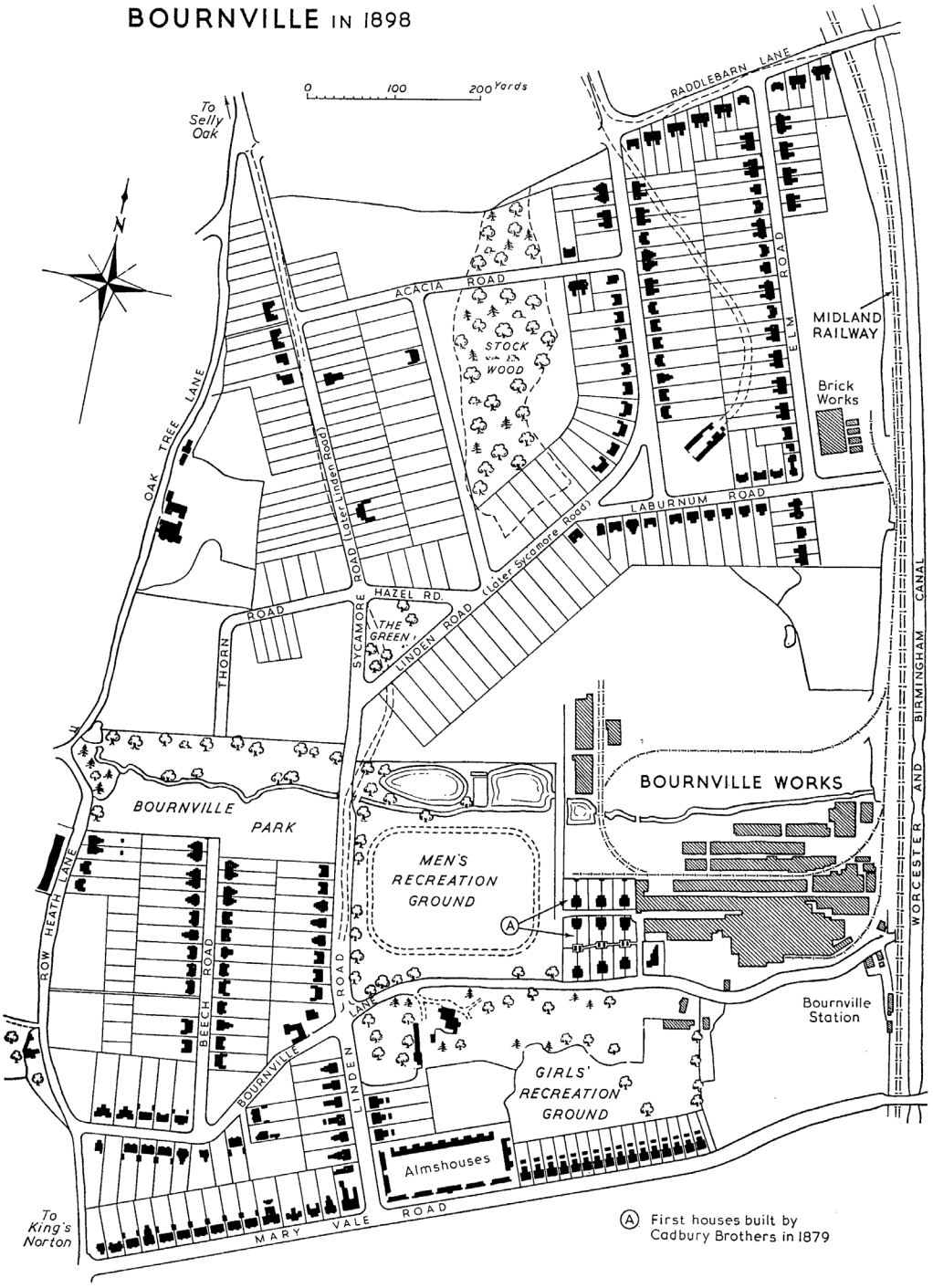


Figura 8 – A vila industrial de Bournville em 1898, constituída por diferentes zonas de habitação, edifícios fabris, espaços de recreação para os trabalhadores e uma estação ferroviária. Fonte: http://www.british-history.ac.uk/report.aspx?compid=22961

Figura 9 – Vista aérea da vila industrial de Saltaire em Yorkshire, Inglaterra, construída em função de uma fábrica de fiação. Fonte: http://www.takingthefield.com/clubs/saltaire-cricket-club

Figura 10 – Vista aérea do complexo industrial da Companhia União Fabril no Barreiro, 1975. Fonte: Arquivos da CUF

3.1. Os primórdios da Indústria

Com cerca de 41 000 residentes, a cidade do Barreiro localiza-se na Área Metropolitana de Lisboa e integra as quatro freguesias mais ribeirinhas do concelho, tendo sido elevada a cidade em 1984. Situa-se no extremo norte de uma península sobre o estuário do Tejo, contida a poente pelo esteiro da Moita e a nascente pelo esteiro de Coina e baía do Seixal. A localização estratégica do Barreiro face ao Tejo e a Lisboa, bem como o caminho-de-ferro a partir de 1861, proporcionaram importantes oportunidades de industrialização, determinando a sua estrutura, ocupação e características sociais, além de formas de urbanização específicas (Domingues, 2006: 302-309).

> "A estrutura morfológica do Barreiro é de um esquematismo notável. Integra dois sectores correspondentes a duas freguesias distintas – a do Barreiro e a do Lavradio -, separados entre si por um terreno – o da C.U.F. – onde o respetivo bairro operário, intercalado entre os edifícios fabris, é constituído por casas cinzentas e acachapadas, com vidros que a fumarada constante tornou foscos."
>
> (Cruz, 1973: 286)

No concelho do Barreiro, os fenómenos de industrialização e de urbanização estão historicamente associados: tornaram-se em "dois processos cúmplices" como refere Ana Nunes de Almeida (1993). A instalação de fábricas e oficinas, desde os finais do século XIX, teve um efeito notável sobre a composição social da população da vila, trazendo uma grande concentração de pessoas e alterando significativamente a morfologia do local.

O primeiro arranque industrial foi produzido pela instalação das Oficinas de caminho-de-ferro do Sul e Sudeste em 1861 e pelo surgimento da indústria corticeira no final do século XIX, que transformaram o Barreiro num poderoso foco de atração populacional, com origem no Algarve, Alentejo e na região das beiras. Milhares de pessoas começaram a afluir ao Barreiro em busca de melhores condições de trabalho e de vida, que se misturam com a população residente constituída maioritariamente por pescadores. Em 1895, os caminhos-de-ferro empregam já 600 operários, a somar aos 1200 trabalhadores na pequena indústria. (Carmona, 2005: 149). Tirando proveito da ação centrípeta da capital sobre os movimentos migratórios do país, a população registou um notável aumento de 44% em 1990. Por esta razão, o crescimento da população do Barreiro é um

crescimento de não-naturais do concelho, por isso, logo em 1990, 20% dos residentes não tinham nascido no concelho (Almeida, 1993: 24-27).

A inauguração da linha do caminho-de-ferro veio, de facto, determinar uma verdadeira revolução na histórica da calma e pacata vila piscatória ribeirinha: originou uma nova dinâmica de movimentos e determinou o início do processo de profunda alteração do tecido social da vila. Mas esta profunda alteração do Barreiro, transformado em vila industrial, conheceria o seu momento alto após a instalação, em 1907, do complexo industrial da Companhia União Fabril, entre a via-férrea e o Rio Tejo e a nascente da antiga vila ribeirinha (cf. figuras 15 e 16). Esta iniciativa foi protagonizada pelo industrial Alfredo da Silva[5] , que se tornaria figura emblemática da história da indústria em Portugal e grande impulsionador do desenvolvimento do Barreiro.

A expansão espacial do Barreiro processou-se então a partir da época de ritmo demográfico mais intenso. A partir de 1911, a população residente no Barreiro quase passou a duplicar todos os 20 anos (cf. tabela 1), sempre a par com o desenvolvimento da CUF e a ampliação exponencial das suas indústrias. Em 1930, os censos atribuem-lhe 21 mil habitantes, o que fez da Vila um dos centros urbanos mais populosos do País, onde, naturalmente, mais de 50% da sua população ativa trabalhava no sector industrial. A indústria constituía a quase totalidade das atividades económicas estabelecidas na vila e no concelho.

É possível observar a partir da planta do 1902 do Barreiro (cf. figura 13), a existência de pequenos aglomerados de casas nas pequenas vilas do Barreiro, do Lavradio e de Alhos Verdes, rodeados de uma imensa extensão de campos cultiváveis. A instalação da CUF no Barreiro foi contudo um motor de desenvolvimento urbano desses campos. O espaço rural que tradicionalmente caracterizava esta zona, constituída por quintas, pomares, vinhas e hortas, cujos frutos abasteciam a vila do Barreiro e a capital, cedeu lugar, em pouco tempo, entre a década de 20 e 40 do séc. XX, a um espaço totalmente urbanizado (Morais, 2008: 149). O aglomerado edificado dentro do grande complexo da CUF tornou-se numa forma de avanço da expansão da vila do Barreiro em direção à antiga vila do Lavradio, e criando de certa forma e simultaneamente, um elemento de ligação e rutura entre os dois locais.

O novo aspeto de industrialização resultou em novas construções de edificado ao redor dos primitivos e principais núcleos rurais, percetível na planta de 1930 (cf. figura 14), incluindo o aparecimento de edifícios multifamiliares e "ilhas". Estas novas construções contrastam com o núcleo antigo do Barreiro (cf. figuras 11 e 12), com a velha esquadria de arruamentos costeiros longilíneos e estreitos (Cruz, 1973: 287).

[5] "Em 30 de Junho de 1871 nascia em Lisboa alguém que mais tarde ficaria para a história como o mais genial de todos os industriais portugueses – Alfredo da Silva. É com distinção que se forma no Instituto Comercial e Industrial de Lisboa e que com 19 anos apenas, se lança na indústria, primeiro na Companhia Aliança Fabril, com fábrica nas Fontainhas em Lisboa. Senhor de forte personalidade, espírito jovem e empreendedor, breve toma as rédeas da Empresa fazendo-a iniciar uma era de grande prosperidade. Nascem fábricas, criam-se no País novas indústrias e uma lufada de ar puro parece entrar em Portugal pela visão de quem punha acima de tudo o sonho belo da criação de um dos maiores e complexos aglomerados industriais do mundo. (…) A 22 de Agosto de 1942 morre em Sintra este Homem invulgar mas é ainda no Barreiro, bem no coração da Obra querida, onde fica depositado para sempre os seus restos mortais." (50 Anos da CUF, 1958: 7-8)

Figura 11 – Postal do Barreiro antigo do início do século XX. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

Figura 12 – Postal do Barreiro antigo do início do século XX. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

Mouchão do Mo
Barra
Ba
18
E.N. 16
LAVRADIO
Qta da Palmeira
Faria
Varzea
BARREIRO
5
Qta da Fonte
Qta da Leziria
E.N. 16
E
Fca Braamcamp
Alto do Seixalinho
Ponta do Mexilhoeiro
Alto do Lavradio
Picoso
Herold
Qta Grande
Qta do Convento
Alto da Serra
Ponta das Alburricas
E
Paiva
E.N. 16
5
Lomba
Qta dos Arcos
Barroso
D. Maria
Tendada
Azinheira
Saldar
SEIXAL
Qta dos Francezes
Qta das Canas
Paulistas
Bravo
Telha
42
Mello Breyner
Outeiro
Qta Grande
Palhaça
Qta de Baixo
Fidalga
Cada Ponte

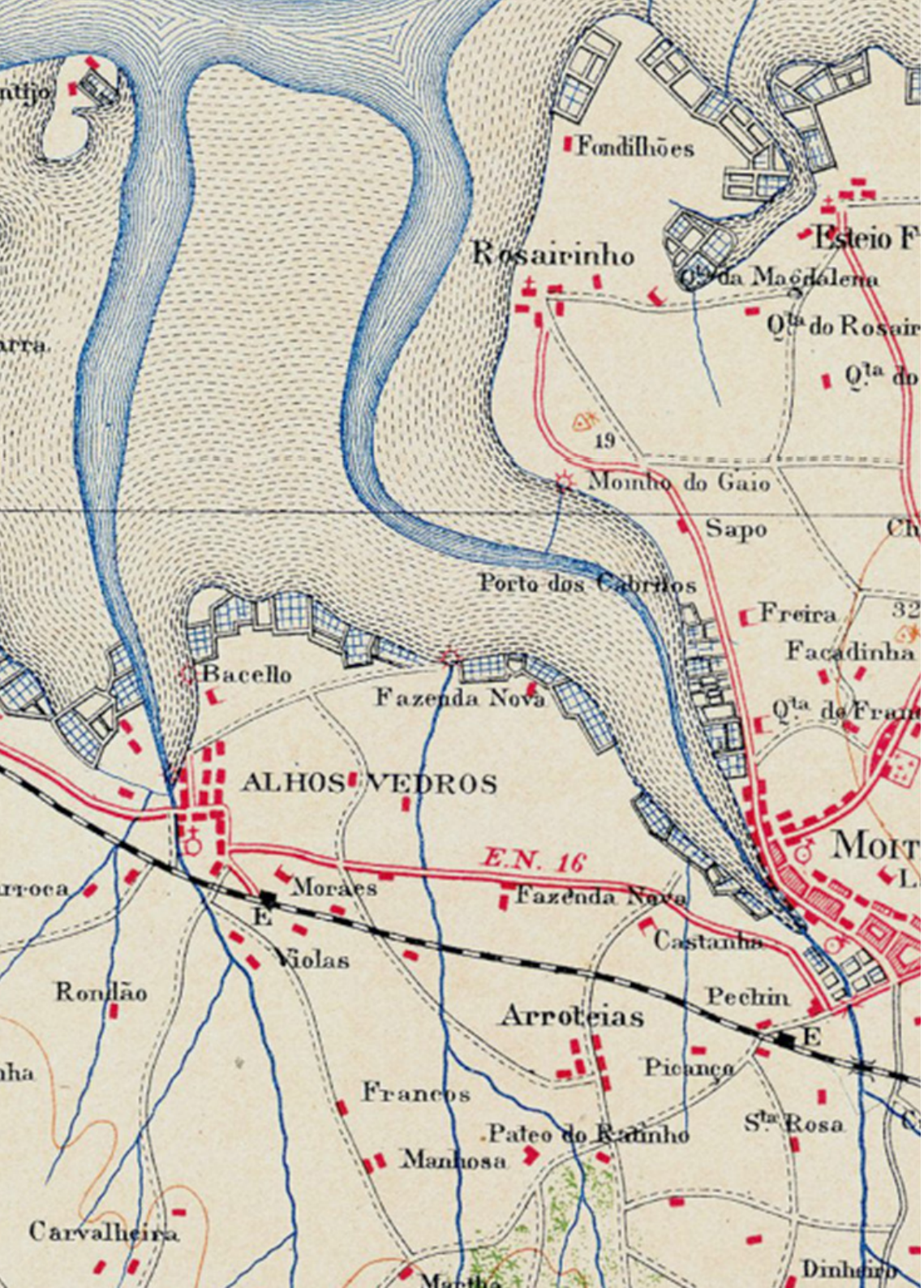


Figura 13– Mapa da cidade do Barreiro, 1902. Fonte: Instituto Geográfico Português

3.2. Da modernização dos anos 30 ao Plano de Urbanização de 1957

A CUF, a partir dos anos 30, começa a expandir e inovar as suas fábricas e transformou o Barreiro no maior centro industrial e operário do país[6]. O domínio territorial da CUF não pára entretanto de se estender. Novas terras são adquiridas a particulares e outras áreas são conquistadas ao rio. Em 1930, a CUF constrói logo uma ponte-cais na costa ribeirinha junto às suas fábricas (cf. figura 14 e 15).

A expansão industrial no Barreiro nesta época atraiu cada vez mais movimentos migratórios, populações de meios rurais que, com o conflito mundial dessa época, viram as suas já precárias condições de vida agravadas. Contudo, uma vez aqui chegados, a muitos operários e suas famílias esperavam-lhe miseráveis condições de vida, muito abaixo das suas iniciais expectativas, em bairros de barracas degradantes e alojamentos precários e sobrelotados. Este facto continuará a acentuar-se nas décadas seguintes e também em Lisboa. O crescimento urbanístico não conseguirá absorver o êxodo das populações rurais, dando origem ao crescimento de cidades de subúrbio (Carmona, 2005: 96-99).

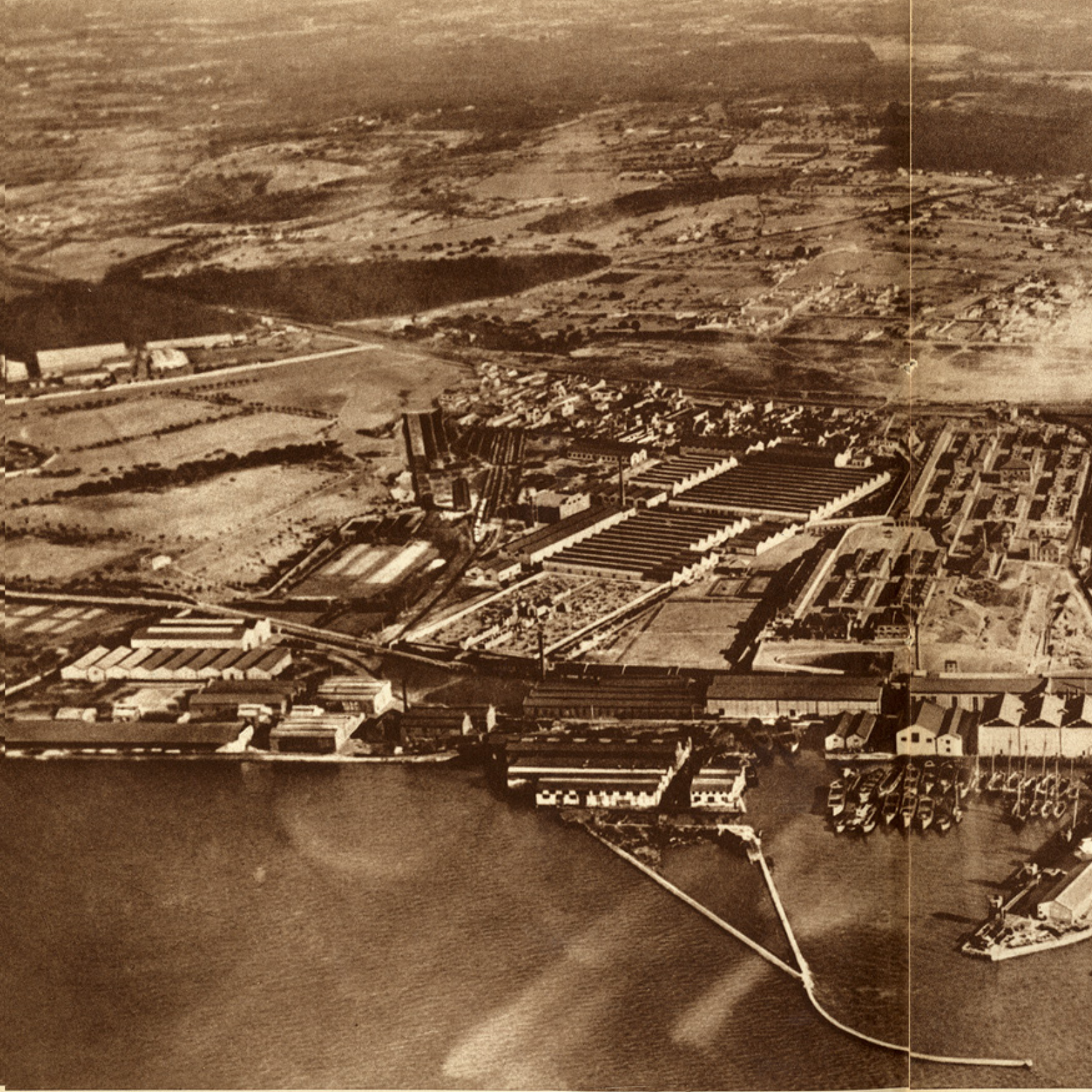
Nos anos 40, 38,6 % da população não era natural do Barreiro (cf. tabela 3), circunstância que agravou o problema da habitação. A questão da escassez da habitação e a propagação de bairros de barracas tornara-se um problema social sério. A partir daqui, a Câmara começou a tomar algumas medidas. No sentido de proibir a construção de novos bairros e outras habitações precárias, estabeleceram algumas normas, nomeadamente quanto ao número de divisões, dimensão mínima e obrigação de instalações sanitárias. Porém não resolveu o problema e apenas o transferiu para fora do Barreiro, ao provocar a fuga para bairros adjacentes, como o Lavradio e a Baixa da Banheira. Estes bairros, por se encontrarem perto do local de trabalho de grande parte da população, o complexo industrial da CUF, foram escolhidos como moradas de muitas famílias operárias. Muitas famílias menos abastadas, não encontraram lugar na vila do Barreiro ou até mesmo no Bairro Operário da CUF implantado no interior do complexo e destinado apenas a trabalhadores mais qualificados da empresa. A grande expansão urbana destes bairros adjacentes está fortemente presente na planta de 1966 (cf. figura 18).

Em 1940, a Camara encarou como solução autorizar e facilitar a construção de habitações de custos reduzidos, mas obedecendo a condições de higiene e conforto proporcionais às posses dos seus habitantes. Estas habitações, que pertenciam ao conceito de "bairros de casas económicas" do Estado Novo, foram construídas em grande parte, na zona a sul do caminho-de-ferro, na freguesia do Alto do Seixalinho (Carmona, 2005: 91) numa área que ficou ocupada por uma enorme mancha de edificado, já também bastante visível na planta de 1966 (cf. figura 18). No entanto o desenvolvimento urbano desta zona deveu-se maioritariamente ao Plano de Urbanização do Barreiro iniciado em 1945 (cf. figura 17).

[6] Num estudo realizado no âmbito dos trabalhos preparatórios para o Plano Geral de Urbanização do Barreiro, em 1947, o Barreiro chegou a ser equiparado às cidades inglesas de Manchester, Birmimgham e Liverpool, alguns dos maiores centros industriais europeus. (Carmona, 2005: 105)

Figura 14 – Mapa da cidade do Barreiro, 1930. Fonte: Instituto Geográfico Português

Ilha do Rato
Fábrica da Chedite
Barra a Barra
BARREIRO
Cª União Fabril
LAVRADIO
E.N. 13 1ª
Alto dos Silveiros
Q. Pequena
Q. do Convento
Q. Grande
C. do João Basto
C. do Marinho
Cabeço de Alhos Vedros
ALHOS VEDROS
Vinha Grande
Braga
C. do Neto
C. do Estacal
Massito
C. da Lomba
C. do Barroso
Fontainhas
Azinheira
Trindade
Mº Velho
Mº Novo
Cis João Arnaldo
Q. Nova
TELHA
Telha
Vale do Romão
C. do Ratinho
C. do Miranda
Descanço
Feitoria do Bacalhau
C. do Francisco
Q. de Baixo
Carvalheira
E.N. 10



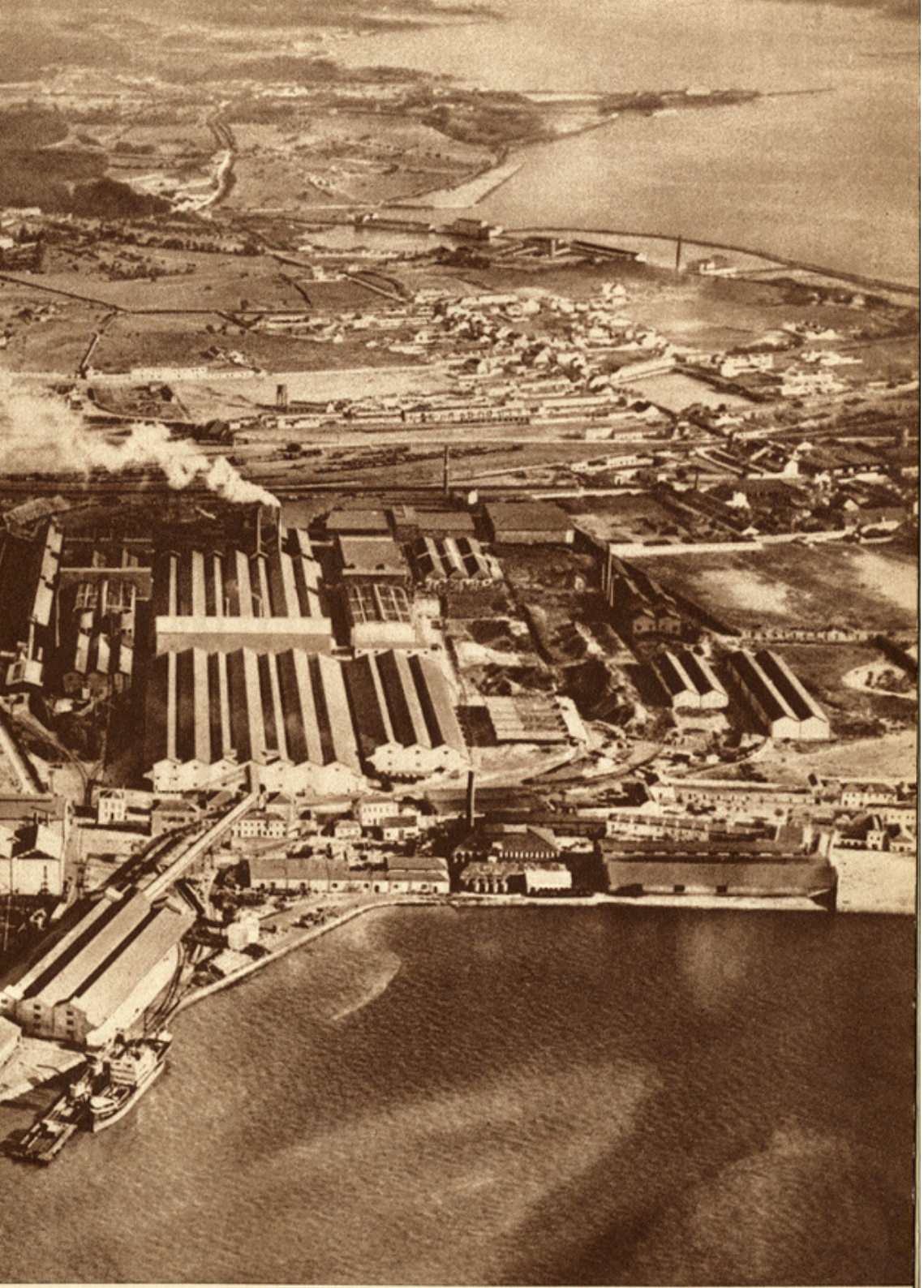


Figura 15 - Vista aérea da vila industrial do Barreiro, 1929. Fonte: Arquivo Municipal do Barreiro

De facto, apenas em 1957 a Câmara passou então a dispor de um Plano de ordenamento e gestão urbana do território do Barreiro, 100 anos depois da construção do caminho-de-ferro (1861) e 50 anos após a implantação da CUF (1907). Até ao momento, o Barreiro cresceu espontaneamente e sem qualquer plano. Esta situação de ausência de um plano de urbanização do Barreiro foi demasiado longa e comprometeu a qualidade urbanística da vila, gerando um espaço urbano desorganizado. Por isso era urgente a resolução dos problemas urbanos numa cidade cuja população não parava de crescer (Faria, 2010: 84).

A concretização do Plano de Urbanização do Barreiro, orientado pelo Arq. Paulo Cunha[7] , foi um processo relativamente lento e longo. Decorridos treze anos após as contratações dos primeiros responsáveis pelo projeto (1945) foi apenas em 1958, aprovado pelo Ministério das Obras Públicas. A vila do Barreiro foi planeada tendo em conta uma população de 38.000 habitante. Neste sentido, a área urbana necessária para albergar esta quantidade de habitantes foi organizada em duas zonas residenciais: a norte da linha férrea que englobaria núcleos residenciais com edificação em altura e um centro cívico; e a sul da linha férrea com núcleos residenciais vocacionados para habitação económica e operária, como já foi referido anteriormente (cf. figura 17) (Faria, 2010: 90-92).

A proposta da zona residencial a norte acusa uma influência modernista, que entendia a cidade como rutura com o passado, ao sacrificarem a estrutura do velho aglomerado e ao proporem novas soluções que obrigavam a numerosas demolições[8]. Foi também escolhida uma nova zona de expansão a poente da vila, justificada como impedimento de a vila do Barreiro se estender pelo território situado a sul do complexo industrial da CUF, cujas indústrias químicas libertavam gases tóxicos que, arrastados pelos ventos dominantes a norte, tornaram imprópria para habitação aquela zona. Por isso é fácil compreender a existência de um espaço vazio nesta área, que persistiu pelo menos até à década de 60 (cf. figuras 17 e 18) (Faria, 2010: 93).

No entanto as propostas para a zona norte do Plano de Urbanização não passaram do papel, não só por apresentarem-se como solução de custo elevado, mas por ter surgido uma nova sensibilidade às questões da salvaguarda do património numa tentativa de evitar a desfiguração de grande parte do centro histórico.

[7] Foi arquiteto estagiário do Mestre Carlos Ramos e admirador de Cristino da Silva. Em 1939, ingressou na Administração Geral do Porto de Lisboa. Ocupou-se em 1942 da elaboração de alguns aglomerados costeiros como Viana do Castelo, Vila Real de Santo António e Quarteira. Neste contexto, foi convidado para orientar os planos urbanísticos de localidades ribeirinhas como o Barreiro (1957), Alcochete e Moita (1949), Montijo (1950), Arrentela e Seixal (1952), seguidos de Albufeira, Praia da Rocha, Monte Gordo e Termas do Luso. (Faria, 2005: 89-90)

[8] É importante citar o grande confronto de ideias que, em Portugal, surgiram nos anos 50 e 60 no que respeita à arquitetura e urbanismo. O confronto resumia-se ao debate em torno do tradicionalismo (arquitetura nacionalista do Estado Novo, corrente orientada por Raul Lino) e do modernismo (arquitetura internacionalista da Carta de Atenas).

Figura 16 - Ante Plano de urbanização do Barreiro com os núcleos residenciais propostos, 1957. Fonte: Faria, 2010: 93

Figura 17 - Ante Plano de urbanização do Barreiro com os núcleos residenciais propostos, 1957. Fonte: Faria, 2010: 93

3.3. A cidade dormitório e a recessão dos anos 70 à atualidade

Na década de 60, o centro urbano do Barreiro vai conhecer novos desafios no novo quadro das melhorias de acessibilidades na margem Sul criadas pela abertura da ponte sobre o Tejo em 1966. Em dez anos (1960-1970), a população quase duplica (cf. tabela 1) e o concelho do Barreiro tende a tornar-se, desde então, e para uma "população numerosa não-industrial", uma cidade dormitório de Lisboa, iniciando-se uma relação de cumplicidade entre a capital e a Margem Sul. A partir da vista aérea da cidade do Barreiro de 2006 (cf. figura 19) é possível observar a incrível evolução e expansão urbana que o Barreiro sofreu após a abertura da ponte sobre o Tejo, que resultou na ocupação do seu território quase na totalidade, contribuindo para um aumento significativo da densidade populacional do Barreiro que em duas décadas (1960-1981) quase triplicou (cf. tabela 2).

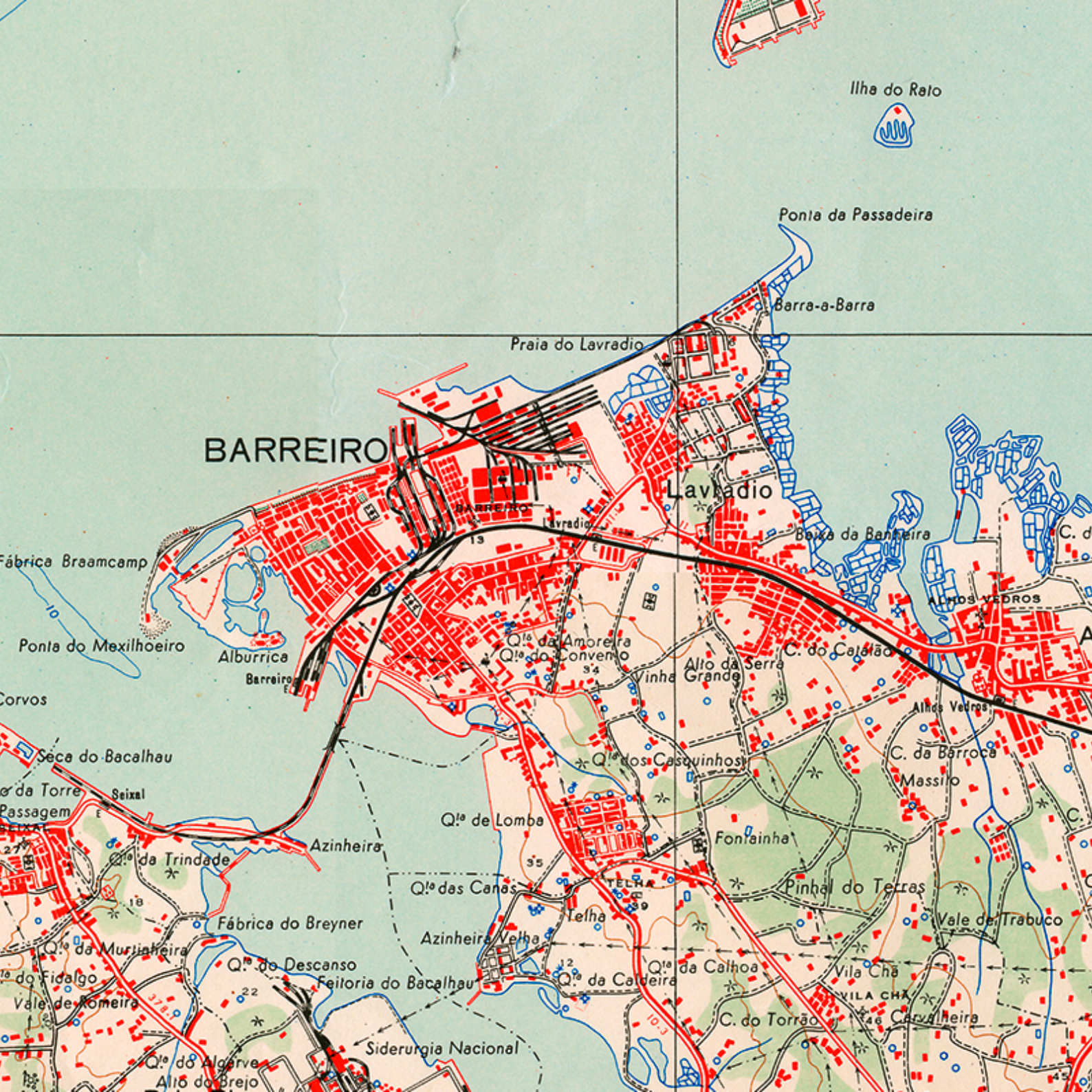
O Barreiro tornara-se numa área preferencial de destino e fixação de população para afins residenciais, com um fluxo populacional atraídos pelas condições de habitação na relação preço e qualidade, e obviamente pela melhoria das redes de ligação a Lisboa. Em 1980, a quantidade de residentes naturais do Barreiro é apenas de 43% da população (cf. tabela 3). As origens regionais da restante população que foi chegando ao Barreiro distinguem-se em três principais regiões de naturalidade, segundo os censos de 1981: o distrito de Setúbal (36%), os distritos alentejanos e algarvio (23,2%) e o distrito de Lisboa (15%) (Almeida, 1993: 25-28).

O progresso industrial, apesar de alguns momentos de estagnação, cresceu sem interrupções durante cem anos e atingiu o seu apogeu nos anos 60, quando foram introduzidas inovações tecnológicas no processo produtivo da CUF. No entanto, uma década mais tarde, a grande concentração industrial entra em progressivo declínio.

A crise económica internacional dos anos 70, com a recessão das economias europeias associada à crise petrolífera (1973), a que se acrescenta em Portugal a revolução de 74, agravada com a perda das colónias africanas, afeta profundamente a economia portuguesa e trava significativamente o ritmo de crescimento industrial no Barreiro. A nacionalização da banca e dos sectores principais da indústria portuguesa arrasaram com os grandes monopólios industriais e a negociação da entrada de Portugal na CEE resultou no aumento de exportação e consequente decréscimo da importação, que obviamente prejudicou igualmente a indústria nacional.

O Barreiro deixou então de ocupar um lugar importante no País, que tinha ocupado até à década de 70. Em 1970 os Comboios de Portugal e a CUF foram nacionalizados, o que resultou mais tarde na sua decadência nos anos 90. Devido a uma notável queda dos seus produtos no mercado português e estrangeiro, viram-se obrigados a desativar parte significativa das estruturas fabris da antiga CUF, tornando devoluto esse imenso terreno ribeirinho. O sector secundário dominante até então perde posição a favor do sector terciário. No entanto, as transformações demográficas no Barreiro só são visíveis a partir de 1991. A falta de postos de trabalho industrial vem criar

Figura 18 – Mapa da cidade do Barreiro, 1966. Fonte: Instituto Geográfico Português


Ilha do Rato
Ponta da Passadeira
Barra-a-Barra
Praia do Lavradio
BARREIRO
Lavradio
Baixa da Banheira
Fábrica Braamcamp
Ponta do Mexilhoeiro
Alburrica
Barreiro
Q.ta da Amoreira
Q.ta do Convento
Alto da Serra
Vinha Grande
C. do Calaião
ALHOS VEDROS
Alhos Vedros
Corvos
Seca do Bacalhau
Seixal
Passagem
Q.ta dos Casquinhos
C. da Barroca
Massirio
Q.ta de Lomba
Azinheira
Q.ta da Trindade
Fontainha
Q.ta das Canas
TELHA
Pinhal do Terras
Fábrica do Breyner
Telha
Vale de Trabuco
Azinheira Velha
Q.ta da Murtinheira
Q.ta do Descanso
Feitoria do Bacalhau
Q.ta da Calheta
Q.ta da Caldeira
Vila Chã
Vale de Romeira
C. do Torrão
Siderurgia Nacional
Q.ta do Algarve
Alto do Brejo

uma regressão na evolução da população residente no Barreiro, situação que se mantem até à atualidade (cf. tabela 1).

A atual expectativa de reconversão do Barreiro é dificultada pelo perfil qualificado e especializado da mão-de-obra operária residente no concelho. Quando encerram grande parte das unidades fabris e despedem a maioria do pessoal, estes operários de um só ofício, são obrigados, a muito custo, a readaptarem-se a novas modalidades de trabalho. No entanto, este processo de acomodação tem vindo a adiar o desenvolvimento de novas atividades económicas que possam vir a requalificar o concelho do Barreiro (Almeida, 1993: 23).

População Residente. Barreiro. 1864-2011.

Anos	Total	Variação
1864	4543	-
1878	4843	+ 7 %
1890	5436	+ 12 %
1900	7844	+ 44 %
1911	12203	+ 55 %
1920	15009	+ 23 %
1930	21042	+ 40 %
1940	26104	+ 24 %
1950	29719	+ 14 %
1960	35088	+ 18 %
1970	59055	+ 68 %
1981	75982	+ 49 %
1991	85768	+ 13 %
2001	79012	- 9 %
2011	78764	- 0.3 %

Tabela 1 - Evolução da população residente no concelho do Barreiro entre 1864 e 2011. Fonte: Almeida, 1993; Instituto Nacional de Estatística - INE

Densidade Populacional (n.ºhab/km²).
Barreiro. 1890-2011.

Anos	Barreiro	Continente
1890	202.00	52.40
1900	219.00	56.50
1911	337.10	62.50
1920	414.60	63.40
1930	590.40	71.70
1940	727.60	81.00
1960	984.50	93.80
1981	2 598.20	105.00
1991	2 679.50	105.30
2001	2 468.50	110.80
2011	2 157.40	112.60

Tabela 2 - Evolução da Densidade Populacional (nºhab/km²) no concelho do Barreiro entre 1890 e 2011. Fonte: Almeida, 1993; INE

Naturais do próprio distrito de redidência (%).
Barreiro. 1890-2011.

Anos	Barreiro	Continente
1890	88.6	93.2
1900	80.1	91.6
1911	72.0	90.9
1920	71.1	90.8
1930	72.9	90.9
1940	62.2	87.7
1950	55.1	86.3
1960	52.7	86.3
1981	42.9	-

Tabela 3 - Naturais do próprio distrito de residência (%) no Barreiro entre 1890 e 1981. Fonte: Almeida, 1993

Figura 19 - Vista aérea da cidade do Barreiro, 2006. Fonte: Domingues, 2006

#2

A Companhia União Fabril e a políica de habitação

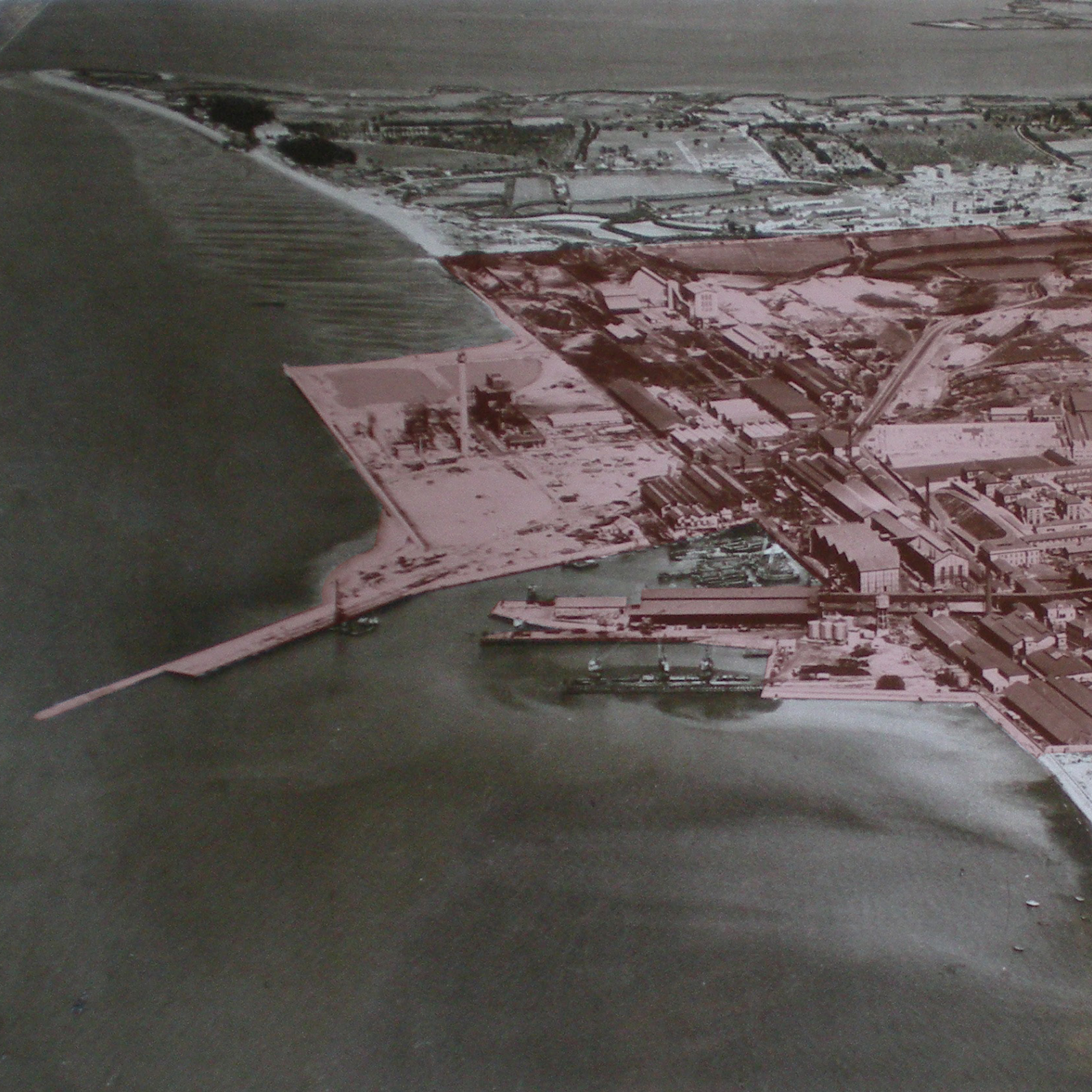
1.1. Da estratégia de expansão à estruturação do espaço centrado na fábrica

O crescimento do Barreiro, como concelho suburbano de maior taxa de crescimento populacional das primeiras décadas do século XX, deveu-se, em grande parte ao maior industrial português, Alfredo da Silva, quando decide transferir as suas fábricas do grupo Companhia União Fabril (CUF) de Alcântara para o Barreiro.

Em 1907, Alfredo da Silva compra um lote de terrenos no Barreiro, à empresa Bensaúde & Companhia, para a construção da futura instalação do novo complexo da Companhia União Fabril. Depressa alarga as suas atividades a diversas áreas e ocupa uma grande parte dos terrenos ribeirinhos a nascente do núcleo antigo da vila. O novo complexo industrial da CUF constitui um enorme recinto fechado ao exterior delimitado a norte pelo Rio Tejo, no extremo sul pela linha de caminho-de-ferro e a este a fronteira dá-se, atualmente, com o Lavradio (cf. figura 20). A localização estratégica destes terrenos era perfeita: o acesso fácil aos caminhos-de-ferro do Sul e Sudeste mantinha a CUF em ligação direta ao principal destinatário dos adubos, a grande região do Alentejo. Ao mesmo tempo, a localização ribeirinha proporcionava uma fácil ligação fluvial à capital do País e às rotas comerciais do mundo, para além de assegurar abundância de água, indispensável ao funcionamento das fábricas (Morais, 2008: 20).

O grande objetivo era tornar a CUF uma unidade económica autossuficiente, desde o abastecimento da matéria-prima até à comercialização final dos produtos fabricados nas suas fábricas. Da estratégia de expansão fazia parte o controlo do litoral ribeirinho, a navegação fluvial e o acesso à circulação ferroviária. Os comboios do Sul do país e a frota marítima privada da Companhia depositavam no cais do Barreiro uma enorme quantidade de matérias-primas necessárias aos diferentes fabricos. O grande volume da mercadoria movimentada impôs, logo a partir de 1908, a montagem de uma rede ferroviária dentro do perímetro das fábricas, articulada com a linha já existente, e a construção de um cais fluvial, que seria sucessivamente renovado e aumentado através dos anos, ganhando terreno ao rio.

No ano de 1908, com cerca de 100 operários a trabalhar no novo complexo, inicia-se a primeira linha de produção de ácidos na CUF, com uma unidade de transformação de óleo de bagaço de azeitona para fabrico de sabões (cf. figura 21). No ano seguinte entra em laboração a primeira fábrica de ácido sulfúrico e superfosfatos para a produção de adubos. Em 1911 inicia-se a produção de ácido clorídrico (cf. figura 22) e dois anos depois a de sulfato de cobre (Almeida, 1993: 142). Depois a construção de novas unidades sucedem-se num ritmo crescente, tornando-se num



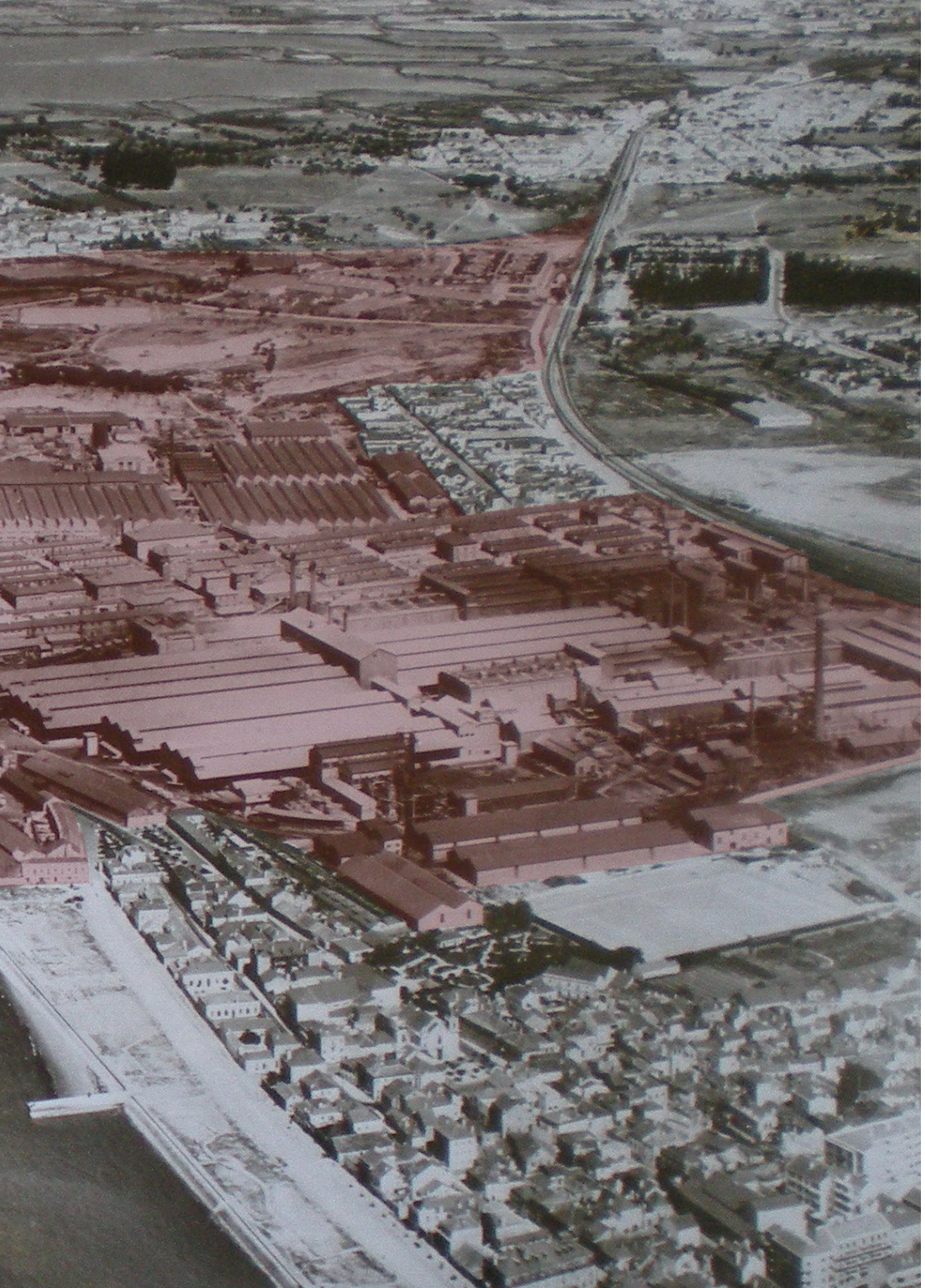


Figura 20 - Localização das Fábricas da CUF na cidade do Barreiro, 2006.
Fonte: Arquivos CUF

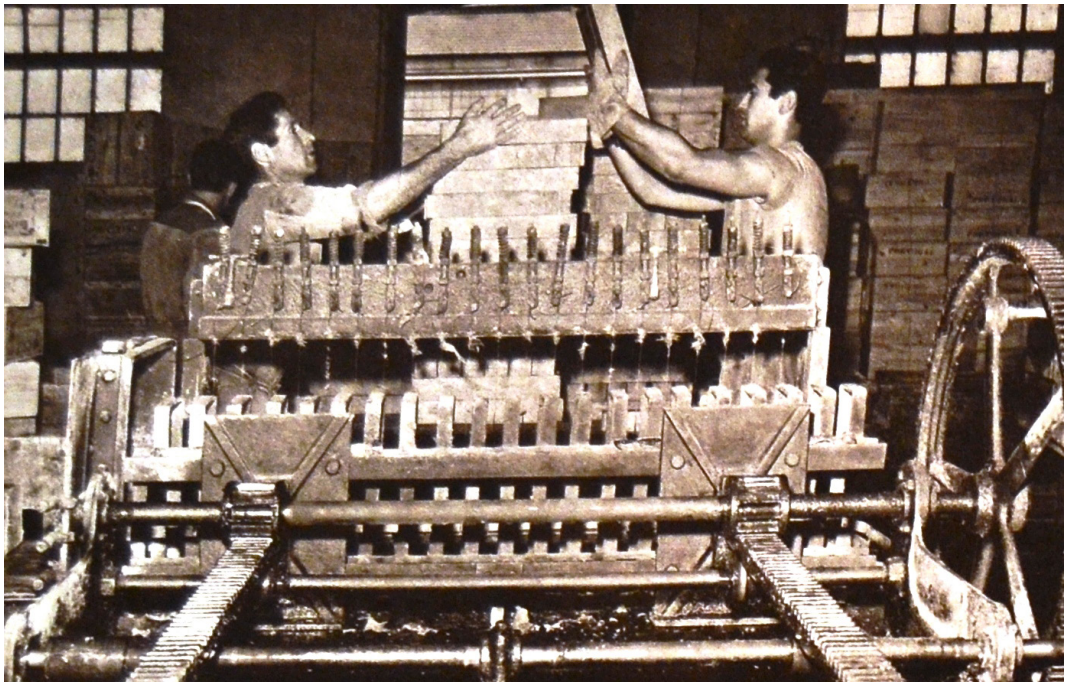


Figura 21 - Fabrico de sabão da CUF. Fonte: “50 Anos da CUF no Barreiro”, 1958

Figura 22 - Fabrico de ácido clorídrico da CUF. Fonte:“50 Anos da CUF no Barreiro”, 1958

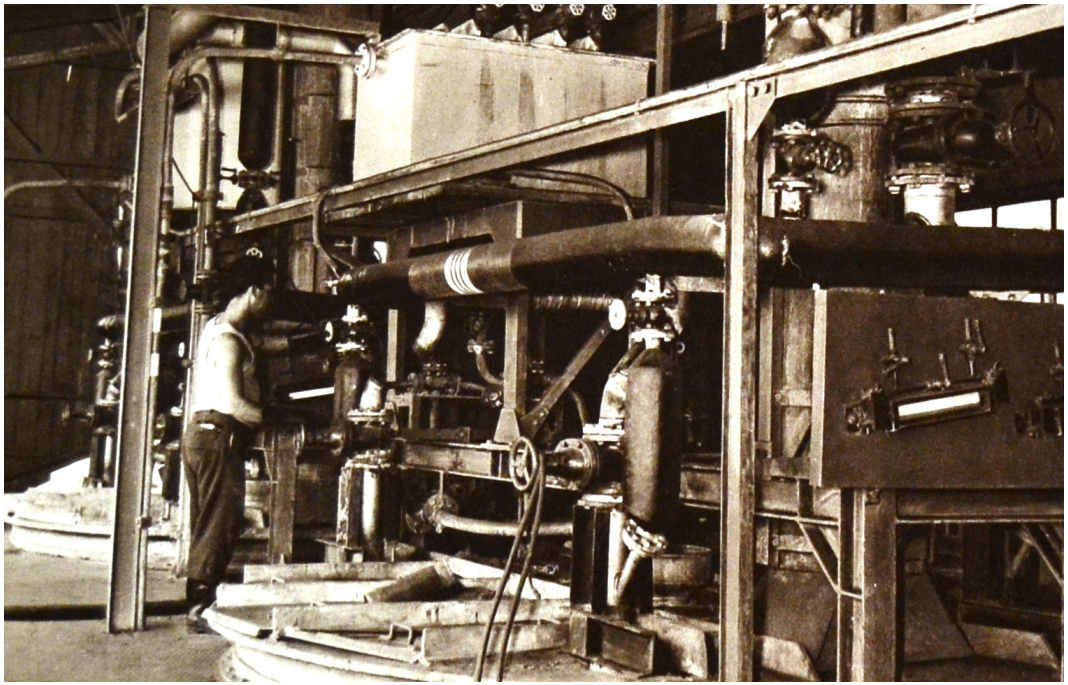


Figura 23 - Fabrico de sulfato de cobre da CUF. Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958

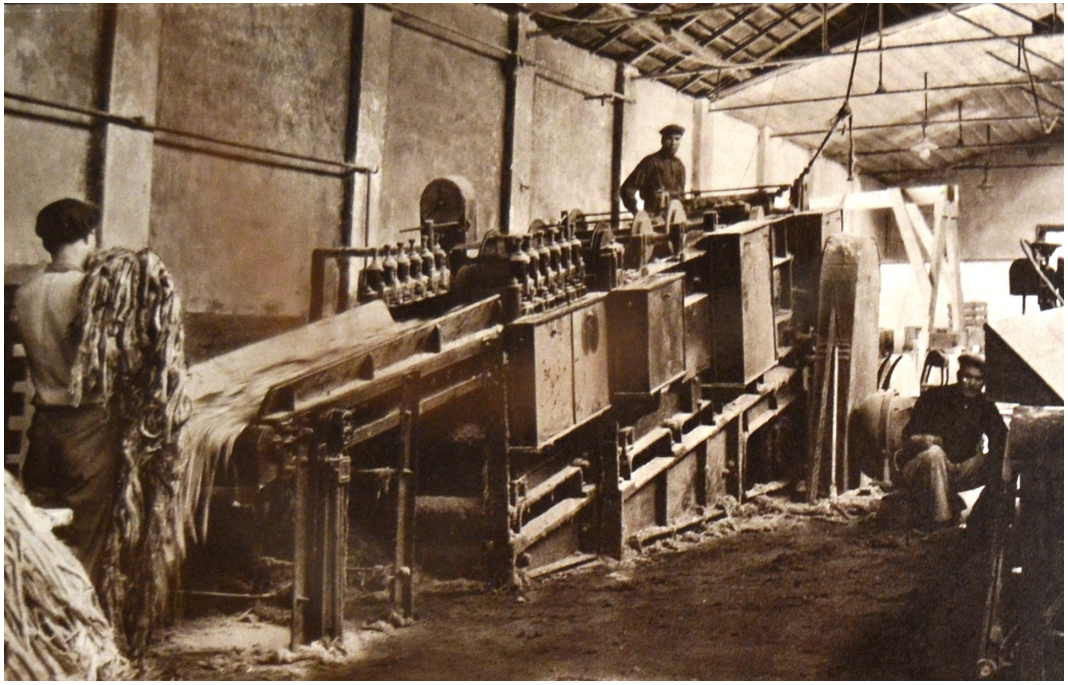


Figura 24 - Industria Têxtil da CUF Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958

centro industrial com várias instalações fabril. Entretanto a dimensão territorial da CUF no Barreiro não para de crescer, transformando a paisagem ribeirinha e o Barreiro no maior centro fabril do país. Por volta de 1908, encontravam-se construídos cerca de trinta edifícios; em 1957, o número ampliou-se a cerca de duas centenas, sendo em 1958, a área total fabril e social de 2.145.000 m2[9] (Folgado, 2009: 436).

A partir dos anos 20, optou-se por alargar a ação industrial a áreas complementares, como as atividades têxtil (cf. figura 23) e metalomecânica, ampliando as suas atividades iniciais e permitindo um desenvolvimento autónomo. Para a embalagem e distribuição de adubos foi necessário a produção de sacos de tecido de juta, uma das principais atividades da nova indústria têxtil da CUF. É criada, em 1919, a empresa de "Sociedade Geral de Comércio e Transporte" que mantinha as ligações entre o norte da Europa, Portugal e as ex-colónias, para o transporte de matéria-prima e de produtos saídos das unidades fabris da CUF. Em 1937, a CUF entra no ramo da construção e reparação naval que veio mais tarde a dar origem à grande empresa "Lisnave". Alfredo da Silva vai também adquirir uma casa bancária, o " Banco Totta & Açores", para poder apoiar os seus enormes investimentos financeiros.

Parte deste enorme plano estratégico adotado por Alfredo da Silva, incluía a área da publicidade. A CUF, desde cedo, recorreu à produção de cartazes e filmes publicitário alusivos aos seus produtos. Em 2008, durante a preparação de uma exposição comemorativa dos 100 anos da CUF do Barreiro foi descoberto em mau estado, no antigo Cinema do Bairro Operário da CUF, um pequeno filme protagonizado pelo ator Vasco Santana produzido nos anos 30, um dos primeiros filmes publicitários portugueses. O filme intitulado "A Via Áurea" faz, ao longo de 8 minutos, a promoção dos adubos vendidos pela Companhia União Fabril, passando para a tela um conjunto de cartazes publicitários. Vasco Santana desempenha o papel de um agricultor que enriquecia graças aos adubos da CUF (cf. figura 25):

> "Este anúncio pretendia mostrar aos agricultores as vantagens dos adubos fabricados pela CUF. Estava-se então em plena campanha do trigo, e a política do Estado Novo que pretendia garantir o autoabastecimento da nação em cereais deu um grande impulso à Companhia. A fictícia riqueza do Zé Povinho encarnado por Vasco Santana trazia atras de si a real prosperidade da CUF"
>
> ("Saudades da Fábrica – Centenário da Fábrica CUF", Documentário RTP, 2008)

As fábricas na CUF organizavam-se por diferentes áreas: produção industrial, conservação e serviço geral. Na primeira estavam incluídas as diversas zonas fabris: Zona Ácidos, Zona Adubos, Zona Metais Não Ferrosos, Zona Química Orgânica, Zona Metalomecânica e Zona Têxtil. Na segunda, a Conservação, a Manutenção, os laboratórios, a Sala de Desenho, os Estudos e Projetos. Na terceira, por fim, os Serviços Sociais, de Pessoal, de Mão-de-Obra e de Medicina no Trabalho, Contabilidade e Tesouraria (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958: 138-139).

[9] O total da área organiza-se nas seguintes áreas: área ocupada fabril - 650.000m2; área ocupada social – 140.000m2; e área livre – 1.350.000m2 em que 245.000m2 correspondia à área sem destino. (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958: 60)

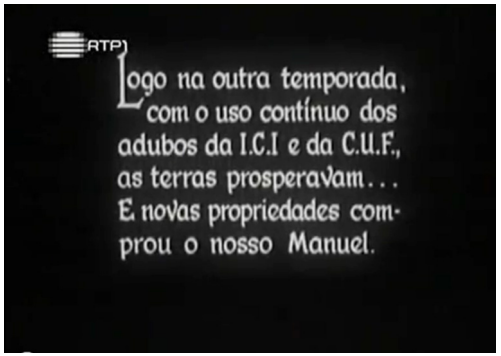


Figura 25 - Imagens do filme publicitário português da CUF nos anos 30, protagonizado por Vasco Santana. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

Figura 26 - Anúncio publicitário alusivo aos sabões produzidos pela CUF, na Revista "Mundo" datada de 1959. Fonte: http://industriacuf.blogspot.pt/search/label/Publicidade?updated-max=2008-01-03T19:14:00-08:00&max-results=20&start=52&by-date=false

O grande sucesso da CUF dependeu em grande parte das inovações técnicas e produtivas, da organização da empresa e da integração de diversas áreas industriais. Foi uma empresa que sempre apostou na eficiência provocando grandes alterações em tão pouco tempo. As mesmas indústrias conheceram no território várias gerações tecnológicas. Alteraram-se e adaptaram-se edificações existentes, construíram-se novos edifícios, introduziram-se materiais novos e adquiriram-se tecnologias mais modernas (Folgado, 2009: 434). O quadro do pessoal técnico das Fábricas foi apresentando significativas melhorias na medida em que se tornou cada vez mais especializado:

> "(…) [em 1950] inicia-se um novo ciclo na vida da Companhia ao pôr em prática ideias tendentes a promover uma rápida evolução, com o objetivo de conseguir, mercê de uma maior especialização, a melhor resolução dos problemas. O número de engenheiros, economistas, médicos, etc., aumenta de forma impressionante, quer para desenvolver serviços ou atividades já existente, quer para criar novos."
>
> (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958: 138)

Por último, a concorrência nacional e internacional cada vez maior, levaram a Companhia a desenvolver uma constante preocupação em conseguir aumentar, não só o número, mas também a qualidade dos produtos, sempre com o objetivo de atingir o nível internacional indispensável para sobreviver e progredir num contexto em que o mundo lutava pelo aumento do nível de vida das populações (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958: 138).

No início dos anos 70, a CUF confirmara-se como o maior grupo industrial e comercial português, envolvendo um enorme conjunto de sectores, vendendo mais de um milhar de diferentes produtos, empregando 110 mil pessoas e assegurando 5% do produto interno bruto nacional (Morais, 2008: 144).

A Companhia União Fabril caracterizou o seu espaço de produção de forma significativa ao moldar um território onde a "fábrica" constituía o elemento estruturante. Ocupa o espaço ao seu redor num desenho urbano que mostra um "lugar patronal" característico das grandes concentrações industriais que se formaram no final do séc. XIX e início do séc. XX. As fábricas localizam-se dentro do complexo industrial, estruturando-se em seu redor as funções que permitiam a reprodução da força de trabalho: habitação, comércio, equipamentos coletivos. Estas funções eram asseguradas pelo proprietário do território, e são reveladoras do "paternalismo" da empresa sobre praticamente todas as áreas da vida social da população.

> "(…) um primeiro nível de modalidades de penetração do patronato na "vida operário" respeita ao desenho do espaço edificado no lugar."
>
> (Rodrigues, 2005: 42)

Sabe-se da presença do engenheiro químico francês A.L. Stinville[10] , especialmente contratado para orientar o desenho das primeiras edificações industriais e do bairro residencial. No entanto, face ao ritmo de crescimento desta enorme área industrial que veio a conhecer grandes transformações ao longo dos anos, a ocupação deste território, apesar de alguma racionalidade na sua implantação, acaba por assumir uma certa ausência de critérios claros a nível de organização e de articulação dos múltiplos edifícios (Folgado, 2009: 434). Esta composição espacial é percetível através da observação das várias plantas de evolução morfológica do conjunto, resultado de um crescimento quase espontâneo consoante as necessidades e exigências de cada época (cf. figuras 27, 28 e 29).

Desde o ínicio da implantação das instalações da CUF (cf. figura 27) a fábrica dos Superfosfatos apresenta-se como o elemento principal estruturante do espaço, que se desenvolve perpendicularmente ao rio, e a partir do qual um conjunto de outros edifícios fabris e serviços de apoio vão surgindo à sua volta, geralmente com a mesma orientação. O primeiro conjunto de casas do bairro operário já se encontra construído também nas suas imediações das fábricas. Mais tarde, os edifícios que vêm a surgir na costa ribeirinha têm tendência de se implantarem no sentido este-oeste, paralelemente à costa, obstruindo de certa forma a vista para o rio (cf. figura 28).

Existe um eixo viário principal que estrutura o território deste a implantação inicial do complexo: a antiga Rua do Lavradio (atual Rua Industrial Alfredo da Silva) que se desenvolve no sentido oeste-este, atravessado o complexo desde a vila do Barreiro até à vila do Lavradio. Este eixo faz uma importante distinção em termos de organização espacial do território, ao dividi-lo em duas áreas distintas: a área a norte onde se desenvolvem, através de terrenos conquistados ao rio, as principais atividades industrias ligadas ao rio pela sua proximidade; e a área a sul onde são implantadas os restantes edifícios fabris, incluindo o bairro residencial. É ao longo desde eixo onde se vão implantar alguns dos principais edifícios de caracter social e administrativo, por exigirem fáceis acessibilidades, nomeadamente os escritórios, os serviços do pessoal, o posto médio, balneários, refeitório e ainda a casa onde Alfredo da Silva se instalava quando visitava a fábrica. A partir deste eixo, desenvolvem-se outros arruamentos secundário que fazem a ligação às restantes zonas industriais. É também a partir deste eixo viário que se constrói, mais tarde, a entrada principal ao Bairro Operário através de duas impunentes rampas de acesso, e ainda o acesso ao Cemitério do Barreiro, atual localização do Mausoléu de Alfredo da Silva construído em 1944.

Alfredo da Silva, em 1908, logo que levantou as primeiras fábricas, mandou construir um bairro residencial para a população diretamente ligada à produção, implantado mesmo no coração do complexo industrial rodeado pelas instalações fabris, o Bairro de Santa Bárbara (cf. figuras 30). As habitações e os serviços sociais organizam-se em função da prática da atividade industrial. A empresa assegurava todos os serviços coletivos básicos de apoio à comunidade, por isso encontravam-se implantados de modo disperso no interior do complexo, mas de forma racional. Por isso, uma considerável parte destes serviços localizavam-se estrategicamente na área de transição entre o espaço social de trabalho e não-trabalho, próximos ou mesmo dentro do bairro operário.

[10] "Desde 1907 a 1927 a Direção Técnica das instalações do Barreiro esteve praticamente entregue ao engenheiro químico francês Stinville, braço direito e amigo pessoal de Alfredo da Silva e autor dos projetos das fábricas de ácido sulfúrico, superfosfatos e sulfato de cobre" (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958: 18)

Figura 27- Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1907-1927.

1. Fábrica de extração de bagaço
2. Fábrica de tártaro
3. Fábrica de “cristalizados”
4. Estação da C. P.
5. Escritórios
6. Quartel dos bombeiros
7. Posto médico
8. Fábrica de superfosfatos e armazéns
9. Fábrica de ácido clorídrico e de sulfato de sódio
10. Fábrica de sulfato de cobre
11. Fábrica de ácido sulfúrico
12. Silo de Fosforite
13. Laboratório Químico
14. Central automática da rede interna de telefones
15. Despensas e Balneários
16. Bairro Operário
17. Lavadouro público

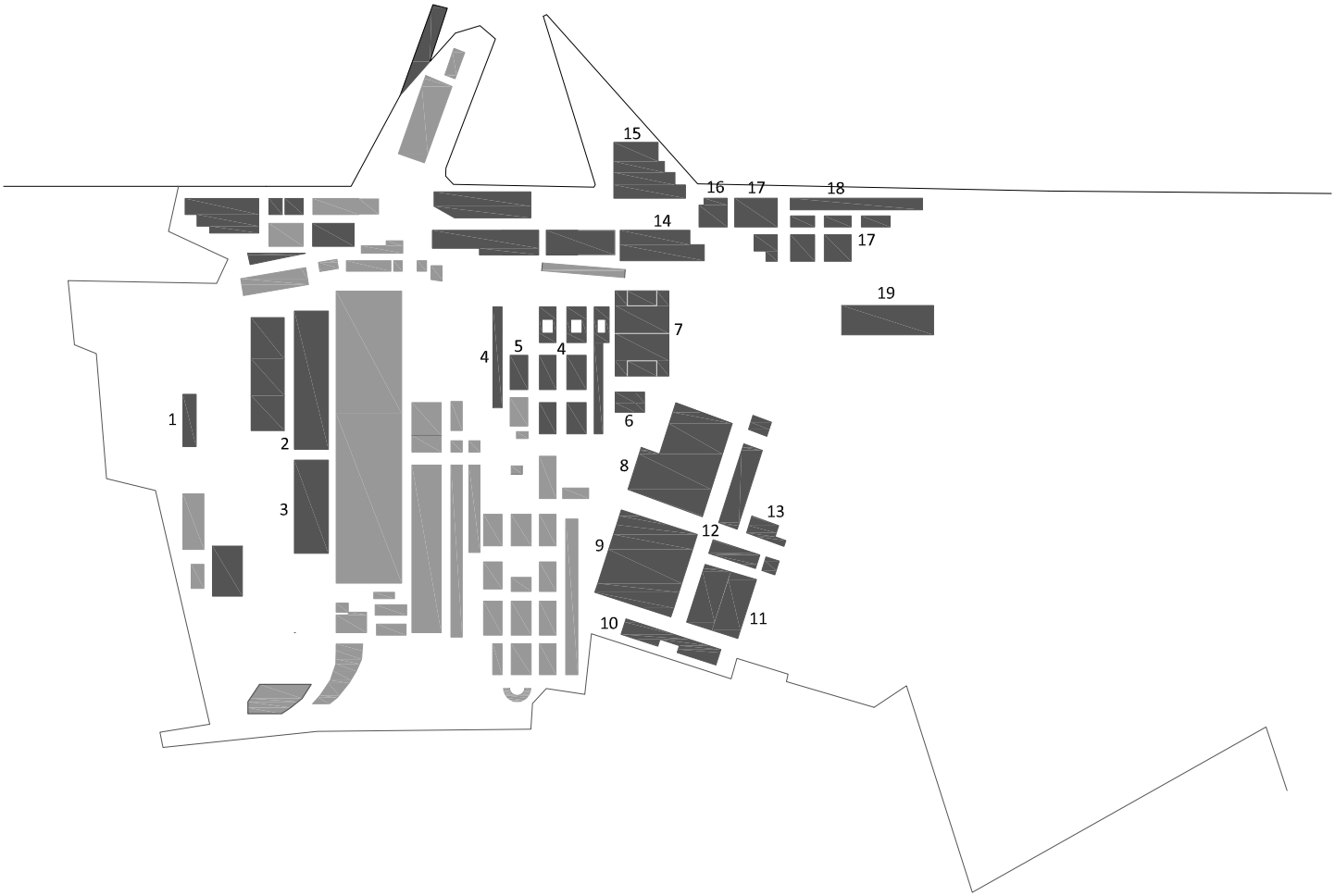


Figura 28 - Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1928-1937.

1. Armazém de nitrato
2. Armazém de superfosfatos
3. Fábrica de ácido sulfúrico
4. Ampliação do Bairro Operário
5. Escola primária
6. Campo de jogos
7. Campo de futebol
8. Oficina de tecelagem
9. Oficina de fiação e cordoaria
10. Armazém de juta
11. Oficina de mangueiras, cairo, lonas e percintas
12. Oficina de tinturaria e caldeiras
13. Central elétrica diesel
14. Fábrica de sabão
15. Oficina de caldeidaria
16. Fábrica de sulfureto de carbono
17. Fábrica de enxofre
18. Armazém de enxofre
19. Oficinas de fundição e de mecânica

Figura 29 - Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1938-1957.

1. Fábrica de adubos orgânicos
2. Fábrica de refinação de azeites
3. Fábrica de ácido sulfúrico
4. Fábrica de silicato de sódio
5. Fábrica de granulação de adubos
6. Metalurgia do chumbo, ouro e prata
7. Fábrica de ácido fosfórico
8. Escritório
9. Nova Fábrica de sulfato de cobre
10. Fábrica de ácido sulfúrico
11. Silo de pirite
12. Central de vapor
13. Oficina de carpintaria e elétrica
14. Novo Posto médico
15. Ampliação do Bairro operário
16. Refeitório nº 2
17. Moagem de trigo e padaria
18. Messe para o pessoal superior
19. Refeitório nº 1
20. Ringue de patinagem
21. Nova oficina de cordoaria
22. Oficina de velas e encerados
23. Oficina de serração e carpintaria
24. Fábrica de tintas
25. Refeitório nº 3
26. Escritórios
27. Oficina de construção naval
28. Fábrica de tratamento de cinzas de pirite
29. Fábrica de ácido sulfúrico

Figura 30 - Vista aérea do Bairro Operário de Santa Bárbara.
Fonte: Arquivos da CUF

1.2. A seletividade e a política de fixação de mão-de-obra

Os trabalhadores da CUF constituem maioritariamente uma mão-de-obra numerosa proveniente de um enorme fluxo migratório, desqualificado e com poucos recursos escolares. Muitas vezes sem contrato, realizam uma grande variedade de trabalhos considerados ingratos. O trabalhador não possui na CUF um ofício específico nem lhe é atribuído um local de trabalho definitivo, desloca-se de sector em sector fazendo de tudo um pouco. (Almeida, 1993: 146-148).

Na verdade, para a ingressão na esfera de trabalho da Companhia, nem o nível de escolaridade representa um critério significante. Os trabalhadores entram na CUF primeiramente para executar trabalhos duros, nomeadamente a carregar sacos extremamente pesados no cais. Logo, as únicas condições importantes para a admissão na empresa são o "aspeto físico" e a "juventude" dos trabalhadores. Além disso, num contexto de trabalho superior à oferta, exigia-se conhecimentos pessoais dentro da empresa que estrategicamente possibilite diferenciar o candidato dos restantes (Rodrigues, 2005: 144-146).

Já o recrutamento de mão-de-obra operária qualificada na Companhia é, pelo contrário, seletivo e condicionado. Dirige-se apenas a certos grupos de trabalhadores. Por isso, dentro da CUF existem dois grandes grupos profissionais que contrastam com o abundante grupo de trabalhadores precários e desqualificados. Os operários têxteis e os operários metalúrgicos pertencem a um universo de trabalho completamente distinto do primeiro. Estes dois grupos profissionais recebiam ordenados mais elevados e tinham acesso a regalias socias. As suas carreiras dentro da Companhia tinham uma duração mais longa, muitas vezes duram cerca de 30 a 40 anos. Em relação às aptidões escolares, geralmente sabiam ler e escrever e concluíam a 4ª classe. São indivíduos que nascem maioritariamente no Barreiro ou são já herdeiros de uma condição operária iniciada por gerações anteriores. Nos anos 40, um operário de ofício da Companhia é quase sempre um filho de um dos seus antigos trabalhadores. Estes dois grupos ilustravam uma relação estável e duradoura com a fábrica incluída numa política patronal de fixação de mão-de-obra (Almeida, 1993: 148-152).

Os dois tipos de recrutamento de trabalho operário na CUF, segundo Ana Nunes de Almeida, formam uma espécie de pirâmide de dois andares.

> "A larga base da pirâmide constitui uma região maleável, indiferenciada e aberta ao exterior, uma zona de acolhimento, de iniciação e de estágio na condição operária. É permanentemente renovada pela chegada incessante de trabalhadores da agricultura vindos de regiões vizinhas. O topo, mais afunilado, é antes um espaço de consolidação e de promoção de condições herdeiras. O acesso ao cimo da pirâmide não é imediato nem direto. Envolve um demorado processo de sedimentação, acumulação e transmissão de experiências de trabalho e de capitais profissionais entre gerações."
>
> (Almeida, 1993: 153)

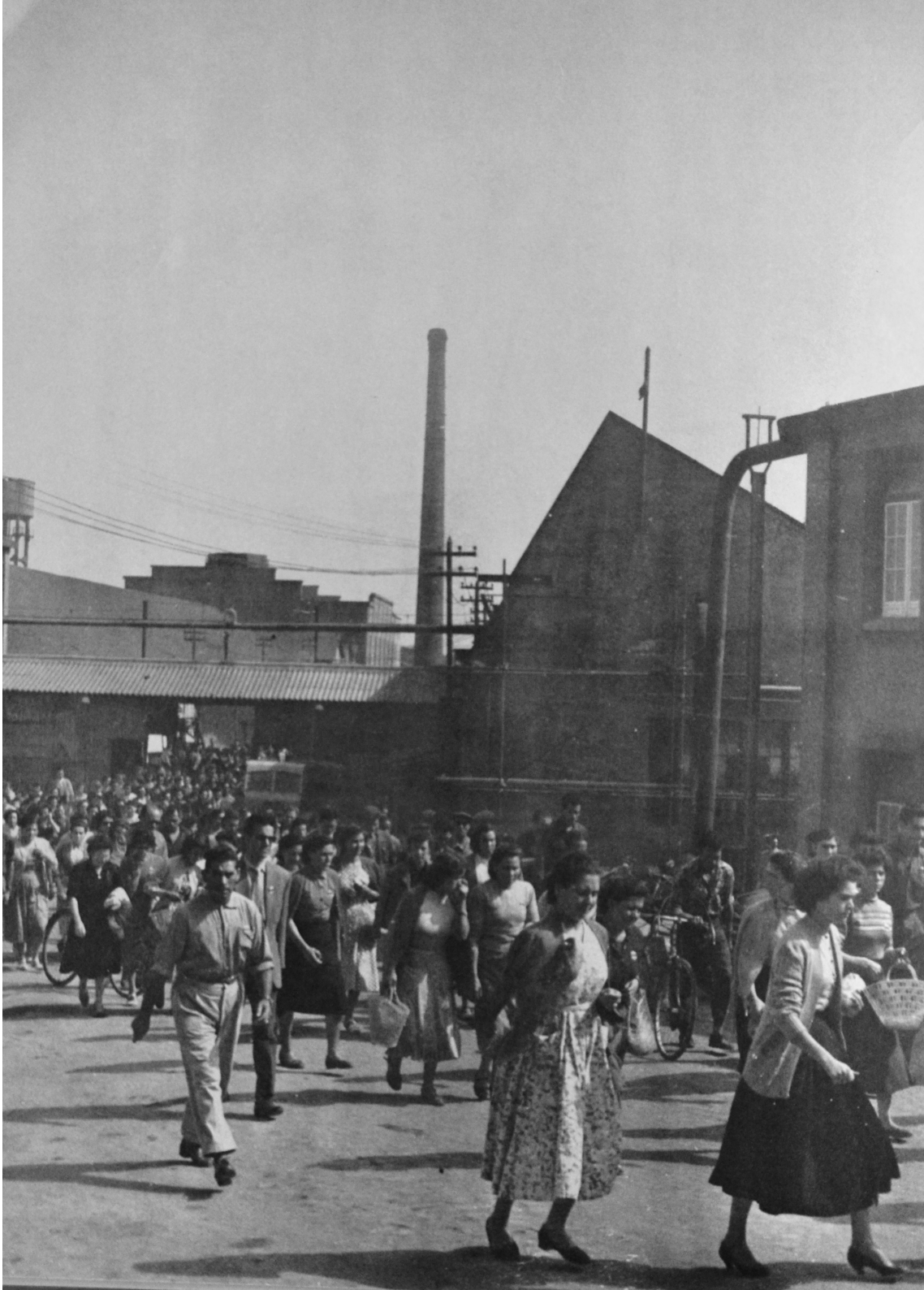


Figura 31 - Operários da Companhia União Fabril. Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958

Figura 32 - Operários da Companhia União Fabril. Fonte: Arquivos da CUF

A política de fixação de mão-de-obra posta em prática pela Companhia União Fabril vem reforçar a distância entre os dois grandes grupos de trabalhadores, fixa a classe operária mais qualificada e marginaliza os trabalhadores indiferenciados. Este modo de gestão e controlo da população operária é um dos principais objetivos da política da CUF. Esta política proporciona todo um conjunto de serviços internos e privados de apoio, de modo a que não falte nada à rotina da vida das famílias operárias, existindo assim uma maior relação entre trabalho e vida privada. Este conjunto de realizações sociais da CUF inclui uma rede privativa de assistência social e de um conjunto de serviços e espaços de lazer para os trabalhadores da CUF, assim como a disponibilização de habitação para os trabalhadores efetivos da empresa. A Companhia oferece não só alojamento, mas também educação, consumo, cuidados médicos e formas de lazer (Almeida, 1993).

Com a construção das habitações para os operários teve-se em vista a aproximação entre a residência do operário e o local de trabalho. O Trabalho e a Família tornam-se assim dois espaços físicos e sociais bastante próximos. A proximidade do local de trabalho traz comodidade e economia de transportes e as boas condições de renda representam uma nova economia para o trabalhador, logo, uma valorização do respetivo salário.

Alfredo da Silva estava ciente da importância desta estratégica, não só como boa forma de garantir a fidelização de um número significativo de operários à empresa, mas também, e consequentemente, como criação de condições para o bom desempenho económico da empresa. A administração da Companhia tinha a perfeita consciência de que era essencial a constante e imediata presença e disponibilidade deste grupo de trabalhadores que eram determinantes para o funcionamento eficaz da fábrica. A política de habitação da empresa teve não só importância enquanto forma de fidelizar à empresa mão-de-obra, mas também consequentemente, como forma de pacificação social de mão-de-obra, numa tentativa de evitar qualquer tipo de problema social e política de contestação e luta face ao patronato por parte dos operários da Companhia.

Esta política teve sucesso na medida em que grande parte da sua mão-de-obra operária era constituída por população migratória oriunda de um mundo rural em crise que se dirigiu para os aglomerados urbanos em busca de ocupação na indústria, e assim houve a capacidade de atrair e fixar junto a si uma população em rápido processo de reconversão ocupacional, social e cultural que não tinha qualquer tipo de ligação ou afeção especial pelo Barreiro (Martins, 2003).

2. O Bairro Operário de Santa Bárbara

2.1. Localização e traços gerais

A precariedade e a insalubridade do alojamento operário eram problemas na vida dos trabalhadores da indústria. Este problema era sentido a uma escala nacional nas habitações populares em meio urbano. Na vila do Barreiro, na primeira década do século XX, devido ao grande aumento demográfico gerado pela Industrialização, havia uma grande procura de terrenos para a construção de habitação operária.

A intervenção da Companhia União fabril, ao fornecer casas económicas em boas condições de higiene e salubridade, foi imprescindível tendo em conta o contexto. No entanto, o acesso à habitação da Companhia não era concedido a todos, e aqueles que resolviam ficar no Barreiro acabavam, normalmente, por ter de viver em condições habitacionais degradantes.

Aos trabalhadores indiferenciados, antes de conseguirem, caso conseguissem, o acesso ao alojamento da Companhia, restavam as vilas e os pátios particulares com condições de habitabilidade mais precárias localizados noutros bairros do Barreiro, nomeadamente, na própria vila do Barreiro, no Lavradio ou até na Baixa da Banheira. A sul do complexo industrial e a norte da linha de caminho-de-ferro foi-se consolidando um bairro – o Bairro das Palmeiras, implantado fora da propriedade do complexo, que serviu de alternativa habitacional mais próxima para o excesso de procura a que a empresa não dava resposta imediata.

> "Eu nasci no Bairro das Palmeira, foi a minha primeira casa. Depois fui para a Baixa da Banheira ainda. Antigamente, tinha de vir da Baixa da Banheira para aqui a pé, saia às 3 da manhã e tinha de voltar a pé, vinha pela linha do comboio. (...) Depois é que viemos para aqui viver, estamos aqui no bairro há 45 anos."
>
> (Entrevista nº 4)

A fixação geográfica por via do alojamento das famílias operárias à fábrica, local de trabalho, assumiu um papel estratégico das empresas industriais do século XIX e inícios do século XX. A atribuição das habitações era um método seletivo para atrair mão-de-obra mais qualificada mas também de marcar uma diferenciação entre o pessoal. No entanto a preocupação de proporcionar melhores condições de vida aos seus trabalhadores também fazia parte de um dos objetivos desta política de disponibilização de alojamento.

> "Com a construção deste bairro não se teve apenas em vista aproximar a residência do operário do local onde ele exerce a sua atividade, mas também proporcionar-lhe uma casa higiénica em boas condições de renda. O primeiro requisito – a proximidade do local de trabalho – traduz-se em duas vantagens imediatas para o operário: comodidade, e economia de transportes. O segundo requisito – higiene – corresponde a uma necessidade de ordem fisiológica, cujo alcance social é desnecessário encarecer. O terceiro – boas condições de renda – representa uma nova economia para o trabalhador e, portanto, uma valorização do respetivo salário."
>
> (Álbum Comemorativo da CUF, 1945: 53)

O Bairro de Santa Bárbara é o primeiro bairro operário a ser construído de raiz pela C.U.F. (cf. figura 33), a partir de 1908, localizado dentro do complexo fabril. A construção deste bairro representou uma exceção e um modelo, relativamente às construções para famílias operárias no Barreiro, pelas condições de habitação que oferece aos residentes, e constituiu uma novidade por se tratar de uma situação pouco comum (Carmona, 2005: 79).

O Bairro ocupava uma área de aproximadamente 60.000 metros quadrados, e era dividido em duas partes distintas, a "parte velha", situada no lado sul, e a "parte nova" situada no topo norte. Ambas ocupavam aproximadamente 30.000 metros quadrados cada (Álbum Comemorativo da CUF, 1945: 53). Apresenta-se geometricamente limitado a sul pela linha do caminho-de-ferro, a norte pela antiga Estrada do Lavradio, no extremo oeste a fronteira era feita com as fábricas maioritariamente de indústria química e a este pelas fábricas da indústria têxtil (cf. figura 34).O acesso principal ao bairro era feito no topo norte pela antiga estrada do Lavradio, através de duas sinuosas e imponentes rampas. No entanto, existiam dois outros acessos secundários localizados a este e oeste que permitiam o acesso às fábricas, o local de trabalho dos moradores, onde foram implantados dois portões percorridos por milhares de operários no seu trajeto diário casa-trabalho. As morfologias destes acessos davam-lhes um caracter secundário, no entanto afirmam-se como principais pela sua funcionalidade e utilidade.

> "No meio do silêncio, soa ainda a buzina do meio-dia. Basta fechar os olhos para ouvi-la na distância. Em breves minutos, as ruas em volta são um mar de gente. Saem pelos portões da Zona Têxtil, da Metalomecânica, do Largo das Obras, do Lavradio, em golfadas inumeráveis, sob o olhar parado de porteiros em cinzento, botões com as iniciais da Companhia faiscando-lhes na farda. Vêm em grupos de amigos, vizinhos, colegas de secção. Operários nos seus vestidos de trazer pela fábrica, os cabelos apanhados num vigor gentil, saúdam-se e trocam risos, desabafos, apartes. (…) Vêm de todos os cantos das fábricas: caldeireiros e encarregados, serventes dos adubos, tecedeiras, engenheiros, estivadores, chumbeiros, soldadores, pedreiros, escriturárias, engatadores, todos convergindo para os portões das fábricas, bocas de uma fornalha que parece inextinguível."
>
> (Morais, 2005: 13)

Figura 33 - Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013

Figura 34 - Localização do Bairro Operário da CUF implantado dentro do complexo industrial e rodeado pelas fábricas.
Fonte: Arquivos da CUF

Porém, o bairro não foi todo construído de uma só vez, conheceu diversas ampliações até os anos 50 (cf. figura 35). Em 1909, foram construídas as primeiras casas na Rua do Ácido Sulfúrico, e ainda no mesmo ano, as casas da Rua dos Superfosfatos. Em 1914, contavam-se já cinco extensos blocos e já estavam totalmente ocupados, comprovando que os operários reconheciam e apreciavam as boas condições de habitação que a Companhia oferecia. A seguir, em 1915, são construídas as moradias da Rua dos Óleos, e em 1918, as da Rua do Dinheiro (Pais, 1962: 30), e assim fica concluído o "Bairro Velho" (cf. figura 36) . A partir de 1927, o bairro é ampliado para norte, e são construídos os blocos de casas da Rua Stinville, e sucessivamente as restantes casas que vieram a constituir o "Bairro Novo"[11] (cf. figura 37). Em 1931, logo que o número dos seus trabalhadores aumentou, a CUF adquiriu os terrenos envolventes do Alto de Santa Bárbara e, após a demolição da capela quinhentista lá existente, dá início ao alargamento do novo bairro que se tornara indispensável tendo em conta a constante expansão da atividade industrial (Carmona, 2006: 81). Em 1923, estavam já construídas, no bairro, 197 casas ocupadas por 750 habitantes e, em 1935, estavam construídas 284 casas, ocupadas por 1.100 habitantes (50 Anos da CUF no Barreiro, 1958).

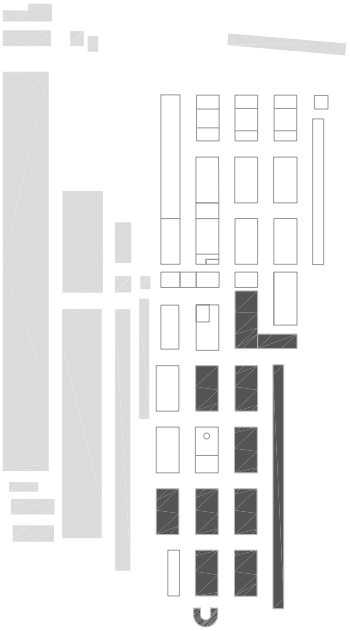
O Bairro tem um traçado geométrico e regular de grande simplicidade dando ao local um aspeto de continuidade e sequência arquitetónica. Os conjuntos de habitações de um só piso organizam-se em banda paralelas de moradias idênticas organizadas em quarteirões de 20x40 metros que se desenvolvem ao longo de ruas retilíneas perpendiculares ao rio, tal como os edifícios fabris mais importantes do complexo (Folgado, 2009: 437). Cada rua tem 14 metros de largura e tem passeio lateral de 1 metro com calçada à portuguesa, é cortada no sentido longitudinal por uma placa de 4 metros, ajardinada e arborizada, o que permite, pela divisão da rua em duas faixas iguais, fazer a circulação de veículos nos dois sentidos (cf. figura 37) (Álbum Comemorativo da CUF, 1945: 53).

Todo o bairro tem uma continuidade arquitetónica típica desde género de construção de habitação operária: casas térreas geminadas e unifamiliares com pouca ornamentação e de caracter vernacular. As habitações variam a sua dimensão, entre 3 a 6 divisões, consoante o número de filhos e dependentes do trabalhador (Morais, 2008: 78).

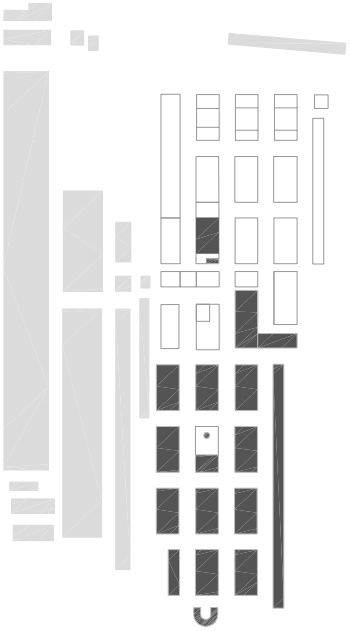
As rendas do bairro eram simbólicas: em 1912, entre 2$000 réis para 3 divisões sem quintal; 2$500 reis para as casas de 3 divisões com quintal e 4 sem quintal; 4 divisões com quintal tinham uma renda mensal de 3$000 réis; 5 divisões com saguão custavam 4$000 e 6 custavam 4$500 réis[12]. Possuía rede de esgotos, abastecimento de água potável gratuita e eletricidade a preço beneficiado fornecida pela fábrica (Carmona, 2005:80). No entanto o carácter simbólico das rendas da habitação aos trabalhadores pela empresa, não se trata de uma ação benemérita praticada pela entidade patronal, mas do resultado de um cálculo económico que subtrai o valor restante da renda ao montante do salário (Rodrigues, 2005: 197).

[11] "Bairro Novo" foi o nome pelo qual ficou conhecido, entre os operários, o edificado que se acrescentou na "parte nova" no entanto, nunca teve esse nome oficialmente. (Martins, 2003)

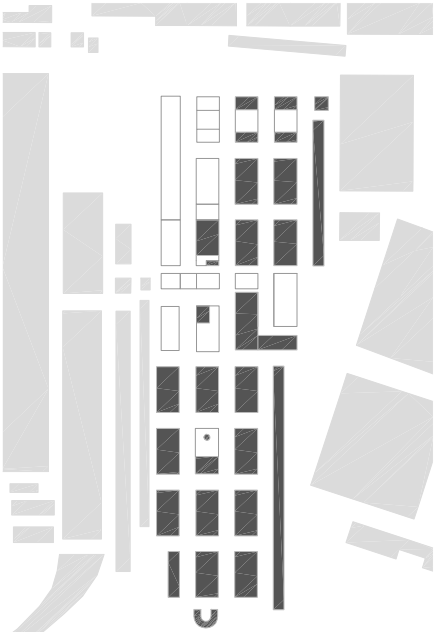
[12] Por este tempo, o salário de um operário variava entre 30 e 40 escudos. (Morais, 2008: 77)



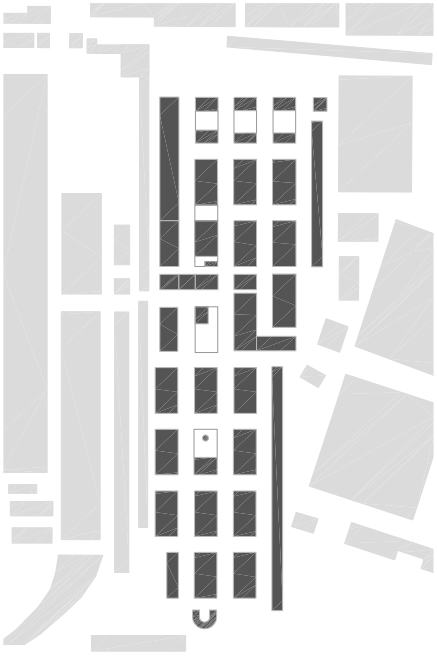
1917



1927



1930



1957

Figura 35 - Evolução morfológica do Bairro de Santa Bárbara entre 1917 e 1957.

Figura 36 - O "Bairro Velho", 1940.
Fonte: Arquivo Municipal do Barreiro

Figura 37 - O “Bairro Novo”, 1960.
Fonte: Arquivos da CUF

2.2 Hierarquização das habitações

No complexo industrial da Companhia União fabril havia uma ordem de estruturação e organização do espaço cujo eixo é encontrado nas relações de produção, que entra dentro do espaço das habitações do bairro residencial e se revela no exterior das mesmas. Sendo todos os edifícios construídos a mando da empresa, é naturalmente esta quem distribui a população trabalhadora pelos alojamentos, marcando o domínio espacial da empresa ao prolongar o espaço do trabalho para a casa. A competência e disponibilidade do trabalhador são as características mais valorizadas como critério que leva ao reconhecimento e recompensa por parte da empresa.

A seletividade e o tratamento diferenciado entre os trabalhadores era uma das características principais desta política de fixação de mão-de-obra. Assim os trabalhadores mais bem remunerados e com uma situação mais estável tinham acesso às melhores habitações.

A estratégia de fixação não só do operário, mas também da sua família, através da cedência de habitação iludia a ideia de "propriedade" da casa. A inatividade profissional do grupo doméstico na fábrica implicava a perda do direito à habitação. Por isso, quando um trabalhador se reformava ou falecia, a família era obrigada a abandonar a casa onde vivia, exceto se um dos elementos do agregado familiar, continuasse a exercer alguma função na esfera de trabalho da fábrica, e nesta circunstância a "propriedade" da casa passava para o nome desse elemento, dando sempre prioridade aos do género masculino (Rodrigues, 2005: 172).

> "A minha mulher morava no bairro de baixo com os pais, que trabalhavam na C.U.F. Os pais morreram e ela ficou sozinha. Eu vivia ali ao pé da Escola Alfredo da Silva [na vila] e já trabalhava na C.U.F. Depois casei, vim viver para casa da minha mulher e um ano depois passaram a casa do nome dela para o meu nome. Tive sorte, não precisei de cunhas."
>
> (Entrevista nº 3)

O bairro operário da CUF foi especialmente projetado para reproduzir os modelos e grupos profissionais dentro da empresa, marcando uma distinção entre as diferentes tipologias de casas. Essa distinção socio-espacial era evidente entre as diferentes áreas residenciais: o "bairro velho" e o "bairro novo". Quando foi construído a parte nova do bairro, entre 1928 e 1932, a solução arquitetónica das novas casas demostraram um nível de qualidade superior às casas da parte mais antiga, uma distinção que era visível, desde logo, na aparência exterior, pelo nível mais elevado de ornamentação, e ainda, em algumas tipologias, pela dimensão das casas, em número de divisões. O bairro novo, localizado a norte, foi projetado para possibilitar a fixação de um número de operários, cada vez mais especializado, que crescia constantemente. Por isso surgiu a necessidade cada vez maior de distinguir esses trabalhadores mais qualificados e com maiores cargos na empresa. Assim as habitações do bairro novo eram maioritariamente dirigidos a esse conjunto de

quadros superiores: encarregados, chefias, agentes técnicos e empregados de escritório. Sabendo da estratégia da empresa de premiar os trabalhadores mais qualificados e havendo uma evidente diferença de qualidade entre as casas dos dois bairros, seria lógico que Alfredo da Silva teria todo o interesse em transferir aos quadros superiores da sua empresa para os melhores alojamentos do bairro.

> "A "casa", enquanto fator de distinção social e de promoção socioprofissional, surge, aos nossos olhos, como uma evidência e, nesse sentido tende a premiar mobilidades socias ascendestes e/ou a consolidar posições socias intermédias, pelo que só nesse quadro a transferência de habitação é justificável para as categorias ou sujeitos socias – alvo."
>
> (Rodrigues, 2005: 178)

Assiste-se então a uma tendência de homogeneidade socioprofissional na ocupação dos dois bairros. A informação de que havia distinção social e profissional entre os moradores dos dois bairros não se encontra referida oficialmente em qualquer documento sobre o assunto. No entanto, uma moradora do bairro, que se identificou como sendo a mais antiga, no âmbito de uma entrevista, garantiu que havia essa distinção. Além disso, no quadro realizado em 1948 pela Companhia União Fabril que representa os mapas de famílias residentes no Bairro Operário (cf. figura 38), existe realmente uma maior tendência da presença de quadros superiores residentes no bairro novo.

O conjunto de operários que exclusivamente conseguiam habitações no bairro novo, provavelmente mantinham uma "boa relação" com quadros superiores no sentido de aumentar a probabilidade de acesso a melhores condições de alojamento. No entanto, esta situação, não implica também a presença de trabalhadores mais qualificados no bairro velho, mas de facto, a tendência caminha no sentido oposto.

Neste sentido, não existia um critério de relação entre as condições de habitabilidade (número e dimensão das divisões) e a dimensão da família. Ou seja, uma família operária não tinha direito a uma casa com maior número de divisões e maior dimensão por se tratar de uma família numerosa. Apenas as famílias dos quadros superiores têm acesso a estes alojamentos de maior dimensão e com melhores condições de habitabilidade, não sendo, assim, particularmente significante a dimensão da família, mas sim o seu estatuto socioprofissional.

> "Aquilo lá em baixo no bairro antigo era tudo assim em blocos, como este, mas tinha menos divisões, estas têm mais divisões. Estas já foram feitas depois do outro bairro. A outra era para os trabalhadores, aqueles menos… Estes aqui já foram feitos para encarregados, para chefes, os prédios eram para os Engenheiros, era só para pessoal mais qualificado."
>
> (Entrevista nº3)

Figura 38 - Quadro de famílias alojadas no Bairro Operário de Santa Bárbara em 1948. Fonte: Espólio de Cristino da Silva -.Fundação Calouste Gulbenkian

C O M P A N H I A U N I Ã O F A B R I L

FÁBRICAS DO BARREIRO

Agregados famíliares alojados nos actuais bairros

BAIRRO NOVO						BAIRRO VELHO					
Nº de pessoas do agregado	A	B	C	D	Total	A	B	C	D	Total	TOTAL GERAL
2 pessoas	8	3	1	6	18	43	1	-	3	47	65
3 "	14	8	2	7	31	51	11	-	7	69	100
4 "	14	2	1	4	21	40	2	-	5	47	68
5 "	3	4	-	1	8	16	3	-	1	20	28
6 "	5	-	-	-	5	10	2	-	-	12	17
7 "	1	-	-	-	1	7	-	-	-	7	8
8 "	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	2
Totais	45	17	4	18	84	169	19	-	16	204	288

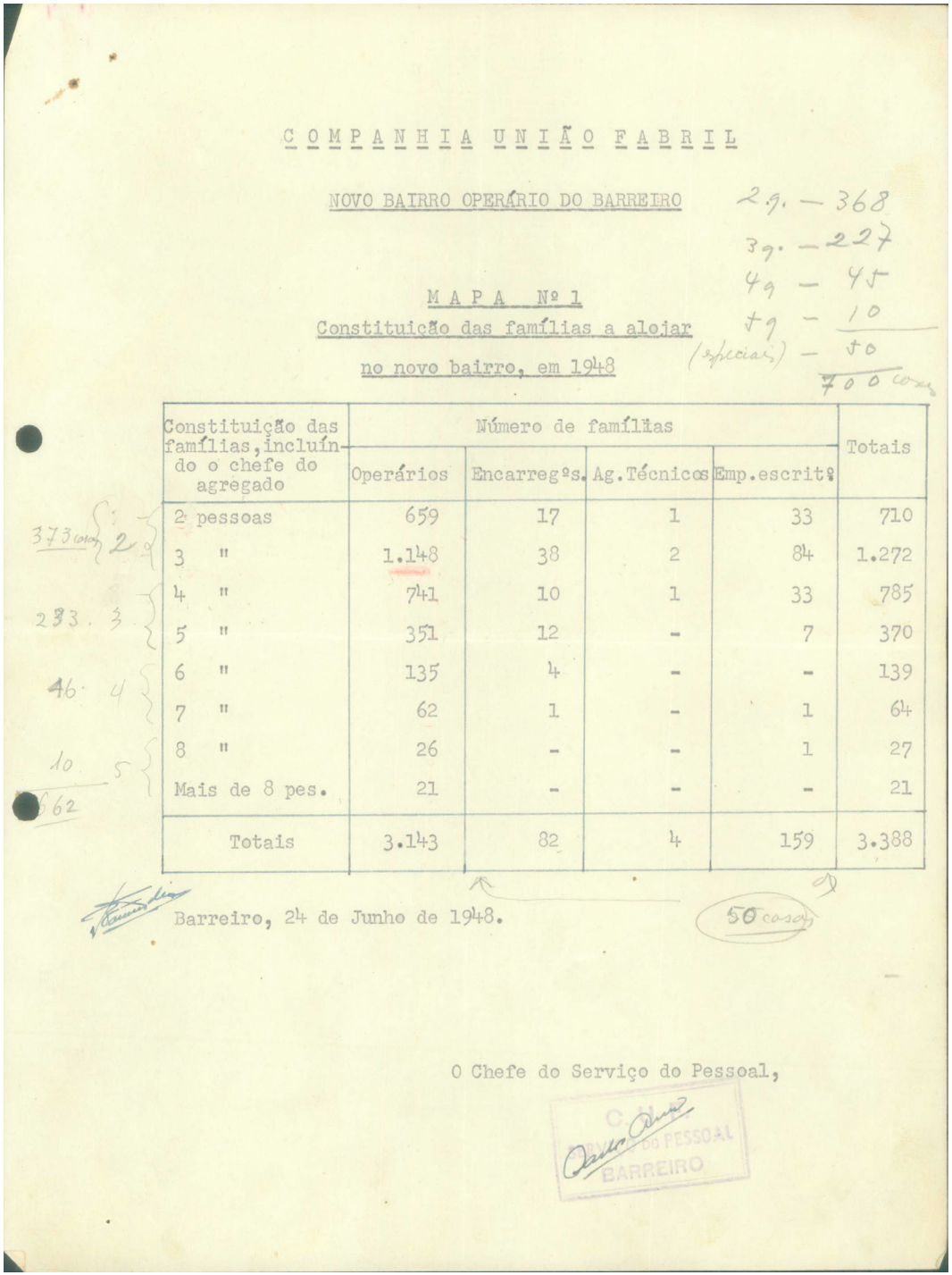
LEGENDA

A - Operários
B - Encarregados
C - Agentes Técnicos
D - Empregados de escritório

O Chefe do Serviço do Pessoal,

Barreiro, 24 de Junho de 1948.

C. U.
SERVIÇO DO PESSOAL
BARREIRO



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

NOVO BAIRRO OPERÁRIO DO BARREIRO

2g. — 368
3g. — 227
4g — 45
5g — 10
(especiais) — 50
700 casas

MAPA Nº 1

Constituição das famílias a alojar no novo bairro, em 1948

Constituição das famílias, incluíndo o chefe do agregado	Número de famílias				Totais
	Operários	Encarregºs.	Ag. Técnicos	Emp. escritº	
2 pessoas	659	17	1	33	710
3 "	1.148	38	2	84	1.272
4 "	741	10	1	33	785
5 "	351	12	-	7	370
6 "	135	4	-	-	139
7 "	62	1	-	1	64
8 "	26	-	-	1	27
Mais de 8 pes.	21	-	-	-	21
Totais	3.143	82	4	159	3.388

373 casas 2
233 3
46 4
10 5
462

Barreiro, 24 de Junho de 1948.

50 casas

O Chefe do Serviço do Pessoal,

SERVIÇO DO PESSOAL BARREIRO

Figura 39 - Quadro de famílias a alojar em 1948. Fonte: Espólio de Cristino da Silva -.Fundação Calouste Gulbenkian

No primitivo bairro existia apenas um bloco para os quadros superiores com edifícios de dois andares e uma moradia para um diretor. Os restantes eram constituídos pelas moradias térreas oferecidas aos operários. Esta proporção correspondia à relação entre a quantidade de operários e quadros superiores (cf. figura 39). No entanto, mais tarde, na construção do bairro novo, foi projetado um maior número de habitações para quadros superiores, correspondendo ao constante aumento do número de pessoal especializado que trabalha para a Companhia (cf. figura 40).

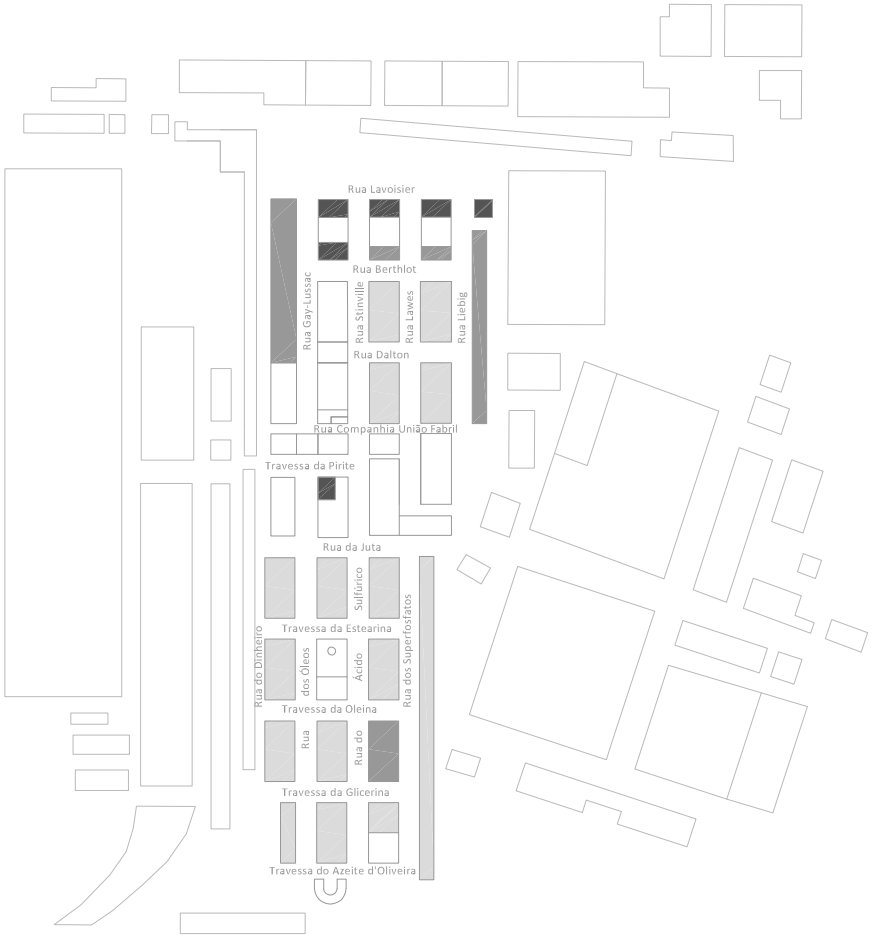
As primeiras habitações construídas pela Companhia no "Bairro Velho" eram constituídas por quatro tipologias diferentes, com três, quatro, cinco ou seis divisões. As tipologias mais pequenas pertenciam às moradias térreas geminadas e podiam ter três ou quatro divisões e ainda um quintal (cf. figuras 41 e 42). As tipologias de dimensões maiores correspondiam aos blocos de moradias com dois andares que eram atribuídas geralmente aos trabalhadores mais qualificados. No rés-do-chão as casas eram constituídas por cinco divisões e tinham acesso a um saguão, enquanto as habitações do primeiro piso usufruíam de mais uma divisão que equivalia à área do espaço de entrada no piso inferior (cf. figura 43).

Todas as habitações do bairro continham uma divisão virada para as traseiras, com uma chaminé, que correspondia à cozinha. As restantes divisões eram utilizadas para quartos ou salas. Nenhuma casa possuía instalação sanitária, mas cada uma era provida de uma pia em pedra localizada no quintal ou no saguão ao ar livre. As casas de primeiro andar, não tinham acesso a nenhum espaço exterior nas traseiras, mas em compensação usufruíam de uma pequena varanda voltada para as traseiras que tinha acesso pela cozinha, onde era colocada a respetiva pia (cf. figura 43).

A solução tipológica que se revelou mais adequada para as famílias operárias da Companhia União Fabril foi a de quatro divisões, porque dava oportunidade de organizar o espaço doméstico nos seguintes compartimentos: uma cozinha, um quarto para os pais, um quarto para os filhos, e ainda uma sala com acesso para a rua principal, e por isso designada de sala de entrada, mas com função de sala de estar. Foi por esta razão que a tipologia dominante das novas habitações construídas a partir de 1927 no extremo norte do bairro foi precisamente a de quatro divisões em piso térreo com quintal nas traseiras (cf. figura 44). A tipologia de três divisões, sendo uma solução um pouco precária pela sua dimensão, não foi optada na construção do novo bairro, porque, como já foi referido, estas novas habitações iriam ser oferecidas a trabalhadores mais qualificados que os do bairro velho, por isso era exigido melhores condições de habitabilidade, além de uma maior ornamentação das fachadas e telhados (cf. figuras 45 e 46).

Além das habitações para operários, foram também projetadas casas para quadros superiores. Em oposição às casas do bairro velho, estas casas não estão organizadas em edifícios de dois andares, são casas térrea que exteriormente aparentam ser iguais às casas dos operários (cf. figura 48), no entanto, diferenciavam-se pela dimensão e qualidade do espaço interior que organizava-se em cinco ou seis compartimentos. Estas habitações correspondiam, em grande parte, ao conjunto de casas em correnteza encostadas aos limites nascente e poente do bairro.

Figura 40 - Distribuição e organização espacial das diferentes tipologias de habitações no Bairro Operário de Santa Bárbara.



Habitações para operários com 3 ou 4 divisões

Habitações para quadros superioes com 5 ou 6 divisões

Habitações para os Directores das fábricas com mais de 6 divisões

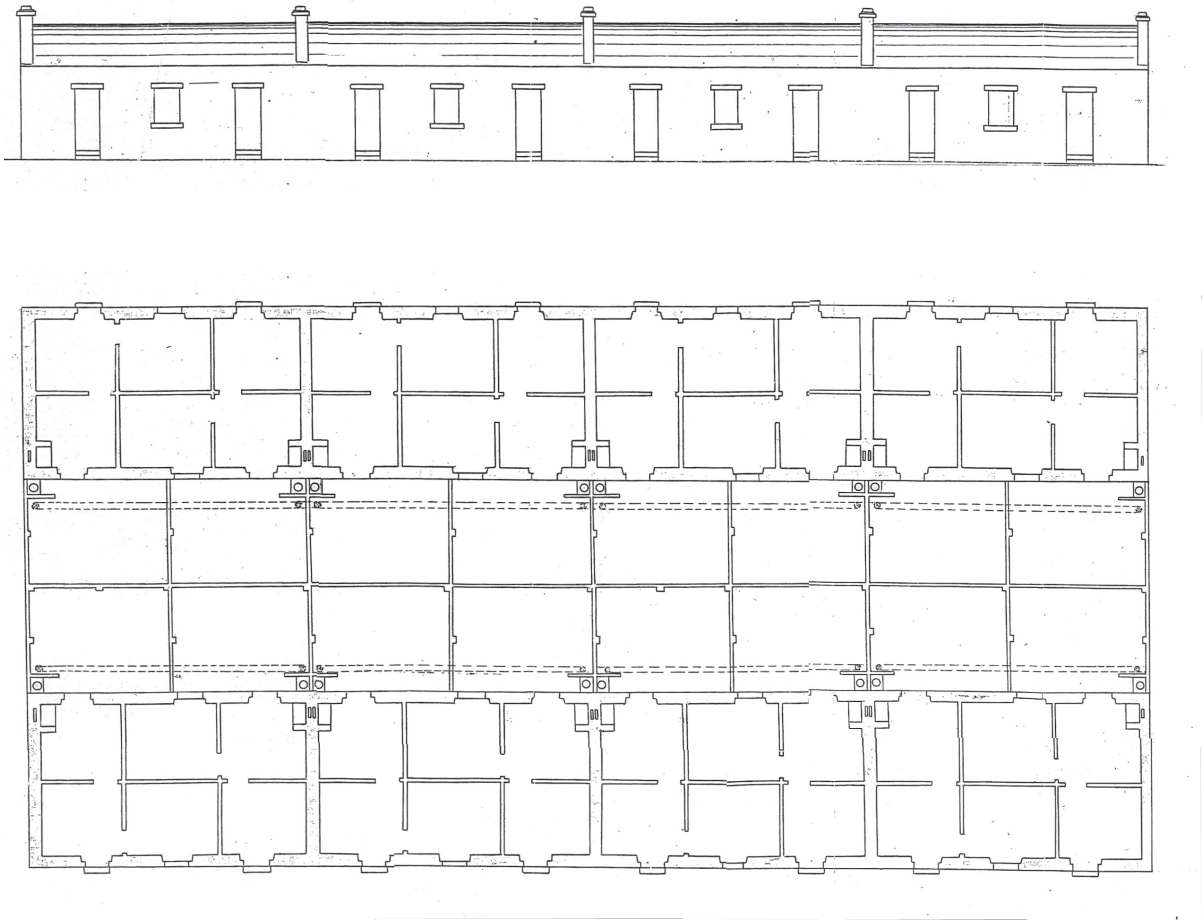


Figura 41 - Alçado e planta das habitações para operários com 3 divisões do “bairro velho”. Fonte: Martins, 2003

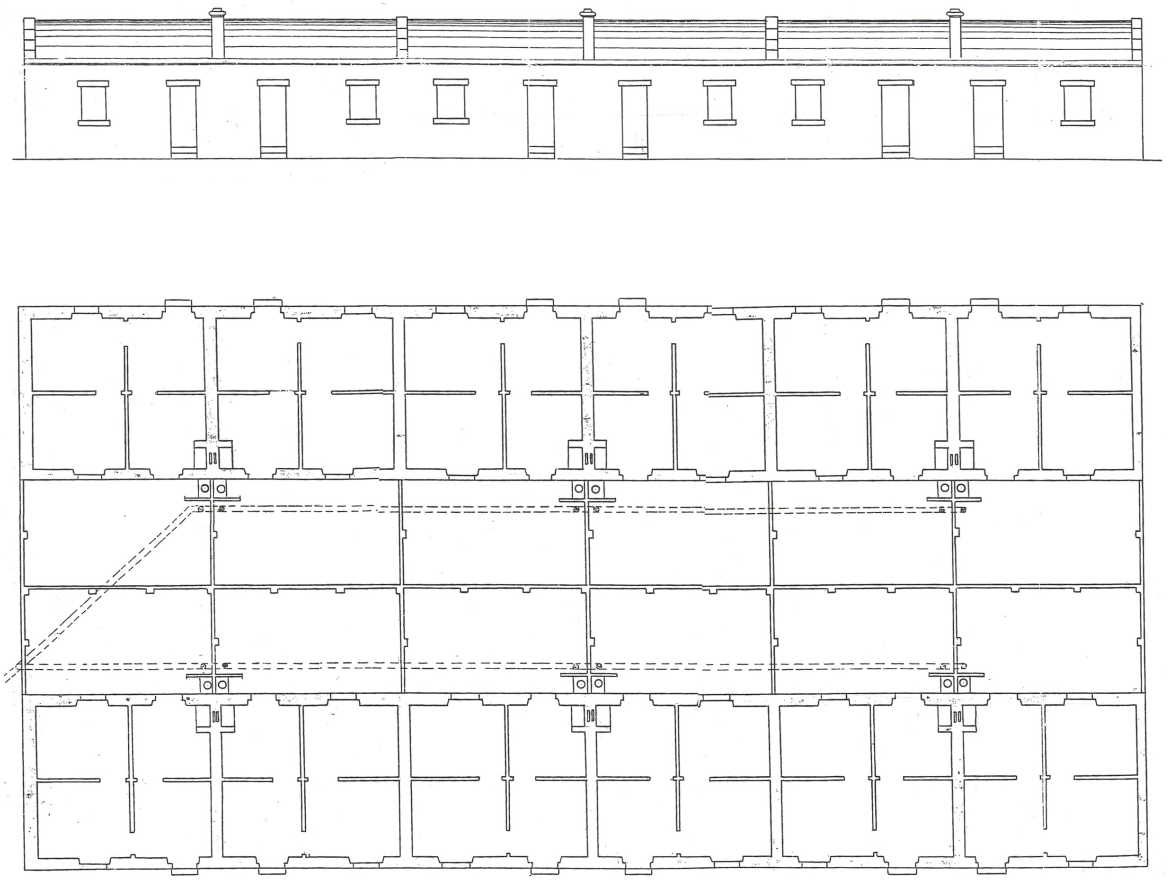


Figura 42 - Alçado e planta das habitações para operários com 4 divisões do “bairro velho”.
Fonte: Gabinetes de Infraestruturas da Baía do Tejo; Martins, 2003

Figura 43 - Alçados e plantas das habitações para quadros superiores com 5 ou 6 divisões no "bairro velho".
Fonte: Martins, 2003

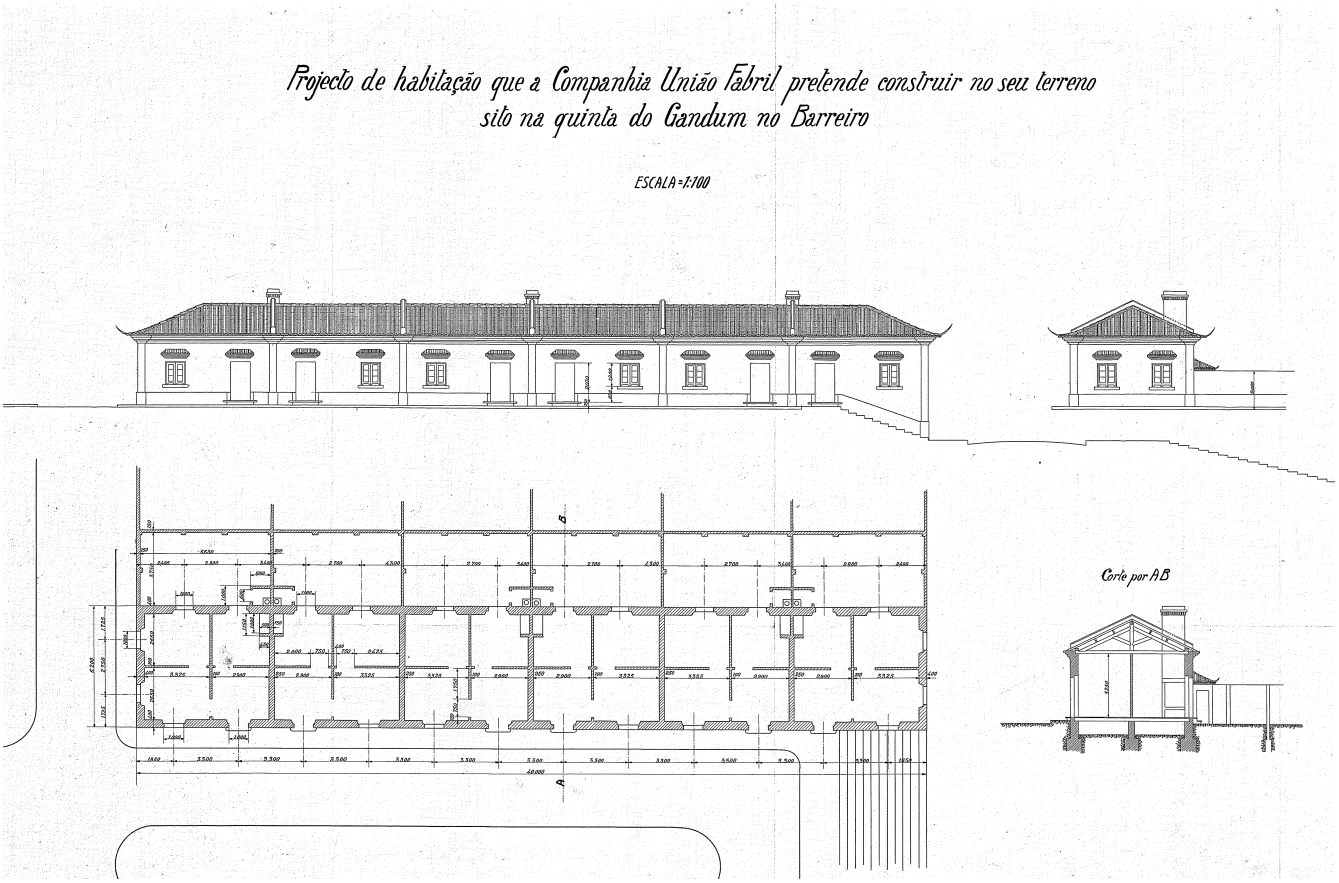


Figura 44 - Alçado e planta das habitações para operários com 4 divisões no "bairro novo".
Fonte: Gabinetes de Infraestruturas da Baía do Tejo

Figura 45 - Casas para operários na parte nova do Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013

Figura 46 - Casas para operários no novo Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013

O desenho das plantas das novas habitações para quadros superiores, aqui apresentadas, foi realizado numa altura em que estrutura espacial foi alterada para atender a novas exigências de habitabilidade, por isso podemos contar mais compartimentos. (cf. figura 47) Na época em que foram planeadas estas habitações, a instalação sanitária continuava a não fazer parte da constituição do espaço doméstico. Mas, devido às mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo, a introdução desta divisão numa casa passou a ser uma exigência para a sociedade. Por isso, as habitações do Bairro Operário de Santa Bárbara sofreram algumas alterações no espaço doméstico com o intuito de acrescentar algumas divisões, ocupando o quintal na traseira das casas. Estas alterações iram ser abordadas profundamente num capítulo mais à frente deste trabalho.

Dentro do mesmo contexto de hierarquização social das habitações, foram construídas, no extremo norte do bairro operário numa área claramente privilegiada, cinco moradias para os Diretores das fábricas, maioritariamente engenheiros. O espaço doméstico, com maior número de divisões, é de tamanho e qualidade claramente superior às restantes habitações do bairro (cf. figura 49 e 50). Estas moradias sobressaem ainda mais através de algumas características facilmente identificáveis pelo exterior: moradias isoladas de dois andares com maior área de implantação e utilização de elementos arquitetónicos de maior ornamentação e complexidade (cf. figuras 51 e 52). Por esta razão, localizavam-se na Rua Lavoisier que fazia de frente do bairro, situada junto ao acesso principal, ficando as restantes habitações, mais simples, destinadas a acomodar as famílias operárias, nas traseiras que tinham ligações mais próximas aos acessos secundários e diretos para as fábricas (cf. figura 40).

Vários documentos atribuem a autoria do projeto arquitetónico e urbanístico do bairro ao engenheiro francês A. L. Stinville, Diretor Técnico das instalações da CUF no Barreiro, a quem foi, mais tarde, dado o nome de uma das ruas do Bairro. No entanto, sabe-se que a parceria de Stinville com a Companhia União fabril termina no ano de 1927, quando a chefia técnica das Fábricas é entregue ao Engenheiro Madail. Por isso, a segunda fase da construção do bairro que se expandiu para norte, não contou já com a colaboração de Stinville, visto que foi projetada a partir do ano de 1928. Além disso, tendo em conta a época entende-se que existiu uma evidente influência na solução arquitetónica do bairro novo da *casa portuguesa* de Raul Lino[13]: edifícios rústicos, de piso térreo, com beirados de telha, arcos a marcarem os vãos e com outras características que remontam à arquitetura vernacular. Logo, esta vertente, sendo defensora de uma arquitetura nacional tradicionalista contra uma arquitetura moderna estrangeirista, dificilmente teria sido seguida por um estrangeiro.

As últimas duas moradias construída para os Diretores das casas, em 1943, foram projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva[14] que começou a colaborar com a CUF no final dos anos 30. O arquiteto concebeu dois edifícios adaptados ao desnível do terreno com uma solução arquitetónica inserida dentro do espírito do bairro, apropriando-se da linguagem da *casa portuguesa* (cf. figuras 50 e 52) (Folgado, 2009: 437).

[13] O arquiteto Raúl Lino foi um defensor da tradição contra a modernidade na conceção das formas da arquitetura, num período de renascença dentro da própria nacionalidade, que traduz um forte anseio por estabelecer a perdida harmonia – a tradição. Raul Lino concentra simbolicamente o léxico do portuguesismo na arquitetura, introduzindo vários elementos tradicionais da arquitetura portuguesa. O programa responde ao imperativo de defesa da "arquitetura nacional" em relação a estrangeirismos. Lino sistematiza na Casa Portuguesa pormenores que ficaram para sempre integrados na construção típica do país, processos considerados correntes e imelhoráveis. É uma casa rústica mas portuguesa, casa definida como anti-historicismo, é vernácula, popular e nacional. Os beirais, os alpendres, a pedra de cantaria, particularmente nos vãos, o azulejo e a caiação a branco e a cor são, segundo Lino, elementos fundamentais da casa portuguesa.

[14] Cristino da Silva, arquiteto autor do Capitólio (1929), foi um dos pioneiros do movimento moderno na arquitetura portuguesa, no entanto, contribuiu mais tarde para a fixação dos padrões da arquitetura nacionalista do Estado Novo, marcando uma alteração de sensibilidade. Teve importante contribuição para a Exposição do Mundo Português (1940), foi autor do emblemático conjunto urbano da Praça do Areeiro em Lisboa (1938-1943) incorporando toda a simbólica de representação da ideologia do novo regime e partir de 1948 foi arquiteto-chefe do projeto da Cidade Universitária de Coimbra.

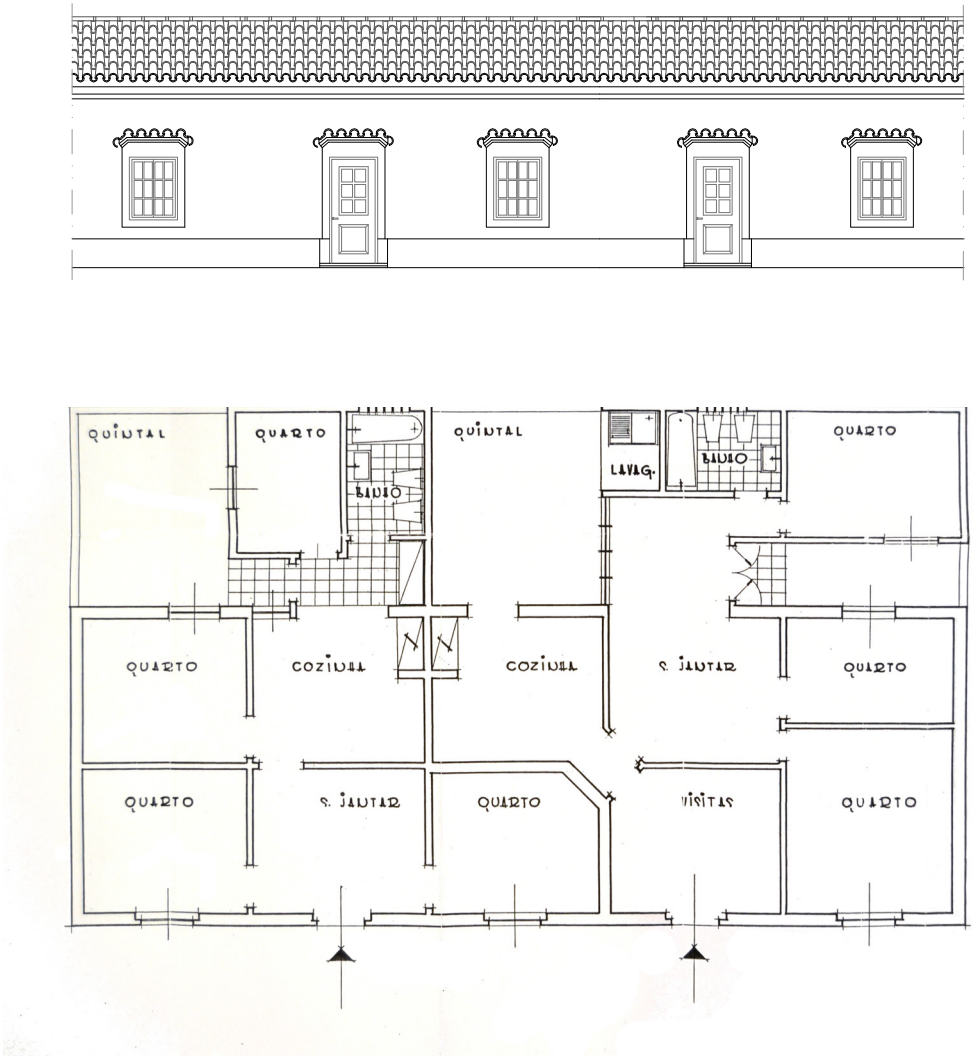
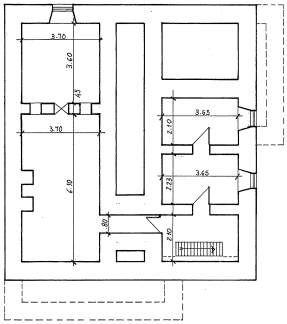
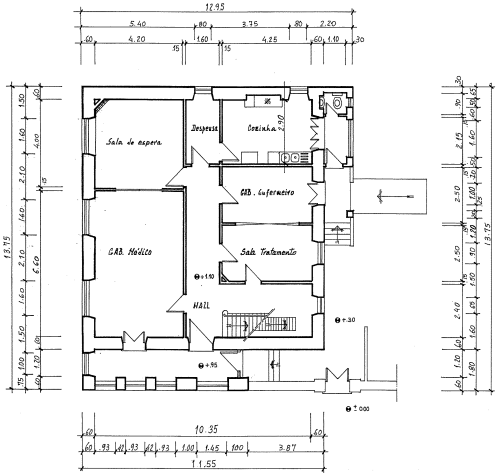


Figura 47 - Alçado e Planta (alterada) das novas habitações para os quadros superiores no Bairro Operários de Santa Bárbara. Fonte: Martins, 2013

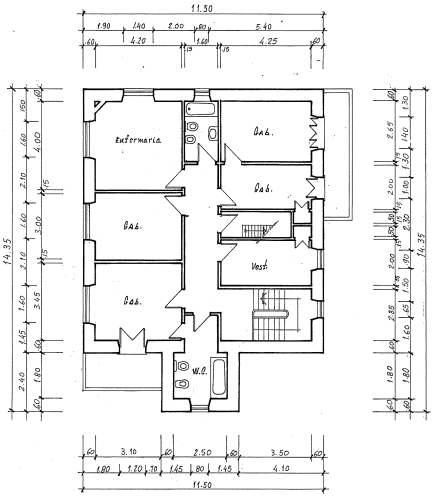
Figura 48 - Correnteza de habitações para os quadros superiores no novo Bairro Operários de Santa Bárbara, 2013



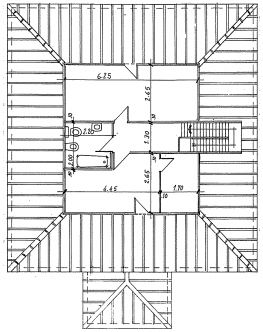
Cave



Rés do chão

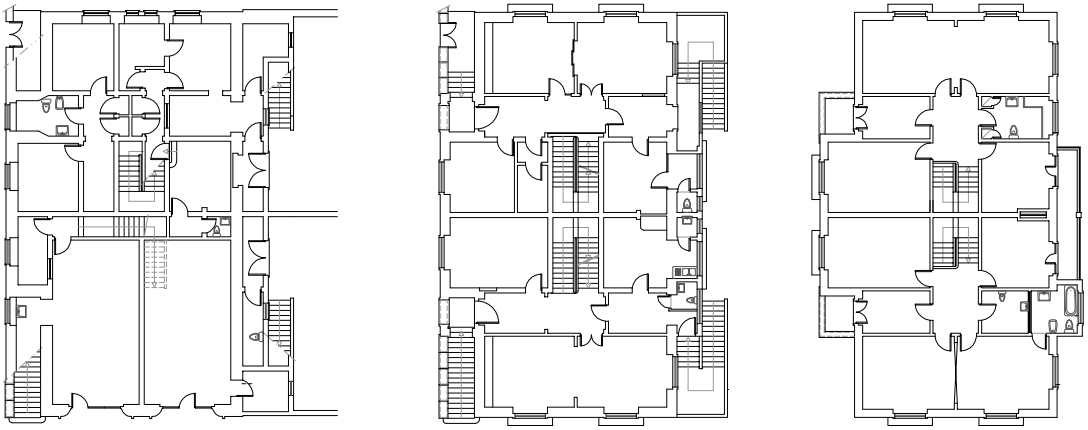


1° Andar



Sotão

Figura 49 - Plantas de uma moradia para os Diretores da Fábrica no cruzamento da Rua Lavoisier com a Rua Liebig.
Fonte: Gabinete de Infraestruturas da Baía do Tejo



Piso 0 Piso 1 Piso 2

Alçado Norte **Alçado Sul**

Figura 50 - Alçado das Moradias para os Diretores das Fábricas projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva.
Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte

Figura 51 - Moradias para os Diretores das Fábricas na Rua Lavoisier, 2013

persona

Figura 52 - Moradias dos Diretores das Fábricas projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva, 2013

2.3. A disponibilização de serviços sociais

Além das habitações, também foram construídos no bairro alguns equipamentos de carácter social e espaços de lazer destinados aos operários, que contribuiu para alargar e consolidar a ligação e a dependência das famílias operárias à empresa. A construção de equipamentos sociais dentro bairro pode fazer parte de um esforço em dignificar este espaço como se de uma aldeia se tratasse (Folgado, 2009: 437).

> "Perto, no Campo de Santa Bárbara, treinam as equipas de futebol, consertam-se os patins das turmas de hóquei, ensaia a Banda da Companhia. Uma Ranchada de miúdos vem a sair do ginásio da Escola Primária, colado ao imponente edifício do Cinema. Mulheres de lenço atado entram na padaria a comprar pães de quilo, as crianças da Creche e do Centro Educativo entregam-se aos seus jogos e corridas. Um operário que sentiu uma pontada vai a caminho do Posto Médico. Se precisar de baixa e tiver de recolher a casa, as formalidades serão breves no Serviço de Pessoal ou na secção de ponto e Férias, a cinquenta metros, junto aos Serviços Sociais, ao Corpo de Bombeiros, à Direção das Fábricas, entre duas cancelas que a cada momento interrompem o trânsito civil na Estrada do Lavradio para que passe, pesado e bufante, um comboio ajoujado de pirite."
>
> (Morais, 2005: 13)

Em 1957, os serviços sociais da CUF do Barreiro ocupavam um total de 240 funcionários em quatro sectores: Alimentação (padaria, despensa e refeitório), Assistência (maternidade, infantário, jardim-escola e financiamentos), Educação (escola, centro educativo e centro social) e Habitação (Morais, 2008: 76).

A alimentação básica dos operários era uma preocupação dos serviços sociais da Companhia. Os operários e pessoal superior usavam a Despensa Social para o seu abastecimento doméstico que fornecia géneros de primeira necessidade a preços bastante vantajosos, poupando cerca de 20 por cento em relação ao que gastariam no comércio tradicional. Por esta razão os empregados da CUF gastavam, nas suas subsistências diárias, muito menos do que a generalidade dos portugueses.

A primeira Despensa abriu logo em 1908 no primitivo bairro onde os géneros alimentares eram vendidos a preço de custo, sem intenção da Companhia em tirar qualquer lucro mas de certa forma evitar que o dinheiro saia da Companhia. Começou por ser uma pequena loja de bens essenciais, alguns produzidos nas próprias fábricas: sabão e detergentes, óleos e azeite, esfregonas, sal, açúcar, bacalhau, feijão e grão, arroz, enlatados e vinhos. Foi instalada junto à Rua do Ácido Sulfúrico, num dos edifícios do "rossio social" da Companhia, perto da entrada para

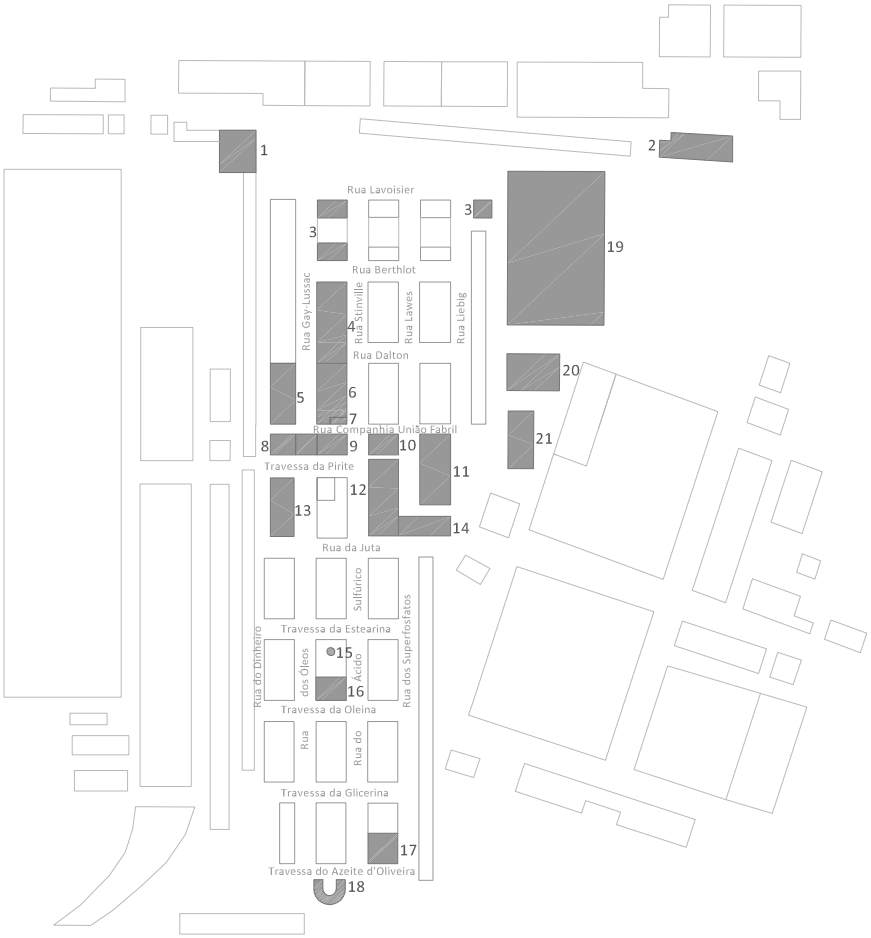


Figura 53- Organização espacial dos serviços sociais e espaços de lazer oferecidos pela Companhia União Fabril aos seus operários.

1. Posto Médico
2. Refitório nº 3
3. Creche
4. Centro Educativo e Escola Primária
5. Despensa Social e Refeitório nº 2
6. Laboratório Químico
7. Torre do Relógio e Central telefónica
8. Moagem de Trigo
9. Padaria
10. Messe
11. Ginásio-Cinema
12. Despensa Social
13. Refeitório nº 1
14. Balneários
15. Coreto
16. Sede do Clube Desportivo da CUF
17. Escola
18. Lavadouro Público
19. Campo de Futebol
20. Campo de jogos
21. Ringue de patinagem

a Fábrica Têxtil (Morais, 2008: 89). Nos anos 40, a Despensa da CUF aviava 600 pessoas por dia. No final dos anos 50 existiam 15 mil consumidores beneficiados

Nos anos 60, o grande volume de transação da Despensa determinou uma reorganização radical: a velha loja foi convertida em armazém de *stocks* e novas instalações foram inauguradas num edifício mais amplo na "parte nova" do Bairro, na Rua Gay-Lussac. O novo edifício tem dois pisos, um para artigos de alimentação (incluindo talho), outra para utilidades (cf. figuras). Havia secções para todos os gostos: sapatos, carpetes, candeeiros, roupa, mobiliário, bicicletas, eletrodomésticos. A Despensa chegou a abastecer 7 mil famílias da CUF (Morais, 2008: 90).

Perto, havia uma moagem e uma padaria que asseguravam desde 1908 o abastecimento de pão ao pessoal da Companhia. Era vendido a peso, a metade do preso corrente no mercado. Em 1957, a padaria abastecia ainda 15 mil pessoas. Mas nos anos 60, a padaria fechou as suas portas (Morais, 2008: 91).

Figura 54 - Secção de alimentação da Despensa da Companhia União Fabril, 1963. Fonte: Arquivos da CUF

Figura 55 - Secção de tecidos da Despensa da Companhia União Fabril, 1964. Fonte: Arquivos da CUF

Figura 56 - Secção de utilidades da Despensa da Companhia União Fabril, 1964. Fonte: Arquivos da CUF

Em 1942 era inaugurado o primeiro refeitório, no mesmo "rossio social" onde se instalara a primeira Despensa. No entanto a expansão das fábricas e o aumento do número de trabalhadores, levou, mais tarde, ao funcionamento de um segundo refeitório no piso inferior da segunda Despensa Social do bairro (cf. figura). De seguida abriu um terceiro refeitório localizado na antiga Rua do Lavradio, no extremo norte das fábricas da indústria têxtil. No entanto, o primeiro refeitório era o mais central e tinha maior dimensão, logo o mais frequentado. Juntas, as três grandes cantinas, serviam mais de um milhão de refeições por ano, a preço simbólico. O horário para almoço era das 11h45 às 14h15. Serviam sopa, prato de carne ou peixe com guarnição, pão e fruta (o vinho era optativo e pago à parte). Nos anos 60, uma refeição custava 5 escudos (cerca de dois cêntimos e meio) (Morais, 2008: 91). Perto da primeira Despensa, foi construído um edifício para a messe do pessoal superior, afirmando-se como espaço de exclusão social dos restantes trabalhadores, traçando uma heterogeneidade social entre os diferentes espaços de refeição dos trabalhadores da empresa (cf. figura).

Apesar da presença de refeitórios, os horários dos trabalhadores eram tão rigorosos que muitas vezes não tinham tempo para ir almoçar a qualquer uma das cantinas, e almoçavam nas próprias instalações das fábricas. Outros trabalhadores, quando tinham as suas mulheres a trabalhar em casa, arranjavam tempo de ir almoçar a casa:

> "Quando trabalhava não tinha tempo para nada. Saia do trabalho e vinha aqui para casa. Almoçava no refeitório, a minha mulher estava a trabalhar ainda naquela altura. Quando a minha mulher veio para casa, comecei a vir almoçar a casa. Depois quando trabalhava noutras fábricas, almoçava lá, iam lá levar o almoço aos trabalhadores. Aqui o refeitório deixou de funcionar muito cedo, depois passámos a ir almoçar a casa."
>
> (Entrevista nº 2)

Um dos moradores mais antigos recorda-se como era disponibilizada as refeições aos operários antes dos refeitórios abrirem:

> "Naquelas escadas que há aqui no bairro, à hora do almoço, eram mulheres e homens ali sentados e vinham rapazes do Barreiro com cabazes trazer os almoços e comiam no chão. Depois é que abriram os refeitórios."
>
> (Entrevista nº 3)

Figura 57 - Refeitório 2 da Companhia União Fabril no piso inferior da Despensa, 1963. Fonte: Arquivos da CUF

Figura 58 - Rés-do-chão da messe para os quadros superiores, 1963. Fonte: Arquivos da CUF

Figura 59 - Messe para os quadros superiores. Fonte: Arquivos da CUF

A saúde foi também, desde o início, uma das principais preocupações da política social da Companhia União Fabril. Os operários da CUF foram os primeiros a ter medicina do trabalho. Funcionou a partir de 1908 um serviço de atendimento gratuito, que ao longo dos anos se transformou num grande departamento médico. Este serviço deu lugar, em 1943, a um completo Posto Médico. No piso térreo foram instalados o serviço de atendimento geral, as salas de pensos e de tratamentos, os gabinetes de consulta e a farmácia. No primeiro andar estavam os gabinetes de puericultura e pediatria, o raio x, as salas de partos, o bloco operatório, os quartos de internamento e o laboratório (Morais: 2008, 83-84).

Perto da Maternidade do Posto Médico, funcionou, a partir de 1945 uma creche para filhos de empregados da casa (cf. figuras). Situou-se primeiramente numa moradia verde na Rua Lavoisier e mais tarde foi transferida para uma das moradias projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva, também na mesma rua. Ambas as moradias tinham sido antes residências para os Diretores das Fábricas.

Figura 60 - Imagens da creche para os filhos dos operários da Companhia União Fabril. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenários da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

O centro de gravidade da vida familiar não se situa no casal mas nos filhos. Este fenómeno levou à construção de uma pequena escola ainda do bairro velho para os filhos dos operários (cf. figura). Em 1927, foi criada a Escola Primária mesmo no coração do novo bairro, a cem metros de distância da creche. A escola era paga e administrada pela empresa e recebia cerca de 480 crianças dos dois sexos (cf. figura).

> "Eu vim do Algarve com 14 anos, fui viver para a Baixa da Banheira. Casei lá, há 52 anos. Passados uns anos já tinha a minha filha mais velha. Depois como a escola era aqui, viemos para aqui viver por causa dos filhos, iam para escola e nós trabalhávamos mesmo aqui ao pé. (...) Tínhamos muita gente, todos tinham filhos, eram todos da mesma idade e andavam sempre aí na brincadeira. Tínhamos tudo, a gente não precisava de sair daqui."
>
> (Entrevista nº 4)

Figura 61 - Salas de aula da Escola Primária da CUF no edifício do Centro Educativo, 1964. Fonte: Arquivos CUF

Figura 62 - Edifício da escola para os filhos dos operários na Rua do Azeito d'Oliveira, no bairro velho.
Fonte: Arquivos CUF

Figura 63 - Edifício da Escola Primário para os filhos dos operários na Rua Stinville, 1963
Fonte: Arquivos CUF

Aos anos da Escola Primária da CUF era ministrado o ensino oficial obrigatório. O sistema de ensina da CUF terminava formalmente quando os alunos acabavam a 4ª classe. Os alunos que desejavam prosseguir nos estudos tinham de se inscrever nos Liceus de Lisboa e Setúbal. Alternativamente, as famílias operárias com mais posses ou dispostas a maiores sacrifícios, mandavam os seus filhos estudar nos cursos técnicos da Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, no Barreiro: Cursos de Química, Eletricidade, Serralharia Mecânica, Desenho, Contabilidade e Laboratório.

A necessidade de renovação e formação contínuo dos trabalhadores da CUF levou a criar um sistema de aprendizagem prática que deu às fábricas gerações de operários altamente especializados. Em cada sector funcionava uma Oficina de Aprendizes, pela qual passavam os recém-chegados, onde se aprendiam, sob a orientação de instrutores experientes, todos os métodos de trabalho (cf. figura).

> "Comecei aqui na fiação, depois pedi para a zona metalomecânica, onde depois fui aceite e fui para lá, fui para o Centro de Formação aprender um ofício, que não tinha, ora escolhi para mim como soldador, fomos vários, não fui só eu. Andámos no João Mendes, que era o Centro de Formação, que ficava aqui dentro da CUF. E então, ali aprendemos, depois fomos para a oficina que era a caldeiraria, e assim foi. A partir dali era fazer vários trabalhos, como soldador."
>
> (Entrevista nº 1)

A presença de um considerável número de trabalhadores analfabetos levou os Serviços Educativos da Companha a criarem, nos anos 50, um Centro de apoio situado no mesmo edifício da Escola Primária, onde se realizavam aulas noturnas para os operários que trabalhavam durante o dia. Neste mesmo centro eram também realizadas atividades pós-escolares dos alunos da Primária, ações de assistência aos aprendizes das Oficinas da CUF e cursos de "formação familiar" para raparigas (lavores, puericultura e economia doméstica). O Centro era anualmente frequentado por uma média de 800 rapazes e 500 raparigas (Morais, 2008: 96-97).

Na generalidade, os entrevistados desta investigação possuem um nível de escolaridade baixo, devido à entrada precoce na vida ativa, motivada pelas duras condições de vida. Ainda assim, os operários da Companhia União Fabril do Barreiro tinham um nível de escolaridade e formação superior aos operários de outras comunidades industriais no País.

Figura 64 - Escola Noturna para os operários no Centro Educativo da CUF. Fonte: Arquivos CUF

Figura 65 - Imagens das Oficinas dos Aprendizes da CUF e do Cursos de "formação familiar" para as mulheres e filhas dos operários da CUF. Fonte: "Saudade da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

A CUF proporciona não só serviços sociais mais também espaços de lazer. Estes espaços tornam-se pontos informais de encontro e convívio diário de um conjunto de operários que aqui mantêm atividades culturais e recreativas (Almeida, 1993). Em 1911 foi criada a Academia Recreativa e Musical do Pessoal da CUF, futuro Grupo Desportivo da empresa criado em 1937. Um ano depois inaugurava o seu Campo de Jogos de Santa Bárbara – com um campo de futebol, um ringue de hóquei, court de ténis e espaços para basquetebol e voleibol. A sede do Clube Desportivo manteve-se até ao fim em pleno Bairro Operário, na "parte velha", num edifício de dois andares em frente ao coreto. O Clube Desportivo manteve, ao longo das décadas, uma atividade intensa noutros domínios dos tempos livre, desenvolveu-se uma banda de música, um grupo de teatro, uma biblioteca, entre outra (Morais, 2008: 121). Na década de 40 entra em funcionamento um Cinema Ginásio, situado na "parte nova" do bairro, que mais tarde se tornou em Casa da Cultura. As festas constituem momentos estratégicos da representação social de "naturalização" do poder instituído, fundamental para garantir a eficácia do sistema paternalista (Rodrigues, 2005: 2016):

> "A aparecente participação de todos e de modo igual nos acontecimentos culturais, religiosos e recreativos das festas serve para tornar real uma das maiores dessas representações: a que respeita à imagem da empresa como uma grande família, (…). A empresa como uma família significa que apesar da necessidade da existência do patrão e de chefes e de subordinados, ela não deixa, contudo, de ter também um pai e de aí todos serem irmãos".
>
> (Duarte, 1996: 118, citado por Rodrigues, 2005: 216)

2.4. Das relações socias à construção de uma identidade

Estiveram, assim, formadas todas as condições para se incrementarem a dependência das famílias operários residentes nos alojamentos da CUF face à empresa. Esta dependência reforçou no local de trabalho uma tendência, dos trabalhadores que pretendiam aceder a um alojamento da empresa, a manter "boas relações" com os encarregados e as chefias, no sentido de aumentarem as próprias oportunidades de sucesso de obter uma habitação. Além disso a empresa tem o objetivo de manter também um número de casas destinadas a funcionários imprescindíveis que precisam de estar imediatamente disponíveis caso ocorra alguma eventualidade na indústria, como inesperadas reparações de maquinaria. Por esta razão o acesso às habitações eram muitas vezes feito através de "cunhas". Alguns dos moradores entrevistados insistiram em ocultar esse facto, afirmando que a casa foi simplesmente solicitada nos serviços do pessoal sem recorrer a qualquer proximidade com pessoas influentes na empresa, enquanto outros, recolhessem que, por vezes, as "cunhas" surtiam efeitos:

> "Eu andava no serviço, trabalhava aos Sábados e aos Domingos, havia lá umas avarias às vezes, e precisavam de um serralheiro, então o Engenheiro percebeu que eu percebia qualquer coisa daquilo e perguntou-me se eu não queria uma casa aqui no Bairro. Já estava com a mira de eu ir lá fazer o trabalho de serralheiro. Fui ali ao Serviço do Pessoal para haver se havia uma casa para mim e no mesmo dia, deram-me a chave da casa logo para a mão."
>
> (Entrevista nº 4)

Mas, em certas circunstâncias, as relações entre os diferentes grupos socio-profissionais tomam um caminho oposto. A natureza do trabalho nas fábricas é necessariamente de "dureza" física e as consequências sociais desse facto ultrapassam o local de trabalho, aumentando, quase inevitavelmente, as tensões entre os diferentes grupos sociais que coexistem no mesmo espaço. Para agravar, a seletividade e hierarquização na atribuição das casas e o tratamento diferenciado entre os trabalhadores pela empresa marca de facto uma certa distância social significativa entre os operários e os quadros superiores, que está bem presente no discurso de um dos moradores ao caracterizar a relação que entre os diferentes grupos sociais dentro do bairro:

> "Aqui as raparigas e rapazes davam-se todos bem, mas havia algumas filhas dos Engenheiros ou Encarregados que não falavam com ninguém. Uma vez havia uma que o pai dela era Encarregado de Carpintaria, e ela trazia o saco com o lixo, passou ali pela Sede da CUF, viu o pessoal e fugiu logo para casa. Com os Engenheiros só dizíamos "Bom Dia" e "Boa Tarde" e mais nada, eles também não queriam nada com a gente."
>
> (Entrevista nº 3)

Nos dias de descanso semanal a população residente no bairro continuava a permanecer no local. A empresa disponibilizava todos os equipamentos e serviços que enquadravam dentro do próprio bairro os tempos livres e as atividades domésticas e de sociabilidade dos moradores, construindo assim um espaço social concentracionário (Rodrigues, 2005: 138).

O trabalho operário masculino exige um enorme esforço físico e impunha que o operário tivesse quase exclusivamente ligado à fábrica. Por isso, é a mulher que, para além de cumprir trabalhos na fábrica, nomeadamente na indústria têxtil, nas limpezas ou nas cozinhas dos refeitórios, desempenha também as tarefas domésticas de dona de casa, incluindo a lavagem de roupa nos lavadouros comuns do bairro, a compra de pão na padaria, e ainda iam pôr e buscar os filhos à escola ou à creche dentro do próprio bairro.

Tendo em conta que o homem não participa nas atividades domésticas, passa grande parte do seu tempo livre a desenvolver atividades de sociabilidade no espaço público do bairro. O espaço de eleição do homem correspondia à Sede do Grupo Desportivo da CUF (cf. figura 66), onde os grupos de sociabilidade eram muitas vezes divididos pelo clube desportivo que suportavam:

> "Aqui dentro não havia mais nada, só havia a Sede da CUF. Encontrávamos lá, mas não eram todos, naquela altura ninguém se dava por causa da bola, uns eram da CUF outros eram Barreirense. Juntavam-se mais aqueles que eram no mesmo clube (…). Onde nos encontrávamos mais era ali na sede, começou a haver televisão, e então juntavam-se lá todos, depois cada um começou a ter televisão em casa."
>
> (Entrevista nº 3)

Enquanto o homem se afirmava pela sociabilidade que desenvolve em espaços públicos masculinos, a mulher afirmava-se pela sociabilidade que se desenvolve em espaços públicos onde se executam trabalhos domésticos. Dos lugares públicos de sociabilidade predominante feminina, os espaços comerciais assumem-se como um lugar referencial, pela apropriação quotidiana que produzem. Cuidar da roupa é uma das atividades mais emblemáticas desenvolvidas pela mulher da família operária. No topo sul do bairro existiam seis tanques para lavagem de roupa, disposto em semicírculo, onde a mulher ocupava uma parte significativa do seu tempo (cf. figura 67).

Figura 66 - Sede do Grupo Desportivo da CUF. Fonte: Arquivo da CUF

Figura 67 -Lavadouro Público. Fonte: Arquivo da CUF

A intervenção da Companhia União Fabril, através da construção do Bairro de Santa Bárbara resultou na construção social de uma nova população constituída por um grupo seletivo de residentes que eram também trabalhadores da empresa, formando um bairro com uma identidade própria coletiva (Martins, 2003: 136). Alexandre Martins utiliza na sua tese a noção de "identidade de bairro", abordada por António Firmino da Costa na sua obra "Sociedade de Bairro":

> "(…) É um perfil identitário que cada indivíduo vai incorporando, no contexto social e no decurso das experiências e aprendizagens aí efetuadas, e que é por ele acionado, de maneira mais espontânea ou mais estudada e estratégica, em variadíssimas circunstâncias da sua vida social e num amplo espectro de modalidades de relacionamento humano. Neste sentido, constitui uma identidade coletiva na medida em que se trata de um perfil identitário pessoal partilhado por um coletivo de indivíduos."
>
> (Costa citado por Martins, 2003: 137)

Este conceito esteve visivelmente presente no sistema social formado no Bairro de Santa Bárbara, assumindo especificações próprias que o distingue dos outros bairros do Barreiro. Esta identidade partilhada pela população residente deve-se ao contexto da estruturação das condições de vida no bairro, definidas pela política de fixação de mão-de-obra operária pela CUF, criando um espaço particular para essa mesma população exclusivamente planeado e edificado para o efeito, conferindo-lhes certas características sociológicas comuns.

Este processo definiu-se, bastante, pela existência de rígidos critérios de acesso à habitação disponibilizada pela Companhia. Estes critérios de seleção estão diretamente relacionados com determinadas particularidades sociais dos indivíduos[15] , produzindo, logo à partida, uma grande homogeneidade social na população: semelhanças de condições de classe (assalariados da indústria), de tipo de origem sócio territorial (sobretudo migrantes rurais), de situação laboral (trabalhadores da CUF) e de percurso residencial (habitação em más condições, antes de morarem na CUF) (Martins, 2003: 148).

As empresas paternalistas procuravam, igualmente, socializar as suas populações trabalhadoras para o trabalho na indústria, uma vez que se tratava maioritariamente de populações constituída por migrantes rurais cujos padrões socioculturais não as dispunham particularmente para a disciplina e os ritmos do trabalho industrial. Trata-se de uma população pouco escolarizada e sem formação profissional. A maioria das realizações sociais e assistências destas empresas tinham, em grande parte, como objetivo, precisamente, efetuar a "reconversão" da mão-de-obra escolhida.Esta necessidade de disciplinar a mão-de-obra terá implicado a necessidade de se criar um relativo distanciamento, físico e social, das populações trabalhadoras com o exterior da vida nas respetivas fábricas, quer no sentido de as afastar de certas tendências imorais da vida urbana, quer no sentido de as desligar gradualmente das formas populares da sociabilidade característica

[15] Estes critérios se referiam à posição social dos trabalhadores, como a sua situação profissional e familiar.

da vida nos campos e da respetiva cultura popular. Por esta razão, a constituição de política de habitação operária, através da construção de bairros para os trabalhadores, era estruturada, se possível, longe do mundo fora da fábrica (Martins, 2003).

> "Do ponto de vista do patronado, o problema é o seguinte: na fábrica, o proletariado está bem enquadrado; mas, fora dela, escapa ao controlo. (…) É preciso, pois, que a lei penetre na vida do proletariado "fora da fábrica"; que as práticas da vida quotidiana dos proletários sejam metidas progressivamente numa rede de relações sociais instituídas que as canalize, e que, pouco a pouco realize a seriação, a disciplinarização, a moralização, a estabilização, a pacificação do proletariado"
>
> (Bertaux, 1978: 188, 190, citado por Rodrigues, 2005: 41)

A influência da actividade industrial no bairro, tem como fator principal a sua própria localização dentro do perímetro fabril , literalmente cercado pelas fábricas da CUF. Esta decisão surgiu, não só como estratégia da empresa para poder ter, em qualquer momento, a disponibilidade dos trabalhadores, mas também como "posse" das suas vidas. Esta relação particular entre a habitação e o trabalho operário veio potenciar a estruturação sócio territorial do bairro através de um conjunto de vivências, resultado da apropriação feita pelos residentes das condições de vida do bairro impostas (Martins, 2003:170). É então possível captar a coordenação entre os ritmos da vida no bairro, da própria vida familiar e os ritmos de laboração das fábricas.

Foram utilizados alguns instrumentos localizados no próprio bairro residencial, de forma a controlar o horário exercido sobre o trabalhador. Uma buzina instalada no telhado da padaria e a torre-relógio (cf. figura) , marcavam, ao longo do dia, a entrada e saída da fábrica e os intervalos para almoço. Estes elementos revelam-se eficazes para "automatizar" os movimentos casa-trabalho, e de certa forma, assume uma dimensão, ao mesmo tempo, pública e privada (Rodrigues, 2005).

Existe também um esfoço por parte da empresa em simbolizar a vocação industrial no próprio bairro. Todo o ambiente foi assim construído de acordo com uma estética industrialista, refletida na toponímia do bairro constituída por nomes de engenheiros químicos ou físicos ou, ainda, de matérias-primas da indústria transformadora (Martins, 2003: 156-161):

> "Ácido Sulfúrico foi o nome dado a uma das ruas fundadoras do Bairro Operário da CUF, no Barreiro – a bem dizer, a rua principal, o vale esperançoso de onde brotaram, a partir de 1908, os rios de leite e mel do paternalismo social da Companhia. Perto, a Rua dos Superfosfatos, a Travessa da Glicerina, a Rua da Pirite, combinadas com preitos ao engenheiro-iniciador (Rua Stinville) e a génios da Química (Rua Berthelot, Rua Liebig, Rua Lavoisier)."
>
> (Morais, 2008:19)

Figura 68 - A Torre do relógio no Bairro de Santa Bárbara, 2013

3. O Plano de Urbanização do Bairro Novo da CUF

3.1. A *cidade jardim* da CUF

Verificada a falta de habitação disponível no Bairro de Santa Bárbara devido à impossibilidade de expansão do bairro dentro do próprio território da CUF por se encontrar completamente sobrelotado e rodeado pelas fábricas, a partir de 1948, a Administração da Companhia União Fabril demonstrava empenho em garantir a construção de mais fogos para alojar parte dos seus trabalhadores:

> "Este bairro porém, em consequências de enorme desenvolvimento que atingiu o núcleo industrial, foi aumentando sucessivamente a sua área e, atualmente, encontra-se absolutamente saturado e sem possibilidade de expansão, visto estar completamente rodeado por uma cortina de edifícios fabris. (…) O estado de saturação do atual Bairro Operário e a impossibilidade de se encontrar na vila, nos seus arredores, as habitações adequadas para alojar cerca de 18% dos 7500 operários que a CUF atualmente ocupa nas suas fábricas, levou esta entidade a procurar resolver, com a maior urgência, este grave problema, de forma a satisfazer as necessidades presentes. "
>
> (Ante plano de Urbanização do Novo Bairro Operário do Barreiro. Memória descritiva. 14 de Julho de 1949. Espólio Cristino da Silva. FCG-BA.)

É neste contexto que se inicia o estudo do plano de um novo Bairro Operário destinado a conter cerca de 700 alojamentos, o qual veio, à semelhança do que sucedera com o primeiro bairro, dar alguma resposta às necessidades habitacionais da população operária da empresa. Nesta altura, registou-se uma alteração no pensamento social da CUF e uma mudança de estratégia da empresa, que evidenciou a primeira rutura com o programa social realizado até então. Abandonou-se a ideia de ampliar o conjunto de Santa Bárbara e determinou-se a construção de um novo núcleo fora do complexo industrial mas na sua envolvente (Folgado, 2009: 439). Uma nova consciência de salubridade e bem-estar dos operários influenciou a implantação desde novo bairro numa zona saudável e longe dos fumos e dos gases que saiam diretamente das chaminés das fábricas, no entanto, próximo o suficiente para os moradores poderem se deslocar a pé para o trabalho na zona industrial.

O local escolhido para a construção situava-se a sudeste do complexo industrial perto da estação de comboios do Lavradio, num terreno atravessado pela via-férrea, propriedade da

empresa, com uma área de 12, 6 hectares, a que seria necessário adicionar parcelas de terreno.

O autor do projeto foi o arquiteto Cristino da Silva, que começou a colaborar com a CUF no final dos anos 30 ainda na construção das moradias para os Diretores no Bairro de Santa Bárbara. Cristino seria o arquiteto ideal para a qualificação urbana e arquitetónica de um bairro com uma escala e caracter de uma pequena cidade totalmente independente do resto da vila do Barreiro. O arquiteto e urbanista trabalhou neste projeto entre 1945 a 1951, que sofreu modificações consecutivas ao longo do processo, tendo o Plano Definitivo ficado concluído e Fevereiro de 1951.

O primeiro estudo de Cristino, com data de 20 de Dezembro de 1945, respondeu ao programa proposto: uma zona residencial com um total de 698 casas, incluindo moradias para engenheiros e habitações para operários, edifícios públicos e uma área verde e desportiva que constituía um espaço de transição entre o mundo fabril e o habitacional (Folgado, 2009: 440). O novo bairro constituirá, portanto, uma pequena unidade residencial, provida de todos os serviços de assistência, moral ou física: centros culturais e educativos, escolas, creche, centro comercial e uma autêntica cidade-desportiva (Álbum comemorativo da CUF, 1945: 54; Carmona, 2005: 125). Esta foi a solução que Cristino explorou ao longo dos vários planos.

Numa carta dirigida ao Arquiteto Cristino da Silva em 1948, demonstra que o modelo de hierarquização das habitações continuava a ser uma estratégia da empresa como objetivo de distinguir os seus trabalhadores, no entanto existia já uma maior sensibilidade em evitar a ocupação de determinadas áreas por populações homogéneas do ponto de vista socioprofissional:

> "As casas destinadas aos encarregados, mestres e empregados de escritório, sendo para habitações de indivíduos que por efeito das funções que desempenham têm um nível de vida mais elevado do que os simples operários, devem ser um pouco melhores, tanto em número de habitações como em superfície.
>
> Não nos parece conveniente agrupar num único sector do novo Bairro as casas dos mestres, encarregados e empregados de escritório, tanto sob o aspeto social como urbanístico. Parece-nos melhor distribuí-las pelo Bairro."
>
> (Ofício para o arquiteto Luís Cristino da Silva. 25 de Junho de 1948. Espólio Cristino da Silva. FCG-BA.)

No desenho do bairro do primeiro plano, a estação do Lavradio constituiu uma espécie de centralidade, organizando o conjunto habitacional a norte e a sul da linha de caminho-de-ferro. A norte localizava-se um conjunto moradias para o pessoal superior que pela sua localização estavam mais próximas da área fabril e uma zona desportiva e verde que protegia a proximidade das fábricas químicas. A sul da estação, estavam distribuídos pelo bairro os restantes

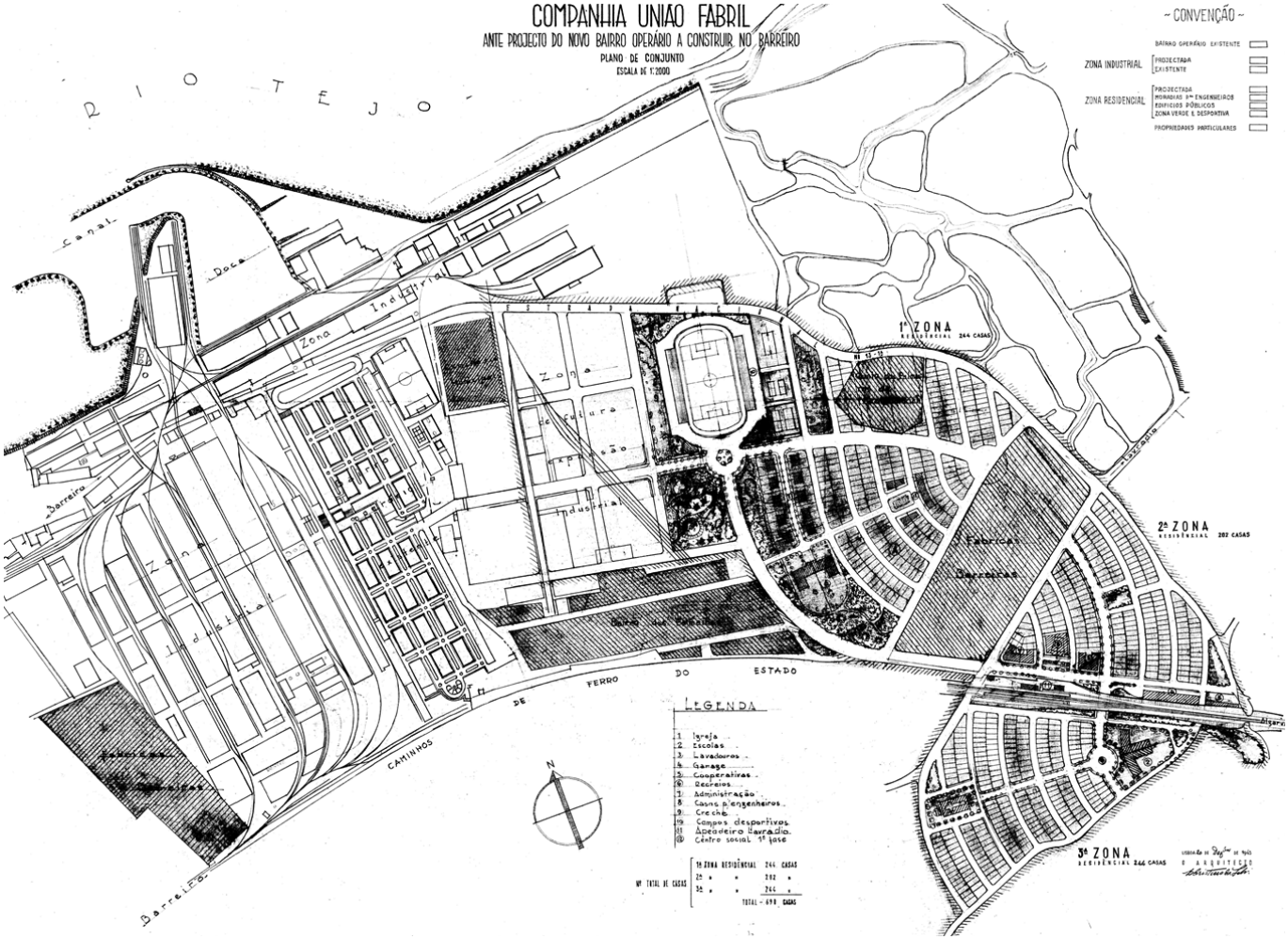


Figura 69 -Primeiro esboço do Plano de Urbanização do Novo Bairro Operário da CUF, 1945
Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte

equipamentos, rompendo os quarteirões habitacionais que se desenvolveram em leque a partir de um eixo de distribuição, com as rotundas ou os cruzamentos (cf. figura 69), à semelhança da solução apresentada para o bairro da Encarnação em Lisboa de 1946. "Os quarteirões tipo compunham-se por habitações unifamiliares em banda, formando frente de rua, para onde se desenvolvia o pequeno jardim, enquanto o logradouro se localizara no tardoz" (Folgado, 2009: 440).

Ao elaborar os primeiros estudos deste Bairro Operário procurou-se adaptar para as zonas residenciais, o sistema de "cidade-jardim"[16], constituindo exclusivamente por casas unifamiliares rodeadas de espaços verdes. No entanto, esta solução, não só exigiria o dobro da superfície de terreno a urbanizar como obrigaria a recorrer a numerosas expropriações dos vastos terrenos vizinhos, medida essa que a CUF desejava evitar dada a dificuldade de aquisição de novos terrenos nesta região:

> "Optou-se, portanto, por um sistema que, sem perder de vista os bens princípios estabelecidos nas cidades jardins, isto é, mantendo os grandes espaços verdes, pudesse alojar as 700 famílias numa superfície mais reduzida. Assim, (…) as residências para operários serão localizadas em dois grupos de blocos, recebendo uma perfeita insolação, tendo o máximo, quatro pisos."
>
> (Ante plano de Urbanização do Novo Bairro Operário do Barreiro. Memória descritiva. 14 de Julho de 1949. Espólio Cristino da Silva. FCG-BA.)

A partir de 1949, vários estudos foram desenvolvidos por Cristino, tendo em conta os novos requisitos, até à solução final de 1951 designado de "Plano Definitivo de Urbanização do Novo Bairro Operário da CUF no Barreiro" No entanto todas as diretrizes que foram fixadas inicialmente mantiveram-se: toda a zona residencial operária desenvolve-se a sul da via-férrea, reservando os terrenos localizados a norte para a implantação das moradias do pessoal superior e da zona desportiva. A principal alteração estava relacionada com a solução arquitetónica das habitações assim como a disposição dos edifícios. A preocupação em construir 700 habitações num espaço mínimo de terreno determinou a opção em concentrar parte da população em blocos em altura de habitação coletiva, abdicando das habitações unifamiliares do conceito da cidade-jardim. Os blocos organizavam-se perpendicularmente às vias que foram hierarquicamente desenhadas e os espaços verdes faziam a separação entre a circulação de veículos e peões, segundo os princípios da "cidade-jardim" (cf. figura 70).

O Plano Definitivo de Urbanização do Novo Bairro Operário do Barreiro revelou-se uma proposta coerente com os princípios funcionais presentes na "Carta de Atenas" para a cidade. As funções de habitar, trabalhar, circular e recrear deviam manifestar-se no desenho urbano. Além disso, devia introduzir o conceito de *zonning*[17] através da organização e divisão do espaço urbana em zonas de acordo com as diferentes atividades, concebendo uma distribuição mais racional.

[16] A *cidade-Jardim* foi uma utopia idealizada no início do século XX pelo urbanista Ebenezer Howard, constituída por uma cidade no centro de 2400 hectares, e ocupando 400 hectares, o resto seria para o campo, cortada por seis boulevards com 36 metros, uma avenida central com 125 metros de largura, formando um parque, as casa ficam dispostas em meia-lua para ampliar a visão dessa avenida-jardim. No centro ficariam órgãos públicos e lazer. A população seria de cerca de 30000 pessoas.

[17] O zonning surgiu como uma solução incontornável para a cidade moderna, partindo da noção de que as cidades apresentavam um carácter desordenado e caótico Pois através da criação de um regulamento para as zonas, seria possível definir um conjunto das leis e regras que organizassem uma cidade com áreas de carácter diferente, impondo um modo de construção especial, de acordo com as especificidades ou características de cada área funcional.

> "Desta forma deverão ser previstos, como se indica naquele plano, grupos de edificações distribuídos pelas várias zonas constituintes do Bairro: zona residencial; zona cívica, administrativa e comercial; zona escolar e culto; zona desportiva."
>
> (Bairro Operário do Barreiro, Edificações. 20 de Outubro 1950. Espólio Cristino da Silva. FCG-BA.)

A zona residencial era composta pelos blocos de habitação e as moradias dos quadros superiores. A zona cívica incluía o espaço para Administração, Polícia e Bombeiros, Biblioteca, Associação Diversões, Cooperativa e Estabelecimentos comerciais. Estes equipamentos foram localizados numa praça comum fronteira à estação de comboios do Lavradio, ponte de passagem obrigatória situado entre o Bairro e as Fábricas. A zona escolar e culto estava reservada para Escola Maternal e Creche, Escola Primária, Habitações para Professores, Capelas e Presbitério que ficavam organizadas no centro do Bairro, ao qual iam convergir as principais vias de acesso reservados aos peões. A zona desportiva era composta por um Estádio de Futebol, Campos de jogos e Parque de Estacionamento.

O projeto proposto por Cristino para o Bairro operário da CUF acabaria, contudo, por não passar do papel, pois na mesma época, a Câmara procedia à realização dos primeiros estudos com vista à elaboração do Plano Geral de Urbanização do Barreiro e o projecto não se enquadrava nas previsões da Câmara Municipal (Carmona, 2005: 125), ficando assim por cumprir um dos projetos que poderia ter dignificado o espaço social dos operários em Portugal:

> "Nem a dimensão económica da CUF, (…) nem a ação de Cristino da Silva permitiram a concretização de uma cidade da fábrica paradigmática para o período estudado e que na sua essência poderia ter simbolizado para Portugal a *Cité Industrielle*, de Tony Garnier."
>
> (Folgado, 2009:448)

Figura 70 -Plano de Urbanização do Novo Bairro Operário da CUF dividido por zonas funcionais. Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte

3.2. Os Blocos do Lavradio

Do Plano Definitivo de Urbanização do Bairro Novo da CUF de 1951 apenas se construíram quatro blocos para os operários, que se dispõem perpendicularmente à via-férrea na zona a sul, e ainda o núcleo do bairro dos engenheiros a norte. A disposição destes edifícios concretizados respeitam o Plano Definitivo, no entanto, o atraso da entrega do projeto, levou a Administração da CUF a preferir a autoria dos edifícios do Arquiteto Fernando Silva[17] .

O Bairro do Lavradio, também conhecido como o "Bairro dos Blocos" ou o "Bairro Novo da CUF" viria a situar-se, no Alto do Seixalinho, junto à estação do Lavradio, em terrenos da antiga quinta da Fonte, adquiridos por empresa (Carmona, 2009: 121).

Tratava-se na época de um bairro modelar e moderno, composto por 4 blocos de 4 pisos, em banda (cf. figura 73), com 45 habitações cada, construídos com estrutura de betão armando, paredes exteriores duplas de tijolo e pavimentos em tijolo armado (Pais, 1971:311). Com critérios de seleção mais rígidos, as casas eram destinadas a fixar uma verdadeira elite operária, distinguindo-a da restante massa generalizada dos operários (Almeida, 1993: 171). Este bairro foi conhecido por "Bairro dos Católicos" devido ao facto de a CUF supostamente não atribuir casas a quem não fosse casado pela igreja.

O processo que determinou, nas suas diversas fases, a edificação deste bairro possui, porém, características próprias, que o diferenciam do processo, do mesmo tipo, iniciado com a construção do Bairro de Santa Bárbara. Além das diferentes épocas em que os dois bairros foram construídos, que desde logo influenciou as diferentes configurações do desenho urbano e solução arquitetónica e construtiva de ambos os conjuntos, a principal diferença entre estes dois bairros é a ainda maior seletividade na escolha dos operários que residiam nas casas do segundo bairro (Almeida, 1993). Neste sentido, as habitações deste novo Bairro Operário tinham maior qualidade espacial (cf. figura 72). Foi introduzido o corredor de entrada que não existia nas anteriores habitações e foram acrescentadas mais divisões à área de serviço, nomeadamente a despensa, uma aérea de lavagem para a roupa e ainda uma arrecadação. Tendo em conta a época de construção, as instalações sanitárias foram logo introduzidas no projeto original das habitações.

Cada bloco de habitação tinha nomes de cidades ou vilas onde a Companhia União Fabril também tinha as suas instalações – Bloco Alferrarede, Bloco Mirandela, Bloco Soure e Bloco Canas de Senhorim. A atribuição destes nomes representa o esforço por parte da empresa em simbolizar a vocação industrial no próprio bairro, à semelhança da simbologia refletida na toponímia do Bairro de Santa Bárbara.

[17] Fernando Silva (1914-1983), arquiteto português autor do teatro São Jorge na Avenida da Liberdade em Lisboa (1950), da Zona Comercial do Bairro de Alvalade em Lisboa e do Hotel Sheraton, na Avenida Fontes Pereira de Melo, também em Lisboa. Recebeu três Prémios Valmour ao longo da sua carreira.

Figura 71 -Planta das habitações dos Blocos do Lavradio. Fonte: Arquivo Municipal Barreiro

1. Hall
2. Corredor
3. Sala
4. Quartos
5. Arrecadação
6. Instalação Sanitária
7. Cozinha
8. Despensa
9. Estendal

Figura 72 -Imagens do interior das casas dos Blocos do Lavradio. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008

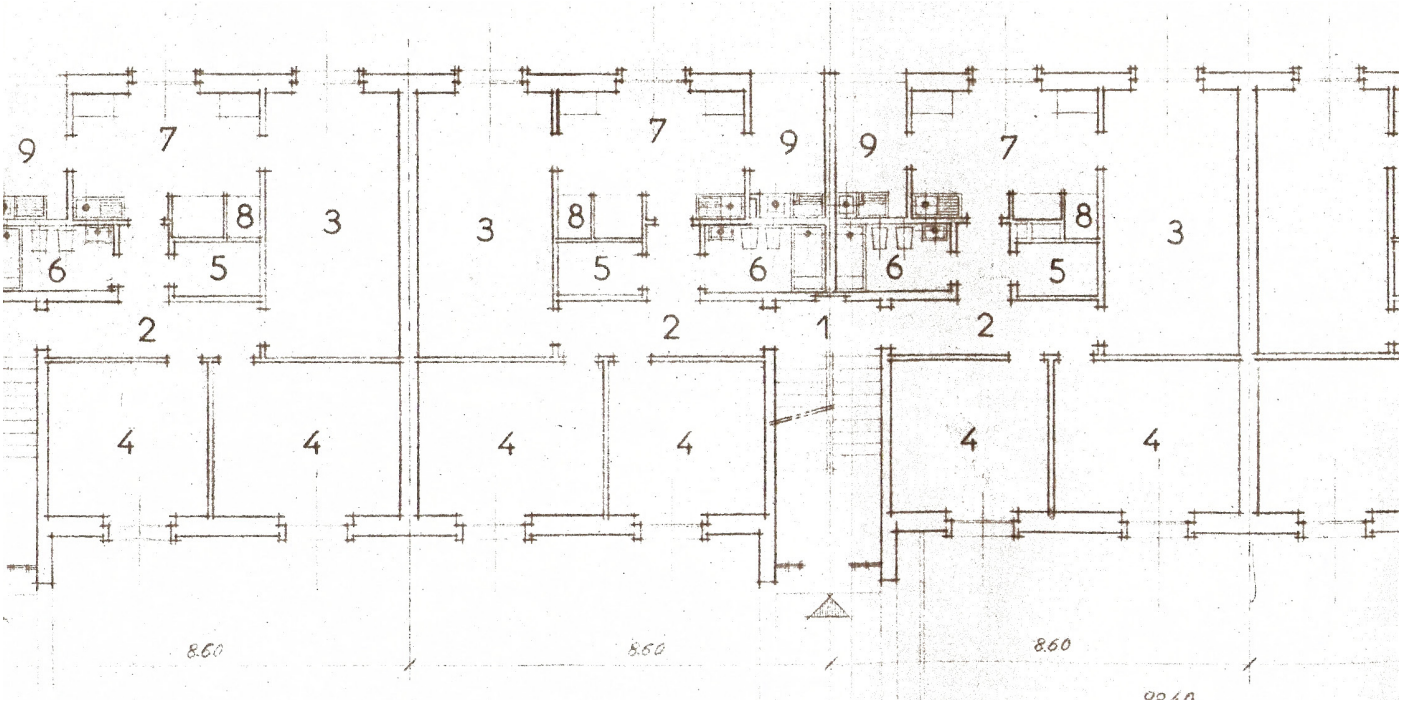

9
7
8
3
6
5
2
4
8.60

Figura 73 - Bairro dos Blocos do Lavradio, 2013

#3

A AUSÊNCIA DA FÁBRICA COMO EIXO ESTRUTURADOR DO ESPAÇO

1.1. Recessão da produção industrial

Uma das questões mais importantes para a compreensão das experiências sociais associadas à transformação do território corresponde à perceção da crise que se instalou na Companhia União Fabril a partir da década de 70. A CUF apesar de ser um grande Império, gozou de uma facilidade que a partir de 1974 já não era possível manter, que era o do produtor único. A CUF tinha a possibilidade de produção praticamente em monopólio da maior parte dos seus produtos. A partir do momento em que se adere à questão do mercado livre em que as grandes empresas veem-se obrigadas a comercializar os produtos em concorrência com outras empresas.

A CUF é então nacionalizada em 1975 e transformada em *Quimigal.* Em 1989 é constituída a Quimiparque, para gerir todo o enorme território do antigo complexo industrial. A CUF entra num processo de reestruturação e separa-se em várias empresas autónomas e portanto deixou de haver uma empresa única. Com a nacionalização, seria de esperar a instalação de uma crise de emprego para quem lá trabalhava na época. No entanto, até aos anos 80, ainda foi possível observar uma grande afluência de atividade industrial deste território. Foram construídas novas fábricas e uma considerável quantidade de novos trabalhadores continuava a chegar ao Barreiro que se juntavam aos antigos operários da CUF.

Entretanto a crise petrolífera e a recessão da economia nacional, aliada à perda das colónias africanas fornecedores de matérias-primas, provocam uma diminuição na produtividade das fábricas. A entrada de Portugal na CEE que resultou no aumento das importações de produtos estrangeiros provocou uma consequente quebra de vendas dos produtos Quimigal nos mercado português. Uma nova consciência ambiental e a valorização dos territórios industriais para empreendimentos imobiliários, cúmplice do processo de crescimento urbano das cidades, contribuíram para o fechamento e demolição de grande parte dos edifícios da Quimigal, que grande parte já eram construções antigas e degradadas.

Apesar de menos densidade ocupacional, o recinto da Quimigal continua a assumir uma dimensão considerável, onde ainda funcionam um pequeno número de fábricas que sobreviveram ao declínio (cf. figura 74), mas não tem sido fácil a sobrevivência económica da empresa. O afastamento da antiga política patronal trouxe óbvios custos económicos e sociais. Sucederam-se despedimentos e reformas antecipadas, e muitos operários tomaram a decisão de ir trabalhar para outras empresas que ofereciam salários mais elevados, obrigando a um corte compulsivo na relação do operário com a fábrica. (Almeida, 1993: 23).

Figura 74 - O território industrial da Quimiparque, 2013

1.2. As novas funcionalidades dos edifícios coletivos

O espaço social da Companhia União Fabril perdeu, assim, o "coração" da vida da comunidade geradora de uma identidade particular. Desapareceu a fábrica como "elemento estruturante e, portanto, socializador das relações sociais num tempo concreto, que se inscreve na história e lhe confere especificidade económica, social e cultual" (Rodrigues, 2005: 212). Esta quebra leva a questionar sobre quais as novas vivências socias geradas pela ausência do espaço central na vida dos moradores do Bairro Operário da CUF. O espaço social e doméstico é reapropriado e os modos de vida são reestruturados.

Apesar de ainda existir algumas fábricas em funcionamento, muitos dos pavilhões fabris foram divididos e alugados para novas instalações e escritórios de pequenas empresas. Observa-se que grande parte dos equipamentos de uso coletivo e atividades sociais deixaram de ser oferecidos, e os edifícios foram transformados para receber novas funcionalidades (cf. figura 75).

Na Rua Companhia União Fabril ainda podemos encontrar uma parte dos antigos edifícios sociais do bairro mas com outras funcionalidades, tais como a padaria com as suas chaminés, que hoje dá lugar a um Centro de Distribuição Postal e o edifício da Moagem, atualmente ocupado por um serviço de Restauração. É possível também admirar a intacta e emblemática Torre do Relógio, construída em 1928, um dos marcos centrais do Bairro considerada o *big ben* das fábricas do Barreira (Morais, 2008: 79), onde estava situada a central telefónica interna das fábricas da CUF. Ainda na mesma rua, encontramos o edifício da antiga messe dos engenheiros, onde hoje nos deparamos com um restaurante com o nome "Palácio Alfredo da Silva". Ao lado podemos observar o antigo Ginásio e Cinema da CUF, hoje Casa da Cultura do Barreiro, praticamente desativada, recebendo eventualmente alguns eventos ao longo do ano (cf. figura 76).

Na Rua Lavoisier, situava a creche que hoje está ocupada por pequenas empresas e residências de estudantes. No canto da rua a moradia verde da primeira creche da CUF encontra-se abandonada. Ao fundo da Rua Gay-Lussac funcionava a antiga dispensa da CUF, hoje ocupada pela Papelaria Universal (cf. figura 77). Na rua paralela a esta, a Rua Stinville, situava-se o edifício da Escola Primária, atualmente desfigurada por remodelações e ocupada pela Câmara Municipal do Barreiro onde funciona o Arquivo Histórico (cf. figura 78). Ao lado, podemos ainda observar o edifício dos Laboratórios da CUF, o único edifício que continua a ter a mesma funcionalidade.

No bairro velho, dos edifícios que sobreviveram à demolição, encontram-se ainda de pé o pavilhão do Refeitório nº 2, transformado num Ginásio público. Dentro do Ginásio existe um pequeno café, que se tornou no novo espaço de convívio dos atuais residentes do bairro, em alternativa ao espaço da Sede do Clube Desportivo, cujo edifício encontra-se devoluto (cf. figura 79). Perto, no antigo edifício da primeira Despensa, funciona hoje uma pequena creche, mas não exclusiva para os filhos dos trabalhadores industriais do Barreiro.

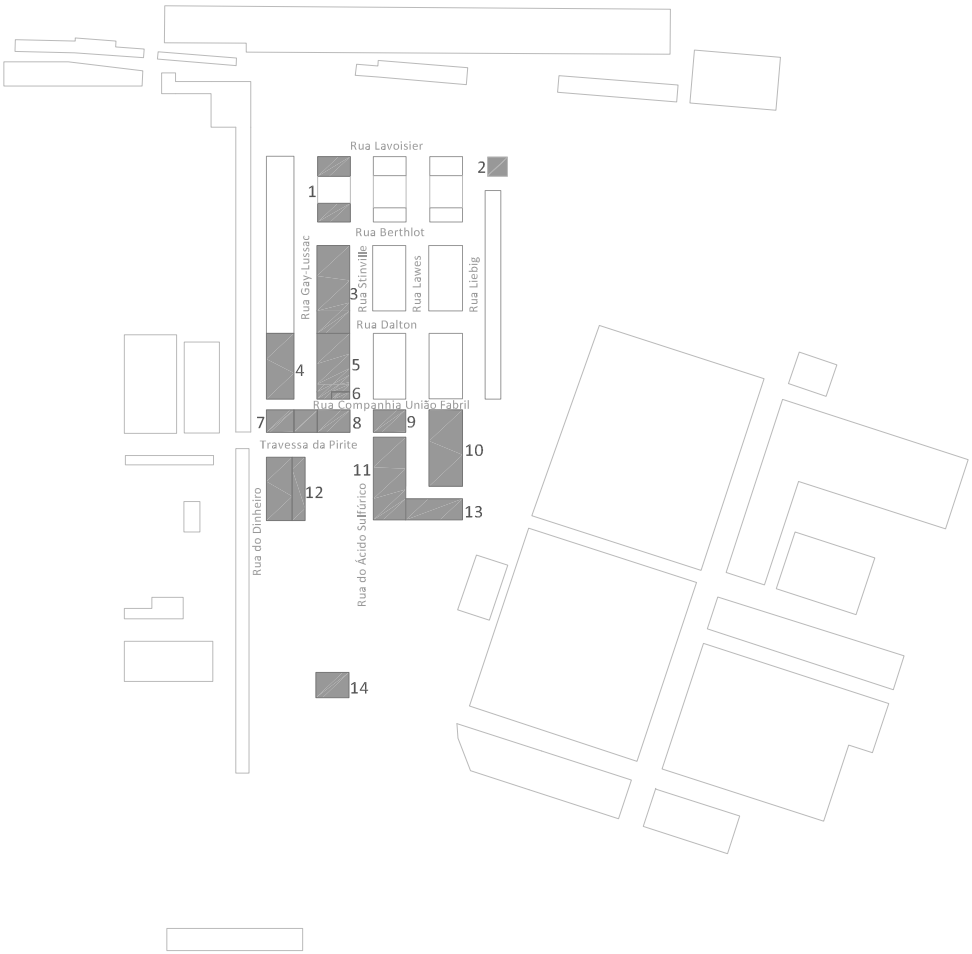


Figura 75- Novas funcionalidades dos edifícios socias do Bairro de Santa Bárbara.

1. Empresas/Residência de Estudantes (antiga Creche)
2. Desocupado (antiga Creche)
3. Câmara Municipal do Barreiro (antigo Centro Educativo e Escola Primária)
4. Papelaria Universal (antiga Despensa e Refeitório nº2)
5. Laboratório Químico
6. Torre do Relógio (antiga Central Telefónica)
7. Restauração (antiga Moagem de Trigo)
8. Centro de Distribuição Postal (antiga Padaria)
9. Restauração (antiga Messe)
10. Casa da Cultura (antigo Ginásio-Cinema)
11. Creche (antiga Despensa)
12. Ginásio (antigo Refeitório nº1)
13. Desocupado (antigos balneários)
14. Desocupado (antiga Sede do Clube Desportivo da CUF)

Figura 76 - Antigo Ginásio e Cinema da CUF, onde hoje funciona a Casa da Cultura do Barreiro, 2013

Figura 77 - Antiga Despensa da CUF agora ocupada pela Papelaria Universal, 2013

Figura 78 - Antigo edifício do Centro Educativo e Escola Primária, atualmente ocupado pela Câmara Municipal do Barreiro, 2013

Figura 79 - Edifício devoluto da antiga Sede do Clube Desportivo da CUF, 2013

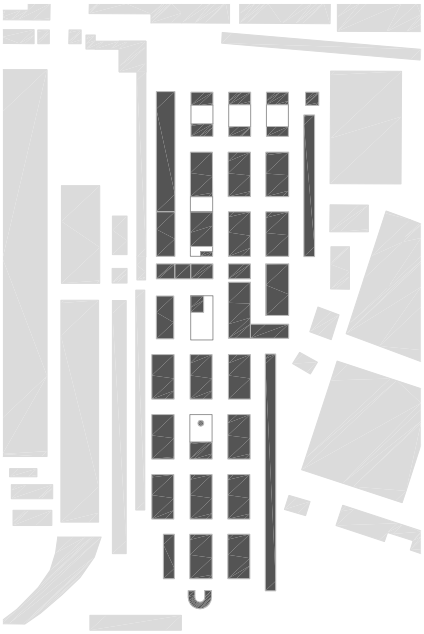
1.3. Apropriação e viabilidade do espaço habitacional

A reestruturação na política administrativa da nova empresa proprietária das casas do Bairro de Santa Bárbara, que se desprende da gestão e controle do sector doméstico dos trabalhadores, leva à desocupação de grande parte das habitações. Nos dias de hoje, constrói-se geralmente nas empresas uma ideia contrária à disponibilização de casas aos trabalhadores, justificada por trazer gastos desnecessários. Além de diminuir os custos, ao se libertarem da gestão e controle da vida domésticas dos operários, as empresas "suavizam os seus compromissos com o trabalhador, de forma a facilitar demissões e rotatividade de mão-de-obra" (Campagnol, 2008: 309).

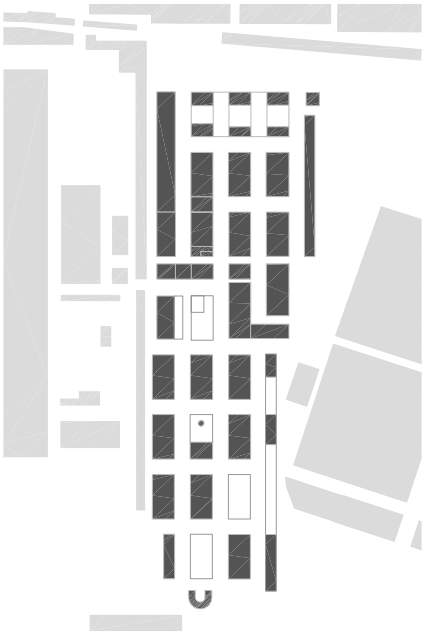
Por outro lado, uma parte das casas foram simplesmente abandonadas por antigos operários da CUF que entretanto, dada a circunstâncias, optaram por procurar habitações com melhores condições. Um número considerável de pessoas decidiram sair do bairro porque as casas já não tinham tão boas condições como aquelas que entretanto foram surgindo no mercado imobiliário. Ao longo dos anos, os hábitos e os gostos alteram-se, portanto é natural que, após o 25 de Abril, quando começa a aparecer a possibilidade de ter acesso a uma melhor qualidade de vida, as pessoas procurem uma situação que melhor as satisfazem. As habitações do bairro, nomeadamente da "parte velha", eram extremamente limitadas, com poucas divisões de pequenas dimensões. Por esta razão, o principal motivo da condição devoluta das casas passa pela falta de iniciativa de arrendamento das habitações desocupadas a novos moradores, que leva à ausência da sua manutenção e agrava a sua degradação.

Esta situação levou à demolição progressiva da parte mais antiga do Bairro que se prolongava para sul (cf. figura 80), não só por exigências de modernização fabril mas também para evitar a vandalização das casas vazias através da sua ocupação ilegal. A parte demolida do bairro foi mais tarde atravessada por um novo eixo rodoviário que permitiu o melhoramento do acesso ao complexo industrial a partir do Bairro da Palmeiras localizado a sudeste. Dada a circunstância, uma parte dos moradores legais que ainda habitavam o "bairro velho", foram obrigados a transferirem-se para as casas desocupadas da parte mais recente do bairro, que ainda se encontra de pé, misturando-se com os moradores que já lá habitavam:

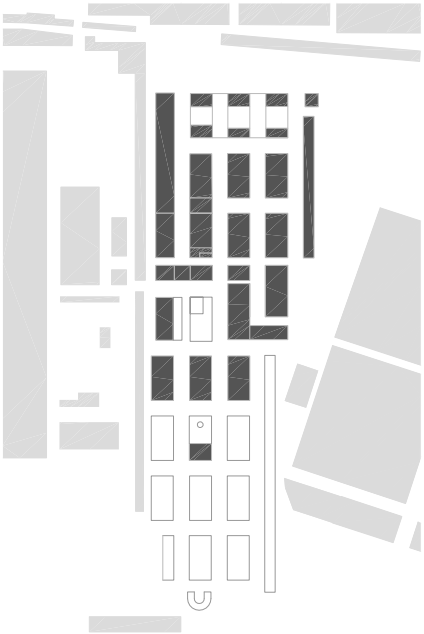
> " (a minha casa) não era aqui, era ali em baixo, na Rua do Dinheiro. Então lá depois aquilo era para destruir, e mandaram-me para aqui."
>
> (Entrevista nº 1)



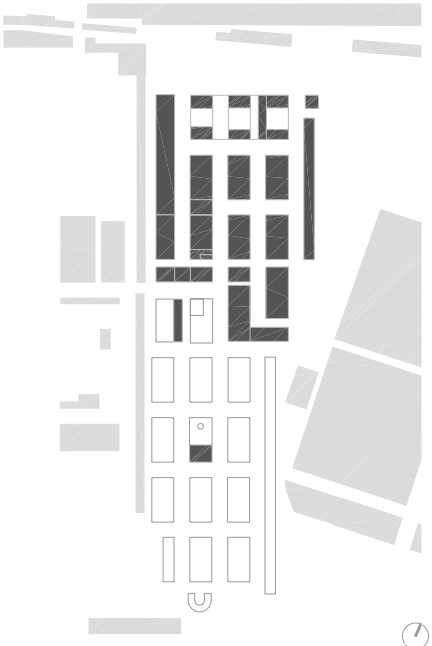
1957



1968



1975



2013

Figura 80- Evolução morfológica do Bairro de Santa Bárbara entre 1957 e 2013.

No tempo de Alfredo da Silva, os operários reformados eram obrigados a sair das casas dando lugar a novos moradores, mas depois do 25 de Abril, as pessoas que se mantiveram no bairro passaram a ter direito de permanecer nas suas casas. Por esta razão, alguns dos antigos inquilinos, poucos e maioritariamente idosos, habitam ainda nas casas que arrendaram noutros tempos à Companhia no Bairro Operário de Santa Bárbara (cf. tabelas 4 e 5). Por isso algumas casas ainda estão ocupadas por moradores, enquanto outras estão vazias.

> "Antes do 25 de Abril, as pessoas reformadas tinham de sair da casa, por isso é que havia sempre casas. Depois do 25 de Abril, fizemos um papel que dizia que já ninguém saía, por isso é que a gente ainda está cá."
>
> (Entrevista nº 4)

População Residente. Bairro Santa Bárbara, Barreiro. 2011

Ano	População Residente	População Residente H	População Residente M	Famílias
2011	49	21	28	28

Tabela 4 – População Residente no Bairro, Censos 2011 Fonte: INE

Idades da População. Bairro Santa Bárbara, Barreiro. 2011

Idades	População Residente	População Residente H	População Residente M
< 20	0	0	0
20 a 24	1	0	1
25 a 64	14	9	5
> 64	34	12	22

Tabela 5 – Idades da População Residente no Bairro, Censos 2011. Fonte: INE

Atualmente, a Quimigal tem vindo a adotar uma política de arrendamento das casas vazias a novos moradores, preparando-as para o efeito. Em alguns casos transformam-nas em escritórios e arrendam a pequenas empresas (cf. figura 81). Estas ações provocam obviamente mudanças significativas nos modos de vida no interior do bairro.

Figura 81 - Tipo de ocupações das habitações do Bairro de Santa Bárbara em 2013

Em 2012, algumas habitações foram ocupadas por centenas de estudantes angolanos do Ensino Superior que vieram para Portugal ao abrigo de um protocolo assinado entre a Escola Superior de Tecnologia do Barreiro e a angolana Universidade de Belas. A empresa Coração Tropical e a Câmara Municipal do Barreiro, deram assim oportunidade aos estudantes que não conseguem colocação nas universidades angolanas. O objetivo da empresa é transformar o bairro em residência de universitários e revolucionar a zona dando-lhe uma nova vida:

> "Até há pouco tempo teve aí uma série de rapazes de cor e o ambiente estava bom."
>
> (Entrevista nº 2)

> "Havia aí uns rapazitos de Angola que faziam companhia à gente. Eram prai uns 14 numa casa. Eram bem educadinhos, nunca tivemos problemas com eles. Só às vezes assim à noite eles faziam mais barulho."
>
> (Entre vista nº 4)

Apesar de grande parte dos antigos moradores apreciarem a presença de novos residentes no bairro, existem outros que têm uma opinião divergente, e quando são confrontados com essa hipótese demonstram, nos seus discursos, um certo sentido de pertença pelo bairro:

> "Eu sou contra isso, não vou dizer que quero isto só para mim, mas meter aqui gente nova, isso então era aqui uma guerra. Porque a gente não sabe se são drogados, se são ladrões. Vinham para aqui, e vinham dar cabo daqueles que já moram aqui à 40 ou 50 anos. Deixava disto ser um sossego. Por isso não alugam isto a ninguém, alugam sim mas é para escritórios"
>
> (Entrevista nº 1)

Os estudantes angolanos, mais tarde, acabaram por sair do bairro e escolher outras localidades para residirem. O principal motivo que levou os novos moradores a optarem por outras habitações foi o baixo grau de satisfação relativamente à localização do Bairro. Por se localizar no interior do complexo industrial, o bairro está implantado longe da vila do Barreiro, obrigando os moradores a tirar o passe de transporte para se poderem deslocar à vila. Parte dos equipamentos públicos e serviços sociais localizam-se atualmente na vila, incluindo a estação fluvial que era um dos transportes mais utilizados pelos estudantes para se deslocarem à capital onde parte deles estudavam. A viabilidade deste espaço para famílias contemporâneas e futuras, torna-se, desde logo, complicada pela própria localização isolada do bairro que foi idealizada num contexto histórico e temporal distinto do atual. Na época de Alfredo da Silva, os moradores não necessitavam de sair do bairro porque o "espaço de vida" era muito mais circunscrito, pois tinham à sua disposição, dentro do bairro, todos os serviços que satisfaziam as suas necessidades.

> "Aqui a gente está longe de tudo e não podemos andar porque estamos todos com problemas. Já gostei de viver aqui, mas agora não. Antes gostava porque tínhamos muita gente, todos tinham filhos, eram todos da mesma idade e andavam sempre aí na brincadeira. Tínhamos tudo, a gente não precisava de sair daqui. Agora temos de ir à praça de autocarro para ir ao pão."
>
> (Entrevista nº 4)

Apesar de um certo discurso de descontentamento, alguns moradores revelaram nas suas entrevistas que tendo possibilidade de abandonar o bairro esta nunca seria uma opção. Atualmente a ligação àquele território deve-se acima de tudo à "casa". A principal razão pelo qual os atuais moradores do bairro continuam a habitar naquele bairro é o facto de terem uma habitação razoavelmente condigna pagando uma renda excessivamente baixa, um euro e meio por mês. Os entrevistados acreditam que não conseguem arranjar melhor, em relação preço/qualidade, fora do bairro. O motivo pelo qual não querem sair, além de um sentimento de afeto e pertença àquele lugar, está então relacionado com um sentimento de acomodação e consentimento, que está presente em todos os discursos dos moradores:

> "Não, então eu aqui pago 1,50 euros de renda, ia lá pagar 80 euros. Alguma vez ia sair daqui com a casa que eu tenho aqui, ia-me meter noutra. Mesmo se estivessem cheias de ouro, eu não mudava daqui. Está ali toda arranjadinha à minha conta, eu é que meti os tetos falsos, meti chãos novos, meti tudo à minha maneira."
>
> (Entrevistado nº 1)

Mas outros, continuam a desejar ou imaginar outro percurso residencial, mesmo que nunca tenham tentado sair do bairro, os seus discursos demostram tal intenção demonstrando um grau de insatisfação, novamente, pela localização e pela insegurança do bairro:

> "Ia para dentro da vila [do Barreiro], perto de tudo. Nem ia para ao campo. Ia para um sítio onde se eu saísse pudesse ir à tarde para um café conversar com os amigos. Aqui para onde é que eu vou? Aqui não há nada. Estamos fechados em casa. Antigamente, ficava aqui até à meia-noite, com a porta aberta porque a casa era quente e não tinha medo. Agora chega as 11h da noite e não se vê ninguém, tenho de fechar a porta e levar com o calor da casa. O meu marido vai se deitar cedo e eu fico ali sentada a ver televisão. Começa a ficar escuro e toca a fechar portas e janelas. Agora temos medo, que passe aí alguém e nos faça mal. Sabem que a gente está a qui sozinhos e pensam que nós temos muito em casa, mas não temos. Graças a Deus ainda tenho o Marido, estamos os dois vivos, a gente não sabe quem vai primeiro, mas se ele fosse primeiro, ia logo para a casa da minha filha mais velha, ou ia para Inglaterra, tenho lá outra filha e os meus netos."
>
> (Entrevista nº 4)

As transformações socias ocorridas no espaço do Bairro de Santa Bárbara provocam uma alteração nas formas de habitar dos atuais moradores, obrigando a uma reflexão sobre a forma como são atualmente utilizados e adaptados estes espaços habitacionais, construídos com base em critérios diferentes dos atuais, numa tentativa de demonstrar a viabilidade de utilização das casas.

Ao observar e analisar as plantas das habitações atuais do bairro e comparando com as plantas originais, é possível observar que existiu, por parte da empresa, uma ação geral de intervenção no espaço doméstico de todas as habitações de tipologias idênticas, com o intuito de apropriar as casas face às exigências de habitabilidade que foram mudando ao longo do tempo. Foram feitas alterações significativas aos projetos iniciais, em que o prolongamento da casa para o exterior ocupando o logradouro é a mais significante (cf. figura 82). O principal motivo desta transformação é a necessidade de acrescentar mais divisões à casa, nomeadamente, uma instalação sanitária, que não existia nas plantas originais, e mais uma divisão que pode ser utilizada como um quarto ou uma sala .

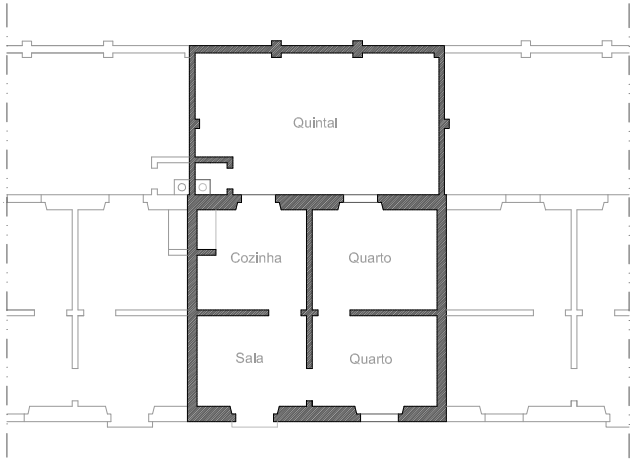
Figura 82 - Alterações do espaço domésticas nas antigas habitações para operários

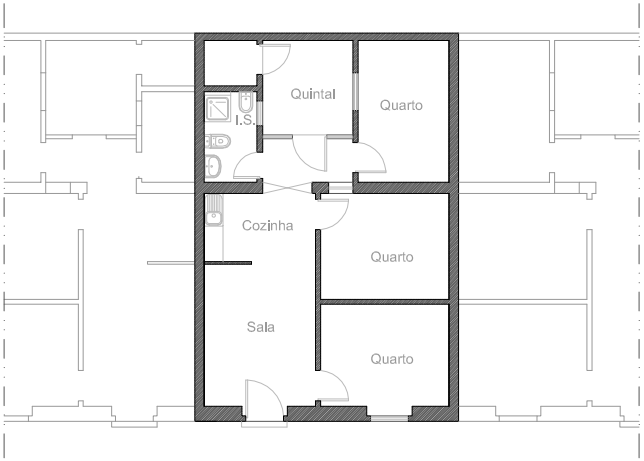
Em especial, nas antigas habitações para os operários, é também visível a necessidade que existiu em encerrar o vão original que fazia a ligação entre os dois quartos e a abertura de outro vão para ligar o último quarto à cozinha, motivada por uma nova exigência de individualização dos espaços de dormir possibilitada pelos acessos a partir de um espaço social ou de serviço da casa, evitando a entrada de um quarto através de outro quarto. A parede divisória entre a cozinha e a sala de entrada foi retirada e substiuída por outra, de modo a retirar espaço à cozinha e aumentar a área da sala de estar, devido à alteração social do papel da mulher na cozinha. Parte da nova parede foi suprimida, criando uma maior relação entre a cozinha e sala, motivada pelo facto da cozinha ser, cada vez mais, um espaço social complementar (cf. figura 82).

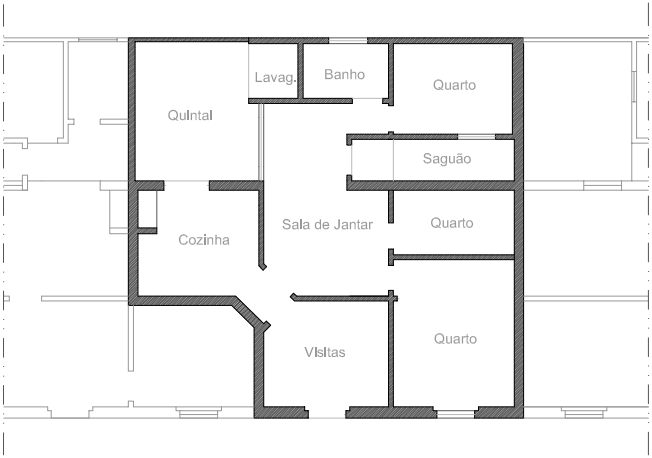
Relativamente às antigas habitações dos quadros superiores, além das alterações gerais de prolongamento da casa para o quintal, mais recentemente algumas destas casas foram significadamente adaptadas de maneira a receber em espaço para escritório. Neste sentido foram feitas algumas alterações, ao serem aumentados alguns dos vãos no espaço interior e retiradas algumas paredes divisórias, com o objetivo de criar um espaço mais abertos, criando maior relação entre os compartimentos (cf. figura 83). A instalação sanitária foi dividida em duas, e foi retirada a banheira. Como se trata de um espaço de escritório as divisões não necessitam de ser tão individualizadas como nos espaços habitacionais, dai a opção pela solução de *open space*.

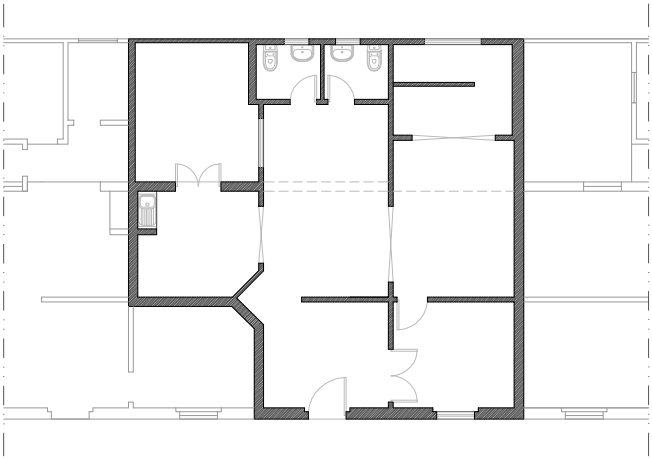
Figura 83 - Alterações do espaço domésticas nas antigas habitações para operários

A viabilidade de habitação destas casas é conseguida acima de tudo através da manutenção das casas por parte dos próprios moradores. Na impossibilidade de poderem fazer qualquer alteração estrutural e espacial à casa por proibição por parte da empresa proprietária, os moradores dedicaram-se a pequenas alterações, como por exemplo a alteração dos materiais dos pavimentos, a colocação de tetos falsos e o encerramento do quintal devido à queda de chuva.


Quintal
Cozinha
Quarto
Sala
Quarto


Quintal
Quarto
I.S.
Cozinha
Quarto
Sala
Quarto


Lavag.
Banho
Quarto
Quintal
Saguão
Cozinha
Sala de Jantar
Quarto
Visitas
Quarto



2. As Expectativas Futura

2.1. Memória industrial

> "É impossível não ouvir o eco da vida que aqui pulsou. Impossível não ouvir, num sussurro de longe, a sirene do meio-dia – a poderosa "buzina" que ecoava por toda a freguesia chamando dez mil almas à pausa do almoço. Impossível ignorar que nesta terra de ninguém estão gravados os passos de gerações de construtores. (…)"
>
> (Morais, 2005: 13)

Procurando preservar a história do lugar, alguns edifícios dos complexos fabris, nomeadamente aqueles com caracter industrial, com uma qualidade arquitetónica elevada, ou com uma representação mais significativa da memória do lugar, são mantidos e preservados, e muitas vezes considerados Património.

No entanto, a preservação do património exige a seleção de certos critérios pois nem tudo pode ser mantido ou conservado. Deve-se acima de tudo à importância daquilo que se está a preservar, e por isso é necessário um prévio estudo, levantamento e registo. A destruição de edifícios, formas de organização e uso de equipamentos, antes mesmo de serem estudados, significa a destruição de importantes provas das nossas ações, origens e formas de organização.

A preservação de todo um conjunto fabril como parte do património, é no entanto de difícil concretização, devido à grande escala do empreendimento e diversidade de edifícios existentes dentro do complexo, que exige um extenso programa para que se faça novos usos dos edifícios. Por isso, é necessário criar critérios de seleção, dando maior relevância aos edifícios que têm um maior significado para a população, pondo em hipótese de adquirir novos usos. Quanto maior for a intensidade simbólica conferida no passado, tanto mais rica serão as possibilidades de sua utilização futura. Por isso pode-se considerar certos edifícios privilegiados, em relação aos significados que acumularam durante a sua história, que merecem um esforço especial no sentido de preservá-los e colocá-los à disposição da população para usos futuros.

Figura 84 -Território industrial da Quimiparque, 2013

Figura 85 -Edifícios industriais da Quimiparque com valor patrimonial, 2013

2.2. A estratégia de reconversão

A recessão da atividade industrial no Barreiro levou à desativação de parte significativa das estruturas fabris da antiga CUF, tornando um enorme território ribeirinho devoluto na expectativa de uma nova reconversão que potencialize esta vasta área para outros fins possibilitando uma grande diversidade de usos e destinos.

A importância deste território industrial da *Quimiparque*, para o concelho do Barreiro, pela sua excecional localização junto ao rio e a sua dimensão, exige uma nova sensibilidade em valorizar, desenvolver e requalificar esses territórios, prevendo-se uma renovação da identidade do Barreiro através da regeneração urbana e a proteção de elementos arquitetónicos industriais. Um dos principais objetivos deste processo de requalificação é o respeito pela memória e pelo património histórico e industrial que define significativamente a identidade do lugar. Neste sentido o Bairro de Santa Bárbara, juntamente com outros edifícios industrial que representem a memória do lugar, pela intensidade simbólica do passado, devem ser preservados e colocados à disposição da população, integrado com as novas estratégias de reconversão de todo o território industrial e criando uma continuidade e articulação com o mesmo.

O estudo prévio do Plano de Urbanização do território da *Quimiparque* e a área envolvente apresentado em 2006, em parceria com a Câmara Municipal do Barreiro e o Arquiteto Manuel Salgado, constitui uma visão estratégica de reconversão de uso e de ocupação desta antiga área industrial. A proposta sugere a criação de uma nova área urbana que acolha de forma integrada as dimensões de trabalho, habitação e do lazer, permitindo uma racional organização de espaços e funções (cf. figura 86).

A estratégia definida exige que a *Quimiparque* ultrapasse os seus limites físicos e valorize uma maior relação com a cidade envolvente consolidada articulando-se com ela e estabelecendo continuidades, de forma a não ser só um acrescento. Deve-se ter em conta a necessidade de criar novas atividades económicas modernas, recuperar e valorizar a frente ribeirinha e a sua relação com a capital, criar espaços verdes públicos qualificados integrado numa malha urbana que garanta boas acessibilidades e boas interações com novas infraestruturas a construir, como a terceira travessia do Tejo.

Figura 86 - Estudo Prévio do Plano de urbanização da Quimiparque e zona envolvente. Fonte: Quimiparque

A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
1
2
3
4
5
6
7
8
RISCO
NPK
com a colaboração de Joan Busquets

Conclusão

Como se pode observar ao longo desta investigação, as iniciativas privadas de disponibilização de habitação promovidas no quadro dos sistemas de gestão de mão-de-obra operária do tipo paternalista possuem um conjunto de traços típicos, que lhes conferem um carácter distintivo face a outras realizações no âmbito da promoção de habitação. A prática de disponibilização de habitação e serviços sociais por parte de empresas industriais privadas, não surgiu, originalmente, da procura de reformar as condições de vida da classe trabalhadora na maioria constituída por migrantes rurais, face à dificuldade da sua integração urbana. Tais ações camuflam o principal interesse das empresas ao garantir a produtividade através de atração e fixação da mão-de-obra operária junto à fábrica, simultaneamente motivando-os para o ritmo de trabalho industrial.

Estas realizações transformaram paisagens, caracterizaram e moldaram o seu espaço de produção significativamente. As fábricas localizam-se dentro do complexo industrial, estruturando-se em seu redor as funções que permitem a reprodução de força de trabalho. O espaço produzido pela Companhia União Fabril para os seus trabalhadores teve de fato efeitos socias e influenciou os seus modos de vida, contribuindo para a construção de um conjunto de interações e vivências genéricas. Os trabalhadores que habitam o Bairro Operário da CUF, conformados com as circunstâncias que lhe são impostas, criam uma identidade própria, derivada da rotina de trabalhado, das condições de vida do bairro e das regras estabelecidas pela empresa. A compreensão desta relação está visível na relação dos sujeitos sociais com o seu local de trabalho. Uma das importantes características socias é a proximidade física dos locais de trabalho e de residência como uma estratégia da empresa para poder ter, em qualquer momento, a disponibilidade dos trabalhadores, mas também o controlo do quotidiano doméstico dos trabalhadores. A fábrica surge como elemento estruturante do espaço, originando modos de vida específicos e vivências quotidianas distintas das de outras.

Alguns dos elementos espaciais que marcam esta relação entre espaço e estrutura social são: a forma como as habitações e os equipamentos coletivos e sociais são implantados no território consoante os ritmos de vida laboral e a estruturação da relação entre os diferentes tipos de habitação, a sua localização hierárquica e a diferencial qualidade das habitações. As diferentes tipologias de habitações surgem como elementos de distinção socioprofissional. Para os trabalhadores mais bem remunerados são edificadas casas com melhor qualidade espacial

e construtiva e usufruem de uma localização mais privilegiada em comparação com as casas dos operários Assim o bairro residencial surge como espaço de inclusão dos trabalhadores mais qualificados da empresa, mas também afirma-se como espaço de exclusão devido à heterogeneidade das tipologias de habitação.

A partir da década de 40, com o Plano de Urbanização do Novo Bairro da CUF, assistiu-se a uma mudança do pensamento da empresa relativamente à estratégia de disponibilização de habitação e serviços sociais. Surge uma nova consciência que o espaço construído pela empresa aos seus trabalhadores pode ser planificado e organizado consoante um conjunto de regras funcionais. O novo espaço construído de forma racional localiza-se fora do complexo fabril mas suficientemente próximo. O edificado vocacionado ao programa habitacional constrói uma cidade autónoma organizada em zonas com diferentes funções e constituída por habitações coletivas em blocos em altura, uma clara rutura com as soluções realizadas no primeiro Bairro Operário da CUF. Esta alteração de pensamento revela a intenção e capacidade por parte da empresa de responder e adaptar-se às exigências de uma nova sociedade, numa nítida inspiração nos conceitos do urbanismo moderno difundidos pelos CIAM.

A perceção da crise instalada na Companhia União Fabril a partir da década de 70, tornou-se importante nesta investigação de modo a compreender as experiências e alterações socias associadas a um território que perdeu o seu elemento gerador de uma identidade social própria. A ausência da fábrica como espaço central e eixo estruturante originou a formação de novas vivências socias na vida dos moradores do Bairro de Santa Bárbara. O afastamento da antiga política patronal levou a um corte na relação entre os operários e a fábrica, que veio alterar os modos de vida da população. O espaço é adaptado e apropriado de maneira a poder responder à constante evolução da sociedade. Grande parte dos equipamentos coletivos socias deixam de ser oferecidos e os edifícios são transformados de modo a receberem novas funcionalidades.

Tendo em conta o diferencial contexto em que foi construído o Bairro de Santa Bárbara, a viabilidade do espaço habitacional para as famílias contemporâneas e futuras foi questionada neste estudo. Após a queda da Companhia União fabril, o espaço social do bairro sofreu significantes alterações quando parte dos moradores resolveram abandonar as suas casas e optaram por procurar habitações com melhores condições. Neste sentido, as habitações do bairro revelam-se espacialmente limitadas e degradadas, perante as exigências da nova sociedade que procura uma melhor qualidade de vida. Esta situação leva à demolição de parte dos blocos de habitação, enquanto as casas que resistiram ao tempo encontram-se algumas ainda ocupadas por antigos trabalhadores da CUF, mas grande parte estão vazias à espera de receberam novas funções. Tem-se vindo a observar uma lógica de intervenção por parte da atual empresa

proprietária, a *Quimiparque*, que se revela na adaptação do espaço doméstico de modo a adotar uma política de arrendamento das casas que se encontram atualmente vazias. Após adaptação do espaço e transformadas em escritórios, as casas revelaram-se viáveis para tal função. No entanto a viabilidade destas habitações para as famílias contemporâneas, revelou-se complicada pela própria localização isolada do bairro, que dificulta a ocupação das casas por novos moradores.

Mas os esforços mas significativos têm ocorrido através de um conjunto de estratégias de intervenção adotadas na tentativa de reconversão do enorme território industrial devoluto da antiga CUF. Neste sentido, procurando preservar a memória do lugar, é importante apropriar um território estruturado num contexto histórico e temporal diferente, de maneira a poder criar novas atividades económicas e adaptar os antigos edifícios fabris a novos usos e funcionalidades, no sentido de colocá-lo à disposição da população contemporânea e futura, possibilitando uma nova dinâmica urbana e social.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ana Nunes de, A Fábrica e a Família – Famílias Operárias no Barreiro, Barreiro, Edição da Câmara Municipal do Barreiro, 1993

ALMEIDA, Ana Nunes de, A Fábrica e a Família – tópicos para uma reflexão, Análise Social, nº 22, 1986, p. 279-312

BENEVÓLO, Leonardo, As origens do urbanismo moderno, 3ª Edição, Lisboa, Ed. Presença, 1980

CRUZ, Maria Alfreda, A Margem Sul do Estuário do Tejo: Factores e Formas da Organização do Espaço, Montijo, s/ed., 1973

CAMPAGNOL, Gabriela, Usinas de açúcar: habitação e património industrial, Tese de doutoramento do Departamento de Arquitectura e Urbanismo, São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008

CARMONA, Rosalina, Do Barreiro ao Alto do Seixalinho – um passado rural e operário, Alto do Seixalinho: Junta de Freguesia, 2005

CORDEIRO, Florbela, A visão paternalista de Alfredo da Silva, Tese de Licenciatura em Sociologia, Lisboa, FCSH-UNL, 2002

COSTA, António Firmino, Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais de identidade cultural, Tese de Doutoramento de Sociologia, Lisboa, ISCTE, 1998

CRAWFORD, Margaret, Building the workingman's paradise: the design of American company town, London, New York: Verso, 1995

CRUZ, Maria Alfreda, A Margem Sul do Estuário do Tejo: Factores e Formas da Organização do Espaço, Montijo, s/ed., 1973

CUF; Moniz, Jorge Botelho, Álbum comemorativo da Companhia União Fabril, Lisboa: CUF, 1945

DOMINGUES, Álvaro, Cidade e Democracia. 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal, Lisboa, Argumentum Editora, 2006

FARIA, Carlos Vieira de, Industrialização e Urbanização em Portugal: que relações? O caso do Anteplano de Urbanização da Vila do Barreiro de 1957, Malha Urbana, nº9, 2010, pp. 79-101

FOLGADO, Deolinda Maria da Ressurreição, A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de lisboa. 1933-1968, Tese de Doutoramento em História, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009

GARNER, John S., The Company Town: Architecture and Society in the Early Industrial Age, New York, Oxford University Press, 1992

GONÇALVES, Catarina Telo, Transformação na configuração e apropriação da casa: estudo de um edifício da transição para o século XX do Bairro Camões, em Lisboa, Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, Lisboa, IST-IUL, 2012

MARTINS, Alexandre, Paternalismo Patronal e Habitação Operária: O Caso da Companhia União Fabril, no Barreiro, dissertação de mestrado em Cidade, Território e Requalificação, Lisboa, ISCTE, 2003

MÓNICA, Maria Filomena, Capitalistas e Industriais (1870-1914, Análise Social, nº 23 (99), 1987, pp. 819-863

MORAIS, Jorge, Rua do Ácido Sulfúrico – Patrões e Operários: um olhar sobre a CUF do Barreiro, Lisboa: Bizâncio, 2008

MOREIRA, Carlos Alberto Fernandes, Evolução sócio demográfica do Barreiro nos últimos trinta anos do século XX, Tese de Mestrado em Estatística e Gestão de Informação, ISEGI, Lisboa, 2007

PEREIRA, Joana Vidal de Azevedo Dias, Espaços industriais e comunidades operárias: o caso de estudo português e a tradição historiográfica europeia, Revista Brasileira de História, São Paulo, v.32, n.º64, pp. 27-44, 2012

PEREIRA, Nuno Teotónio, Pátios e Vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário, Análise Social, nº 127, 1994, pp. 509-524

PAIS, Armando da Silva, O Barreiro Antigo e Moderno, Barreiro: Câmara Municipal, 1963

PAIS, Armando da Silva, O Barreiro Contemporâneo: A Grande e Progressiva Vila Industrial, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro, 1965-1971

PINTO, Sónia Cristina Ildefonso, Vilas Operárias em Lisboa, Emergência de novos modos de habitar: O caso da Vila Berta, dissertação de Mestrado em Arquitectura, Lisboa, IST-UTL, 2008

RAMOS, Fernando Manuel Amaro Barata, O Bairro Operário de Portimão. História e Património, dissertação de mestrado em Estudos do Património, Lisboa, Universidade Aberta, 2010

RODRIGUES, Paula, Vidas na Mina: Memórias, Percursos e Identidades, Oeiras, Celta Editora, 2005

SALGUEIRO, Teresa Barata, A cidade em Portugal: uma Geografia Urbana (Col. Cidade em Questão, nº 8), Porto, Edições Afrontamentos, 1992

ENA, Harrington, 50 Anos da CUF no Barreiro, Lisboa, Direcção das Fábricas do Barreiro da Companhia União Fabril, 1ª edição, 1958

SILVA, José Miguel Leal da, ed. lit. (et al.), A Fábrica: 100 anos da CUF no Barreiro, Lisboa, Bizâncio, 2008

SOBRAL, Fernando, (et al.), Alfredo da Silva; a CUF e o Barreiro: um século de revolução Industrial em Portugal: um país, dois sistemas, Lisboa, Bnomics, 2008

TEIXEIRA, Manuel C., As estratégias de habitação em Portugal, 1880-194, Análise Social, nº 115, 1992, pp. 65-89

Índice de Figuras

Figura 1 - Slums em Liverpool do início do século XX. O acesso é feito através de um estreito corredor, a partir da rua principal. Fonte: http://www.gentgoddard.co.uk/index.php/james-gent **313**

Figura 2 - Exterior de St. Martin's Cottages. Consistiam em 88 alojamentos, divididos por 4 blocos, com 4 pisos cada. Os sanitários, as cozinhas e despensas eram comuns. Fonte: http://www.20thcenturyimages.co.uk/trolleyed/3/19/189/index.htm **314**

Figura 3 – Primeiros alojamentos operários em Portugal. Pátio típico da cidade de Lisboa. Fonte: Arquivo Fotográfico da CML **134**

Figura 4 – Principais áreas de construção de empresas industriais e alojamentos operários em Lisboa, em 1988. (Salgueiro, 1991: 197) **317**

Figura 5 – Plano da cidade de Arc-et-Senans em Chaux, projectada pelo arquitecto Claude Nicolas Ledoux. Fonte: http://www.all-art.org/Architecture/21-9.htm **320**

Figura 6 – Parte do plano da cidade de Arc-et-Senans concretizado. Fonte: http://www.nuit-bleue.com/nuit-bleue-2003/saline.htm **320**

Figura 7 – "Bournville 1926 - Work and Play", capa de um livreto publicitário da vila industrial de Bourniville em Birminghan, Inglaterra, onde está evidenciado o modelo aternalista da empresa que oferece um conjunto de serviços aos seus trabalhadores. Fonte: http://www.flickr.com/photos/36844288@N00/3349207113/in/set-72157613529672933/ **322**

Figura 8 – A vila industrial de Bournville em 1898, constituída por diferentes zonas de habitação, edifícios fabris, espaços de recreação para os trabalhadores e uma estação ferroviária. Fonte: http://www.british-history.ac.uk/report.aspx?compid=22961 **323**

Figura 9 – Vista aérea da vila industrial de Saltaire em Yorkshire, Inglaterra, construída em função de uma fábrica de fiação. Fonte: http://www.takingthefield.com/clubs/saltaire-cricket-club **324**

Figura 10 – Vista aérea do complexo industrial da Companhia União Fabril no Barreiro, 1975. Fonte: Arquivos da CUF **324**

Figura 11 – Postal do Barreiro antigo do início do século XX. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **327**

Figura 12 – Postal do Barreiro antigo do início do século XX. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **327**

Figura 13– Mapa da cidade do Barreiro, 1902. Fonte: Instituto Geográfico Português **328**

Figura 14 – Mapa da cidade do Barreiro, 1930. Fonte: Instituto Geográfico Português **331**

Figura 15 - Vista aérea da vila industrial do Barreiro, 1929. Fonte: Arquivo Municipal do Barreiro **332**

Figura 16 - Ante Plano de urbanização do Barreiro com os núcleos residenciais propostos, 1957. Fonte: Faria, 2010: 93 **335**

Figura 17 - Ante Plano de urbanização do Barreiro com os núcleos residenciais propostos, 1957. Fonte: Faria, 2010: 93 **335**

Figura 18 – Mapa da cidade do Barreiro, 1966. Fonte: Instituto Geográfico Português **337**

Figura 19 - Vista aérea da cidade do Barreiro, 2006. Fonte: Domingues, 2006 **340**

Figura 20 - Localização das Fábricas da CUF na cidade do Barreiro, 2006. Fonte: Arquivos CUF **346**

Figura 21 - Fabrico de sabão da CUF. Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958 **348**

Figura 22 - Fabrico de ácido clorídrico da CUF. Fonte:"50 Anos da CUF no Barreiro", 1958 **348**

Figura 23 - Fabrico de sulfato de cobre da CUF. Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958 **349**

Figura 24 - Industria Têxtil da CUF Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958 **349**

Figura 25 - Imagens do filme publicitário português da CUF nos anos 30. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **351**

Figura 26 - Anúncio publicitário alusivo aos sabões produzidos pela CUF, na Revista "Mundo" datada de 1959. Fonte: http://industriacuf.blogspot.pt/search/label/Publicidade?updated-max=2008-01-03T19:14:00-08:00&max-results=20&start=52&by-date=false **352**

Figura 27- Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1907-1927. **355**

Figura 28 - Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1928-1937. **356**

Figura 29 - Evolução da estrutura e morfologia socio espacial da Companhia União fabril, 1938-1957. **357**

Figura 30 - Vista aérea do Bairro Operário de Santa Bárbara. Fonte: Arquivos da CUF **358**

Figura 31 - Operários da Companhia União Fabril. Fonte: "50 Anos da CUF no Barreiro", 1958 **361**

Figura 32 - Operários da Companhia União Fabril. Fonte: Arquivos da CUF **362**

Figura 33 - Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013 **366**

Figura 34 - Localização do Bairro Operário da CUF implantado dentro do complexo industrial e rodeado pelas fábricas. Fonte: Arquivos da CUF **368**

Figura 35 - Evolução morfológica do Bairro de Santa Bárbara entre 1917 e 1957. **371**

Figura 36 - O "Bairro Velho", 1940. Fonte: Arquivo Municipal do Barreiro **372**

Figura 37 - O "Bairro Novo", 1960. Fonte: Arquivos da CUF **374**

Figura 38 - Quadro de famílias alojadas no Bairro Operário de Santa Bárbara em 1948. Fonte: Espólio de Cristino da Silva -.Fundação Calouste Gulbenkian **378**

Figura 39 - Quadro de famílias a alojar em 1948. Fonte: Espólio de Cristino da Silva -.Fundação Calouste Gulbenkian **379**

Figura 40 - Distribuição e organização espacial das diferentes tipologias de habitações no Bairro Operário de Santa Bárbara. **381**

Figura 41 - Alçado e planta das habitações para operários com 3 divisões do "bairro velho". Fonte: Martins, 2003 **382**

Figura 42 - Alçado e planta das habitações para operários com 4 divisões do "bairro velho". Fonte: Martins, 2003 383

Figura 43 - Alçados e plantas das habitações para quadros superiores com 5 ou 6 divisões no "bairro velho". Fonte: Martins, 2003 **384**

Figura 44 - Alçado e planta das habitações para operários com 4 divisões no "bairro novo". Fonte: Gabinetes de Infraestruturas da Baía do Tejo **385**

Figura 45 - Casas para operários na parte nova do Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013 **386**

Figura 46 - Casas para operários no novo Bairro Operário de Santa Bárbara, 2013 **388**

Figura 47 - Alçado e Planta (alterada) das novas habitações para os quadros superiores no Bairro Operários de Santa Bárbara. Fonte: Martins, 2013 **391**

Figura 48 - Correnteza de habitações para os quadros superiores no novo Bairro Operários de Santa Bárbara, 2013 **392**

Figura 49 - Plantas de uma moradia para os Diretores da Fábrica no cruzamento da Rua Lavoisier com a Rua Liebig. Fonte: Gabinete de Infraestruturas da Baía do Tejo **394**

Figura 50 - Alçado das Moradias para os Diretores das Fábricas projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva. Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte **395**

Figura 51 - Moradias para os Diretores das Fábricas na Rua Lavoisier, 2013 **396**

Figura 52 - Moradias dos Diretores das Fábricas projetadas pelo Arquiteto Cristino da Silva, 2013 **398**

Figura 53- Organização espacial dos serviços sociais e espaços de lazer oferecidos pela Companhia União Fabril aos seus operários. **401**

Figura 54 - Secção de alimentação da Despensa da Companhia União Fabril, 1963. Fonte: Arquivos da CUF **402**

Figura 55 - Secção de tecidos da Despensa da Companhia União Fabril, 1964. Fonte: Arquivos da CUF **403**

Figura 56 - Secção de utilidades da Despensa da Companhia União Fabril, 1964. Fonte: Arquivos da CUF **403**

Figura 57 - Refeitório 2 da Companhia União Fabril no piso inferior da Despensa, 1963. Fonte: Arquivos da CUF **405**

Figura 58 - Rés-do-chão da messe para os quadros superiores, 1963. Fonte: Arquivos da CUF **405**

Figura 59 - Messe para os quadros superiores. Fonte: Arquivos da CUF **406**

Figura 60 - Imagens da creche para os filhos dos operários da Companhia União Fabril. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenários da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **407**

Figura 61 - Salas de aula da Escola Primária da CUF no edifício do Centro Educativo, 1964. Fonte: Arquivos CUF **408**

Figura 62 - Edifício da escola para os filhos dos operários na Rua do Azeito d'Oliveira, no bairro velho. Fonte: Arquivos CUF **409**

Figura 63 - Edifício da Escola Primário para os filhos dos operários na Rua Stinville, 1963 Fonte: Arquivos CUF **409**

Figura 64 - Escola Noturna para os operários no Centro Educativo da CUF. Fonte: Arquivos CUF **411**

Figura 65 - Imagens das Oficinas dos Aprendizes da CUF e do Cursos de "formação familiar" para as mulheres e filhas dos operários da CUF. Fonte: "Saudade da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **411**

Figura 66 - Sede do Grupo Desportivo da CUF. Fonte: Arquivo da CUF **414**

Figura 67 -Lavadouro Público. Fonte: Arquivo da CUF **414**

Figura 68 - A Torre do relógio no Bairro de Santa Bárbara, 2013 **418**

Figura 69 -Primeiro esboço do Plano de Urbanização do Novo Bairro Operário da CUF, 1945 Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte **422**

Figura 70 -Plano de Urbanização do Novo Bairro Operário da CUF dividido por zonas funcionais. Fonte: Espólio de Cristino da Silva, Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte **425**

Figura 71 -Planta das habitações dos Blocos do Lavradio. Fonte: Arquivo Municipal Barreiro **427**

Figura 72 -Imagens do interior das casas dos Blocos do Lavradio. Fonte: "Saudades da Fábrica - Centenário da Fábrica da CUF", Documentário RTP, 2008 **427**

Figura 73 - Bairro dos Blocos do Lavradio, 2013 **428**

Figura 74 - O território industrial da Quimiparque, 2013 **434**

Figura 75- Novas funcionalidades dos edifícios socias do Bairro de Santa Bárbara. **437**

Figura 76 - Antigo Ginásio e Cinema da CUF, onde hoje funciona a Casa da Cultura do Barreiro, 2013 **438**

Figura 77 - Antiga Despensa da CUF agora ocupada pela Papelaria Universal, 2013 **438**

Figura 78 - Antigo edifício do Centro Educativo e Escola Primária, atualmente ocupado pela Câmara Municipal do Barreiro, 2013 **439**

Figura 79 - Edifício devoluto da antiga Sede do Clube Desportivo da CUF, 2013 **439**

Figura 80- Evolução morfológica do Bairro de Santa Bárbara entre 1957 e 2013**. 441**

Figura 81 - Tipo de ocupações das habitações do Bairro de Santa Bárbara em 2013 **443**

Figura 82 - Alterações do espaço domésticas nas antigas habitações para operários **447**

Figura 83 - Alterações do espaço domésticas nas antigas habitações para operários **447**

Figura 84 -Território industrial da Quimiparque **449**

Figura 85 -Edifícios industriais da Quimiparque com valor patrimonial **449**

Figura 86 - Estudo Prévio do Plano de urbanização da Quimiparque e zona envolvente. Fonte: Quimiparque **451**

Tabela 1 – Evolução da população residente no concelho do Barreiro entre 1864 e 2011. Fonte: Almeida, 1993; INE **338**

Tabela 2 – Evolução da Densidade Populacional (nºhab/km2) no concelho do Barreiro entre 1890 e 2011. Fonte: Almeida, 1993; INE **339**

Tabela 3 - Naturais do próprio distrito de residência (%). Barreiro. Continente. Fonte: Almeida, 1993 339

Tabela 4 – População Residente no Bairro, Censos 2011 Fonte: INE **442**

Tabela 5 – Idades da População Residente no Bairro, Censos 2011. Fonte: INE **442**

ANEXOS

Anexo I: Guião da Entrevista

Data:
Hora de início da entrevista:
Hora de conclusão da entrevista:
Local da entrevista:

1. Identificação do Edifício

1.1. Localização rua/nº

2. Identificação do entrevistado

2.1 Idade
2.2 Sexo
2.3 Estado Civil
2.5. Local de nascimento
2.6. Grau de escolaridade
2.9. Profissão
2.10. Local de trabalho

3. Caraterização do agregado familiar

3.1 Tipo de família
3.2. Nº de moradores (Caraterização dos restantes moradores)
3.3. Com quem veio morar para esta casa?

4. Trajetória profissional

4.1. Qual é o ofício que exercia da CUF?
4.2. Quanto tempo trabalhou na CUF?
4.3. Exerceu outro tipo de trabalho? Qual? Onde? Quanto tempo?
4.5. Com que idade começou a trabalhar?
4.6. Qual a trajetória profissional dos membros do agregado familiar que habitam na sua casa?

5. Trajetória Residencial

5.1. Em que ano veio viver para esta casa?
5.2. Como adquiriu esta habitação?
5.3. Porque escolheu esta casa?
5.4. Como obteve conhecimento deste bairro? (Familiares, amigos, colegas de trabalho, publicidade, etc.)
5.5. Onde morou anteriormente?
5.6. Porque veio para o Barreiro?
5.7. Se fosse hoje, voltaria a escolher o Barreio e este bairro para viver?
5.9. Para si, quais são as vantagens e desvantagens em viver neste tipo de bairro?

6. Caraterização da habitação

6.1. Nº de compartimentos
6.2. Como costuma designar cada compartimento?

7. Alterações ao projeto original

7.1. Foram realizadas obras na casa? Quais?
7.2. Quem efetuou as alterações?
7.3. Em que data(s)/fase?
7.4. Qual o motivo destas alterações?
7.5. Se nunca realizou alterações, qual o motivo?

8. Atividades diárias

8.1. Que atividades são desempenhadas frequentemente dentro de casa?
8.2. Descreva um dia de semana normal.
8.3. Com que frequência costuma sair de casa? Onde costuma ir quando sai de casa?
8.4. O que costuma fazer nos seus tempos livres?
8.5. Onde passa maior parte do seu tempo?
8.6. Com que frequência recebe pessoas em casa? Quem? Quando?

9. Grau de satisfação

9.1. De um modo geral como classifica o seu bairro?
9.2. Qual o seu grau de satisfação relativamente:

Localização do bairro na cidade
Acesso de peões ao bairro
Acesso viário ao bairro

Serviço de transportes públicos
Proximidade com o local de trabalho
Proximidade a comércio (mercearias, centro comerciais, etc.)
Proximidade a equipamentos coletivos (escolas, igrejas, hospitais, etc.)
Proximidade a zonas verdes, áreas ao ar livre, de encontro
Segurança contra roubos e vandalismo
Relacionamento com os seus vizinhos

9.3. De um modo geral como classifica a sua habitação?

9.4. Qual o seu grau de satisfação relativamente:

Dimensão da habitação
O número de compartimentos
Organização interna
Estética do edifício
Qualidade da construção

9.5. O que vais valoriza nesta zona? (Estilo de vida, proximidade com vizinhança, comércio, serviços, segurança, etc.)

9.6. O que mudaria nesta zona? Porquê?

9.7. O que mais valoriza na localização da sua casa? (Proximidade com familiares, amigos e local de trabalho, transportes públicos, tráfego automóvel, estacionamentos, etc.)

9.8. O que gostou mais na casa?

9.9. O que mudaria nesta casa? Porquê?

9.10. Está a pensar mudar de residência? Porquê?

9.11. Preferia morar noutro tipo de bairro ou habitação? Porquê?

9.12. Preferia morar numa habitação mais recente?

9.13. Se a sua habitação fosse reabilitada, continuaria a preferir morar num edifício mais recente?

9.14. Como imagina este bairro em 20 anos?

10. Relação com a vizinhança

10.1. Como caracteriza a sua relação com os outros moradores do bairro?

10.2. Acha importante manter uma boa relação com os vizinhos? Porquê?

10.3. Onde se encontra com os seus vizinhos?

10.4. Lembra-se de alguém que tenha morado neste bairro?

10.5. Quando deixou de aqui morar? Porquê?

Anexo II: Fichas de Caracterização dos Entrevistados

Entrevista n.º1

Identificação do Edifício
Localização rua/nº: Rua Lawes nº6

Identificação do Entrevistado
Idade: 69 anos
Sexo: Masculino
Estado Civil: Casado
Local de nascimento: Alentejo
Grau de escolaridade: 4º classe
Profissão: Soldador (reformado)
Local de trabalho: Companhia União Fabril

Trajetória Profissional
Começou a trabalhar aos 10 anos no Alentejo. Aos 25 anos entrou para a CUF na secção da fiação, mais tarde pediu transferência para a zona metalomecânica. Como não tinha formação, aprendeu um ofício do Centro de Formação da CUF, e tornou-se soldador. Chegou a trabalhar ainda numa oficina na Caldeiraria. Quando a CUF entrou em decadência, foi trabalhar para a Amora. Hoje é reformado por invalidez. A sua mulher trabalhou na zona têxtil na CUF e depois trabalhou no refeitório n.º1.

Trajetória Residencial
Nasceu no Alentejo, casou-se e em 1966 entrou para a tropa na Força Aérea de Sintra. Três anos depois mudou-se para a casa da sua irmã no Barreiro, com a sua mulher e um filho. Sete meses depois conseguiu arranjar casa na Rua do Dinheiro ainda da parte velha do Bairro de Santa Bárbara, de onde, após demolição da sua casa, mais tarde foi transferido para uma casa no “bairro novo”.

Entrevista n.º2

Identificação do Edifício
Localização rua/nº: Rua Lawes nº1

Identificação do Entrevistado
Idade: 68 anos
Sexo: Masculino
Estado Civil: Casado
Local de nascimento: Barreiro
Grau de escolaridade: 7º classe
Profissão: Serralheiro/Chefe de Química (reformado)
Local de trabalho: Companhia União Fabril

Trajetória Profissional
Começou a trabalhar aos 13 anos. Começou a estudar mais desistiu mais tarde. Entrou para a CUF, onde começou como serralheiro. Mais tarde, começou a estudar à noite enquanto trabalhava de dia. Tirou um Curso Industrial e tornou-se Chefe de Química. Trabalhou numa fábrica de Químicos e depois numa fábrica de resinas. Quando as fábricas da CUF fecharam, reformou-se. Trabalhou na CUF durante 32 anos. A sua mulher nunca chegou a trabalhar para CUF, a sua profissão era costureira.

Trajetória Residencial
Nasceu no Barreiro, viveu na zona da Nossa Senhora do Rosário, perto da Igreja e da Escola Alfredo da Silva. Casou-se e veio viver com a sua mulher e sua filha para o Bairro de Santa Bárbara, diretamente para o "bairro novo", onde vivi há 43 anos.

Entrevista n.º3

Identificação do Edifício

Localização rua/nº: Rua Liebig n.º20

Identificação do Entrevistado

Idade: 84 anos
Sexo: Masculino
Estado Civil: Casado
Local de nascimento: Évora
Grau de escolaridade: Nunca andou na escola
Profissão: Carregador de sacos/Serralheiro/Pintor (reformado)
Local de trabalho: Companhia União Fabril

Trajetória Profissional

Começou a jogar futebol a partir dos 14 anos, perto da Escola Alfredo da Silva no Barreiro. Um dia, um encarregado da CUF viu-o a jogar e levou-o para a equipa de futebol da CUF e arranjou-lhe um emprego na Companhia quando tinha 30 anos. Começou por realizar trabalhos pesados na zona dos adubos a selar e carregar sacos, durante muitos anos. Quando começou a crescer profissionalmente, foi trabalhar para a zona da serração. Mais tarde, iniciou o seu trabalho na pintura. Realizava trabalhos como pintar casas e telhados das instalações fabris. Reformou-se ainda quando a CUF funcionava por invalidez. A sua mulher trabalhou na zona têxtil a coser sacos de adubos e mais tarde trabalhou nas limpezas dentro da CUF. Reformou-se também por invalidez.

Trajetória Residencial

Nasceu em Évora e veio para o Barreiro com 3 anos. Casou-se com uma trabalhadora da CUF que vivia com os seus pais no primitivo Bairro de Santa Bárbara, onde nasceu e cresceu. Quando os pais da sua mulher faleceram, mudou-se para a sua casa no Bairro e um ano depois a empresa passaram a casa do nome da sua mulher para o seu nome. Mais tarde, viu-se obrigado a mudar de residência para o "bairro novo", após demolição do "bairro velho". A sua mulher é atualmente a moradora mais antiga do Bairro de Santa Bárbara.

Entrevista n.º4 a)

Identificação do Edifício
Localização rua/nº: Rua Lawes nº22

Identificação do Entrevistado
Idade: 77 anos
Sexo: Masculino
Estado Civil: Casado
Local de nascimento: Barreiro
Grau de escolaridade: 4º classe
Profissão: Soldador/Afinador de máquinas (reformado)
Local de trabalho: Companhia União Fabril

Trajetória Profissional
Estudou na Escola Primária da Companhia União Fabril, porque os seus pais eram trabalhadores da CUF. Iniciou a sua carreira profissional na Indústria Corticeira aos 11 anos. Aos 13 anos começou a trabalhar na CUF, primeiro realizando trabalhos fisicamente pesados e mais tarde como soldador. Quando concluiu o seu curso de formação dentro da CUF, colocaram-no a coser sacos de adubos na industria têxtil, mais devido à sua falta de jeito, foi transferido mais tarde para a oficina da zona têxtil. Tornou-se afinador de máquina de costura e foi considerado trabalhador especializado qualificado.

Trajetória Residencial
Nasceu no Barreio, mais precisamente no Bairro da Palmeira, perto do complexo da Companhia União Fabril. Ainda bebé, com pouco meses de idade, mudou-se com os seus pais para a Baixa da Banheira, onde casou e teve filhos mais tarde. Nessa altura o entrevistado era obrigada a deslocar-se a pé entre a casa e trabalho, dois espaços físicos relativamente longe. Depois mudou-se para a parte nova do Bairro Operário de Santa Bárbara onde tinha a oportunidade morar perto do local de trabalho e da Escola Primária onde andavam os seus filhos.

Entrevista n.º4 b)

Identificação do Edifício

Localização rua/nº: Rua Lawes nº22

Identificação do Entrevistado

Idade: 73 anos
Sexo: Feminino
Estado Civil: Casado
Local de nascimento: Algarve
Grau de escolaridade: 3º classe
Profissão: Empregada de Limpeza (reformado)
Local de trabalho: Companhia União Fabril

Trajetória Profissional

Antes de vir para a Companhia União fabril, a entrevistada trabalhou na Industria Corticeira em Alhos Verdes. Depois trabalhou para a CUF, mas nunca na área industrial. Trabalhava nas limpezas, primeiro dentro das fábricas, depois no Ginásio-Cinema dentro do Bairro Operário e mais tarde foi transferida para os escritórios onde fazia as limpezas das 6h às 9h da manhã.

Trajetória Residencial

Nasceu no Algarve e veio para o Barreiro com 14 anos. Viveu primeiro na Baixa da Banheira onde casou e teve os seus filhos. Depois mudou-se para a parte nova do Bairro Operário de Santa Bárbara para estar perto da Escola Primária da CUF frequentada pelos seus filhos. Vive no bairro à 56 anos.

Workshop Internacional

Explorar a Metrópole Toulousana e seus patrimónios

Semana Urbana de Mediação | SUM

Rede PUC (Problemáticas Urbanas Comtemporâneas)

Toulouse, França

Maio, 2013

Quartier des Izards

Place du Salin

WORKSHOP INTERNACIONAL

Semana Urbana de Mediação /SUM

de 13.05.13 a 17.05.13
_TOULOUSE

Explorar a metrópole toulousana e seus patrimônios

créditos fotos : C. Reginensi - Mi Ciudad

WORK -SHOP

INTERNACIONAL

Explorar a metrópole toulousana e seus patrimônios

De 13.05.13 a 17.05.13
_TOULOUSE

Evento Gratuito

Escola Nacional Superior de Arquitetura de Toulouse
83 rue Aristide-Maillol – BP 10629 – 31106 Toulouse cedex 1
Tel. : 33 (0)5 62 11 50 50 – Email : ensa@toulouse.archi.fr
Site : www.toulouse.archi.fr

Rede Sinuosidade. - Réseau Sinuosité

Apresentação

O Workshop Internacional da Semana Urbana de Mediação - SUM Toulouse foi uma proposta do programa REDE PUC (Problemáticas Urbanas Comtemporâneas) que reune pesquisadores pr cedentes de diversas disciplinas, profissionais da de arquitetura e do urbanismoe do trabalho social, de vários países: Argentina, Brasil, Chile, Espanha, Portugal e França, que tem uma enorme experiência em realização de worshops com alunos e professores.

Este workshop, realizado em Maio de 2013 em Toulouse, França, foi concretizado por alunos de últimos períodos de formação, de mestrado ou doutorado em arquitetura e urbanismo, assim como professores de disciplinas diversas, sobretudo as ligadas aos temas urbanos. Teve por objetivo produzir análises coletivas e oferecer aos alunos de arquitetura elementos para elaboração de um projeto a ser realizados em dois lugares da metrópole de Toulouse.

SUM Toulouse faz parte de uma reflexão sobre a construção da cidade de Toulouse, entre tradição e modernidade, tendo como cenário dois locais de intervenção: o primeiro, o bairro Izards, localizado no norte de Toulouse, bairro em renovação urbana; o segundo, a Place du Salin, localizado no centro histórico de Toulouse.

A temática do workshop passa pela utilização do património histórico, moderno e contemporâneo e dos espaços públicos, com uma preocupação especial: integrar a dimensão da mediação e de devolução de dados (produzidos durante a semana do Workshop) com os moradores e/ou seus representantes.

Os principais patrocinadores deste evento foram a Prefeitura Toulouse Métropole, Habitat Toulouse e pesquisadores de dois programas de pesquisa: Miciudad e Ecohabitat, BBB Centro de arte contemporâneo. Antes do workshop, os pesquisadores dos programas Miciudad e Eco Habitat, e os professores da disciplina Imagens da Cidade da ENSAToulouse disponibilizaram todos os dados disponíveis sobre os lugares de intervenção.

Apresentação e abertura do Workshop e formação dos grupos de trabalho, na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Toulouse

Visita a Les Izards na periferia da cidade de Toulouse, um dos dois lugares e intervir pelos alunos no workshop

Oficina de Trabalho dos grupos da Praça do Salin, realização da vertente prática do workshop.

Apresentação e debate dos resultados finais do workshop pelos grupos de trabalho, na Fabrique Toulouse Métropole

Resultado

O grupo de trabalho, constituido por elementos provenientes de Portugal, Argentina e Brasil escolheu a Praça do Salin, uma das entradas do centro histórico da cidade de Toulouse, como local urbano a intervir neste workshop. Partimos do problema central que define este espaço: " A Praça". O conceito de Praça é uma construção cultural muito complexa que difere espacialmente e funcionalmente dependendo do olhar do sujeito. Tendo em conta as diversas culturas presentes do grupo e por isso, incapazes de chegar a um acordo comum, procurámos entender e interpretar o que a praça é, e não o que deveria ser. Através dos seus usos e apropriações pode ser entendida como um espaço de fluxos, que remete à sua função original na formação da cidade de Toulouse: configurar a praça como uma “Porta da Cidade”.

Então recorremos ao património não apenas como um acontecimento histórico pontual, mas também como marca intangível que tece a identidade do lugar no contexto urbano: a história, os seus usos, apropriações, sua carga social e sua função simbólica e prática. Neste contexto, encontrámos a particularidade de que o espaço tem vindo sempre a configurar-se como um ponto de encontro e de fluxo intermitente. Atualmente nos espaços urbanos contemporâneos é refletida uma intensidade descontínua acentuada.

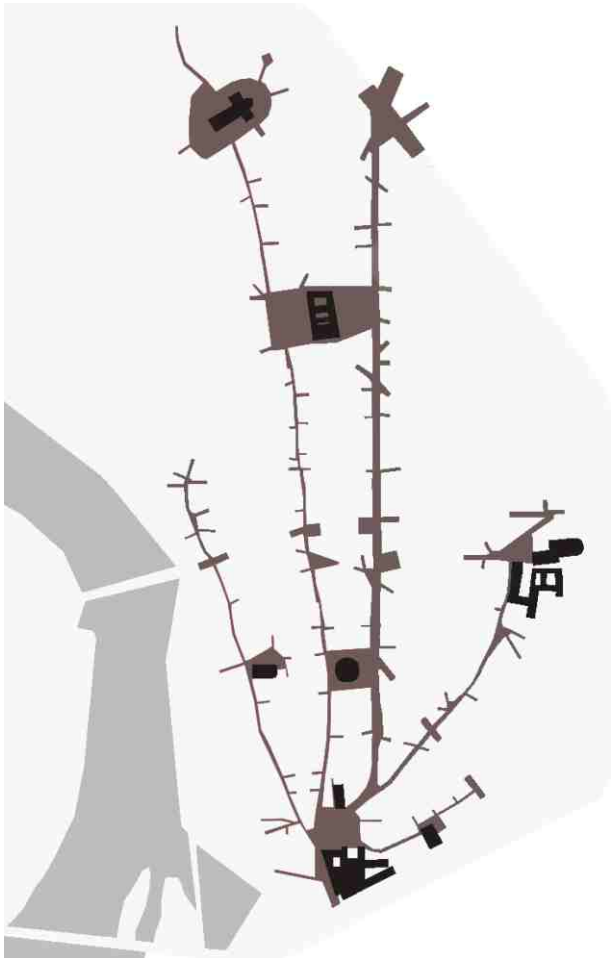
Ao observar o espaço, surgiu a imagem de uma mão como correspondência a um meio de alcance, uma vez que a partir da “Porta da Cidade” pode-se chegar a vários pontos de importância no centro histórico da cidade. A nossa intervenção, para além de potencializar esta ideia de fluxo e porta da cidade, tem como principal objetivo valorizar a enorme mancha verde existente ao nível da copa das árvores da praça, que lhe conferece uma identidade única.

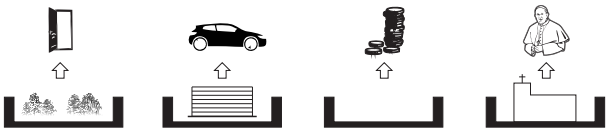
A intervenção por mais passiva ou superficial que pareça à primeira vista, é na nosso ponto de vista, uma complexa critica ao trabalho de apropriação e transformação do espaço, que contém a história em estratos de intervenção e memória que fazem parte do presente.

©2009 Google

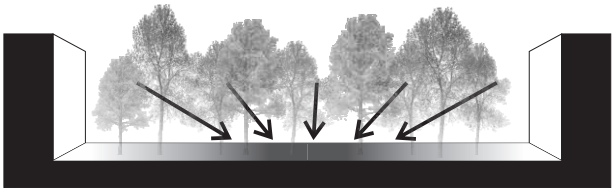
diagonóstico

:macro
intervention

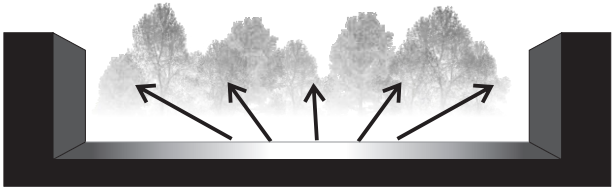




:micro
intervention

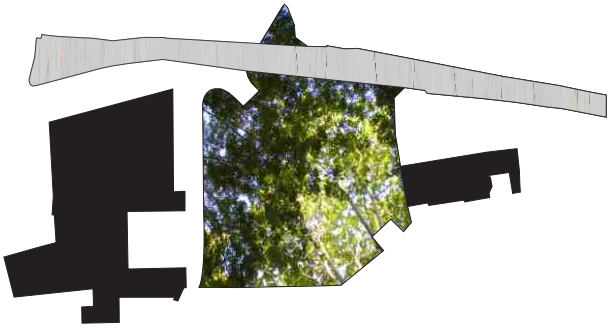


day:reflection

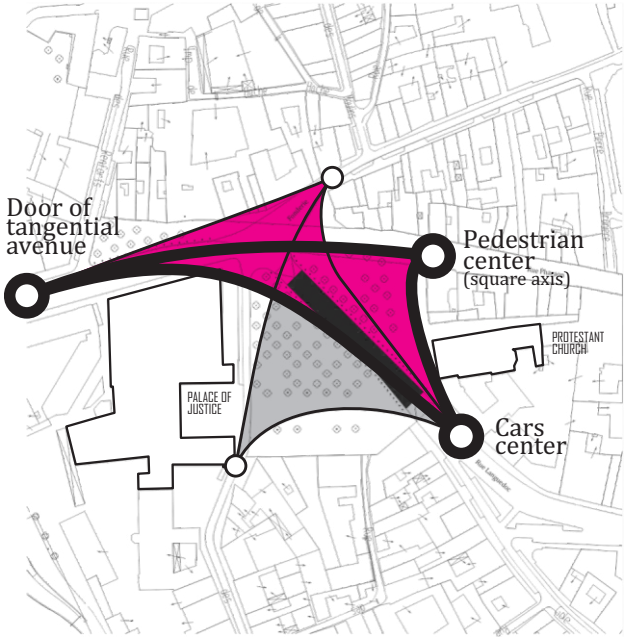


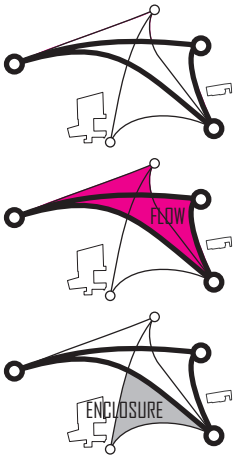
night:lighting

emphasize:flow



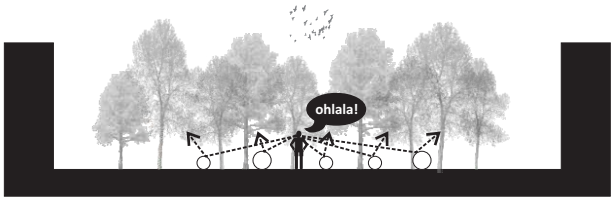
intervention:green

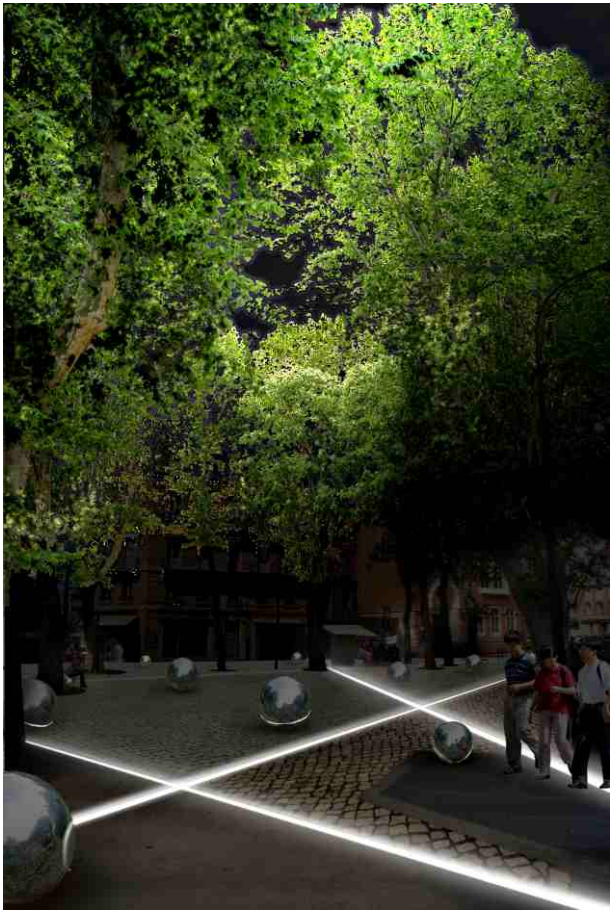




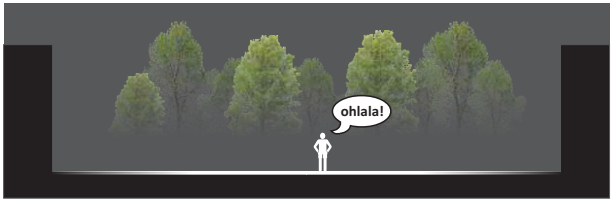
Encontrámos uma área da praça com fluxos mais intensos indicado a magenta, que corresponde às fachadas das lojas e ao eixo pedonal de conexão entre praças. Por outro lado, a cinzento, se interpreta que a zona restante é um espaço mais tranquilo limitado pelas fachadas traseiras dos edifícios envolventes. Ali acreditamos que pertinente desenvolver-se o mercado .

green**floor**





green**sky**



#ANEXOS

ISCTE - IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final 2012-13

Exercício de Arranque e Aquecimento

Título: marca, texto e espaço:

O exercício de arranque tem como objectivo enquadrar os estudantes nos pressupostos gerais da Unidade Curricular, funcionando como revisão sumária da formação adquirida nos 4 anos anteriores, para tal será desenvolvido um projecto de carácter abstracto.

Materiais necessários

- Objecto de uso comum;
- Papel cavalinho A2;
- Tinta da China;
- Materiais para maqueta a definir em cada caso específico;

Metodologia e tarefas a desenvolver:

Os alunos constituem-se em grupos de 5 elementos, no seio de cada grupo deverão ser seleccionados objecto(s) de uso comum - algo tão inesperado e acessível que possa ser adquirido na numa grande superfície, achado na rua ou comprado na loja do chinês....

O objecto seleccionado deverá ser embebido (total ou parcialmente) em tinta da china, funcionando como carimbo que irá produzir marca(s) no papel cavalinho.

O processo deverá ser repetido por diversas vezes, procurando seleccionar-se uma marca gráfica que possa ser considerada mais estimulante para o desenvolvimento do exercício.

Seguidamente, no contexto do grupo, deverá realizar-se a apropriação de um excerto literário que possa ser ilustrado com a marca anteriormente seleccionada (o excerto literário não deverá ser maior que uma folha A4). A preocupação fundamental desta selecção deverá residir numa tentativa de conversão da mancha representada no papel cavalinho, em unidade espacial.

Posteriormente, considerando-se um volume de 30 cm3 como limite, será realizada 1 maqueta que fixe a espacialidade, previamente invocada pela marca gráfica e ilustrada pelo texto. Para a elaboração da maqueta mdeverá definir-se a escala esta irá ser representada.

A materialização da maqueta deverá contemplar um dos seguintes sistemas compositivos baseados em:

- planos;
- Subtracções;
- Adições

A entregar:

Marca gráfica em A2, que deverá ser afixada na parede da sala de aula;

Caderno com formato 21x21 cm onde se incluí:

- impressão digitalizada da marca seleccionada
- O texto ilustrativo;
- Imagens fotográficas da maqueta;
- Plantas, cortes e alçados, a escala conveniente da maqueta;

- Digitalização de uma sequência de pelo menos 5 esquissos relativos às espacialidades representadas pela maqueta. Estes esquissos deverão ser elaborados por cada elemento do grupo (devidamente identificado);
- Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização de todo o processo em forma de story board, para tal deverá utilizar-se o recurso fotográfico;

Apresentação:
Digital tipo Power-point, com exibição da maqueta e marca na sala de aula.

Calendário do Exercício
Início – dia 18 de Setembro
Entrega e presentação – dia 4 de Outubro

Lisboa, 18 de Setembro 2012

ISCTE - IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final de Arquitectura 2012-13

2ª Worshop – Cidade Guineense de Bafatá.

1. Argumento

Considerando a proximidade da comemoração dos 90 anos do nascimento de Amílcar Cabral (em 12 de Setembro de 1924) na cidade de Bafatá, pretende-se levar a cabo a edificação de uma estrutura que possa albergar um centro de estudos tendo como base o pensamento e a obra literária do fundador do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Este centro de estudos deve ser visto na esfera dos estudos pós-coloniais, devendo para tal ser pensado com o propósito do estabelecimento de uma leitura de amplo espectro, não só, em torno das décadas de 50 a 70 em que a acção política dos movimentos independentistas, no mundo colonial português, foi mais activa, como deve ser capaz de incluir uma leitura sobre o contexto social e politico em que germinaram tais mov mentos, estendendo-se ainda ao estudo do resultado contemporâneo da afirmação da independência de estados como a Guiné-Bissau.

O edifício a construir em Bafatá deve ser projectado com base numa estrutura efémera e de baixo custo, admitindo-se uma abordagem que integre elementos amovíveis de fácil montagem e desmontagem de modo que se possa considerar a edificação de um equipamento similar em outros locais do país. Pelas suas características programáticas este equipamento deverá abrir-se à cidade, podendo acolher actividades paralelas de interesse comunitário. Este projecto deverá ainda privilegiar toda uma reflexão sobre o ajustamento construtivo do edifício ao clima tropical.

2. Breve descrição da Cidade de Bafatá

A cidade de Bafatá situa-se no coração do território da Guiné-Bissau e é banhada pelo Rio Geba.

O centro da cidade é fortemente marcado pela presença colonial portuguesa, visível tanto no traçado urbano, como também nos diversos estratos arquitectónicos que a qualificam.

É em torno de um boulevard que articula, no sentido Nodeste/Sudoeste, a principal entrada na cidade com o Geba, que o traçado de quarteirões urbanos se organiza. Este grande eixo, estruturante, conecta também os edifícios públicos mais marcantes da cidade.

Junto á entrada do núcleo urbano situa-se o hospital, desenhado em 1946 por João Simões, caracterizado por uma composição simétrica de volumetria térrea dando expressão à cobertura, alta, de telha cerâmica, recordando as construções vernaculares do Sul de Portugal.

Um pouco mais abaixo situa-se a área mais administrativa da cidade, neste núcleo inclui-se a casa do governador de características fino-oitocentistas e a escola integrando uma construção de aspecto ecléctico. A completar este sector urbano, existem ainda edifícios desenhados sob a matriz da arquitectura pública do Estado Novo, tais como a igreja com desenho de Eurico Pinto Lopes de 1950 e o posto de correios, realizado em 1943, por Francisco de Matos.

Ao fundo do eixo fundamental da cidade, já na proximidade da Rio Geba, localiza-se um largo, onde foi implantado o busto de Amílcar Cabral. Para este largo convergem edifícios como o mercado municipal delineado sob um tematismo moçárabe, bem como um núcleo de piscinas, possivelmente projectado na década de 60 e que actualmente se encontra em elevado estado de degradação. No contexto dos quarteirões podem observar-se construções de um, ou dois pisos, onde predomina a utilização de grilhagens cerâmicas e áreas alpendradas para sombreamento e ventilação nas construções. É neste núcleo habitacional que se situa a casa onde terá nascido Amílcar Cabral. A cidade de Bafatá encontra-se, de modo geral, num estado depressivo com pouca actividade, situação que contrasta fortemente com a sua periferia, de grande dimensão, agregadora de uma forte actividade comercial.

3. Programa

O programa deve incluir:

Área bruta

Arquivo e Centro de Documentação 150,00 m2

Centro de Estudos e Pesquisas 150,00 m2

Centro de Formação 75,00 m2

Auditório 150,00 m2

Loja 50,00 m2

Total de área bruta 575,00 m2

Nota: Instalações sanitárias e/ou zonas de serviço estão incluídas nos grupos de áreas parciais.

4. Metodologia:

- O trabalho será desenvolvido em grupos de 5 alunos;
- A implantação do Centro Interpretativo ficará a cargo de cada grupo de alunos;
- Como ponto de partida para a definição espacial, cada um dos grupos deverá reflectir sobre o exercício de aquecimento, desenvolvido no arranque do ano lectivo;

5. Elementos a entregar:

- Apresentação em formato power-point, para 15 minutos;
- Maqueta à escala 1:200 (ou outra a acordar com os docentes)
- Caderno 21x21cm, incluindo síntese gráfica e memoria descritiva;
- 2 painéis de formato A1, incluindo simulações do edifício e plantas cortes e alçados;

6. Datas de entrega:

- Apresentação dos projectos no dia 15 de Novembro, com base no power-point e maqueta;
- Entrega de painéis e caderno 21x21 no dia 23 de Novembro em horário a definir.

Lisboa, 30 de Outubro 2012

ISCTE - IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final 2012-13

TEMA I - Trabalho Individual, 1º Semestre.

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada em Lisboa, no eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitectónica detalhada).
Pretende-se que este exercício possa desencadear um debate centrado em leituras prospectivas em relação à sociedade. Como tal, em paralelo com a elaboração dos projecto de arquitectura deverá realizar-se, no contexto de cada grupo de trabalho, a definição de um perfil social que se preveja possível num futuro a médio prazo (2 décadas). Para tal algumas perguntas poderão colocadas, como por exemplo:
- como a organização económica e politica poderá influenciar os modos de vida e a relação do individuo com a sua comunidade;
- em que medida a tecnologia poderá influenciar a organização social;
- de que modo os recursos naturais poderão influenciar as acções sobre o território e localização e organização do espaço doméstico;
O objectivo final do exercício consiste na elaboração de projectos para quatro habitações. Estas habitações serão encaradas como tipologia associadas ao universo social definido pelo debate atrás mencionado.
Caberá a cada estudante a decisão de onde implantar as habitações e de que modo estas se organizam, não só em função do espaço doméstico, mas também na sua relação como a envolvente urbana que suporta o exercício. Neste sentido, deverá o estudante ser capaz de estabelecer um discurso que lhe permita relacionar a proposta tipológica e habitacional com o trecho urbano que caracteriza a sua envolvente próxima.

Área de Intervenção:
Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:
1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção será parcelada, pela docência da Unidade Curricular, de acordo com planta anexa, tendo como critério os diversos extractos temporais referidos na FUC;
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afecto a uma das parcelas, anteriormente designadas.
4. Os projectos das habitações serão desenvolvidos individualmente dando seguimento ao âmbito do exercício;
5. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções.

Entregas e Avaliação:
1ª Entrega intermédia: 25 de Outubro 2012 (caderno em formato A3) + maqueta esc. 1:5000/1:2000 da área de intervenção e sua relação com as habitações;
2ª Entrega intermédia: 13 de Dezembro 2012 (caderno em formato A3)
Entrega Final: 28 de Janeiro de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo aluno, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; simulações gráficas da proposta; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)
Apresentação e Avaliação: de 29 Janeiro a 1 de Fevereiro de 2013

Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas individuais de cada um dos alunos serão realizadas por Grupo, sendo que, deverá apresentar-se a definição do perfil social pedido, associando-se a este a estratégia geral para a área de intervenção.

Lisboa, 18 de Setembro 2012

ISCTE-IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final 2012-2013

Tema II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre.

Numa das extremidades da área de intervenção, a Colina das Amoreiras, assumiu, maioritariamente a partir da década de 1980, um protagonismo urbano muito assinalável perspectivando-se para aquele local a implementação de um centro de negócios, à semelhança de outros modelos internacionais que potenciavam, na época, novas centralidades urbanas a partir do conceito de CBD (Central Business Centre). Esta convicção urbanística permitiu desenvolver, naquele local um conjunto de novas inserções rodoviárias na cidade de Lisboa, atraindo para outros investimentos que ampliaram aos programas comercio e serviços, à habitação e hotelaria.

Com o final do milénio os investimentos na área oriental da cidade, após a Expo 98, vieram retirar protagonismo urbano a este tecido urbano, sobretudo no que se refere à especialização com que se pretendia afirmar.

Passadas cerca de 3 décadas desde a construção do complexo das Amoreiras, é possível lançar sobre aquela envolvente locar um olhar mais distanciado, dada a estabilização urbanística que actualmente se verifica, associada a uma perda de expectativa económica daquele tecido.

O objectivo do Tema II, passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo, neste caso, a colina das Amoreiras na sua relação com a inserção urbana ao centro de Lisboa a partir Largo do Rato.

Este estudo permitirá também um reconhecimento da área de estudo e de suas potencialidades, pretendendo-se com isto criar bases para a elaboração de um projecto a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III.

1ª Fase - Reconhecimento do Território

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção de um determinado território torna-se imprescindível o seu conhecimento.

Para esse efeito dever-se-á possuir a informação necessária para avaliar a potencialidade dos sítios e os conflitos existentes de modo a formular propostas.

O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:

• Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.

• Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.

• Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; Percursos pedonais, etc.

• Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos:

- Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitectónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.

• Planos Urbanísticos condicionantes, projectos mais relevantes para a área de intervenção:

- P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

2 Fase - Programa/Conceito/Proposta

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

Elementos a entregarem:

- Explicitação de um argumento de transformação. Memorando, máximo 6 páginas A4.
- Planta de enquadramento à escala 1/5000 e ou 1/2000
- Planta da estrutura urbana à escala 1/1000
- Cortes significativos à escala 1/1000
- Esquemas gráficos e ou esquiços que explicitem a proposta e a sua integração na área envolvente.
- Simulações gráficas da proposta (esquissos, 3ds, fotomontagens)

Entrega intermédia: 25 de Outubro de 2012 (1ºfase)
Formato: caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

Entrega Final: 28 de Janeiro de 2012
Formato: Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

Discussão e Apresentação do Trabalho: Semana de 29 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

18 de Setembro 2012

ISCTE - IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final 2012-13

TEMA III– Trabalho de Grupo, 2º Semestre.

Tendo como base os resultados dos exercícios dos Tema I e II, é lançado um novo exercício que tem como objectivo reforçar a estratégia urbana na área de intervenção em estudo, definida pelo eixo entre o Largo do Rato e a colina das Amoreiras.
O exercício do Tema III incide na vertente do espaço público, ou seja o espaço de mediação entre as diversas propostas individuais realizadas no 1º semestre. Neste exercício pressupõe-se uma acção concertada, ao nível dos grupos de trabalhos, no sentido da clarificação das intenções de transformação preconizadas para o local. Através deste exercício deverão também intensificar-se os desejos (narrativos), definidos pelos grupos de trabalho, relativos ao perfil social dominante que habitará a colina das Amoreiras num futuro a médio prazo, de duas
décadas. Durante o espaço temporal em que decorrerá o Tema III deverão ser realizadas revisões de projecto, tendo em vista a melhoria das propostas individuais realizadas ao abrigo do Tema I, procurando-se o melhor ajustamento dos projectos às estratégias deste novo exercício.

Os objectivos do Tema III passam pelos seguintes pontos:
1. Definição de um plano de estrutura da área de intervenção.
Neste ponto deverão ser repensados, num primeiro momento, os argumentos que estão na base das escolhas dos locais de intervenção individuais, reflectindo sobre os pontos em comum que podem caracterizar as várias propostas. Num segundo momento deverá ponderar-se sobre uma possível centralidade [ou possíveis centralidades] que possam emergir no tecido urbano. Num terceiro momento deve ser definida uma estratégia de mobilidade e de utilização do espaço público;
2. Definição de um projecto detalhado de caracterização do espaço público.
Neste ponto serão realizadas propostas concretas de projecto, com detalhes, definindo materiais, mobiliário urbano, espécies vegetais e todos os parâmetros julgados convenientes para o projecto de espaço público.
3. Enquadramento dos projectos individuais, realizados no Tema I, na estratégia projectual para o espaço público.
Prevê-se que a estratégia de projecto, concertada em grupo, seja validada em projectos de pormenor na envolvente dos projectos individuais.

Área de Intervenção:
Percurso urbano entre o Largo do Rato e a Colina das Amoreiras

Metodologia:
1. Serão mantidos os grupos de trabalhos definidos no 1º semestre com aproximadamente 5 estudantes;
2. O exercício abrange toda a área de intervenção, devendo o grupo definir os momentos mais particulares onde as acções de projecto sobre o espaço público possam ser mais relevantes, agindo nesses locais com maior detalhe.
3. Individualmente, deverá ser detalhada a envolvente dos projectos realizados no Tema I
Entregas e Avaliação:
1ª Entrega intermédia: 21 de Março, (power-point e maquetas esc. 1:1000/1:200 da área de intervenção e sua relação com as habitações);
Entrega Final: 23 de Abril de 2013 (desenhos e maquetas de escala a determinar pelo grupo, sugerindo-se a 1/1000 e 1/200 ou 1/50; caracterizações dos ambientes propostos; e caderno síntese em formato 21 x 21 cm)
Apresentação e Avaliação: 23 de Abril 2013

Modelo de Apresentação

As apresentações finais das propostas serão realizadas em Grupo, sendo montado um júri para comentar os projectos.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 2013

ISCTE - IUL
Departamento de Arquitectura e Urbanismo – Mestrado Integrado em Arquitectura
Projecto Final 2012-13

TEMA IV– Trabalho Individual, 2º Semestre.

Como conclusão do ano lectivo será realizado um trabalho individual que visa o estabelecimento de uma síntese em relação ao percurso de cada um dos estudantes. Este trabalho, pensado para ser desenvolvido no espaço do último mês de aulas, pressupõe a realização de um tema livre a enquadrar pelo próprio estudante. Condiciona-se apenas o desenvolvimento deste último Tema ao estabelecimento de uma relação em torno dos exercícios elaborados no curso do ano lectivo.
Como linhas orientadoras são lançadas algumas pistas:
1. Aplicação directa de um ensaio extraído a partir do trabalho desenvolvido nos laboratórios;
2. Elaboração de projectos de extensão em relação ao programa lançados ao longo escolar;
3. Exercício específico de representação ou performativo em torno do projecto das habitações.

Os objectivos do Tema IV passam pelos seguintes pontos:
1. Desenvolvimento de competências ao nível da problematização em torno da arquitectura produzida por cada estudante. Este exercício será uma oportunidade para construir um enredo discursivo em torno do trabalho de projecto, enriquecendo os pressupostos de base com que cada proposta foi realizada
2. Consolidação da autonomia dos estudantes em relação aos temas desenvolvidos durante o ano lectivo. Ao solicitar-se que cada estudante construa o seu próprio enunciado, procura estimular-se a autonomia em relação ao acompanhamento e orientação dos docentes da UC de PFA.
3. Melhoria e credibilização das propostas individuais iniciadas no 1º semestre. Este exercício deve ser visto como oportunidade para retomar e solidificar as decisões de projecto inicialmente lançadas no âmbito dos exercícios anteriores, nomeadamente do exercício do Tema I.

Área de Intervenção:
Área de intervenção atribuída em contexto de grupo a cada um dos estudantes;

Metodologia:
1. O trabalho deverá ser realizado individualmente;
2. Cada estudante deverá socorrer-se dos meios que julgar conveniente para o desenvolvimento deste exercício;
3. O trabalho deverá evidenciar quer a autonomia, quer a capacidade de problematização de cada estudante.

Entregas e Avaliação:
O resultado deste exercício deverá ser integrado no contexto da entrega final de PFA.

Modelo de Apresentação
A decisão do suporte em que o exercício é desenvolvido fica a cargo de cada estudante, devendo contudo ser realizado relatório a integrar o caderno de formato 21x21 cm

Lisboa, 2 de Maio de 2013